



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

SAMUEL OPARAXOWA TAPIRAPÉ

**Território Tradicional do Povo Apyãwa (Tapirapé): trajetórias,
cosmologia e epistemologia**

GOIÂNIA-GO

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

SAMUEL OPARAXOWA TAPIRAPÉ

3. Título do trabalho

TERRITÓRIO TRADICIONAL DO POVO APYÃWA (TAPIRAPÉ): TRAJETÓRIAS, COSMOLOGIA E EPISTEMOLOGIA

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Camila Mainardi, Professor do Magistério Superior**, em 20/03/2026, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Samuel Oparaxowa Tapirape, Discente**, em 22/04/2026, às 11:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6073550** e o código CRC **79C801E5**.

Referência: Processo nº 23070.054582/2025-82

SEI nº 6073550

SAMUEL OPARAXOWA TAPIRAPÉ

**Território Tradicional do Povo Apyãwa (Tapirapé): trajetórias,
cosmologia e epistemologia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Área de concentração: Antropologia Social

Linha de pesquisa: Etnopolítica, resistências e transformações epistemológicas

Orientadora: Profa. Dra. Camila Mainardi

GOIÂNIA-GO

2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Tapirapé, Samuel Oparaxowa
Território Tradicional do Povo Apyãwa (Tapirapé) [manuscrito]:
trajetórias, cosmologia e epistemologia / Samuel Oparaxowa Tapirapé. - 2026.
207 f.: 2026

Orientadora: Prof(a). Dra. Camila Mainardi
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social,
Goiânia, 2026.

Anexo.
Bibliografia.

1. Apyãwa. 2. Histórias. 3. Conhecimentos. 4. Invasores. 5. Território.

I. Mainardi, Camila, orient. II. Título.

CDU 572



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 008/25-M da sessão de Defesa de Dissertação de SAMUEL OPARAXOWA TAPIRAPÉ, que confere o título de Mestre em Antropologia Social, na área de concentração em Antropologia Social.

Aos seis dias do mês de novembro de 2025, a partir das 14 horas, no auditório Marielle Franco da Faculdade de Ciências Sociais, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “TERRITÓRIO TRADICIONAL DO POVO APYÁWA (TAPIRAPÉ): COSMOLOGIA, EPISTEMOLOGIA E TRAJETÓRIAS”. Os trabalhos foram instalados pela orientadora, Professora Doutora Camila Mainardi (PPGAS-UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Monica Veloso Borges (PPGAS-UFG), membro titular externo, e Professora Doutora Joana Aparecida Fernandes Silva (PPGAS-UFG), membro titular interno. O candidato apresentou seu trabalho, foi arguido pela Banca e respondeu às arguições. Durante a arguição os membros da banca fizeram sugestão de alteração do título do trabalho, conforme explicitado abaixo. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato APROVADO pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Camila Mainardi, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

TERRITÓRIO TRADICIONAL DO POVO APYÁWA (TAPIRAPÉ): TRAJETÓRIAS, COSMOLOGIA E EPISTEMOLOGIA



Documento assinado eletronicamente por **Camila Mainardi, Professor do Magistério Superior**, em 28/04/2026, às 14:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Monica Veloso Borges, Professor do Magistério Superior**, em 29/04/2026, às 21:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Joana Aparecida Fernandes Silva, Usuário Externo**, em 05/05/2026, às 09:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6158860** e o código CRC **FBDC4229**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora (Xema'aranopara), Profa. Dra. Camila Mainardi, pelas palavras motivadoras, orientações inspiradoras e excelentes conversas que foram cruciais para minha formação como profissional e antropólogo.

Agradeço à Luciana Enyara Tapirapé, minha querida companheira (Xeraty), sou grato pela paciência que teve durante os anos de meus estudos, pelo carinho e amor.

Agradeço de modo especial os meus queridos filhos (Xewaxaãgy) Thiago Xako'iapari Tapirapé, Jadson Awawytyga Tapirapé, Jhonathan Xawanami Apyãwa e Dayany Monowi'a'i Apyãwa, pelo convívio que tiveram comigo nessa jornada do meu estudo de mestrado no PPGAS/UFG.

Não deixo de agradecer à CAPES pelo apoio financeiro que possibilitou a minha estadia em Goiânia e a minha dedicação exclusiva à pesquisa de campo durante dois anos.

Aos meus pais, (Xeropy) Edilson Marakawy'i Tapirapé, minha mãe ('Ăpĩ) Elizete Maremao Tapirapé, irmãs (Xerenyra gy) Adriana Warara'i Tapirapé, Luciana Tarywajoo'i Tapirapé, Ellen Marepoko Tapirapé, Liana Mytygoo'i Tapirapé, irmãos (Xerywyrá gy) Envandro Awararawoo Tapirapé e Rodrigo Ikokana Tapirapé, sobrinhos (Xerekawiãra gy), sobrinhas (Xe koxamemyra gy) e demais familiares que acreditaram em mim, me forneceram com total apoio em prol da concretização dessa pesquisa.

Aos professores(as) e colegas do PPGAS-UFG pela troca de conhecimentos, a vivência, a construção de saberes inovadores e pela amizade incondicional.

Aos meus colaboradores pelas informações referentes a minha pesquisa de campo.

Ao povo Apyãwa/Tapirapé, o cacique Elber Ware'i Tapirapé, atualmente cacique geral do povo Apyãwa, e Amarildo Iarareo Tapirapé, cacique da minha aldeia Anywootãwa, pelo apoio em prol da minha formação como profissional e como Apyãwa.

À André Marques Nascimento pela contribuição impecável, de modo especial pela revisão do projeto na língua portuguesa (maira). À banca examinadora, Profa. Dra. Mônica Veloso Borges e Profa. Dra. Joana Fernanda Silva, pelas contribuições na qualificação e na defesa final da minha dissertação do mestrado em Antropologia Social.

Por fim, a todos os amigos e amigas, como Matheus e Josileide, que contribuíram indiretamente e diretamente durante o meu estudo no PPGAS-UFG.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar as transformações que estão ocorrendo desde muito tempo em a relação à nossa cultura e no território tradicional do povo Apyãwa. Conforme as falas dos grandes historiadores Apyãwa, *maragetã kwaapãra gy*, primeiro tivemos invasões e ataques dos povos Kayapó, Javaé e Karajá, os povos que visitavam os Apyãwa nos territórios Apyãwa. Com outros povos, que foram mencionados nos relatos, Kamayura, Yawalapiti, Kyryxã (Xavante), não existiam conflitos. Estes não faziam guerra com os Apyãwa. Os grandes historiadores contaram que nunca ouviram nenhum relato dos nossos ancestrais sobre guerra com esses povos que os Apyãwa encontravam. Depois de muito tempo é que chegaram os *maira* (não indígenas), que estão prejudicando a nossa cultura e nosso território tradicional. Antigamente não existia desmatamento, estradas feitas pelos *maira*, nem o desvio do curso dos rios com máquinas. Nos locais em que buscávamos alimentos para sustentar nossas famílias e para a realização dos rituais, como caças e peixes, somos agora proibidos pelos fazendeiros de caçar, pescar, buscar frutas, tirar mel; mesmo que o povo Apyãwa tenha ocupado esses espaços originalmente. Isso está fragilizando a nossa sobrevivência e o fortalecimento da nossa cultura, costumes, crenças, tradições, músicas, danças, pinturas, artes. Os nossos antepassados viviam e praticavam nossa cultura cotidianamente sem interferência, sem se depararem com invasores, madeireiros, caçadores e pescadores *maira*, que continuam invadindo uma parcela do nosso território (Apyãwa Ywy).

Para alcançar os objetivos deste trabalho realizei diversas pesquisas, busquei como referências autores Apyãwa e não indígenas. Não busquei apenas nos livros, mas principalmente, nas comunidades Apyãwa. Realizei entrevistas em cinco aldeias (Anywootãwa, Tapi'itãwa, Myryxitãwa, Towajaatãwa e Akara'ytãwa) com *Maragetã Kwaapãra gy* (Grandes Historiadores Apyãwa). Com isso, foi possível perceber os motivos das mudanças, nossas trajetórias, antes mesmo do contato com a sociedade *maira*. Antes não existia a limitação do território tradicional do povo Apyãwa. Também registrei alguns territórios Apyãwa que estão fora das Terras Indígenas demarcadas, que são considerados espaços sagrados, aldeias antigas e os lugares em que buscamos a subsistência desde sempre, os lugares onde tiramos as madeiras para construir nossas casas e a casa cerimonial do povo Apyãwa.

Acredito que, a partir deste trabalho de pesquisa e dos nossos debates, as pessoas, principalmente as crianças e os jovens do nosso povo Apyãwa, terão chance de conhecer e ouvir as histórias reais do nosso povo sobre o território tradicional, a origem e a trajetória milenar do povo Apyãwa. Escolhi este tema com muita preocupação porque estou vendo as nossas bibliotecas vivas, aos poucos, desaparecerem. Portanto, me desafiei a registrar os saberes tradicionais e ancestrais do nosso povo Apyãwa. Esse trabalho teve o objetivo de contribuir com o nosso povo, com a escola e para a documentação dos nossos saberes tradicionais ancestrais, conforme nossa realidade. Essa foi a motivação para realização do meu estudo na Antropologia Apyãwa, sobre o território tradicional do povo Apyãwa, o passado e atualidade do meu povo.

Palavras-chave: Apyãwa, histórias, conhecimentos, invasores, território.

MARAGETĀ MAATOREJXEĀWA

Te'omara xe'apeāwa ramō ikome'owo iexagakāta Apyāwa ywy xeratyrykāwa iypy wiwe, a'e rewiri ka ixeratyryki 'ota akawo Apyāwa reka ranō, Apyāwa ywy pe. Iypy ramō raka'ē 'ā py ipa'yimi akawo xaneramōja gy re Karaxāo, a'erē raka'ē 'ā ipa'yimi irekawo ee Irewee agy, a'erē xowe raka'ē'ā ipa'yimi ee irekawo Karaxā gy, 'ā raka'ē mī apa'yima akawo ee Karaxāo, Irewee, Karaxā gy ramō. Amō agy tanā ro'ō raka'ē mī napa'yimi ee, Kamayura, Yawalapiti, Kyryxā agy ramō. A'erē xowe ro'ō raka'ē 'ā itori maira gy, 'ā irotā a'egy weka pe imatarajpā xanewe Apyāwa ywy ranō, imanakā xaneywy xanewi ranō, a'e pe 'ā ixokā 'ota xanewi xanereka ranō. Ymỹ raka'ē natywi xane ka'ā manaakāra gy, yryete, yekwāpi rerayrykāwa, maira tora ramō xe 'ā 'y hyjtāwa erayrykāp akwāpa tatoyāra pe mī irayki, a'eramō mī ywāripe, 'y ihyj akwāpa ahyjtawe'yima ropi. Epewera ropi ramō raka'ē mī ximot xerexemi'o xerexewe, xerexaty agy we ipirā, epewera ropi ramō raka'ē mī xika ataāra ramō ranō, epewera wi ramō raka'ē mī ximot ipirā, temiāra xerexaryjpe ranō. 'Ŷ a'eramō maira napatari epewera ropi xaneataāwa, ataāra mō, ipirā pe, 'ywaywā 'oāwa, eira momokāwa, maira 'ywy ro'ō axājxewo mī xaneywy'i re axemaxāta. A'eramō mī 'ā xanemamariaowete xanererekawo, imaxywaatyakare'yima xanewe xanereka, Apyāwa rekareka, xanexe'ega, xaneremi'o, xanemarakā, xaneporaāja, xanexemoonāwa, xaneparawykāwa, xanerarywa emiwera. A'eramō raka'ē 'ā ika xaneramōja gy py imagywo Apyāwa ywy, Apyāwa reka ropi, 'āra ropi, ypytona ropi maira tywe'yima ramō we, natywi raka'ē maira mō ka'ā manaakāra gy, maira ataāra ramō aka ma'e agy xaneywy ropi, maira rape mō xaneywy ropi, 'ŷ xe ramō 'ā itori maira gy aparawykywo xaneywy pypiāra re.

Wete'omara 'āpawo ramō kwakāj amamyrō, ajxāk wetepe te'omara maira gy remiapakwera, tawaxāra gy remiapakwera, Apyāwa remikwaxiakwera, ywy re wāra, axekwe ramō, Apyāwa Ywy re wāra. Namamyrōj ramō kwakāj ikwaxiapyra pe xe, amamyro ramō kwakāj i'ywypyete re, Apyāwa gy pyri ranō. 'Āapa ramō kwakāj maxepepa Apyāwa tawā ropi: (Anywootāwa, Tapi'itāwa, Myryxitāwa, Towajaatāwa, Akara'ytāwa), Apyāwa Maragetā Kwaapāra gy pyri. A'epe ramō kwakāj apoenop, mywi ka itori akawo Apyāwa, ma'era raka'ē ka iyryki 'ota akawo, maira kae'yima mō we, ymy raka'ē natywi 'ywy manakāwa, Apyāwa 'ywy manaakāwa. 'A'e pe ramō kwakāj ajxāk, ikome'o xewe ranō, namanapawi raka'ē 'ŷ maira, Apyāwa we iywy, emikwaāwa ropi. Xanami: Ma'eaiwa retyma, tāwera, 'ywytyra, tywykwera, mywi raka'ē mī imori wemi'omi'o kwewiwe. Mywi raka'ē imori wetykyga, wetyma apaāwa ramō, axekwe ramō Takāra apaāwa ramō ranō.

Awawite ramō ekwe 'ā te'omara aapa ramō, te'omara ikwaxiāpyra pe ikome'oāwa pe, maragetā kwaapāra gy pyri ikome'oāwa ropi Apyāwa gy we, axekwe pitywe we, awa'yawera we, koxamokowera we ikwaāwakāta Apyāwa ywy, Apyāwa paawera, mywi ka Apyāwa 'itori 'akawo, 'ā 'akaājpe. 'Āpyyrō ramō kwakāj 'ā te'omara ee wepy'aaiwa ramō, wetepe ramō ka ikaxymi 'ota 'akawo xaneypykweri agy maragetā kwaapāra gy xanewi, 'ā mī irakaxyma xanewi wemikwaakwaāwa, wemipoenoenowā. 'A'eramō kwakāj 'anog wexewe, 'āramō we ikwaxiāta inoga xerexewe Apyāwa ramō, Apyāwa remikwaāwa, xerexamōja gy remikwaāwa ropi 'ywyrāpe pe. A'eramō ekwe 'ā 'itowi te'omara xaneypyrowo 'ywyrāpe pe, Apyāwa ramō, xema'eājpe ranō, iapyretaroga xaneremikwaāwa, xanereka ropi. 'Epe ramō kwakāj xete'omamataāweteāwa, xexema'eamataweteāwa, Apyāwa 'ywy re, 'ymỹ wāra re, 'ŷ wāra re, Apyāwa reka re, Apyāwa 'ywy re 'imaxa'yga axaee, 'ymỹ wāra, 'ŷ wāra re ranō.

ABSTRACT

The objective of this work is to present the transformations that have been occurring for a long time in relation to our culture and the in traditional territory of the Apyãwa people. According to the accounts of the great Apyãwa historians, *maragetã kwaapãra gy*, there were first invasions and attacks by the Kayapó, Javaé, and Karajá Peoples, who visited the Apyãwa in Apyãwa territories. With other peoples mentioned in the accounts, Kamayura, Yawalapiti, Kyryxã (Xavante), there were no conflicts. These did not wage war with the Apyãwa. The great historians reported that they had never heard any accounts from our ancestors about war with these peoples whom the Apyãwa encountered. It was only after a long time that the *maira* (non-indigenous people) arrived, who are harming our culture and our traditional territory. In the past, there was no deforestation, no roads built by the *maira*, nor the diversion of river courses by machinery. In the places where we used to obtain food to sustain our families and for ritual purposes, such as hunting and fishing, we are now prohibited by farmers from hunting, fishing, gathering fruit, and collecting honey; even though the Apyãwa people originally occupied these areas. This situation is weakening our survival and the strengthening of our culture, customs, beliefs, traditions, music, dances, paintings and arts. Our ancestors lived and practiced our culture daily without interference, without encountering invaders, loggers, hunters, and *maira* fishermen, who continue to invade a portion of our territory (Apyãwa Ywy).

To achieve the objectives of this work, I conducted extensive research, seeking references from both Apyãwa and non-indigenous authors. I didn't just look in books, but mainly on Apyãwa communities. I conducted interviews in five villages (Anywootãwa, Tapi'itãwa, Myryxitãwa, Towajaatãwa, and Akara'ytãwa) with Maragetã Kwaapãra gy (Great Apyãwa Historians). This allowed me to understand the reasons for the changes, our trajectories, even before contact with the Maira society. Before, there was no limitation of the traditional territory of the Apyãwa people. I also documented some Apyãwa territories that are outside the demarcated Indigenous Lands, which are considered sacred spaces, ancient villages, and the places where we have always sought our subsistence, the places where we obtain the wood to build our houses, and the ceremonial house of the Apyãwa people.

I believe that, through this research and our discussions, people, especially children and youth of our Apyãwa people, will have the chance to learn about and hear the real stories of our people regarding their traditional territory, origin, and the millennial trajectory of the Apyãwa people. I chose this theme with great concern because I am seeing our living libraries gradually disappearing. Therefore, I challenged myself to record the traditional and ancestral knowledge of our Apyãwa people. This work aimed to contribute to our people, to the school, and to the documentation of our ancestral traditional knowledge, according to our reality. This was the motivation for carrying out my study in Apyãwa Anthropology, about the traditional territory of the Apyãwa people, the past and present of my people.

Keywords: Apyãwa, stories, knowledge, invaders, territory

LISTA DE IMAGEM

Imagem 1 - Foto da chegada das Irmazinha de Jesus em Orokotãwa, 1952	25
Imagem 2 - Apyãwa Ywy e Maragetã.....	30
Imagem 3 - A primeira Escola Apyãwa numa antiga Igreja	34
Imagem 4 - Avião da fazenda Luta joga o veneno na soja.....	37
Imagem 5 - Máquinas da fazenda Luta	38
Imagem 6 – Takãra, aldeia Tapi'itãwa	48
Imagem 7 - Subdivisões dentro da Takãra	51
Imagem 8 - Equipes em busca de madeira para a construção da Takãra	53
Imagem 9 - Retorno das equipes com material para a construção da Takãra	53
Imagem 10 - Transporte da madeira para a construção da Takãra.....	54
Imagem 11 - Fim do dia. Planejamento e avaliação das atividades de construção.	54
Imagem 12 - Imagens da Cobertura da Takãra.....	55
Imagem 13 - O ritual de Ka'iawaxigi.....	57
Imagem 14 – Xyre'i'i,	59
Imagem 15 – Meu filho Jhonatan Xawanami Apyãwa na festa do Iraxao, aldeia Tapi'itãwa.....	60
Imagem 16 - Aos pares, homens dançam na abertura da cerimônia de <i>Xaapiãwa</i>	60
Imagem 17 - Karaxao'ywera	61
Imagem 18 Takawytera e o ritual de O'ymarakã	61
Imagem 19 – Eu, Samuel Oparaxowa Tapirapé, na festa do Marakayja.....	61
Imagem 20 - Ritual de Marakao	62
Imagem 21 – Tawã	62
Imagem 22 - Xakakõja percorrendo a aldeia em busca dos que deixaram o ritual	63
Imagem 23 - Espírito do Mytõ tratando as crianças da aldeia.....	63
Imagem 24 - Moças Apyãwa tentando capturar Xanoo	64
Imagem 25 - Minha sobrinha Ypiwi Tália Tapirapé, na aldeia Tapi'itãwa, com espírito Xanoo, dando água para eles beberem depois da cerimonia	64
Imagem 26 - Espírito Axywewoja acompanhado pelas mulheres.....	65
Imagem 27 - Ritual Axywewoja retratado na década de 1940.....	65
Imagem 28 - Moças Apyãwa no Ritual Kawio	66
Imagem 29- Mapa das duas Terras Indígenas demarcadas para os Apyãwa/Tapirapé ..	67
Imagem 30 – Distância entre TI Urubu Branco e TI Tapirapé/Karajá.....	68

Imagem 31 - José Antonio Xawaraxowi Tapirapé conta dos lugares sagrados	76
Imagem 32 - Detalhe da marcação dos lugares sagrados do povo Apyãwa.....	77
Imagem 33 - Aldeias antigas e atuais	78
Imagem 34 - Territórios Apyãwa entre 1900 – 1930	78
Imagem 35 - Elber Kamoriwa'i Tapirapé, cacique da aldeia Tapi'itãwa, presenciando a retirada da máquina do rio Ipirakwaroo - rio Gameleira	80
Imagem 36 – Prefeito de Porto Alegre do Norte/MT acompanha coleta no rio Awiowy	81
Imagem 37 - Rio Ipirakwaroo (rio Gameleira).....	82
Imagem 38 - Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa.....	83
Imagem 39 - Terra Indígena Tapirapé/Karajá	89
Imagem 40 - Aldeia Majtyritãwa	90
Imagem 41 - Aldeia Xexotãwa.....	91
Imagem 42 - Aldeia Hawalorá.....	92
Imagem 43 - Aldeia Toriwani	93
Imagem 44 - Aldeia Itxalá	94
Imagem 45 - Meu avô José Minguel Awaetekato'i, a criança Tameo, eu e minha avó Maria Luíza Kwalaru Tapirapé, na aldeia Myryxitãwa.....	99
Imagem 46 - Terra Indígena Urubu Branco	100
Imagem 47 - Aldeia Tapi'itãwa.....	101
Imagem 48 - Aldeia Myryxitãwa	103
Imagem 49 - Aldeia Akara'ytãwa	104
Imagem 50 - Aldeia Tapiparanytãwa	105
Imagem 51 - Aldeia Towajaatãwa.....	106
Imagem 52 - Aldeia Anywootãwa.....	107
Imagem 53 - Aldeia Wiriaotãwa	108
Imagem 54 - Aldeia Inataotãwa.....	109
Imagem 55 – Situação fundiária da Área Indígena Urubu Branco (1994).....	112
Imagem 56 - Porto Alegre do Norte, Confresa, Vila Rica e Santa Terezinha/MT.....	113
Imagem 57 – Tataopãwa, a cerimônia de grupo de comer que acontece no pátio da Takãra	121
Imagem 58 - Grupo de Mani'ytywera	122
Imagem 59 - Grupo de Tawaopera	123
Imagem 60 - Grupo de Kawaroo	123
Imagem 61 - Grupo de Parany.....	124

Imagem 62 - Grupo de Xakarepera	124
Imagem 63 - Korako Tapirapé e Samuel Oparaxowa Tapirapé	131
Imagem 64 - As trajetórias do povo Apyãwa	136
Imagem 65 – Tawã (Cara Grande)	139
Imagem 66 - Local onde foi encontrada, em 1970, a família Apyãwa que estava vivendo na beira do rio Ipirakwarao (Gameleira), atualmente nas terras da Destilaria Araguaia.	145
Imagem 67 - Samuel Oparaxowa Tapirapé, Enyara Tapirapé, Koxaoni Tapirapé e José Antônio Xawaraxowi Tapirapé	148
Imagem 68 - José Pio Wario Tapirapé e Samuel Oparaxowa Tapirapé.....	172
Imagem 69 – Samuel Oparaxowa Tapirapé, José Pio Wario Tapirapé e Tamakorawygi Tapirapé.....	173
Imagem 70 - Mapa com a marcação dos lugares sagrados do povo Apyãwa	174
Imagem 71 - Samuel Oparaxowa Tapirapé, Korako Tapirapé, Makato Tapirapé e Carlos Xario'i Tapirapé	175
Imagem 72 - Desenho das trajetórias do povo Apyãwa	176
Imagem 73 – Apyãwa Ywy.....	177
Imagem 74 - Apyãwa Ywy.....	178
Imagem 75 - Nova demarcação: TI Apyãwa.....	179
Imagem 76 - Machado de pedra e pedaços de panela do povo Apyãwa encontrados na beira do lago Wyraa'yra	189
Imagem 77 - Pescaria no lado direito do rio AwioWy.....	190
Imagem 78 - Pescaria no lado direito do rio AwioWy.....	191

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - <i>Maragetã Kwapãra gy</i> : Grandes Históriadores Apyãwa	27
Tabela 2 - Sequência das entrevistas realizadas nas aldeias Apyãwa	28
Tabela 3 - Associações Pássaros produzida por Charles Wagley (1988).....	49
Tabela 4 - Organização do povo Apyãwa na Takãra com correções na língua Apyãwa	50
Tabela 5 - Aldeias apyãwa e com o povo Iny na TI Tapirapé/Karajá.....	95
Tabela 6 - Aldeias Apyãwa na TI Urubu Branco	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
Como essa pesquisa foi realizada	19
Organização da dissertação.....	31
CAPÍTULO 1 – MINHA TRAJETÓRIA E O TEMA DESTA PESQUISA	34
Organização social, Takãra e as festas tradicionais do povo Apyãwa.....	48
CAPÍTULO 2 – TERRITÓRIO TRADICIONAL DO POVO APYÃWA	67
O contato com os <i>maira</i>	68
Retomada da Aldeia Tapi'itãwa - Terra Indígena Urubu Branco.....	82
Terra Indígena Tapirapé/Karajá.....	88
As aldeias da Terra Indígena Tapirapé/karajá	89
A luta dos Apyãwa pela primeira demarcação da terra (TI Tapirapé/Karajá) contada pelo senhor José Minguel Awaetekato'i Tapirapé.....	95
Terra Indígena Urubu Branco	100
As aldeias Terra Indígena Urubu Branco	100
O território tradicional do povo Apyãwa não foi demarcado conforme o povo Apyãwa conhecia originalmente	111
CAPÍTULO 3 – ORIGEM DO POVO APYÃWA	116
A primeira origem do povo Apyãwa contada pelo senhor Korako Tapirapé	117
Outra origem do povo Apyãwa.....	125
Renascimento do povo Apyãwa através de <i>Xakowi</i> , mutum e periquito.....	133
CAPÍTULO 4 – A TRAJETÓRIA MILENAR DO POVO APYÃWA.....	136
A trajetória do povo Apyãwa contada por José Antonio Xawaraxowi Tapirapé e sua esposa Koxaoni Tapirapé.....	137
A trajetória do povo Apyãwa contada pelo senhor José Pio Wario Tapirapé	148
CAPÍTULO 5 – AS ALDEIAS ANTIGAS E ATUAIS DOS APYÃWA	173
Taparawoo Tapirapé, moradora da aldeia Towajaatãwa, reafirmando as antigas aldeias dos Apyãwa.....	183
O machado de pedra e os pedaços da panela do povo Apyãwa encontrados no lago de Wyraa'yra pelo vice-cacique da aldeia Akara'ytãwa	187
CONSIDERAÇÕES FINAIS	193

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	198
ANEXO 1	200
Documento APOIT - História do Povo Apyãwa para ampliação da área indígena..	200
Documento APOIT - Apyãwa Paragetã Araywy Maxee'ãpataãwa Re	203

INTRODUÇÃO

O povo Tapirapé se autodenomina Apyãwa, é falante de língua do tronco-tupi da família linguística tupi-guarani. Estamos localizados no extremo norte do estado de Mato Grosso, em duas áreas demarcadas e homologadas. A primeira área demarcada para o povo Apyãwa foi a Terra Indígena Tapirapé/Karajá, na região em que o rio Paranyo (rio Araguaia) se encontra com o rio Awiowy (rio Tapirapé), demarcada no ano de 1983, com a extensão de 66.166 hectares. A segunda área demarcada para o povo Apyãwa é a Terra Indígena Urubu Branco que se encontra na região do rio Awiowy e a serra do Yrywo'ywawa (Urubu Branco), demarcada no dia 08 de setembro de 1998, com extensão de 167.533 hectares.

Ambas estão localizadas, nos dias atuais, no meio de quatro municípios: Confresa, Vila Rica, Santa Terezinha e Porto Alegre do Norte, no estado de Mato Grosso. O território tradicional do povo Apyãwa não foi demarcado conforme o povo Apyãwa conhecia e conhece originalmente. Muitas partes que o povo Apyãwa usava dos seus territórios, conforme sua cultura, antes do contato com *maira* (branco), não foram demarcadas, estão fora das terras demarcadas. Conforme a pesquisa realizada com o povo Apyãwa são aldeias antigas, lugares sagrados, como por exemplo *Orokorowa retywera*, *Xawaxiowy*, lugares das caçadas, como *taxão rakãra*, lugares de pesca, entre outros lugares que são essenciais para subsistência e para realização das festas tradicionais do povo Apyãwa.

Em primeiro lugar quero destacar que escolhi esse tema, Território Tradicional do povo Apyãwa (Tapirapé), com sua cosmologia, epistemologia e suas trajetórias, porque uma das principais ferramentas e a base para que a cultura Apyãwa seja sempre fortalecida é o território tradicional do povo Apyãwa, **Apyãwa Ywy**, que garante a nossa sobrevivência, a sobrevivência da nossa cultura, tradições, crenças, língua, culinária, artefatos e pinturas, e de modo geral, garante a preservação do meio ambiente e dos seres vivos e não vivos, seres visíveis e não visíveis existentes no território tradicional, Apyãwa Ywy.

Atualmente os grandes conhecedores transmitem os conhecimentos de suma importância, ano após ano, de geração para geração, revitalizando e valorizando a nossa cultura, língua e tradições para que não sejam esquecidas ou perdidas. Cultura, corpo e

território nunca estão separados um do outro, estão interligados. A cultura precisa de um corpo e o território precisa de corpo e cultura, assim, estão interligados um no outro. Assim um vai fortalecendo o outro. Sem a cultura não existe um povo, sem corpo não existe cultura, e sem território não existe corpo e cultura. A importância do território para a vida dos povos indígenas e dos seres (visíveis e invisíveis) está na fala e nos escritos de grandes intelectuais indígenas como Davi Kopenawa (Kopenawa e Albert, 2025) e Ailton Krenak (2019, 2022).

O meu primeiro contato com as ideias sobre o tema desta pesquisa, o território tradicional do povo Apyãwa, aconteceu entre os anos de 2010 a 2015, quando estava estudando no curso de Licenciatura em Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás (UFG). O curso me fez refletir sobre a minha cultura. A universidade nos faz refletir sobre a nossa cultura, sobre o quanto é importante para nós como povos indígenas. Isso abriu uma nova visão sobre a minha cultura e o território do povo Apyãwa, pois jamais são separados um do outro: Cultura, Corpo e Território.

Por isso eu enfrentei o desafio de deixar registrado os conhecimentos dos anciões que ainda estão vivos. Aproveitando esses conhecimentos milenares do povo Apyãwa para deixar registrado, para que não sejam esquecidos e perdidos. A partir daí eu quis saber mais sobre a nossa origem, o território tradicional, sobre nossas trajetórias, fazendo uma comparação das “lentes” do povo Apyãwa e dos que já escreveram sobre o povo Apyãwa, tanto não-indígenas como indígenas, com os grandes historiadores Apyãwa, *Maragetã kwaapãra gy*, que são considerados pelos Apyãwa como bibliotecas vivas do povo Apyãwa.

A universidade, para qualquer discente indígena, especialmente no curso de Licenciatura em Educação Intercultural, mostra uma outra visão, amplia o que pensamos sobre nossas culturas. Por exemplo, antes não sabia da importância da minha própria cultura, eu tinha outro olhar sobre a minha cultura. Só pensava em caçar, pescar e jogar bola e me interessava menos na participação das nossas festas tradicionais. Gostava de participar apenas de algumas festas tradicionais que não perderia de forma alguma. Por exemplo, *Marakãjya*, a festa do rapaz, só perderia se estivesse doente. Hoje vejo que todas são muito importantes para mim e para meu povo Apyãwa, por isso eu agradeço muito a Universidade Federal de Goiás que contribuiu muito comigo como acadêmico, como pessoa e como profissional Apyãwa, já que exerço um cargo importante com o meu povo Apyãwa, como professor de ensino fundamental na sala anexa que é vinculada a

sede da Escola Indígena Estadual “Tapi’itãwa”. Além disso, nas aldeias Apyãwa, já lecionei na em *Myryxitãwa*, *Wiriaotãwa* e *Anywootãwa*, desde 2011.

Ao longo do tempo, depois que conclui o curso de graduação na UFG, de 2016 a 2022, novamente eu estava analisando que, aos poucos, nossos anciões estavam levando os conhecimentos de nós, mesmo que nós, acadêmicos da Universidade Federal de Goiás (UFG) e da Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), estivéssemos realizando um papel muito importante de registrar os conhecimentos tradicionais que ficarão para as futuras gerações Apyãwa.

Vi também que nenhum trabalho estava sendo feito especificamente sobre o território tradicional do povo Apyãwa. Assim, prestei o processo seletivo para ingresso no mestrado, consegui ingressar, em segundo lugar, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, para registrar justamente o território tradicional dos Apyãwa, enquanto os nossos anciões ainda estão com os conhecimentos milenares que foram repassados para eles(as), desde quando ainda não tinham contato com os *maira* (brancos).

Após o contanto com *maira*, alguns da nossa cultura não tiveram tempo ou não tiveram o privilégio de estar registrando. Por exemplo, alguns rituais da nossa cultura não estão mais sendo praticados, apenas seus nomes são lembrados. Os especialistas que sabiam desses rituais já se foram e ninguém sabe como eram as músicas e as regras de realização. Portanto, quando os anciões morrem perdemos uma biblioteca inteira, vários conhecimentos são levados de nós. Agora temos várias ferramentas para deixar registrado todo o conhecimento na escrita, em fotos e gravação de áudio ou filmagem. Então, neste momento, o tempo é muito precioso para os povos indígenas porque temos as nossas bibliotecas vivas, conosco ainda, que podem repassar todos os legados das ancestralidades para novos especialistas se tornarem como eles(as). Assim, podemos registrar o conhecimento do povo Apyãwa, o mais rápido possível, com especialistas que estão à disposição para repassa-lo. Mesmo que alguns conhecimentos sejam difíceis de esquecer, precisam ser registrados. A qualquer momento podemos perder, de forma inesperada, a vida e o destino nos colocam entre a vida e a morte.

Além disso, algumas histórias não são lembradas ou não são contadas completamente, como se fossem uma panela de argila que foi quebrada ou perdida. Algumas não podem ser recuperadas, a não ser reconstruídas conforme a ancestralidade

que as confeccionava, através de anciões(ãs) e pajés. O pajé poderia fazer essa ponte de recuperar as que foram perdidas. Muitas vezes não temos uma resposta para algumas histórias porque as pessoas que sabiam, os anciões que sabiam dessas partes, não estão mais entre nós.

Os anciões também não aprenderam todos os conhecimentos do nosso povo Apyãwa, como eles mesmos falam, aprenderam algumas partes, e tentam nos repassar, de forma cuidadosa, tudo que eles aprenderam, com muitas reflexões sobre como repassar detalhadamente esses conhecimentos e como deixar registrado esses “pedaços” das nossas culturas quando eles se forem. Assim são os conhecimentos, ninguém sabe tudo, cada um do povo Apyãwa sabia de algumas partes e cada um guardava algumas partes da nossa cultura nas suas memórias, como diz meu avô Xakareo’i Tapirapé. Assim, cada um transmitia seu conhecimento de forma coletiva, para que os conhecimentos se espalhassem nas pessoas e garantissem a sobrevivência da nossa cultura Apyãwa por muito e muito tempo. Essa técnica já vinha se praticando, as nossas práticas pedagógicas, preparando as crianças e os(as) jovens que futuramente estarão comandando novas gerações Apyãwa.

Como disse, hoje temos tudo para registrar: escrita, áudio e filmagem. Antigamente nossos avós não tinham essas ferramentas para registrar e cada um guardava na sua memória a cultura Apyãwa. Assim eram as práticas pedagógicas nas escolas tradicionais Apyãwa. Antigamente tudo se aprendia nas práticas pedagógicas culturalmente. Hoje temos que aproveitar para registrar os conhecimentos tradicionais e saberes ancestrais do nosso povo com os nossos anciões que ainda estão vivos, que podem passar melhor do que está escrito no papel. Uma música pode estar escrita no papel, mas como saber as regras da música quanto as melodias, os movimentos e danças que acompanham as músicas.

Por isso eu me interessava em adquirir um pouco dos nossos conhecimentos ancestrais dos nossos grandes historiadores Apyãwa, me aprofundando mais com os(as) anciões(ãs), que tem esses saberes tradicionais, ancestrais que foram repassados para eles e, assim, garantir as práticas que vinham sendo praticadas pelos nossos ancestrais desde muito tempo atrás. Antigamente os nossos ancestrais caçavam mapeando os territórios do povo Apyãwa que, nos dias atuais, está praticamente limitado pelos *maira*. Essa palavra *maira* significa, na língua Apyãwa, *os brancos*, os colonizadores.

Sobretudo, hoje os territórios Apyãwa estão dentro das fazendas, que proíbem as nossas caçadas, tanto no dia-a-dia para nossa subsistência, quanto para a realização das festas tradicionais do povo Apyãwa. Quando a caça *Taxão* (Porcão) e *Xiwa'ã* (Caititu) vai para dentro de uma fazenda – como na fazenda Porto velho, fazenda Tapirapé, fazenda Frei Nova, fazenda Luta – a realização de uma cerimônia se torna cada vez mais difícil porque alguns rituais dependem de muita fartura de caça e de peixes específicos. Anteriormente não existia limitação nos lugares do território do povo Apyãwa, só depois das fazendas chegarem, proibiram a entrada em determinados lugares que os Apyãwa sempre visitaram, em que caçavam, pescavam, buscavam frutas e tiravam mel, e que não podem mais serem frequentados pelo povo Apyãwa que habitaram e habitam estas regiões originalmente antes dos maira.

Muitas vezes os anciões falam desses territórios que antigamente pertenciam ao povo Apyãwa: **Apyãwa Ywy**, que significa território do povo Apyãwa, mas em que hoje não podemos mais andar, caçar, pescar, buscar frutas e tirar mel. Agora somos rodeados pelas fazendas e municípios. Assim que os anciões(as), *maragetã kwaapãra gy*, que significa os conhecedores das histórias Apyãwa falam, como Xawaraxowi Tapirapé, Koxaoni Tapirapé, Xakareo'i Tapirapé, Maxaja Tapirapé, Wario Tapirapé, Korako Tapirapé e Awaetekato'i Tapirapé. São grandes historiadores tradicionais do povo Apyãwa, que contaram nossas trajetórias durante a minha pesquisa, contaram detalhadamente nas conversas que tivemos na língua Apyãwa sobre o território tradicional do povo Apyãwa (Tapirapé).

Como essa pesquisa foi realizada

Esta pesquisa foi realizada de acordo com *Maragetã Kwaapãra gy*, que significa grandes historiadores(as), mestres(as) e doutores(as), considerados pelos Apyãwa:

- Kaorewygi Tapirapé, nome atual dele Korako Tapirapé, com 86 anos de idade, morador da aldeia Tapi'itãwa;
- Xywaeri José Pio Tapirapé, nome atual dele Wario Tapirapé, com 76 anos de idade, morador da aldeia Tapi'itãwa;
- Xawaraxowi José Antonio Tapirapé, nome atual dele Ikajka'i Tapirapé, com 76 anos de idade, morador da aldeia Anywootãwa;

- Eirowytygi Tapirapé, nome atual dela Koxaoni Tapirapé, com 67 anos de idade moradora da aldeia Anywootãwa;
- Xaopoko Tapirapé, nome atual dele Xakareo'i Tapirapé, com 86 anos de idade, morador da aldeia Tapi'itãwa;
- Mareapawygoo Tapirapé, nome atual dela Maxaja Tapirapé, 84 anos de idade, moradora da aldeia Tapi'itãwa;
- Awaetekato'i José Miguel Tapirapé, com 73 anos de idade, morador da aldeia Myryxitãwa.

São pessoas consideradas conhecedoras da nossa cultura, histórias, tradições e dos territórios Apyãwa. Durante a pesquisa visitei e conversei com esses(as) sábios(as), realizei entrevistas em que foram repassadas para mim, as histórias, os nomes, os lugares sagrados dos Apyãwa na língua materna. Assim fui fazendo esse mapeamento dos territórios Apyãwa, Apyãwa Ywy, como eles(as) mesmo afirmam que sempre será Apyãwa Ywy, os territórios tradicionais do povo Apyãwa-Tapirapé.

Na cultura apyãwa, nossos nomes mudam conforme a fase da vida. Quando uma mulher está grávida, os pais e avós escolhem o nome do bebê a partir dos nomes da família do pai ou da mãe. Quando percebiam que ia nascer um menino ou menina, as listas de nomes de dois familiares são apresentadas aos pais – geralmente podemos usar os nomes das duas famílias – que são trocados quando se passa por fases da vida, tanto o lado da mãe como o lado do pai mudam de nome.

Eles sabiam se era um menino ou uma menina quando o pai, durante a gravidez da sua esposa, caçava e matava uma caça fêmea ou macho, principalmente nos *Taxão* (queixada) e *Xiwa'ã* (caititu). As famílias já sabiam o sexo do bebê conforme o resultado do sexo da caça, na cultura Apyãwa. E também os Apyãwa sabiam através da barriga da mãe: quando esta crescia rápido era o sinal de que a mãe esperava uma menina. Se a barriga crescia devagar, era o sinal do menino.

Os Apyãwa também sabiam através do sinal que aparecia na barriga da mãe. Uma linha negra da gravidez até umbigo indicava menino. Uma linha negra da gravidez que passava do umbigo até a ponta do peito indicava menina. Mas, às vezes, os resultados podiam variar, como o resultado de ultrassom dos *maira* que também variam. Estas informações estão de acordo com a fala da senhora Maxaja Tapirapé, moradora da aldeia

Tapi'itãwa e Koxaoni Tapirapé, moradora da aldeia Anywootãwa, as duas são as parteiras tradicionais.

Os Apyãwa têm seis fases de vida ondes os nomes são mudados: 1. fase *Konomĩ* (Menino); 2. fase *Xyre'i'i* (rapazinho); 3. fase *Axe'atoakara ma'e* (adolescente); 4. fase *Axeakygetaxi ma'e* (rapaz); 5. fase *Awaxewete* (adulto); 6. fase *Maryke'yra* (velhice).

Quando nascia menino, recebia o nome do menino na primeira fase de vida, depois, quando esse menino passava pelo processo de iniciação para a segunda fase de vida, considerada pelos Apyãwa como a primeira fase de adulto (*Xyre'i'i* significa que “vestiu a roupa do rapazinho”), ele mudava de nome novamente, essa parte é a segunda fase do menino. Depois, esse rapazinho passava pela terceira fase da vida, de rapazinho para o *axe'atoakarã ma'e na* (adolescência) e automaticamente recebia o novo nome novamente. Em seguida, o rapaz *axe'atoakarama'e* passa pela última fase para se tornar homem adulto, os Apyãwa chamam de *awa'yão* (rapaz). O rapaz *axe'atoakara ma'e* começa a criar o cabelo, esse momento é na adolescência, em que não poderá mais cortar o cabelo até ficar comprido para que ele possa passar pelo ritual da festa do rapaz. Assim que ele passar por essa cerimônia, muda de nome novamente. A quinta fase da mudança de nome, ele passa quando seu filho vira rapaz ou sua filha vira moça. Na última fase da vida, ele terá oportunidade, na sexta fase da vida, de mudar o nome na velhice. Depois ele saberá se mudará mais vezes de nome. Essa cerimônia de mudança de nome é anunciada pelo cerimonialista, que acontece sempre ao anoitecer no pátio da Takãra, casa cerimonial do povo Apyãwa, como irei contar.

Assim também acontece com a menina, que também troca de nome durante as fases da vida. A criança nasce menina e recebe o primeiro nome. Depois, ela recebe outro nome quando passa pela primeira menstruação. Ela também passa por todo o processo, o ritual da primeira menstruação da moça. Depois de realização desse ritual, a moça recebe o novo nome. A moça que já se casou, que teve filho e que o filho realizou a festa do rapaz, ou a filha que passou pela primeira menstruação, muda de nome novamente. Esta mulher terá a chance de mudar de nome novamente, depois que a neta ou o neto passarem pelo ritual da festa do rapaz ou pelo ritual da moça. A mãe que virou avó terá oportunidade de mudar o nome novamente. E assim por diante, ela poderá ter mais vezes o nome mudado ou não. Se ela não quiser, não mudará de nome até o final da sua vida.

Conto isso para explicar porque apresento os nomes atuais dos anciãos e anciãs que participaram desta pesquisa. Mudamos de nomes ao longo da vida. As pessoas que entrevistei, consideradas conhecedoras da nossa cultura, histórias, tradições e dos territórios Apyãwa são consideradas sábias(as), estão na fase de *Maryke'yra e Wajwi* (velhice).

Além disso, esta pesquisa foi realizada seguindo a cultura Apyãwa. Nem sempre podemos usar os nomes próprios de algumas pessoas ou conversar diretamente com elas. Isso foi respeitado nesta pesquisa e, por isso, contei com a ajuda de minha esposa em vários momentos. Minha esposa é Enyara Tapirapé, seu nome foi registrado na certidão de nascimento como Eirowytygi Tapirapé, e atualmente seu nome é Mareapapytyga Tapirapé. No entanto, eu, como marido dela, não posso chama-la diretamente por seu nome atual. Na cultura Apyãwa o marido tem que chamar sua esposa pelo primeiro nome que recebeu. Essa é a regra na cultura Apyãwa, por isso vou mencionar, no texto, o nome da minha esposa Enyara sempre que me referir a ela. Não vou usar Mareapapytyga para seguir a cultura Apyãwa também na escrita, potencializando essa cultura viva e a regra no costume dos Apyãwa.

Durante a pesquisa, por exemplo, a conversa no dia 03 de setembro de 2024 com meu sogro Amarildo Xaopoko'i Tapirapé e minha sogra Marewipytyga Tapirapé foi intermediada por minha esposa Enyara Tapirapé. Ela fez essa mediação para que eu pudesse realizar a pesquisa porque na cultura Apyãwa eu não posso falar diretamente com os pais da minha esposa, só posso falar em momentos emergenciais e se não estiver alguém por perto.

Assim, ela fez a mediação da nossa comunicação, com tom da fala respeitosa e mudando o som da fala. O sogro e a sogra têm que falar respeitosamente, retribuindo esse respeito com o genro ou então com a nora e assim vice-versa entre ambas partes. Então, primeiro eu falei para minha esposa explicando como ela podia fazer as perguntas aos seus pais, na língua Apyãwa. Em seguida nos posicionamos um pouco distante um dos outros. No meio ficou a minha esposa para que ouvisse a conversa entre nós e, assim, eu conseguisse a entrevista com os pais dela. Eu falei para minha esposa perguntar aos seus pais sobre quem veio primeiro fazer a retomada da terra tradicional do povo Apyãwa e em que ano isso aconteceu. Depois, minha esposa repassou a minha fala, repetindo toda a minha fala para seus pais na língua Apyãwa, conforme pedi para ela. Depois da fala dela, seus pais, meu sogro e minha sogra, em conjunto contaram dessa realidade conforme

o conhecimento que aprenderam através de seus pais, que também que foram repassados para ambas partes. Contaram então sobre as primeiras famílias que vieram fazer a retomada e reativar a região tradicional do povo Apyãwa. Eram duas famílias que vieram para a região de Yrywo'ywãwa (Urubu Branco).

Como escrevo no capítulo 2, os Apyãwa sempre visitavam seus territórios tradicionais para sua subsistência, tirando mel, coletando frutas das matas e dos cerrados, para caçar os animais, pescar os peixes maiores no rio Awiowy (rio Taprapé), no rio Tawiriri'yxoro, Ipirakwaroo (rio Gameleira), e peixinhos nos córregos, nos igarapés de Ipirakwãri, Parany, Itaino'ã, kanine'ywa, Xani'aõna, Xexory e Ipirakywera, córrego que passa perto do município de Confresa-MT na atualidade, o município de Confresa ainda não existiam naquela época. Nesses lugares os Apyãwa comiam peixes pequenos e maiores antes de serem invadidos pelos *maira*-colonizadores.

Portanto, consumimos frutas do nosso território, das matas fechadas, dos cerrados, como: Pinawã (bacaba), Peke'i (pequi), Kamo'i (oiti), Ywa'i, Inatajyma, Magawa (mangaba), Morio (muricí grande), 'Akãxo (cajú), 'Ywapekaraja, Xano'apyã, Kwaxitapa, Mori'i (muricí), Morore, Mori'ipiryga (muricí vermelho), Api, 'Ywaãxi, 'Ywaõna, Konywã, 'Orokokoywã, Totaywã (jatobá), Xoroakwã, Xoropirewere'yma, Paako'ã (banaba brava), 'Akaxã (cajá), Xaraywã, Karakaxi'ã, Mokãxa (macaúba), Xanypãwa (jenipápo), Mori'irynga, são frutas das matas fechadas e dos cerrados que os Apyãwa consumiam e que ainda consomem nos seus territórios tradicionais mesmo que algumas partes dos território, Apyãwa Ywy, tenham sido tomadas pelas fazendas e devastadas pelos *maira*. Algumas frutas, só conheço na língua Apyãwa, por isso não foram traduzidas para o português.

De acordo com a fala dos pais da minha esposa Enyara, em 1993, o povo Apyãwa decidiu mudar da aldeia Orokotãwa (TI Tapirapé/Karajá) para aldeia Majtyritãwa. A partir daí duas famílias se organizaram para morar no território tradicional que nunca foi totalmente abandonado pelos Apyãwa, sempre foram visitados quando os *maira* começaram a se infiltrar nos territórios Apyãwa. Isso não impediu a circulação dos Apyãwa por onde os nossos antepassados viviam. A partir do momento em que os *maira* foram tomando algumas partes do território Apyãwa, mesmo sendo ameaçados por pistoleiros das fazendas que se apropriaram dos territórios Apyãwa, os Apyãwa não pararam de visitar os territórios tradicionais dos nossos ancestrais.

Naquela época, duas famílias estavam decididas a morar na região de Yrywo'ywãwa (Urubu Branco). De acordo com a informação dos meus entrevistados, um Apyãwa foi eleito como vereador, Paulo Awarao'i Tapirapé. Foi ele que arrumou uma caçamba para que as duas famílias se deslocassem. A família do finado Toto'i Tapirapé, sua finada esposa Iparewao'i Tapirapé e sua filha Pawygoo, filha de Kayapó que está entre os Apyãwa e que está casada com Apyãwa, Renato Paxeapara Tapirapé. A outra família era a do finado Korira Tapirapé, sua esposa Taparawoo Tapirapé, que está viva, e suas filhas que eram crianças nesta época: Koxamyo'i Tapirapé e Ykyxo'i Tapirapé.

A aldeia Tapi'iãwa foi reativada em 1993. Neste local já existia a aldeia Ipirakwaritãwa, há muito tempos atrás, de acordo com a fala dos pais da minha esposa, e também de acordo com a fala do senhor Xawaraxowi Tapirapé, da senhora Koxaoni Tapirapé e da senhora Maxaja Tapirapé que também relataram sobre a primeira retomada da aldeia Tapi'itãwa, em 1993, quando o pessoal da aldeia Orokotãwa se mudou para a nova aldeia dos Apyãwa, Majtyritãwa. As duas famílias se mudaram no mesmo ano da aldeia Majtyritãwa para fazer a primeira retomada e reativaram a aldeia Ipirakwaritãwa, mas colocaram Tapi'itãwa como nome da aldeia. Assim disseram os pais da minha esposa. De acordo com os sábios Apyãwa, erraram colocando esse nome da aldeia, Tapi'itãwa, ao invés de terem colocado Ipirakwaritãwa.

Depois de muita luta, algumas partes do território tradicional do povo Apyãwa foram retomadas, a terra tradicional Yrywo'ywãwa (Urubu Branco). A desintrusão da TI Urubu Branco aconteceu no ano de 2000, com a força dos guerreiros Apyãwa que expulsaram os *maira* da antiga aldeia dos Apyãwa, Ipirakwaritãwa, da fazenda Santa Laura, Fazenda Sapeva e Fazenda Codebra, como escrevo no capítulo 2.

No dia 12 de maio de 2025, realizei a entrevistei também com Xaryja, minha avó Maxaja Tapirapé, com 84 anos de idade, moradora da aldeia Tapi'itãwa, também sobre a retomada dos territórios tradicionais Apyãwa, sobre quando ocorreram as primeiras retomadas depois do ataque dos guerreiros Kayapó que provocaram o refúgio dos Apyãwa em 1947. Os Apyãwa foram levados pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) da margem direita do rio Awioy (Rio Tapirapé), local que os Apyãwa, antes do contato com *maira* denominaram de Yryakyo, onde o senhor Xawaraxowi Tapirapé conta que tinha uma aldeia dos Apyãwa chamada Yryakyo'tãwa, que depois os *maira* chamaram de São Pedro, segundo o senhor Wario Tapirapé relatou também que ali tinha outra aldeia dos Apyãwa que denominava de Awioy'tãwa, onde está localizada, nos dias atuais, a

fazenda Bosaipo, ao lado direito do rio Awiowy (rio Tapirapé). Alguns Apyãwa, depois dos ataques dos guerreiros kayapó, dizem que os Apyãwa saíram na fazenda de Porto Velho a procura de abrigo, ao lado esquerdo do rio Awiowy, e alguns apyãwa ficaram na região de Ipirakwaroo, na língua Apyãwa, que significa na língua portuguesa, mais ou menos em uma aproximação, “buraco grande de peixes maiores” ou “a casa dos peixes maiores”, conhecido como o rio Gameleira nos dias atuais e que, infelizmente, está como terra da fazenda Luta, chamada primeiro de Destilaria Gameleira, onde não existia a presença de *maira*, onde os Apyãwa dominavam e perambulavam, onde existiam as aldeia Apyãwa, como exemplo: Okoytãwa, Tawoko, Ipirakwarootãwa, Xoatãwa, Taroko’atãwa.

Alguns grupos ficaram na região de Moo’ytãwa, onde agora existe o município de Vila Rica-MT. Os grupos que saíram na direção do lago grande, ao lado esquerdo do rio Paranyo (rio Araguaia), foram levados pelos *maira* para se juntarem com seus parentes na desembocadura do rio Awiowy (rio Tapirapé) com o Paranyo (rio Araguaia). Local onde os *maira* fundaram o posto do SPI, em 1947, com a intenção de fazer um aldeamento, querendo catequizar os Apyãwa. Graças as Irmãzinhas de Jesus respeitaram a cultura, a língua, os costumes, a tradição dos Apyãwa. Se não fosse pelas atitudes das Irmãzinhas de Jesus, a cultura dos Apyãwa não estaria resistindo até hoje, pode-se dizer também que nós Apyãwa não existiríamos e não estaríamos agradecendo a elas. Por esse momento e em várias ocasiões, serão sempre lembradas pelos Apyãwa (Tapirapé).

Imagem 1 - Foto da chegada das Irmãzinhas de Jesus em Orokotãwa, 1952



Fonte: Eunice Dias de Paula, 2025.

Assim, foram sendo feitas as entrevistas para essa pesquisa, com muita dificuldade e também com muita persistência e otimismo. Encontrei dificuldades por não ter energia elétrica na nossa aldeia. A nossa aldeia, Anywootãwa, é nova, criada no dia 27 de abril de 2020, à apenas cinco quilômetros da aldeia Wiriaotãwa que possui energia elétrica por meio do programa Luz para Todos.

Todo dia tive que me deslocar para a aldeia Wiriaotãwa para que eu pudesse escrever e elaborar a minha dissertação. Eu ficava abastecendo a moto de outras pessoas para que eu pudesse escrever. Muitas vezes, eu enchia o tanque da moto para realizar a pesquisa em outras aldeias. Às vezes a gasolina que colocava não funcionava como eu planejava, não era suficiente para os deslocamentos, mas como a moto não era minha, não podia falar nada. Também encontrava dificuldades quando não tinha a gasolina. Mesmo assim, eu ia até a aldeia próxima a pé, para escrever e para carregar o notebook para usar durante a noite. No dia seguinte, tinha que repetir o mesmo percurso e, assim, alcançar a minha meta: a conclusão desta dissertação.

Mesmo que eu carregasse a bateria do notebook, em algumas horas ela acabava e tinha que retornar novamente para aldeia Wiriaotãwa, o lugar mais próximo da nossa aldeia com energia elétrica. À noite, também procurava por caronas, porque muitas pessoas iam para essa aldeia para carregar celular, lanterna, entre outros aparelhos que são recarregáveis.

Muitas vezes eu ia a pé mesmo, em outras tive ajuda de meu primo, Adoilson Ipaxi'awyga Tapirapé, da aldeia Wiriaotãwa. Ele me ajudou para que eu pudesse escrever esta dissertação e continuasse seguindo em frente, enfrentando os obstáculos que surgiam no meu caminhar.

Em quase todas as conversas que realizei com *Maragetã Kwaapãra gy*, grandes historiadores Apyãwa, levei minha esposa comigo para fazer a intermediação com meus entrevistados(as), para que pudesse realizar a minha pesquisa sobre o território tradicional dos Apyãwa. Como mencionei, na cultura Apyãwa, eu como Apyãwa, como pesquisador Antropólogo Apyãwa, não posso abordar diretamente um sábio Apyãwa para registrar no meu trabalho. As coisas não são tão simples assim. Primeiro eu e minha esposa planejamos juntos quem seria a primeira pessoa entrevistada, qual aldeia seria a primeira. Atualmente temos dez aldeias Apyãwa: Tapi'itãwa, Myryxitãwa, Akara'ytãwa,

Tapiparanytãwa, Towajaatãwa, Anywootãwa, Wiriaotãwa, Inataotãwa, Xexotãwa e Majtyritãwa.

Eu e minha esposa fomos selecionando os(as) *Maragetã Kwaapãra gy*, grandes Historiadores das aldeias Apyãwa, que poderiam contribuir com o tema desta pesquisa. Em seguida, eu conversava com os familiares das pessoas que pretendia entrevistar. Em alguns casos, minha esposa Enyara fazia a intermediação das nossas conversas, como por exemplo com seus avós e seus pais que não posso abordar diretamente na cultura Apyãwa. Assim também com os nossos *maragetã kwaapãra gy*, eu tive que conversar primeiro com os filhos deles para saber se ele ou ela concordariam em serem entrevistados por mim. Assim fomos marcando o dia das minhas entrevistas em algumas aldeias dos Apyãwa.

Tabela 1 - *Maragetã Kwaapãra gy*: Grandes Historiadores Apyãwa

	Aldeia	Nome pré-selecionado	Idade
01	Tapi'itãwa	Korako Tapirapé	86
		Xakareo'i Tapirapé	86
		José Pio Wario Tapirapé	76
		Luíz Oroope'i Tapirapé	
		Maxaja Tapirapé	84
02	Myryxitãwa	José Minguel Awaetekato'i Tapirapé	73
03	Akara'ytãwa	Valdemar Makapyxowa Tapirapé	
04	Tapiparanytãwa		
05	Towajaatãwa	Taparawoo Tapirapé	78
06	Anywootãwa	José António Xawaraxowi Tapirapé	76
		Koxaoni Tapirapé	67
07	Wiriaotãwa		
08	Inataotãwa		
09	Majtyritãwa	Tokyna Tapirapé	

Fonte: Tabela do autor, 2025.

A tabela acima foi a lista de *Maragetã Kwapãra gy* que organizei para a pesquisa. As pessoas em que não coloquei as idades foi por não ter conseguido conversar com eles e ela. Queria muito ouvi-los também, mas o tempo para o mestrado é muito curto. Por isso realizei somente entrevistas com as pessoas listadas abaixo:

Tabela 2 - Sequência das entrevistas realizadas nas aldeias Apyãwa

	Aldeia	Nome dos Entrevistado	Idades
01-	Anywootãwa	José António Xawaraxowi Tapirapé	76
		Koxaoni Tapirapé	67
02-	Tapi'itãwa	Korako Tapirapé	86
		Xakareo'i Tapirapé	86
		José Pio Wario Tapirapé	76
		Maxaja Tapirapé	84
03-	Myryxitãwa	José Minguel Awaetekato'i Tapirapé	73
04-	Towajaatãwa	Taparawoo Tapirapé	78
05-	Akara'ytãwa	Valmir Ipawygi Tapirapé	49

Fonte: Tabela do autor, 2025.

Realizei entrevistas em cinco aldeias dos Apyãwa. Esses(as) foram os(as) sábios(as) que contribuíram com a minha dissertação para que eu pudesse alcançar os meus objetivos. Esse projeto foi elaborado para que eu pudesse mostrar aos leitores as dificuldades que o povo Apyãwa enfrenta cotidianamente, com as invasões territoriais, destruição das florestas, muitas queimadas, o agronegócio que afetam nossos territórios tradicionais, prejudicam a nossa cultura de modo geral, poluem nossos córregos, rios, lagos e assim contaminam todos os nossos alimentos típicos.

Agora estamos consumindo alimentos industrializados, da cidade, porque nosso território, Apyãwa Ywy, está praticamente destruído, poluído pelos *maira* (branco) de um modo que os nossos antepassados jamais presenciaram nos seus territórios anteriormente. Estas informações estão de acordo com a fala dos meus entrevistados *maragetã kwaapãra gy*, grandes historiadores Apyãwa.

Também quis mostrar aos leitores os caminhos que os Apyãwa percorreram até chegarem onde habitamos hoje, mostrar os *rastros* por onde os Apyãwa vieram e, por isso, tive que realizar entrevistas sobre a origem do povo Apyãwa. Essas Histórias que os grandes historiadores Apyãwa me contaram não são a história dos *maira*, são histórias reais do povo Apyãwa.

Nós Apyãwa chamamos de *Maragetã* e *Paragetã*, que tem quase o mesmo significado segundo meu avô Xakareo'i Tapirapé e minha avó Maxaja Tapirapé. Ambos dizem *maragetã* com o significado mais profundo das histórias reais na língua Apyãwa, por onde os Apyãwa vinham vivenciando até chegarem no seu atual habitat. São acontecimentos vivenciados por nossos antepassados que, por isso, sabemos. Assim também falou o senhor José Pio Wario Tapirapé, quando fiz a entrevista com ele sobre as trajetórias do povo Apyãwa.

Durante a realização da pesquisa perguntei aos meus entrevistados como que eles(as) conhecem os Territórios Tradicionais do povo Apyãwa. A maioria me disse a partir da categoria **Apyãwa Ywy**, que significa território tradicional do povo Apyãwa. Onde nossos antepassados passaram, onde estão nossos *rastros*, onde nossos antepassados viviam caçando, pescando, coletando frutas, tirando mel, de forma organizada e praticando suas culturas e seus rituais são Apyãwa Ywy.

As aldeias antigas, cemitérios, os lugares que nominaram, rios, lagos, córregos, lugares sagrados, as matas, cerrados e montanhas são tudo Apyãwa Ywy, porque eles viviam nesses espaços antes dos *maira* chegarem na região de Kwapiranytãwa, como nossos antepassados chamavam o Brasil antes dos *maira* o colonizarem. De acordo com a fala de Korako Tapirapé, Wario Tapirapé, Xawaraxowi Tapirapé, Koxaoni Tapirapé, Xakareo'i Tapirapé e Maxaja Tapirapé, Kwapiranytãwa significa as terras dos Pau Brasil na língua Apyãwa.

Para realizar esse trabalho também foi importante ler e pesquisar os trabalhos de dois etnólogos, Herbert Baldus (1970) e Charles Wagley (1988), que estiveram com nossos antepassados. Também os autores indígenas e não indígenas que tive a oportunidade de estudar nas disciplinas obrigatórias e optativas na área da Antropologia Social, no PPGAS/UFG, como Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), Gersem Baniwa (2019), João Paulo Lima Barreto (2021), Célia Nunes Corrêa (2018), Antonio Bispo

(2023), Eduardo Viveiros de Castro (2002), entre outros autores que foram cruciais para conhecer a antropologia e pensar em como desenvolver essa pesquisa.

Também os trabalhos acadêmicos dos pesquisadores Apyãwa, que tive a oportunidade de ler, como Daniel Kabixana Tapirapé, Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé (2020), Koria Valdane Tapirapé (2020), Nivaldo Korira'i Tapirapé (2009), e os não indígenas como André Amaral de Toral (1994), foram essenciais para esta pesquisa.

Imagem 2 - Apyãwa Ywy e Maragetã



Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Na perspectiva do povo Apyãwa, cosmologicamente e epistemologicamente, os territórios que habitamos não são apenas com os seres visíveis. Seres não visíveis também habitam neles como mostra a imagem acima com a contextualização do tema desta pesquisa. Por isso devemos cuidar do nosso Ywy (território), como diz o xamã Davi Kopenawa (Kopenawa e Albert, 2015). A terra é a nossa mãe, ela cuida de nós, ela dá tudo o que precisamos, por isso também devemos cuidar dela e respeitá-la. Sem a terra não existe vida, sem o território não existe um povo, língua, história, cultura, festa, arte, pinturas, remédio, espírito, água, peixe, roça, floresta, aves, animais, casa. Cada uma desses temas têm histórias específicas (*maragetã*), que são contadas pelos *maragetã kwaapãra gy*, grandes historiadores Apyãwa.

Organização da dissertação

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos. No capítulo 1 escrevo sobre minha trajetória, como Apyãwa pesquisador e professor, que está relacionada a trajetória desta pesquisa. No capítulo 2 escrevo sobre o território tradicional do povo Apyãwa, o contato com *maira*, a retomada da aldeia Tapi'itãwa e as terras demarcadas – Terra indígena Tapirapé/karajá e Terra Indígena Urubu Branco -, mostrando que o território tradicional do povo Apyãwa não foi demarcado conforme o povo conhecia antigamente. No capítulo 3 escrevo sobre a origem do povo Apyãwa e o renascimento do povo Apyãwa a partir das falas dos(as) *maragetã kwaapãra gy*. No capítulo 4 escrevo sobre a trajetória milenar do povo Apyãwa, a trajetória do povo Apyãwa contada por José Antonio Xawaraxowi Tapirapé e sua esposa Koxaoni Tapirapé, e a contada pelo senhor José Pio Wario Tapirapé. No capítulo 5 escrevo sobre as antigas e atuais aldeias dos Apyãwa. Taparawoo Tapirapé, moradora da aldeia Towajaatãwa, reafirma as antigas aldeias dos Apyãwa. Também apresento uma entrevista com o vice cacique da aldeia Akara'yitãwa sobre o machado de pedra e os pedaços de panela do povo Apyãwa que foram encontrados no lago de Wyraa'yra, que fica no outro lado, ao lado esquerdo, do rio Awiowy (rio Tapirapé).

As entrevistas contribuíram muito para meu aprendizado. Não conhecia muitas histórias dos Apyãwa, como conheço agora, sobre o território tradicional Apyãwa-Tapirapé, com sua origem, cosmologia, epistemologia. Também não conhecia a trajetória do povo Apyãwa. Como me contaram durante a pesquisa, temos duas versões de origem e trajetórias do povo. Em uma história, nós Apyãwa viemos do outro lado do oceano. Como diz a história de Xakareperi, os nossos antepassados atravessaram o mar Paranyxigoo. Já a outra versão temos, conta que a maior parte do povo Apyãwa surgiu aqui no Brasil. Nesta, temos que nas nossas origens, Apirapé foi o primeiro povo que habitou no Brasil, depois esses grupos foram achando os outros grupos Apyãwa, que viviam no fundo da terra, nas nascentes do rio, no oco da árvore e o grupo da vespa.

Tudo o que aprendi está registrado e escrito para o povo Apyãwa, seguindo as narrativas de cada sábio(a). Assim também este trabalho colabora com meu povo Apyãwa em relação a preservar nossas histórias e origens. Também os professores podem ensinar os(as) alunos(as) nas aulas. Durante a pesquisa e as entrevistas, aprendi como os Apyãwa foram fazendo suas roças comunitárias, particulares e também porque os Apyãwa sempre viviam mudando, fazendo muitas aldeias na região de Yrywo'ywãwa (Urubu Branco).

Aprendi sobre Apyãwa Ywy que inclui onde, atualmente, se localiza Conceição do Araguaia até o rio AwioWy (rio Tapirapé). Nesta área os Apyãwa andavam antes dos *maira* chegarem e conhecem como Apyãwa Ywy. Havia também conflitos nos territórios dos Apyãwa, mas somente com três povos: kayapó, Javaé e Karajá. Apenas depois de 1911 que os *maira* fizeram os primeiros contatos com o povo Apyãwa nos territórios tradicionais do povo Apyãwa.

Os povos Xavante também visitavam esta região, até o lado direito do rio AwioWy (rio Tapirapé), mas de acordo com os sábios Apyãwa, nunca fizeram guerra com Apyãwa (Tapirapé). Os Apyãwa chamam esses povos na língua apyãwa de Kyryxã, que se refere ao povo Xavante. Os Apyãwa se encontravam com os Kyryxã no rio Xavatinho, mas nunca, na história Apyãwa, se menciona uma guerra com esses povos. Esse rio, Xavatinho, é um afluente do rio AwioWy, onde os Apyãwa também frequentavam para comer peixe, e ali, se encontravam com os povos Kyryxã. Por isso os Apyãwa sabiam onde esses povos moravam antes dos *maira* se infiltrarem nos territórios Apyãwa.

De acordo com José Antonio Xawaraxowi Tapirapé, os Kyryxã têm três rios que desaguam no rio AwioWy, que os Apyãwa consideram como o rio dos Kyryxã (Xavante), porque nesses rios os Kyryxã iam comer peixe. Os Apyãwa também iam comer peixe por lá. Os Apyãwa sabiam dos povos que moravam nos arredores do seu território mesmo não marcando os limites físicos, como os *maira* fazem, colocando limites na terra. Mas os Apyãwa sabiam dos limites do seu território, onde era o território de povos vizinhos como: os povos Kayapó ficavam mais para o noroeste e norte do território Apyãwa; o território do povo Javaé ficava mais para leste, ao lado esquerdo do rio Paranyo (rio Araguaia). Os povos Karajá, na epistemologia Apyãwa, sempre viviam para leste e sudeste do território Apyãwa, nas praias do rio Paranyo e ao lado esquerdo do rio Paranyo. Os povos Xavante viviam mais para o sul do território Apyãwa, no outro lado do rio AwioWy, ao lado direito do rio AwioWy (rio Tapirapé). E o povo Apanea vivia também a sudoeste do território Apyãwa; segundo a informação que recebi, eles vinham desta direção para comer peixe no rio AwioWy. Apenas esses povos viviam ao redor dos territórios tradicionais do povo Apyãwa, como foi repassado pelos *Maragetã Kwaapãragy*, grades historiadores Apyãwa.

Sobre o povo Apanea, os grandes historiadores Apyãwa contaram, nas conversas, que viviam a sudoeste do território Apyãwa e também iam comer peixe no rio AwioWy, contaram que esses povos também eram um Apyãwa. Falavam na língua Apyãwa; os

Apyãwa se comunicavam com o povo Apanea na sua língua e se entendiam perfeitamente. Segundo meus entrevistados(as) esses povos gostavam de roubar as coisas dos Apyãwa. Os nossos avós nos contavam, mas hoje nós não temos mais a presença deles.

CAPÍTULO 1 – MINHA TRAJETÓRIA E O TEMA DESTA PESQUISA

Nasci na aldeia Orokotãwa, na Terra Indígena Tapirapé/Karajá, no dia 21 de outubro de 1990. No primeiro ano, estudei na escola de Orokotãwa, a primeira escola instalada na aldeia dos Apyãwa. Meu pai não se lembra dos nomes dos professores que vieram antes de Teny (Luiz Gouvêa de Paula) e Kato'ywa (Eunice Dias de Paula). Segundo ele, os(as) professores(as) não indígenas não acostumaram a viver por muito tempo com nosso povo e logo voltavam para sua terra.

O livro “Xanexema'eãwa Paragetã: História da educação escolar Apyãwa” (Silva et al, 2019), conta que Teny e Kato'ywa chegaram em 1973, “não só para ensinar a ler e a escrever, mas também para aprender a cultura, a língua e conviver com os Apyãwa” (Op. Cit., p.54).

A Escola foi instalada primeiramente numa Igreja antiga que havia na aldeia. Só em 1994, o Estado construiu um prédio próprio para a escola na aldeia Majtyri. O primeiro prédio da Igreja ficava situado na aldeia Orokotãwa mesmo. (Silva et al, 2019, p. 58)

Imagem 3 - A primeira Escola Apyãwa numa antiga Igreja



Foto: Arquivo das Irmãzinhas de Jesus (1974) apud Silva et al, 2019, p. 59.

Com ajuda dos meus pais, os primeiros professores Apyãwa foram: Alberto Orokomy'i Tapirapé, Kamoriwa'i Elber Tapirapé e Ronaldo Komaoro'i Tapirapé, que faleceu na aldeia Majtyritãwa, vítima de Karowãra (raio).

Meu pai também esteve presente em conversas, me lembrando de alguns de meus primeiros professores na infância. Em Orokotãwa eu me lembro que estudei com os professores Ronaldo Komaoro'i Tapirapé, Josimar Ieremy'i Tapirapé, Oparaxowi Marcelino Tapirapé, entre outros, professores pelos quais tenho profunda admiração por suas carreiras e que são inspiração nessa caminhada dos meus estudos.

Depois os Apyãwa mudaram de Orokotãwa e abriram a nova aldeia Majtyritãwa, fundada no ano de 1993. Em boa parte dos anos, estudei na aldeia Orokotãwa, Majtyritãwa e Akara'ytãwa. Os professores nos ensinavam em sala de aula e também gostavam de ensinar, em alguns momentos, em aulas-passeio. Tive o privilégio de estudar com os professores Ronaldo Komaoro'i Tapirapé, Josimar Ieremy'i Tapirapé, Amarildo Xaopoko'i Tapirapé, Marcelino Oparaxowa Tapirapé, entre outros professores Apyãwa.

Entre a quinta e a oitava série já frequentava duas escolas, a escola Apyãwa e a escola dos *maira*, no Rio de Janeiro. Meu avô, José Minguél Awaetekato'i Tapirapé, me levava um ano, algumas vezes dois anos, para o Rio de Janeiro para que eu pudesse estudar e aprendesse a ler e a escrever bem na língua portuguesa, assim poder falar e dominar a língua dos *maira*, me preparar para, no futuro, lutar pelos nossos direitos.

Neste tempo o estudo se tornou mais desafiador para mim, no sentido de não ter nenhum professor explicando os conteúdos na minha língua, traduzindo para o Apyãwa. Mas foram aprendizados positivos na minha formação como estudante Apyãwa, tive esse conhecimento de dois mundos distintos, o que contribuiu bastante comigo, como acadêmico e como professor do ensino fundamental da nossa aldeia.

Ao decorrer do tempo, os Apyãwa decidiram fazer a retomada das terras tradicionais que ocupavam originalmente desde sempre. Os Apyãwa nunca se esqueceram de seus antigos territórios ancestrais. Por isso alguns Apyãwa se mudaram para recuperar os territórios tradicionais dos Apyãwa, a terra dos nossos antepassados, onde os nossos antepassados viviam, desde muito tempo na região de Conceição do Araguaia até o rio Awiowy (rio Tapirapé). Por volta de 1947, os territórios Apyãwa começaram a ser invadidos pelas fazendas. Já tinham invadido a maior parte do território Apyãwa, quando a população dos Apyãwa só vinha diminuindo devido aos ataques dos

Kayapó, Javaé e karajá, também com contribuição do nosso próprio pajé Apyãwa que matou um bocado da população dos Apyãwa, conforme *maragetã kwaapãra gy* relataram. Também com a chegada de doenças desconhecidas, que os *maira* trouxeram quando fizeram os primeiros contatos com nosso povo em 1911, na região de Conceição do Araguaia. Depois disso os *maira* não pararam mais de visitar os Apyãwa, como também conto no segundo capítulo.

Assim foram causando ainda mais a depopulação dos Apyãwa. Naquela época não eram preparados para as doenças desconhecidas que hoje temos como controlar. Então, os *maira* foram visitando os Apyãwa, fazendo pesquisa, foram chegando as companhias. Assim chamavam, naquela época, de acordo com a fala do senhor José Antônio Xawaraxowi Tapirapé, para se referirem aos fazendeiros *maira* (branco).

Os pajés dos Apyãwa também contribuíram para a diminuição da população dos próprios Apyãwa, como o raizeiro Koro'i Tapirapé que trouxe uma raiz chamada Wiririywyrã da beira do rio Awioy (rio Tapirapé). Quando ele trouxe essa raiz para a aldeia, a intenção dele era, de acordo com as falas dos avós da minha esposa Enyara, trazer esse remédio e enterrar perto da aldeia para matar quem ele quisesse, mas Koro'i Tapirapé se esqueceu de enterrar um pouco distante da aldeia. Assim ele causou muitas mortes dos Apyãwa na região de Yrywo'ywawa que nos dias atuais é conhecido como Urubu Branco. O efeito se espalhou imediatamente matando muitos Apyãwa. Koro'i Tapirapé não sabia direito como controlar Wiririywyrã, por isso aconteceu esse descontrole. *Maragetã kwaapãra gy* contam que os Apyãwa estavam enterrando uns aos outros e, a situação se agravava com mais mortes, uma atrás das outras. Os Apyãwa enterravam uns aos outros no mesmo buraco, não tinham mais coragem de ver tantos parentes morrendo por todas as partes, dentro das casas, no pátio das casas, no meio da aldeia e atrás das casas. Percebendo isso, diz que os Apyãwa se espalharam para tentar escapar dessa tragédia, mas que, mesmo assim, alguns morriam dentro das florestas. Alguns Apyãwa conseguiram escapar desse efeito de Wiririywyrã causado por Koro'i Tapirapé, de acordo com a fala dos sábios Apyãwa, Wario Tapirapé, Xakareo'i Tapirapé, Maxaja Tapirapé, Xawaraxowi Tapirapé e Koxaoni Tapirapé.

Além disso, os pajés Apyãwa também foram causadores da depopulação dos Apyãwa colocando feitiço nos parentes que não eram pajés. Segundo a informação dos sábios, o Apyãwa que não seguia as regras dos Apyãwa, os pajés matavam no mesmo instante. Matavam o próprio Apyãwa por não seguir a cultura da forma que os Apyãwa

vinham praticando. Os pajés não gostavam e acabavam colocando feitiço nas pessoas que faleciam. Por isso, naquela época, os Apyãwa não brincavam com a nossa cultura porque os poderosos Pajés do povo Apyãwa estavam de olhos abertos com as coisas que aconteciam cotidianamente.

Assim também os pajés Apyãwa foram matando outros pajés dos próprios Apyãwa, querendo provar quem era o mais poderoso. Assim a população dos Apyãwa estava, cada vez mais, sendo reduzida. Hoje os pajés do próprio povo Apyãwa não existem mais, devido a esses acontecimentos que eles mesmos provocaram, causando problemas para eles mesmos. Alguns pajés Apyãwa também foram exterminados com *ywyrã* (borduna). As famílias que suspeitavam do pajé Apyãwa que teria causado as mortes. A coragem e a raiva levavam essa pessoa a matar o pajé Apyãwa, na mesma hora, com *ywyrã* (borduna). Algumas vezes acertavam o pajé responsável pelas mortes, mas em algumas, erravam, exterminando os sábios Apyãwa, como contaram os *maragetã kwaapãra gy*, grandes historiadores Apyãwa.

Então, os *maira* aproveitaram esse tempo e se infiltraram nos territórios Apyãwa, destruindo Apyãwa Ywy, desmantando florestas, formando pastagem para suas criações agropecuárias. Depois disso, os *maira* plantaram cana de açúcar. No momento em que escrevo essa dissertação, os *maira* estão plantando mais frequentemente milho e soja, jogando veneno com máquinas e pulverizando com vários tipos de agrotóxicos com avião e drones.

Imagem 4 - Avião da fazenda Luta joga o veneno na soja



Fonte: Arquivo pessoal, Samuel Oparaxowa Tapirapé, 2025

A fotografia acima foi registrada em uma terça-feira, no dia 18 de novembro de 2025, às 14h. Mostra como o Xixinooyãra, avião da fazenda Luta joga veneno em cima da plantação de soja, sem se preocupar com as consequências para o povo Apyãwa, que será afetado de várias formas. Antigamente nossos antepassados jamais presenciaram isso na região de Yrywo'ywa, território tradicional do povo Apyãwa-Tapirapé.

Com outras máquinas terrestres, os *maira* preparam o solo e pulverizam com agrotóxicos só pela ganancia.

Imagem 5 - Máquinas da fazenda Luta



Fonte: Arquivo pessoal, Samuel Oparaxowa Tapirapé, 2025

Tirei fotos das máquinas da fazenda Luta preparando a terra para plantação de soja, na direção da serra sagrada do povo Apyãwa, Towajaãwa Ywytyra, onde antigamente era Apyãwa Ywy, no lado oeste da TI Urubu Branco. Os *maira* estão destruindo completamente as florestas, os cemitérios, os lugares das caçadas, pescas, locais das aldeias antigas do nosso povo Apyãwa.

No tempo da chuva, as enxurradas poluem lagos, córregos, igarapés e até mesmo o rio Ipirakwãroo (rio Gameleira), o rio Awiowy (rio Tapirapé) e rio Tawariri'yxoro, que passa, nos dias atuais, no que virou a fazenda Tapirapé, mas que, de acordo com os sábios Apyãwa, está dentro do Apyãwa Ywy. Isso impacta as comunidades Apyãwa de modo geral. Antigamente isso não era presenciado pelos nossos antepassados.

Nos anos 2000, a maioria dos Apyãwa mudou para os territórios tradicionais, que ocupavam primeiro, desde muito tempo atrás. Os Apyãwa expulsaram os *maira* do seu território originário, pacificamente, não houve derramamento de sangue. Portanto, no ano de 1997, a minha família também se mudou, foram morar na aldeia Akara'ytãwa, de

acordo com a fala do meu pai Edilson Kanio Tapirapé, com 55 anos de idade, atualmente morador da aldeia Myryxitãwa.

Minha família foi morar, primeiro, na aldeia Akara'ytãwa. Eu estive estudando nessa aldeia e, às vezes, meu avô, José Minguél Awaetekato'i Tapirapé, e minha avó, Maria Luíza Kwalaru Tapirapé, me levavam para estudar no Rio de Janeiro, enquanto passavam um tempo com um amigo deles. Um dia um professor na aldeia Akara'ytãwa falou para minha mãe que se eu ficasse estudando assim, um tempo na aldeia e um tempo no Rio de Janeiro, o meu estudo nunca iria para frente. Minha mãe me contou e refleti muito com essas palavras, e que me motivaram ainda mais a seguir em frente. Agradeço sempre meus pais que sempre me apoiaram nos meus estudos.

Eu sempre acordava tarde, mas meu pai sempre falava para mim: “você tem que acordar para estudar! Você precisa estudar, você vai querer ser alguém no futuro e você tem que estudar para ultrapassar meu estudo”. Essas palavras motivadoras meu pai sempre me dizia e que sempre carrego comigo. Minha mãe nem sempre era igual ao meu pai, as vezes ela pedia para meu pai para que eu pudesse dormir só mais um pouquinho, mas não adiantava, tinha que me levantar para estudar. Meu pai sempre exigia muito que eu pudesse estudar para mim, não para ele, assim ele me aconselhava.

Quando terminei o Ensino Fundamental na aldeia Akara'ytãwa já fui estudar no Ensino Médio no Projeto Aranowa'yão “Novos Pensamentos”, na aldeia Tapi'itãwa. Ali eu estudei com os professores Luiz Gouvêa de Paula, Eunice Dias de Paula, Walkiria Neiva de Praça, Maria Gorete, Adailton Alves da Silva, Lucimar, João Severino Filho e os professores Apyãwa Alberto Orokomy'i Tapirapé, Kamoriwa'i Elber Tapirapé, Josimar Xawapare'ymi Tapirapé, Nivaldo Korira'i Tapirapé, Valdivane Koria Tapirapé, Domingo Xario Tapirapé e Korako Tapirapé, pelos quais tenho profunda admiração.

Terminando o Ensino Médio na aldeia Tapi'itãwa, tive oportunidade de estudar novamente no Magistério, dentro da aldeia Apyãwa. Quando terminei o Magistério tive a oportunidade de prestar o vestibular da Universidade Federal de Goiás (UFG), me inscrevi para fazer a prova em Palmas-TO. O vestibular para ingresso no curso de Educação Intercultural para professores indígenas acontece em várias cidades. Com isso, finalmente, consegui ingressar novamente nos estudos, um sonho que se concretizou, foram muitas alegrias para mim e para minha família.

No ano de 2010 estive estudando em Goiânia-GO, o que durou cinco anos, com docentes magníficos(as) e inspiradores(as): Mônica Veloso Borges, Joana Fernandes, André Marques do Nascimento, Themis Bruno, Maria do Socorro Pimentel, Rosani Leitão, Mônica Pechincha, Rogério, José Pedro, Elias, entre outros. Esses foram meus professores(as) na licenciatura em Educação Intercultural na UFG. Nesse curso, como área específica, escolhi seguir na Ciência da Cultura, que era a parte que eu mais gostava de estudar.

Terminando o ensino superior, em 2015, fiquei sem estudar por sete anos, dando aulas para os alunos Apyãwa do quinto ao oitavo ano, em turmas multisseriadas. Com todo acontecimento, eu ficava pensando, observando que os nossos anciões, os sábios, estavam levando muitos conhecimentos de nós. Por isso, eu mesmo me desafiei a seguir com os estudos e me inscrevi no mestrado em Antropologia Social na UFG. Consegui atender toda a burocracia que pediam no edital.

Durante setes anos fiquei com o nosso povo em alguns momentos cruciais, convivi com os anciões, caçando e pescando nos locais onde nossos antepassados viviam sem nenhuma interferência de *maira*. Eu, como Apyãwa, sabia dirigir carro porque meu pai foi o primeiro a comprar um carro na nossa comunidade, por isso eu aprendi a dirigir muito cedo. Com isso, tive a oportunidade de dirigir o carro da comunidade Apyãwa na TI Urubu Branco e fora da reserva. Primeiro eu dirigia a caminhonete da comunidade Apyãwa, depois e até hoje, às vezes, dirijo o caminhão da comunidade, atendendo os anciões que vão pescar peixes, tartarugas, tracajás, tirar mel, ovos de tartarugas e tracajás nas praias no rio Awioowy; e quando vão caçar os porcos e caititu onde nossos antepassados também buscavam seus alimentos para subsistência e para realizar as festas tradicionais do povo Apyãwa.

Presenciei, muitas vezes, a noite e durante o dia, eles lamentarem que esses espaços eram dos Apyãwa e também lembrarem das aldeias antigas, que estão fora das terras que foram demarcadas para os Apyãwa. No dia 08 de abril de 2019, eu tirei a minha primeira carteira de motorista na categoria A-B. Em 2022, consegui passar na prova escrita e na prova prática e mudar para a categoria A-D. Por isso levava o pessoal. As vezes precisam de mim até hoje, que eu leve tanto dentro do território Apyãwa, como fora do território. Por isso eu já andei muito junto com os *Maragetã Kwaapãra gy*, grandes historiadores Apyãwa dentro do nosso território.

Os Apyãwa reivindicam a nova demarcação para o povo Apyãwa (como está no documento em anexo da Associação Povo e Organização Indígena Tapirapé). Até foi realizada, junto com a Funai, uma nova demarcação para incluir os lugares que sempre foram de suma importância para o povo Apyãwa, para revitalização e fortalecimento da cultura do povo Apyãwa. Mas o povo Apyãwa reivindica as parcelas dos territórios que ficaram de fora, as maiores partes, que são essenciais para recuperar as nossas áreas como, territórios, histórias, lugares das aldeias antigas, espaços sagrados, lugares das caçadas, locais de pescas, locais de tirar mel, locais de buscar frutas. Hoje, esses lugares estão ocupados pelos municípios, estados, onde nossos antepassados viveram há muito tempo atrás, antes dos *maira* colonizadores se apropriarem dos territórios Apyãwa.

E onde, hoje, os *maira* estão habitando (como conto no capítulo 3). Também não está na área demarcada o município de Vila Rica, que está onde existiram as aldeias dos Apyãwa antes de se tornar um município. Ali ficavam as aldeias dos Apyãwa: Maakotãwa, Xexotãwa, Moo'ytãwa e Tapi'itãwa, de acordo com a fala do meu avô Xakareo'i Tapirapé e sua esposa Maxaja Tapirapé.

O município de Confresa-MT, de acordo com o que Korako Tapirapé, Wario Tapirapé, Xakareo'i Tapirapé, Xawaraxowi Tapirapé e Koxaoni Tapirapé contam, era uma aldeia do povo Apyãwa chamada Okoytãwa e Tãwoko, estava ali antes de ser o município Confresa-MT.

Também ficou de fora da área demarcada a antiga aldeia Xoatãwa, onde meu avô relata que nasceu. Há pouco tempo atrás, ele foi para o município de Confresa, passando pela fazenda Gameleira, que atualmente passou a ser chamada de fazenda Luta. Meu avô Xakareo'i Tapirapé me contou que passaram perto da pista de pouso de avião da fazenda Luta. Neste local, meu avô Xakareo'i disse que a tia dele, Warara'i Tapirapé, que já faleceu, falou para ele, indicando o local, dizendo: “olha, aqui que você nasceu, ali era aldeia Xoatãwa, onde agora existe a fazenda Destilaria Gameleira” que, no dia atual, está como fazenda Luta e nem existia essa pista de avião.

Essas informações me motivaram a enfrentar o mestrado em Goiânia, para registrar os conhecimentos ancestrais do nosso povo Apyãwa, que podem se perder se não forem registrados. Entendi que a antropologia permite saber mais profundamente sobre a origem do povo Apyãwa, a partir da epistemologia Apyãwa e da cosmologia Apyãwa, para entender melhor sobre o nosso surgimento e as nossas trajetórias, o que são

um pouco complexas. Nesse sentido, li textos que me ajudaram a compreender melhor o mundo dos Apyãwa, li textos de dois etnólogos Herbet Baldus (1970), Charles Wagley (1988) e também autores como: Franz Boas, Malinowski, Claude Lévi-Strauss e os autores indígenas, como Davi Kopenawa, Gersem Baniwa, Daniel Munduruku, Célia Xakriabá, João Paulo Barreto, Ailton Krenak.

A universidade ampliou meu pensamento sobre a nossa cultura. Antes, só pensava em caçar, pescar e jogar bola e me interessava menos na participação das nossas festas tradicionais. Hoje vejo que todas são muito importantes para mim e para meu povo Apyãwa. Essa mudança no olhar foi relevante já que exerço um cargo importante dentro do meu povo Apyãwa, como professor de ensino fundamental na sala anexa da Escola Estadual “Tapi’itãwa”, dando aula para os alunos Apyãwa desde 2011 até os dias atuais.

Em 2011 e 2012, fui professor na aldeia Myryxitãwa, na sala anexa vinculada à sede da Escola Indígena Estadual Tapi’itãwa, para a turma multisseriada de quinta ao oitavo ano. Depois, de 2013 a 2022, trabalhei na aldeia Wiriaotãwa, lecionando também para a turma multisseriada do 5º ao 9º ano. No ano de 2025, retornei às atividades docentes na aldeia Anywootãwa, que também é uma sala anexa vinculada à Escola Indígena Estadual Tapi’itãwa. Assumi os(as) estudantes da turma multisseriada, novamente do 5º ao 9º ano, com aulas das disciplinas de Geografia, História, Língua Materna, Matemática, Práticas Culturais e Tecnologia Indígena.

Como mencionei, mesmo antes do mestrado, no curso de licenciatura em Educação Intercultural da UFG, já tinha contato com tema desta pesquisa, o território tradicional do povo Apyãwa, com sua cosmologia, epistemologia e suas trajetórias. Cultura, corpo e território não estão separados nos conhecimentos Apyãwa, o que também ensina Júlio Kamer Apinajé para a educação panhi (2019).

Há muito tempo atrás se vêm praticando nossa cultura, como as técnicas de construção da *Takãra* (casa cerimonial do povo Apyãwa) e as regras de divisões de dois grupos *Wyraxiga* e *Araxã*. Os grandes conhecedores transmitem os conhecimentos, atualizando, revitalizando e valorizando a nossa cultura, língua e tradições para que não sejam esquecidas. Contudo, há alguns rituais que os especialistas que sabiam já se foram e ninguém mais sabe, por exemplo, como eram as músicas e suas regras. Por exemplo, o *Xapyykãwa*, luta corporal, que envolvia muita força na luta corpo a corpo e que podia

quebrar o seu adversário, apenas a música ainda é realizada nas festas tradicionais que é *O'yमारकã*. Seria mais ou menos a música da flecha ou a música dos guerreiros Apyãwa.

Depois desse ritual, *O'yमारकã*, era anunciada a luta corporal que acontecia no pátio da *Takãra*, onde *Wyraxiga* saía pela porta do *Wyraxiga* e *Araxã* pela porta do *Araxã*, gritando “hyyyyyy, hyyyyyy, hyyyyyyy, hyyyyyyy”. Os dois grupos adversários se encontravam no meio da aldeia, no pátio da *Takãra*, casa cerimonial do povo Apyãwa, para anunciar a luta dos dois grupos, *Wyraxiga* e *Araxã*. Esse momento seria somente para a demonstração e ensaio, os dois adversários se abraçavam, parecendo que iam se derrubar, mas era apenas para um ensaio e para aquecimento dos lutadores. Depois disso é que começava a luta corporal, valendo o ponto para cada grupo *Wyraxiga* e *Araxã*. O grupo que derrubava mais era o vencedor do ano nesta competição.

Myykipyra também é um ritual que está perdendo seu espaço nas realizações de rituais do povo Apyãwa. Neste ritual os homens ficam cantando e dançando com o *Ywyrã* (borduna), colocando na frente e segurando ela no pátio da *Takãra*. As mulheres ficam dançando atrás dos maridos, balançando os braços, fazendo o acompanhamento da dança dos homens. Todos separadamente, os homens nos seus lugares e as mulheres nos seus lugares. Assim vão, aos poucos, mudando de lugar. As solteiras, dizem que dançavam atrás dos irmãos, sobrinhos, tios, avós, primos, essas informações estão de acordo com a fala da senhora Koxaoni Tapirapé, com 64 anos de idade, moradora da aldeia Anywootãwa.

Esses dois exemplos, rituais *O'yमारकã* e *Myykipyra*, mostram a importância da pesquisa indígena porque quando os anciões morrem perdemos uma biblioteca inteira, vários conhecimentos são levados de nós.

Como citei anteriormente, durante sete anos fiquei observando as transformações do meu povo até ingressar no mestrado. Sempre que os grandes caçadores iam caçar, eu ia caçar junto com eles, tanto para a subsistência, para sustentar minha família, quanto na caçada tradicional do povo Apyãwa, no tempo da festa tradicional. Esses grandes caçadores têm muitos conhecimentos, sabem os lugares das casas dos animais, em que vivem os donos dos animais, por onde nossos ancestrais caçavam, andavam coletando frutas das matas e dos cerrados. Também tirando mel de abelha como: kaweira (oropa), Exo, Myxo'ieira, Eirapa'ã, Ywyeira, Eiremao, Eiraawaytaxiga, Axoeira, Eirõna, Namiryna, Eiremeo, Xawaxipyã, Eiroo, Tate'i, Eirowãja, Ywão, Xopairaira, Tataeira,

Ywaopa'yma, Eirakōjximaja, Akoxieira. São méis que sei somente na língua apyãwa, que os apyãwa tiravam no seu território. Os Apyãwa dificilmente se perdiam no seu território, essas informações estão de acordo com a fala dos meus avós Xakareo'i Tapirapé e sua esposa Maxaja Tapirapé.

Por isso eu me interessava em adquirir um pouco dos conhecimentos ancestrais deles, que foram repassados para eles e, assim, garantir a vida desses conhecimentos e das práticas que vinham sendo praticadas pelos nossos ancestrais desde muito tempo atrás. Antigamente os nossos ancestrais caçavam nos territórios do povo Apyãwa, que hoje está invadido pelas fazendas, que foi limitado pelos *maira* colonizadores. Isso dificulta nossa subsistência e a realização das festas tradicionais do povo Apyãwa que dependem especificamente de muita fatura de caça, peixes, mel e produtos da roça.

Anteriormente não existia limitação nos lugares do território do povo Apyãwa. Depois que as fazendas chegaram, fomos proibidos de entrar em determinados lugares que os Apyãwa sempre visitaram, em que caçavam, pescavam, tiravam mel e buscavam frutas. Muitas vezes os anciões falam desses territórios que antigamente pertenciam ao território do povo Apyãwa, porque foi nesses lugares que nossos ancestrais viviam antes dos *maira*, em que hoje não podemos mais andar, caçar, pescar, tirar mel e buscar frutas. Assim que os sábios relataram, os grandes historiadores Apyãwa que contaram para mim durante as conversas, como Xawaraxowi, Xakareo'i, Wario, Korako e Awaetekato'i, conhecedores das histórias e dos territórios do povo Apyãwa.

Eu gosto de caçar e pescar com os anciões, por isso muitas vezes, ouvia eles lamentarem desses lugares das caçadas e assim também, os lugares sagrados como *Orokorowa Retywera*, que significa a casa velha ou casa abandonada do espírito *Orokorowa*, mas que, na visão do pajé do povo Apyãwa, é a casa do *Orokorowa* porque esse espírito reside nela, como ensinou a senhora Koxaoni Tapirapé. Este lugar é a casa do espírito *Orokorowa* que fica no rio *Awiowy* (rio Tapirapé). *Xawaxiowy*, que significa, em uma aproximação com a língua portuguesa, a casa das Tartarugas ou o lago das Tartarugas, fica na ressaca do rio *Awiowy*, é um lugar importantíssimo que está fora da terra que os *maira* demarcaram para o povo Apyãwa, fica também no rio *Awiowy*. Como também os locais de pegar *Noxã* (peixe cari-cascudo), que os Apyãwa denominaram de *Noxapykãwa*, que tem vários lugares no rio *Awiowy* (rio Tapirapé).

E assim também contaram de outros lugares sagrados como *Taxão rakãra*, que significa casa dos Porcões, lugares das caçadas Apyãwa, onde os animais se reproduzem para o povo Apyãwa, para que, futuramente, os Apyãwa façam suas caçadas e realizem os rituais com tranquilidade. Nestes lugares, em alguns momentos, os Apyãwa não mexem para que, na realização das festas tradicionais Apyãwa, as caças sejam abatidas rápido, sem as dificuldades que enfrentamos hoje com a presença dos invasores *maira*, que se apropriaram dos territórios Apyãwa. Esses lugares também estão fora da TI Urubu Branco e, na verdade, são os territórios Apyãwa que não foram demarcados, conforme a fala dos *Maragetã Kwaapãra gy*.

E assim também é com as pescarias. Os lagos e rios em que antigamente, quando realizavam os rituais e precisavam de muita fartura de peixes, os Apyãwa faziam as pescarias, estão fora da nossa terra demarcada. Somente nos dias atuais os Apyãwa são proibidos de pescar onde nossos antepassados não encontravam essa dificuldade. Antigamente não tinham esses problemas com os fazendeiros, invasores *maira*, no território Apyãwa. Antigamente buscavam peixes desses lugares para sua subsistência e para realização de vários rituais no período das festas tradicionais do povo Apyãwa.

Os territórios que os Apyãwa usavam, as parcelas do território que estão fora da terra demarcada, os Apyãwa sempre consideraram como seus territórios, porque eles viviam neles antes dos *maira*, os colonizadores, chegarem nessas regiões, Apyãwa ywy, se apropriando delas.

Além disso, os lugares dos cemitérios – onde eram as antigas aldeias do povo Apyãwa, porque os Apyãwa enterram seus mortos dentro de suas casas – estão fora da terra demarcada. São os territórios dos Apyãwa que os anciões reivindicam e pensam em como recuperar, porque os Apyãwa estão vendo seus territórios sendo destruídos pelos *maira*, como floresta, cerrado, córregos, lagos, igarapé, os animais, aves, o rio Awiowy, os cemitérios, espaços sagrados.

Tudo está sendo destruído com as máquinas e com os agrotóxicos, que antes não existiam nos territórios dos Apyãwa, para a criação de gado e as plantações de soja, milho e cana de açúcar, de leste a oeste, norte a sul da Terra Indígena Urubu Branco. Ao Norte da TI Urubu Branco, os *maira* estão invadindo a área, desmatando a floresta e criando gado, mesmo sendo a terra demarcada e homologada como TI. Urubu Branco. E ao lado oeste e sul da TI Urubu Branco, estamos vivenciando a destruição e a poluição

causada pela fazenda Luta, que joga vários tipos de agrotóxico com avião e com as máquinas terrestres. Entre as duas reservas do povo Apyãwa está a fazenda Tapirapé e a Fazenda Porto Velho, que também estão destruindo os territórios Apyãwa. Sem dúvida, o veneno cai no nosso rio Awiowy, nos lagos, igarapés, córregos. No tempo da chuva, as enxurradas levam o veneno para esses locais, onde o povo Apyãwa busca seu alimento para suas subsistências e para realização dos seus rituais.

De acordo com fala do senhor José Antonio Xawaraxowi Tapirapé, as margens esquerda e direita do rio Awiowy, antes dos *maira* chegarem e destruírem à natureza, eram inabitáveis. Era tudo inundado. Só agora que os *maira* estão vindo e se apropriando dos territórios dos Apyãwa. Se os *maira* tivessem demarcado o nosso rio Awiowy (rio Tapirapé), passando o limite para o outro lado do rio Awiowy, ao lado direito do rio Awiowy, os Apyãwa não estariam enfrentando vários problemas que os *maira* estão trazendo para os Apyãwa e para nosso rio Awiowy. Muitas vezes os *maira* tentam morar nesses lugares no inverno, saem desses locais – da beira do nosso rio Awiowy – e retornam quando o rio Awiowy vai baixando. Por isso os Apyãwa não fizeram as aldeias na beira do rio Awiowy, segundo o senhor Xawaraxowi Tapirapé.

Antigamente não tinha os *maira* porque no tempo da chuva intensa, quase todos os *maira* eram obrigados a abandonar seus lugares. Até o município de Porto Alegre, antes de se tornar município, os moradores enfrentavam a inundação. Por isso os Apyãwa faziam as aldeias mais perto da serra de Yrywo'ywãwa. Dizem que os moradores de Porto Alegre do Norte muitas vezes abandonavam este local e, quando o rio Awiowy começava a diminuir, os *maira* retornavam novamente. Hoje com o desmatamento das florestas nos territórios Apyãwa, as mudanças climáticas provocadas pelo homem branco, não vemos mais este local totalmente alagado. Essas informações estão de acordo com a fala do grande historiador, caçador e pescador Apyãwa, senhor José Antonio Xawaraxowi Tapirapé.

Eu ouvi muitas vezes os grandes historiadores Apyãwa falarem que antigamente não existiam esses problemas, por isso eu me interessei por esse tema, para pelo menos registrar esses conhecimentos sobre o Território Tradicional do povo Apyãwa.

Outro problema que o povo Apyãwa enfrenta hoje é quando constroem a Takãra, casa cerimonial do povo Apyãwa (Imagem 4), que é base da nossa cultura. Os anciões também consideram a Takãra quase como uma Universidade, porque é ali que são

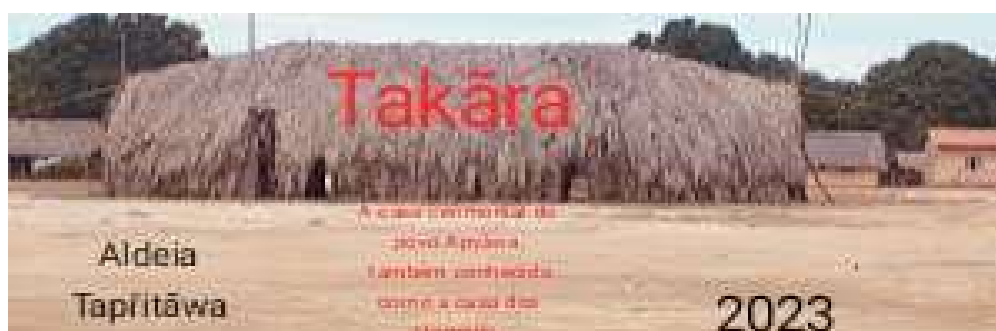
adquiridos vários conhecimentos de vários especialistas. Eles se encontram neste espaço para semear futuros especialistas cerimoniais, nas novas gerações, que estarão comandando os rituais da festa tradicional do povo Apyãwa futuramente.

Os anciões acham que a Takãra é “quase” uma universidade – e eu concordo também – porque é permitida somente a entrada de *xyre 'i'i*, o rapazinho, e os homens, as mulheres não podem entrar na Takãra, por isso faço essa observação. Na Universidade podem estudar homens e mulheres, mas na Takãra só os homens e os menino que passaram pela primeira fase para fase adulta podem frequentar. O menino ainda não pode entrar na Takãra e as mulheres não podem entrar em hipótese alguma. A mulher que se atreve a entrar é considerada prostituta e todos os homens pode transar com ela na Takãra.

Quando fazemos a construção da Takãra, muitas vezes, as matérias específicas para sua construção, que estão na área que foi demarcada para o povo Apyãwa, não são suficientes. Muitas vezes, as áreas que os *maira* demarcaram não são suficientes para atender a realização de alguns rituais que precisam de muita fartura de caça, pesca, mel e produtos das roças, assim como também para sua subsistência no dia-a-dia. Os Apyãwa sempre frequentaram esses locais, desde nossos antepassados, antes dos *maira* se apropriarem dos territórios Apyãwa. Os anciões Apyãwa sabem dos lugares em que estão localizadas as antigas aldeias, onde podem encontrar muitas frutas, mel, caça, peixes e as matérias para construção das casas e da Takãra, mas que agora estão em “terra dos *maira* fazendeiros” que se apropriaram do território dos Apyãwa. E assim os Apyãwa correm risco de vida para realizar os rituais e para sua subsistência, mas de fato, esses locais são territórios Apyãwa, tradicionalmente, mas que os *maira*, nos dias atuais, proíbem os Apyãwa frequentar.

Esses problemas não existiam antigamente. As matérias específicas já foram mapeadas culturalmente há muito tempo pelo povo Apyãwa. Quando faltava material para construir as casas e a casa cerimonial do povo Apyãwa, a Takãra do povo Apyãwa, os anciões já sabiam onde poderiam buscar e assim também eram com as frutas, mel de abelhas, caças e peixes. Quando não encontravam em um lugar, já sabiam onde buscar, de onde tirar para construir a Takãra e para a construção de suas casas também. Assim como também sabiam de muita fartura de caças, peixes e mel para realização de alguns rituais que dependem de muita fartura de caças, peixes, mel e produtos da roça.

Imagem 6 – Takãra, aldeia Tapi'itãwa



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Organização social, Takãra e as festas tradicionais do povo Apyãwa

Para o entendimento da importância do nosso território, Apyãwa Ywy, para nosso modo de viver, escrevo sobre nossa organização, festas tradicionais e sobre a Takãra, que como escreveu Gilson Ipaxi'Awyga Tapirapé (2020), nome atual Tenywaawi, é o centro epistemológico do povo Apyãwa. Não darei conta de toda a complexidade da cosmologia Apyãwa, mas mostro que cultura, corpo e território nunca estão separados um do outro, estão sempre interligados. Há muitos trabalhos escritos sobre o povo Apyãwa, como Herbet Baldus (1970) e Charles Wagley (1988), e hoje os próprios Apyãwa estão fazendo suas pesquisas, como Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé (2020) e Koría Valdiane Tapirapé (2020).

Desde muito tempo os nossos ancestrais foram divididos em dois grandes grupos através do sonho de um pajé que sonhou e viu a organização dos pássaros, como esses pássaros se organizavam. Vendo essa organização, o pajé do povo Apyãwa trouxe para seu povo essa organização dos pássaros: os *Wyraxiga* e os *Araxã*. São esses grandes grupos que constroem a Takãra. Além desses grandes grupos *Wyraxiga* e *Araxã*, tem os seus subgrupos como: *Wyraxiga* (grupos de rapazinhos), *Wyraxigio* (grupo dos casados) e *Wyraonoo* (grupos dos anciões). E no grande grupo de *Araxã* são: *Warakorã* (grupos dos rapazinhos), *Araxã* (grupos dos casados) e *Tarawe* (grupos dos anciões).

Wyrã é o sistema de organização *Apyãwa* que divide a população masculina em duas grandes metades, na *Takãra*, sendo que *Wyrã* é a designação de pássaros. De acordo com o Oropé'i, esta organização está associada aos pássaros que convivem em bandos. Segundo o referido mestre *Apyãwa*, pelo fato de os *Apyãwa* (somente os homens) conviverem em coletividade, nesse espaço, um grupo é chamado de *Wyraxiga* “pássaros brancos”

(garças), que comumente são vistos em bandos e outro grupo chamado de *Araxã*, referente aos papagaios, outra espécie de pássaros que também são comuns serem vistos em bandos. São traços que, na verdade, evidenciam a relação intrínseca entre os *Apyãwa* e os seres do universo, presentes nesse território.

Essas metades são compostas por três subgrupos, aos quais pertencem os homens, de acordo com a fase de vida. A metade *Wyraxiga*, formada pelos grupos *Wyraxiga* (jovens), *Wyraxigio* (homens maduros ou adultos) e *Wyraonoo* (homens idosos ou anciãos), ocupa a *Takãra* ao lado de *Yapyra*/final do rio, expressão *Apyãwa* quando se refere ao lado sul, ou direção da nascente do rio Araguaia. A metade *Araxã*, formada pelos grupos *Warakorã* (jovens), *Araxã* (homens maduros ou adultos) e *Tarawe* (homens idosos ou anciãos), ocupa a *Takãra* ao lado de *Yxoro*/boca do rio, expressão referente ao lado norte, onde se localiza a foz do rio Araguaia. Um homem liga-se à sociedade de pássaro de seu pai e, à medida que cresce, vai passando para o outro grupo etário na mesma metade à qual seu pai pertence. (Ipaxi'Awyga Tapirapé, 2020, p. 91-92)

Os antropólogos Herbert Baldus (1970) e Charles Wagley (1988) chamaram de “grupos dos pássaros” *Wyraxiga* e *Araxã*. Charles Wagley, em levantamento realizado entre 1939 e 1940, organizou essas metades da seguinte forma:

Tabela 3 - Associações Pássaros produzida por Charles Wagley (1988)

<i>Associações Pássaros</i>		
Pássaros Brancos		Papagaios
Wuranchinga	(jovens: 10-16 anos)	Wurankura
Wuranchingió	(homens maduros: 16-35 anos)	Ananchá
Wuranchingó	(homens mais velhos: 35-55 anos)	Tanawe

Fonte: Wagley (1988, p. 117)

Já a tabela abaixo foi produzida por mim a partir de como vejo a organização do povo *Apyãwa* dentro da *Takãra*, conforme o que os anciões nos contam em relação a *Takãra* e através da tabela do antropólogo Charles Wagley que esteve na aldeia dos *Apyãwa*. Também produzi a tabela para fazer observações dos grupos *Wyraxiga* e *Araxã*, que tem seus subgrupos, e para colocar as correções da escrita na língua *Apyãwa*.

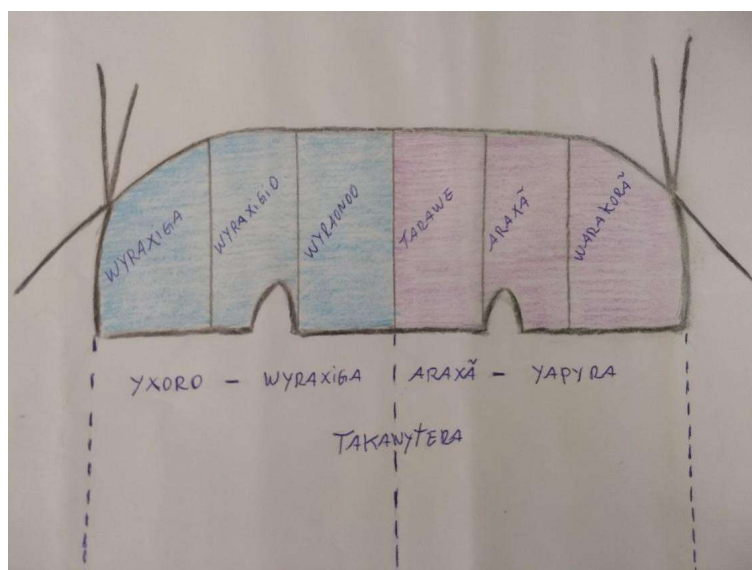
Tabela 4 - Organização do povo Apyãwa na Takãra com correções na língua Apyãwa

Grupo de Pássaros Brancos	Faixa Etária	Grupo de Papagaio
Wyraxiga	Grupo maior de dois pássaros	Araxã
Wyraxiga Subgrupo	Jovens: 10 – 16 anos	Warakorã Subgrupo
Wyraxigio Subgrupo	Homens maduros: 16-35 anos	Araxã Subgrupo
Wyraxigoo (Wyraonoo) Subgrupo	Homens mais velhos: 35- 55	Tarawe Subgrupo

Fonte: Tabela do autor, 2024.

Na Takãra os subgrupos ficam espacialmente organizados. Segundo Gilson Tapirapé (2020, p.92), “não há uma divisão física desse espaço, no interior da *Takãra*, mas os *Wyrã* sabem qual é o espaço destinado a cada grupo e subgrupo”. Ele apresenta o desenho das subdivisões dentro da Takãra:

Imagem 7 - Subdivisões dentro da Takãra



Fonte: Ipaxi'awyga Tapirapé, 2020, p.92.

Como se pode observar, a extremidade de cada metade da *Takãra* é reservada aos mais jovens, para os *awa'yaweri* ou *xyre'i'i*/os rapazinhos, no dizer dos *Apyãwa*, aqueles que ainda não se casaram. A parte intermediária de cada metade da *Takãra* é lugar dos *atyma'ekwera*/homens maduros ou aqueles que já se casaram e possuem filhos. E, por último, o centro da *Takãra* é o lugar dos *marykweri*/anciãos ou idosos, aqueles que têm netos ou bisnetos. Desse modo, existem seis subdivisões dentro da *Takãra*, sendo três para cada uma das metades cerimoniais. No entanto, as pessoas circulam livremente no interior da *Takãra*, mantendo essa separação, de forma mais evidente, na hora dos rituais. (Ipaxi'awyga Tapirapé, 2020, p.92)

O povo Apyãwa, de acordo com os anciões(as), diz que sempre teve aldeias redondas e as casas parecidas com a *Takãra*. Com a dinamicidade da cultura Apyãwa e com o contato com *maira*, o homem branco, passamos a construir as casas e as aldeias no formato quadrado e retangular, e a *Takãra* no meio delas.

Segundo Severino-Filho:

A *Takãra*, localizada no centro do pátio da aldeia, é a “casa do porcão”. Sua construção foi ensinada ao povo Apyãwa pelos seus antigos pajés. De acordo com Wario (Xywaeri José Pio), em uma de suas viagens pelo mundo espiritual, o pajé se encontrou com o espírito do porcão que o ensinou como construí-la, como também

suas divisões e as regras de sua utilização pelos homens em diferentes fases da vida (2010, p. 21).

Como mencionei, Takãra é um ambiente do povo Apyãwa que somente os homens podem entrar. Também os rapazinhos, com faixa etária a partir de 10 anos, segundo os sábios Apyãwa, que chamamos de *Xyre'i'i*, podem entrar na Takãra. O povo Apyãwa considera que já alcançaram a fase adulta e que esses meninos podem passar pela iniciação da primeira fase do menino para fase adulta.

Os dois grandes grupos se dividem também nos trabalhos dentro da Takãra pelas regras de cada grupo e subgrupo. Pela exigência da cultura Apyãwa, existe atividades e competição entre os grupos para a construção da Takãra, quem terminar a construção primeiro é o grupo vencedor do ano. Assim, disputam os grupos adversários *Wyraxiga* e *Araxã*, quem terminar a construção primeiro é ganhador da competição na construção da Takãra. O grupo de *Wyraxiga* sempre constrói a parte sul da Takãra, e *Araxã* se ocupam em trabalhar e terminar a parte norte.

Somente os homens podem construir a Takãra, de acordo com a nossa cultura. As mulheres participam fazendo a comida para seus maridos e ficam olhando os homens trabalharem na construção da Takãra. Para construir uma Takãra os dois grandes grupos se dividem, *Wyraxiga* e *Araxã* são a organização do nosso povo Apyãwa dentro e fora da Takãra.

Desde sempre a Takãra é feita no centro das aldeias do povo Apyãwa. Ainda é feita a cada ano, é uma forma de preservar o modo de construção da Takãra aprendido pelos nossos antepassados. Como conta João Severino-Filho:

*A Takãra, casa cerimonial dos Apyãwa, ainda hoje é construída seguindo toda a técnica e utilizando os mesmos materiais que seus antepassados utilizavam. Isso faz com que sua construção represente um dos rituais mais importantes na revitalização e valorização de aspectos da cultura Apyãwa. Todo o trabalho é planejado e realizado coletivamente pelos homens, divididos em grupos *wyrã*. Cada grupo faz seu planejamento, coleta material e constrói a parte da *Takãra* que seus membros ocupam. (Severino-Filho, 2010, p.66)*

Imagem 8 - Equipes em busca de madeira para a construção da Takãra



Fonte: Severino-Filho, 2010, pag.67

Imagem 9 - Retorno das equipes com material para a construção da Takãra



Fonte: Severino-Filho, 2010, p.67

Imagem 10 - Transporte da madeira para a construção da Takãra.



Fonte: Severino-Filho, 2010, p.68

As fotos acima mostram a importância das matérias para a construção da Takãra e também o trabalho realizado pelos homens. Cada *wyrã* trabalha na sua metade para a construção da *Takãra*.

O trabalho articulado pelos homens dos dois grupos faz com que não percebamos a divisão *wyrã* quando estão em campo coletando o material da construção. Apenas no local da construção há a divisão e cada grupo trabalha na sua metade, construindo uma única *Takãra*. Necessariamente eles têm que planejar juntos cada etapa da construção. (Severino-Filho, 2010, p.67)

Imagem 11 - Fim do dia. Planejamento e avaliação das atividades de construção.



Fonte: Severino-Filho, 2010, p.68

Imagem 12 - Imagens da Cobertura da Takãra



Fonte: Severino-Filho, 2010, p.68

A Takãra é um espaço cerimonial e epistemológico do nosso povo Apyãwa, também é conhecido como “a casa dos homens”. Lugar em que são tomadas várias decisões sobre as demandas das comunidades, tanto de dia quanto a noite. Também é o local onde a pessoa que sabe a cerimônia de nomeação faz a anúncio de nome de uma pessoa ou de várias pessoas, se tiverem mais de uma, para que todos possam ouvir a cerimônia. A cerimônia de nomeação é realizada somente a noite, normalmente ao anoitecer e somente o homem pode realizar.

A pessoa que sabe a cerimônia de nomeação é avisada com antecedência para que possa se preparar ao anoitecer. Quando o menino passa pela primeira fase da vida como *Xyre'i'i*, o cerimonialista vai no pátio da Takãra, anunciando que vai mudar o nome do menino *Xyre'i'i*, para vestir a roupa dos homens adultos. Ele deixa de ser criança após essa fase. O pai e a mãe não podem mais bater nele e nem ninguém, assim ele também não pode mais bater em ninguém e tem que ser respeitado. Ele também tem que saber respeitar o próximo, não pode negar as coisas para as pessoas, sovinar, também não pode mais ter preguiça, não pode mais chorar.

Quando acontece a cerimônia de nomeação, as pessoas saem de suas casas e ficam ouvindo caladinhas no pátio da casa, prestando atenção em quem está mudando de nome para que, a partir daí, sejam chamadas pelos novos nomes. O cerimonialista também faz a nomeação das moças que passam pela primeira menstruação e que passam também, igual aos meninos, para fase adulta. Tem a mesma regra, tem que saber respeitar e ser respeitada. Os Apyãwa mudam de nome novamente quando o filho vira rapaz ou a filha vira moça. Neste momento novamente mudam de nome. A mãe também pode mudar de nome, assim como os avós, tios, tias têm a oportunidade de receber nomes novos.

Na minha perspectiva, a Takãra é um espaço cerimonial e epistemológico do nosso povo Apyãwa porque, de acordo com o que os sábios Apyãwa contam e conforme eu tenho estudado sobre o que os dois antropólogos que estiveram na nossa aldeia, Charles Wagley e Herbert Baldus escreveram, nesse espaço circulam os grandes conhecedores do nosso território, cultura, os mestres e doutores, nossos historiadores, cantores tradicionais, especialistas de várias disciplinas que se somam para dar as aulas na prática e na teoria para as novas gerações, especificamente para os homens, na Takãra e no pátio da Takãra, e assim se tornarem especialistas em várias áreas de conhecimentos. Assim sempre foram repassados os conhecimentos de geração para geração. Até hoje estamos conseguindo estabelecer e fortalecer a nossa cultura com muita resistência. E por enquanto a nossa língua também continua firme e forte.

(...) as aprendizagens dos rapazes são sempre realizadas nessa casa, a Takãra. É nela que os mais velhos os ensinavam e ensinam a fazer vários tipos de trabalhos que os homens fazem, tais como: arcos, flechas, pintura corporal, artes ou até mesmo ouvir as histórias antigas Apyãwa. (da Silva, 2019, pag.54)

Na cosmologia do povo Apyãwa, a Takãra é um lugar dos espíritos e também um espaço de educação, onde são repassadas as histórias, as músicas, os aconselhamentos, os modos de produção de artefatos, as pinturas tradicionais, entre outros saberes; onde também os pajés mantem a ligação com espíritos, *Xanerowa*, que significa deus na língua dos *maira*. Como mencionei, a Takãra sempre teve suas regras de construção no centro das aldeias, conforme os pajés e os conhecedores da nossa cultura Apyãwa, *maragetã kwaapãra gy* relataram.

As portas da Takãra são sempre feitas na direção leste e oeste: duas portas para o leste e mais duas portas para o oeste; duas portas de cada lado para cada grupo *Wyraxiga* e *Araxã*, porque esses grupos dividem a Takãra no meio para construí-la e para se organizarem dentro dela. As regras estabelecidas são de grupo, *Wyraxiga* entra por suas portas e, assim também, o grupo *Araxã* entra por suas portas, conforme as regras da organização social do povo Apyãwa.

Imagem 13 - O ritual de Ka'iawaxigi



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Na direção em que o sol nasce são realizados vários rituais. Como início de tudo, há a anúncio da festa tradicional do povo Apyãwa, onde os homens junto com os caciques e outras lideranças cerimoniais se reúnem para discutir e tomar providências importantíssimas em prol da comunidade.

A Takãra é sempre feita na vertical, duas pontas para norte que é dos *Araxã* e duas pontas para sul que é dos *Wyraxiga*. Depois, duas portas são feitas na direção leste e mais duas portas na direção oeste. Mas sempre os rituais são realizados no pátio da Takãra, na direção leste, porque os conhecedores dizem que desde sempre viram os vários rituais assim, e dizem que nunca viam fazer uma cerimônia na parte de trás da Takãra, na direção oeste. Então, por isso só se realiza os rituais no pátio da Takãra na direção leste.

Por esse motivo os anciões têm o papel de acompanhar os jovens sobre como devem fazer a Takãra e as cerimônias que se realizam na sequência durante a festa do ano. Assim, estes jovens são guiados pelos mais velhos, cacique, pajés e lideranças das cerimônias nos dias da construção dessa casa sagrada, como nossos antepassados faziam. Os jovens aprendem na prática, os mais velhos só vão explicando aos jovens como podem fazer a casa cerimonial do povo Apyãwa.

Quando o povo Apyãwa decide fazer a festa tradicional, ela dura um ano inteiro. O começo de tudo é a anúncio da festa tradicional. O cacique reúne a população no centro da aldeia para que todos estejam cientes da festa, que é do povo Apyãwa, e que irá começar. Aconselham que a festa não é de uma pessoa, é do povo Apyãwa e é a cultura do povo Apyãwa, para que todos participem. Neste momento também são convidadas as outras aldeias do povo Apyãwa.

A partir do momento em que o cacique anuncia as festas tradicionais para a sociedade Apyãwa, ela não pode mais parar, a não ser com o falecimento de uma pessoa da comunidade. O período de luto do nosso povo Apyãwa varia. Quando morre uma criança, dura cinco meses; quando morre um(a) adolescente, 10 meses; quando falece um(a) ancião(ã), o luto dura um ano. Hoje essas regras do luto estão mudando, essas informações estão de acordo com os sábios Apyãwa e foram repassadas nas conversas.

Quando ocorre uma morte, apenas após a liberação do luto que o conhecedor daquela cerimônia irá anunciar a festa no pátio da Takãra, para que todos estejam alegres novamente, para que todos estejam normalizados outra vez, como era antes. Só depois disso que podemos retomar as festas tradicionais, que como contei, não podem ser realizadas na época do luto. Depois da liberação do luto, realizamos as festas que ainda dá tempo de realizar. Assim são realizadas as festas tradicionais desde sempre, as vezes eram pausadas até a liberação do luto para estarem em alegria novamente.

As vezes todos rituais aconteciam ao longo do ano, mas muitas vezes foram, infelizmente, interrompidos. Quando uma pessoa morria, de acordo com a nossa cultura e costumes, a festa parava no período de luto, tempo que dependia se a pessoa era adulta, adolescente ou criança. Nesse momento, a pessoa que está pintada tem todo direito de ir ao local do velório e no sepultamento, porque o jenipapo não sai com água, leva uma semana ou mais para sair da pele. Na nossa cultura, quando alguém morre, uma pessoa não pode se pintar. Isso quer dizer que a pessoa que se pintou está muito alegre pela morte do outro. Então, ela fica marcada e, quando ocorre uma morte em sua família, não poderá reagir quando as pessoas ofendidas se vingarem dele ou dela.

Temos algumas cerimônias em que, no momento de uma morte, não podem ser interrompidas, devem ser finalizadas, para depois, as demais festas tradicionais que seriam realizadas na sequência serem canceladas. Conforme explicam os pajés Apyãwa e os conhecedores da nossa cultura, os sábios *maragetã kwaapãra gy*, isso acontece para

que a pessoa que está dentro de um ritual e os espíritos das cerimônias não façam mal ao seu dono, para a população Apyãwa ou até mesmo para a pessoa que realiza essa cerimonia.

A festa tradicional do povo Apyãwa começa em janeiro e acaba só no final do ano e, assim, vai se repetindo todos os anos. O começo da festa tradicional do povo Apyãwa é (01) a construção da Takãra, casa cerimonial do povo Apyãwa; depois temos (02) Xepaanogawa, (03) Xyre'i'i, (04) O'ywa kwajtãwa, (05) Takãra mamieãwa, (06) Awara'i, (07) Iraxao, (08) Xepaanogawa, (09) Karaxao'ywera, (10) Xaapiãwa, (11) Ka'õ, (12) Marakãjya, (13) Marakaxawaja, (14) Marakãõ, (15) Ataãkera, (16) Tawã, (17) Ka'io, (18) Xakakoja, (19) Myto, (20) Xanoo, (21) Wyrawyrã y'oãwa, (22) Xiwexiwe, (23) Marakãjya Haãwa, (24) Kawiypyparakãwa, (25) Tataopãwa e (26) Axywewoja.

As cerimônias que não se realizam mais na festa tradicional do povo Apyãwa são: (01) Xapyykawa, (02) Myykipyra, (03) Irewee Axyga, (04) Takãra ka'ã Mapypoãwa, (05) Kawio, (06) Xajawõna, (07) Moro, (08) Ipiryjaxyga, (09) Tato, (10) Maxowã, de acordo com a fala da senhora Koxaoni Tapirapé, com 64 anos de idade, moradora da Aldeia Anywootãwa

Abaixo organizei um conjunto de fotos dos nossos rituais que expressam as pinturas, ornamentos, a beleza das práticas culturais do povo Apyãwa.

Imagem 14 – Xyre'i'i,



Fonte: Arquivo pessoal, 2023. Foto dos Comunicadores Apyãwa, compartilhada por Magno Iakymytywya Tapirapé

Imagem 15 – Meu filho Jhonatan Xawanami Apyãwa na festa do Iraxao, aldeia Tapi'itãwa



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Imagem 16 - Aos pares, homens dançam na abertura da cerimônia de *Xaapiãwa*



Fonte: Severino-Filho, 2010, p. 73

Imagem 17 - Karaxao'ywera



Fonte: Severino-Filho, 2010, p. 50

Imagem 18 Takawytera e o ritual de O'yमारकã



Fonte: Ipaxi'Awyga Tapirapé, 2024, p.102

Imagem 19 – Eu, Samuel Oparaxowa Tapirapé, na festa do Marakayja



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Imagem 20 - Ritual de Marakao



Fonte: Ipaxi'Awyga Tapirapé, 2024, p. 130

Imagem 21 – Tawã



Fonte: Arquivo pessoal, 2023. Foto dos Comunicadores Apyãwa, compartilhada por Magno Iakymywyga Tapirapé

Imagem 22 - Xakakõja percorrendo a aldeia em busca dos que deixaram o ritual



Fonte: Severino-Filho, 2010, p.63

Imagem 23 - Espírito do Mytõ tratando as crianças da aldeia



Fonte: Severino-Filho, 2010, p.53

Imagem 24 - Moças Apyãwa tentando capturar Xanoo



Fonte: Severino-Filho, 2010, p.57.

Imagem 25 - Minha sobrinha Ypiwi Tália Tapirapé, na aldeia Tapi'itãwa, com espírito Xanoo, dando água para eles beberem depois da cerimonia



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Imagem 26 - Espírito Axywewoja acompanhado pelas mulheres



Fonte: Severino-Filho, 2010, p. 63.

Imagem 27 - Ritual Axywewoja retratado na década de 1940



Fonte: Wagley (1988, p. 256) apud Severino-Filho, 2010, p. 64.

Imagem 28 - Moças Apyãwa no Ritual Kawio



Fonte: Severino-Filho, 2010, p. 60

CAPÍTULO 2 – TERRITÓRIO TRADICIONAL DO POVO APYÃWA

Neste capítulo escrevo sobre as Terras Indígenas demarcadas para o povo Apyãwa, conto um pouco da história dos dois territórios demarcados, e sobre os lugares que o povo Apyãwa vinham denominando antes dos *maira* chegarem na região de Yrywo'ywãwa (Urubu Branco). Também mostro as dificuldades que os Apyãwa enfrentam, que nos afetam nos dias atuais, pela ganância dos *maira* (branco).

O povo Tapirapé se autodenomina Apyãwa, do grupo Tupi, é falante de língua do tronco tupi que pertence à família linguística tupi-guarani. Estamos localizados no extremo norte do estado de Mato Grosso, em duas áreas demarcadas, homologadas e registradas: a Terra Indígena (TI) Tapirapé/Karajá, homologada no dia 24 de março de 1983 e a Terra Indígena (TI) Urubu Branco, homologada no dia 08 de setembro de 1998.

Hoje a população do povo Apyãwa atinge 1.048 indivíduos entre adultos e crianças na Terra Indígena Urubu Branco. Na Terra Indígena Tapirapé/Karajá, onde residem dois povos, Tapirapé e Karajá, a população é de 668 pessoas, entre adultos e crianças.

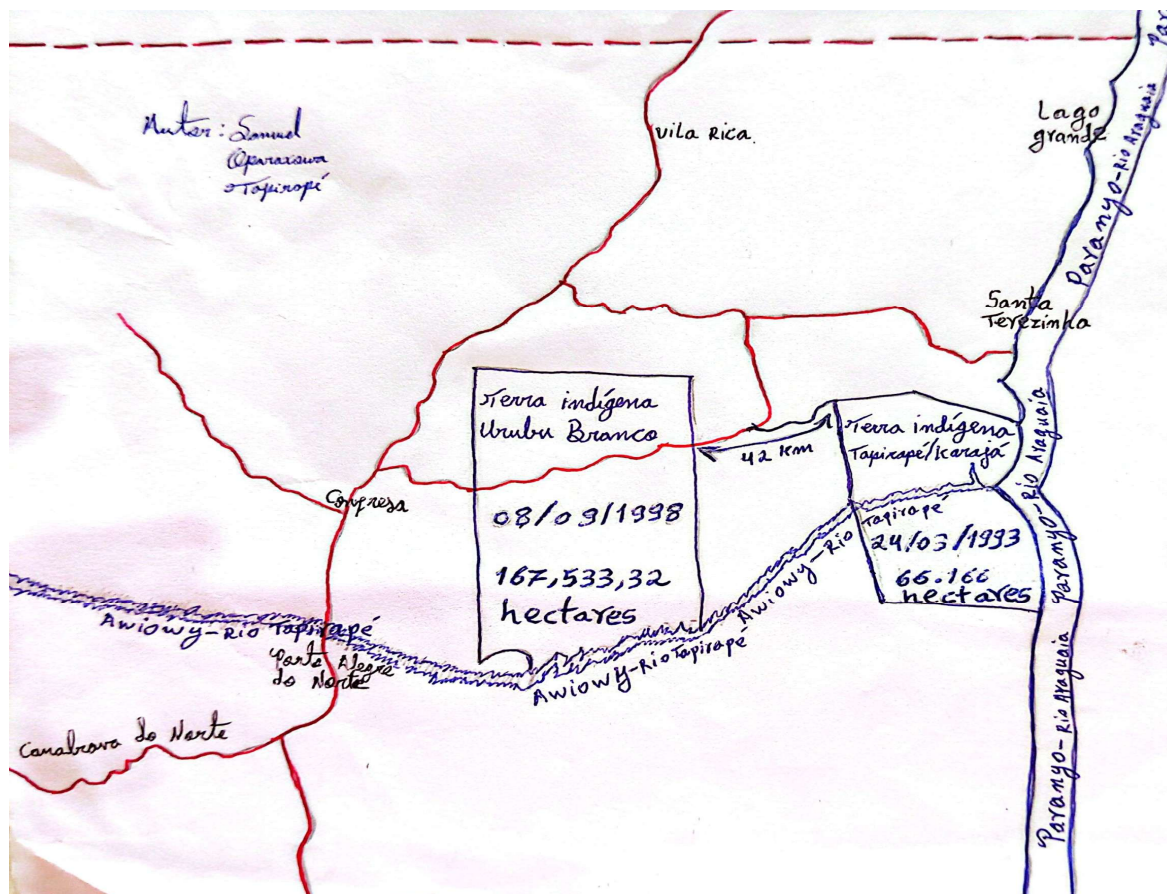
Imagem 29- Mapa das duas Terras Indígenas demarcadas para os Apyãwa/Tapirapé



Fonte: Maurício Waraxowoo'i Tapirapé, 2024.

As duas áreas demarcadas para os Apyãwa ficam à 42km uma da outra, da divisa da TI Urubu Branco até a divisa da TI Tapirapé/Karajá, onde se encontra a estrada que vai para nova aldeia dos Apyãwa, Xexotãwa, aberta no ano de 2020.

Imagem 30 – Distância entre TI Urubu Branco e TI Tapirapé/Karajá



Fonte: Desenho do autor, 2025.

O contato com os *maira*

O Laudo Histórico-Antropológico, escrito pela Dra. Edir Pina de Barros, em 2007, resultado de uma perícia histórico-antropológica realizada no cumprimento de um mandado judicial, mostra que, mesmo com a demarcação, seguimos tendo direitos questionados. As terras em litígio no processo “incidem sobre a Terra Indígena Urubu Branco – identificada, demarcada e homologada pelo Presidente da República através de Decreto s/n, datado de 8 de setembro de 1998” (Barros, 2027, p.02). O laudo também conta da demarcação das TIs:

A partir da década de 1970 eles [povo Apyãwa] passam a lutar pelo direito a terra, conseguindo, às duras penas, a regularização da Terra Indígena Tapirapé/Karajá, com 66.166 hectares, homologada em 1983 e que conta com indivíduos membros das etnias Tapirapé e Karajá. Na década de 1990 **reconquistaram parte** de sua terra tradicional, situada entre o rio Tapirapé e a divisa de Mato Grosso com o Pará, tendo por eixo fundamental a Serra do Urubu Branco e o rio Gameleira. Trata-se da Terra Indígena Urubu Branco – onde outrora se situava a maior e melhor documentada de suas aldeias, *Tapi'itãwa* - hoje habitada pela maioria deles. As duas Terras Indígenas distam entre si cerca de 80 quilômetros lineares. (Barros, 2007, p.01, grifo meu)

A primeira área demarcada para o povo Apyãwa, a TI Tapirapé/Karajá, se localiza na margem esquerda do rio Paranyo, como é denominado pelos Apyãwa, que passou a ser chamado, depois, de rio Araguaia pelos *maira* (brancos). No local desemboca o rio Awiowy, na língua apyãwa, que os ancestrais apyãwa denominaram antes dos *maira* chegarem nesta região, nos territórios apyãwa. Após o contato há a limitação do Apyãwa Ywy (Território do povo Apyãwa), que tem efeitos nos dias atuais. Os *maira*, nos dias atuais, proibem a entrada em espaços em que nossos antepassados perambulavam antes dos contatos com os *maira*.

O rio Awiowy foi chamado, depois, pelos *maira* de rio Tapirapé, quando os colonizadores fizeram o primeiro contato com os ancestrais apyãwa nesta região, ao lado esquerdo do rio Paranyo (rio Araguaia) e rio Awiowy (rio Tapirapé), como contou o senhor Xywaeri José Pio Tapirapé, com 76 anos de idade, morador da aldeia Tapi'itãwa, ex-cacique da aldeia Majtyritãwa, ex-cacique da aldeia Tapi'itãwa, líder cerimonial, conhecedor da cultura Apyãwa, das histórias e dos territórios Apyãwa.

O antropólogo Herbet Baldus esteve com os Apyãwa entre 1935 e 1947. No livro “Tapirapé: Tribo tupí do Brasil Central”, publicado em 1970, mostra a importância do rio Awiowy, que os *maira* chamaram de rio Tapirapé quando chegaram nos territórios do povo Apyãwa:

Os índios Tapirapé chamam o rio Tapirapé *aviohy* (ou: aviuhy) o que quer dizer: água das penugens, sendo *hy* a água. Apreciam muito, para adornar-se, as penugens do jabiru, Pato e Urubu e as encontram, principalmente, naquele rio. (Baldus, 1970, p.18)

Baldus também escreveu:

O rio Tapirapé é o rio dos índios Tapirapé. Eles são conhecidos como sendo os habitantes dessa bacia fluvial. Já mencionei que a palavra Tapirapé significa, em tupí, "caminho de anta". Disse também que o rio dêsse nome se distingue do Araguaia pela abundância de tais caminhos trilhados nas suas margens pelo grande mamífero. Pode ser, por isso, que viajantes brancos deram o nome Tapirapé para caracterizar a citada particularidade e que ele se estendeu, depois, à tribo conhecida como habitante da região. Mas há um mapa da zona em questão, registrado sob número 220 na mapoteca do Itamarati, Ministério das Relações Exteriores do Brasil, que deve ser do fim do século XVIII, conforme me declarou o Dr. Afonso de E. Taunay, uma das maiores autoridades a respeito. Aí encontramos palavra Tapirapé só como designação dêsses índios e não de um rio, sendo anônimo aquêle perto do qual estão assentadas as aldeias da tribo tupí e que corre ao longo do nono grau de latitude sul (ef. mapa 2). Por isso, pode ser também, que o nome Tapirapé tenha passado da tribo para o rio. Há, por fim, a possibilidade de terem a tribo e o rio recebido o mesmo nome independentemente um do outro, pois ignoramos se o rio teve ou não êsse nome antes de a tribo morar nos seus arredores ou se esta assim se chamava antes de lá chegar. (Baldus, 1970, p. 20, grifo meu)

Em 1911 ocorreram os primeiros contatos do povo Apyãwa com os *maira*. Uma expedição de alguns cearenses chefiados por Alfredo Olímpio de Oliveira foram a procura de seringais no território do povo Apyãwa, porém ficaram vivendo com nossos antepassados por algum tempo. Somente alguns grupos do povo apyãwa foram sendo ‘convencidos’ pelos *maira*, até levaram alguns membros da comunidade do povo Apyãwa para Conceição do Araguaia (Baldus, 1970; Barros, 2007).

Por fim, durante uma expedição à procura de seringais, realizada no ano de 1911, alguns cearenses Chefiados pelo seu conterrâneo Alfredo Olímpio de Oliveira, depois de terem subido o rio Tapirapé e atravessado os campos, encontraram os índios Tapirapé e conviveram com eles por algum tempo nas suas aldeias. As primeiras informações a êsse respeito me foram dadas pelo sr. coronel João Crisóstomo de Oliveira, irmão do sr. Alfredo. Quando estive, depois, em Tapi'itãwa, o índio Kamairahó tecia ainda freqüentemente elogios ao sr. Alfredo e seus companheiros. Aliás, aquela viagem dos cearenses foi descrita por Angyone Costa (221-224), que já no dia 29 de julho de 1912 publicara um artigo sobre ela na "Folha do Norte" de Belém do Pará. Além disso, no relatório da expedição dominicana de 1914, intitulado "Entre os Tapirapés" e inserto no "Mensageiro do Santo Rosario", há o seguinte trecho (316-317): "Em 1911, um grupo de caucheiros pensou que as margens do igarapé (rio Tapirapé) seriam ricas de caucho. O chefe da expedição era um

sr. Alfredo. O ponto de partida foi Conceição. As explorações duraram meses, de maio até novembro: em vez de cauchos, foram descobertas aldeias índias, as três aldeias dos Tapirapés: era a primeira vez que estes selvagens viam civilizados ou, no dizer do povo, cristãos. Quis Deus que selvagens e cristãos confraternizassem. Alfredo tornou-se amigo dos Tapirapés e trouxe em Conceição um grupo que se compunha de uma mulher já velha, de sua neta que tinha de 11 para 12 anos, e de alguns homens. Na viagem os homens fugiram. A menina foi vestida quando chegou na missão. (Baldus, 1970, p.46)

Os *maira* estavam instalados, primeiro, em Conceição do Araguaia, antes das invasões ao território tradicional do povo Apyãwa. Para nossos antepassados, os *maira* era um mundo completamente desconhecido e estranho, por isso alguns apyãwa fugiram e voltaram para sua origem e somente uma mulher e uma criança apyãwa foram com *maira* até Conceição do Araguaia, em 1911, onde foram vestidas pela primeira vez com roupas de *maira*. Os Apyãwa viviam nus naquela época nas densas florestas. Esta informação está de acordo com *maragetã kwaapãra gy* (grandes historiadores Apyãwa), como Korako, Wario, Xakareo'i, Maxaja, Xawaraxowi e Koxaoni.

Em 1939 e 1940, o antropólogo norte-americano Charles Wagley também esteve em aldeias do povo Apyãwa. Segundo Baldus, “Pouco depois, os contatos entre Tapirapé e sertanejos começaram a tornar-se cada vez mais frequentes e intensos” (Baldus, 1970, p.48). Sobre isso, Baldus escreve, em 1947, um relatório dirigido ao Serviço de Proteção ao Índio. No relatório, ele chama atenção aos processos de invasão das terras em que viviam nossos antepassados, o povo Apyãwa-Tapirapé.

(...) chama de ‘sertão bruto’ a terra ainda não bem conhecida por ele e pelos seus semelhantes, e ao estabelecer se nela, não tem escrúpulos de considerá-la sua. O etnocentrismo que o impede de compreender o fato de todo o sertão não percorrido pelo branco ter dono. E este dono, isto é, o índio, não costuma passar, em geral, os limites de seu território (...) se não pretende guerrear ou comerciar. (Baldus, 1970, p.48)

Chales Wagley, no livro “Lágrimas de boas-vindas: os índios Tapirapé do Brasil Central” (1988), mostra os efeitos do contato com *maira* (*branco*):

Desta forma, até 1939, os Tapirapé tiveram somente contatos esporádicos com brasileiros ou quaisquer outros ocidentais. Somente Kegel tinha passado um tempo apreciável numa aldeia Tapirapé. Muitos dos seus contatos com ocidentais tinham

ocorrido fora de suas comunidades nativas. Mesmo assim a depopulação continuou e, em 1939, restavam somente Tampiitawa e Chichutawa. Chichutawa era muito pequena, com cerca de 40 pessoas, e Tampiitawa contava somente 147 habitantes. Contudo, os eventuais visitantes "influenciaram" os Tapirapé mais do que imaginavam, pois continuavam a trazer doenças. Durante minha residência em Tampiitawa, em dezembro de 1939, os moradores de Chichutawa juntaram-se a nós, ficando os Tapirapé reduzidos a uma única aldeia. (Wagley, 1988, p.60)

Na apresentação do livro, Berta Ribeiro, conta que os Apyãwa foram "(...) reduzidos de 1.500 índios, em 1900, a 187, em 1939-40, época da pesquisa mais intensa [de Wagley], e a menos de 50, em 1959" (Ribeiro apud Wagley, 1988, p.03).

De acordo com *maragetã kwaapãra gy*, como Korako, Wario, Xakareo'i, Maxaja, Xawaraxowi e Koxaoni, a população dos Apyãwa era muito mais de 1.500 pessoas e foi reduzida, aos poucos, também por ataques dos próprios pajés Apyãwa, dos guerreiros dos povos Kayapó, Javaé e Karajá. Também o raizeiro Koro'i Tapirapé contribuiu para a depopulação do povo Apyãwa. Além disso, o aconteceu que Koxymene'yma, uma mulher, colocou o dedo no ritual Ipiryjaxyga. Os Apyãwa fizeram um enorme buraco para acabar com o povo Apyãwa por causa dessa mulher, que se considerava prostituta, que entrou na Takãra, a casa cerimonial do povo Apyãwa. O ritual Ipiryjaxyga cortou o dedo dela quando ela o colocou na boca do ritual do peixe piranha Ipiryjaxyga. Como mencionei, as mulheres não entram na Takãra, na cultura Apyãwa. Depois, graças ao Xakowi, periquito e mutum que os Apyãwa foram se recuperando e a população pode crescer novamente. O local do enorme buraco, segundo contam os grandes historiadores Apyãwa, fica perto da aldeia Javaé, por lá que os Apyãwa viveram por muito e muito tempo. Só depois em 1911, que os *maira* trouxeram também as suas doenças para o povo Apyãwa, as doenças desconhecidas que provocaram a redução da população do povo Apyãwa.

A história do contato do povo Apyãwa com os *maira* foi escrita por não indígenas, Baldus (1970) e Wagley (1988), também está no Relatório de Identificação e Delimitação da Área Indígena Urubu Branco, escrito por André Amaral de Toral.

Caminhando no tempo, passamos do período onde os Tapirapé ainda não tinham contato com os "brancos", representado pelo isolamento e ataques caiapó, para o período onde passaram a ter um "contato indireto", através dos Karajá que atuavam como repassadores de objetos, informações e doenças originários da

sociedade nacional. Foram os karajá também que trouxeram os brancos ao território Tapirapé e à aldeia Tapi'itawa. Posteriormente os Tapirapé passaram a ser diretamente atingidos por representantes da sociedade envolvente: primeiro foram prospectores de látex em 1911 que visitaram Tapi'itawa; depois, em 1912, uma expedição do Serviço de Proteção aos Índios que visitou a mesma aldeia; a partir de 1914, Tapi'itawa passa a ser regularmente visitada por missionários Dominicanos vindos de Conceição do Araguaia. Seguindo o trajeto Karajá, os missionários atingiam o território Tapirapé a partir do Porto de S. Domingos, ou Tyha ou Porto Velho. Depois dos Dominicanos, as visitas tornaram-se rotina, principalmente após a década de 30: eram visitantes estrangeiros, missionários protestantes, antropólogos como Herbert Baldus e Charles Wagley etc. (Toral, 1994, p.67)

Edir Pina de Barros também escreveu sobre os missionários no Laudo Histórico - Antropológico:

Os Missionários Dominicanos, presentes no Araguaia a serviço da diocese de Goiás, desde os fins do século XIX, eram responsáveis pela região desde 1911, com a fundação da Prelazia da Santíssima Conceição do Araguaia, da qual se desmembrou a Prelazia de São Félix, em 1971. Nessa prelazia passou a atuar dom Pedro Casaldáliga desde então. No ano de 1914, Missionários Dominicanos franceses que residiam em Conceição do Araguaia estiveram em Tapi'itawa e, posteriormente, trinta anos mais tarde, na estação da seca, a cada um ou dois anos empreendiam uma viagem até o ponto chamado São Domingos, onde construíram um grande galpão que lhes servia como local de acampamento. Sinalizavam a sua presença com fogo e os Tapirapé vinham visitá-los durante um ou mais dias, ocasião em que recebiam bens manufaturados: roupas, tesouras, facões, enxadas, sal, etc. Assim essa aldeia tornou-se fonte de comércio para as outras aldeias existentes. *Por anos a fio foi a única aldeia através da qual os Tapirapé mantiveram contatos esporádicos com o mundo exterior.* (Barros, 2007, p. 57, grifo da autora)

Os *maira* viram os Apyãwa ocupando seus territórios, que os Apyãwa denominam de Apyãwa Ywy, que vai do rio Awiowy até a atual Conceição do Araguaia, onde os Apyãwa vieram se refugiando dos *maira* para não serem massacrados, escravizados e contaminados por doenças desconhecidas que eles traziam, isso graças a condução dos pajés Apyãwa. Os pajés Apyãwa faziam o bem e o mal, infelizmente. Os pajés Apyãwa já previam e conheciam os *maira*, sabiam dos problemas que enfrentaríamos nos dias atuais, por isso os Apyãwa não quiseram fazer contato com os *maira*. A trajetória

Apyãwa, que descrevo no capítulo 4, explica tudo, os porquês de os Apyãwa atravessarem o Paranyxigoo, como os Apyãwa denominaram o mar. Para que não fossem massacrados, escravizados e contaminados pelas doenças dos *maira*, como diz *Maragetã kwaapãra gy* (grandes historiadores Apyãwa), durante as conversas para esta pesquisa.

Os Apyãwa adentraram para o centro do país que hoje chamamos de Brasil, até chegar no atual habitat, mas os pajés Apyãwa sabiam que, mesmo assim, os *maira* chegariam até nós. Essa informação também foi passada pelos sábios Apyãwa, que os pajés também já previam que o atual território Apyãwa tinha muita fartura de peixes, animais, frutas e as matérias-primas que utilizamos no dia-a-dia nas festas tradicionais, na construção das casas que atenderiam as necessidades do povo Apyãwa, para que vivêssemos nestes territórios praticando a cultura apyãwa.

Mesmo sendo atacados pelos guerreiros Kayapó e, as vezes, pelos Javaé e Karajá, os Apyãwa escolheram permanecer nestes territórios, porque havia quase tudo neles que atenderia a nossa cultura Apyãwa, mas em diferentes locais. Especialmente, existia também *Akamaxywa* (taquari de fazer flecha), um material, o bem mais valioso, importantíssimo para o povo Apyãwa, na minha análise, entre tudo o que existe no território Apyãwa e para o povo Apyãwa.

Como outros exemplos: local de fazer *xy* (machado de pedra); local de fazer *temekwãra* (tembetá), uma pedra cristal que o rapaz usa nos lábios na festa do rapaz; local de fazer *moo'ywa*, que serve para fazer *o'ywa e'yma* (cabo da ponta da flecha); *ywyrã* (borduna); *xeminakãwa* (marido de pilão), por ela ser pesada e dificilmente ser quebrada; local de fazer *ywyrapãra* (arco), que se faz com dois materiais, *tata'ywi (pati)* e *yrywa*; local de fazer *xaj'oma* (argila), para a fabricar panela ou pote, para colocar comida, e pote para guardar água, farinha, sementes, entre outros; e os locais específicos de madeira para a construção das casas e para a construção da casa cerimonial do povo Apyãwa, a Takãra, as cordas naturais e palhas para cobrir as casas e a Takãra.

Tudo isso que tiravam e encontravam nesses territórios, Apyãwa Ywy. Por isso, muitas vezes, passavam por conflitos com esses três povos guerreiros, Kayapó, Javaé e Karajá, antes do contato com *maira*, nos territórios Apyãwa. Só depois de muito tempo, em 1911, que os *maira* começaram a invadir os territórios do povo Apyãwa.

Conforme as falas dos sábios Apyãwa, o *paxe* (pajé) do povo Apyãwa via o buraco de *Ipirakwãri*, buraco de peixinho que vinha de Belém do Pará, porque os Apyãwa

moraram primeiro em Belém do Pará. Os Apyãwa denominaram a região de Belém de *Perero*, na língua Apyãwa. Perguntei aos meus entrevistados o significado dessa palavra, mas no momento não conseguiram se lembrar. O *paxe* viu o buraco de peixinho e o buraco de peixes maiores com sua “visão cosmológica”, *Ipirakwãri* (buraco de peixinho), *Ipirakwãroo* (buraco de peixes maiores) e Awiowy (rio Tapirapé), e por isso estavam trazendo o seu povo para esta região de Yrywo’ywãwa e Awiowy.

Maragetã Kwaapãra gy, que significa grandes historiadores, mestre e doutores considerados pelos Apyãwa, como: Korako Tapirapé, Wario Tapirapé Xawaraxowi Tapirapé, Koxaoni Tapirapé, Xakareo’i Tapirapé, Maxaja Tapirapé e Awaetekato’i José Miguel Tapirapé, são pessoas consideradas conhecedoras da nossa cultura, histórias, tradições e dos territórios Apyãwa. Durante a pesquisa e as entrevistas, repassaram para mim os nomes, os lugares sagrados dos Apyãwa na língua materna, fazendo um mapeamento dos territórios Apyãwa (Apyãwa Ywy). Como eles(as) mesmo afirmam, sempre será Apyãwa Ywy, os territórios do povo Apyãwa. Estão dentro da terra demarcada para os Apyãwa – TI Tapirapé/Karajá e TI Urubu Branco – e também fora da terra demarcada, que os Apyãwa consideram sempre Apyãwa Ywy, que significa Território Apyãwa, mesmo que tenham sido tomados pelos estados, municípios e fazendas. Antes não existia a presença de *maira*, de acordo com a pesquisa realizada dentro do povo Apyãwa.

Os nomes das aldeias antigas dos Apyãwa, que também são espaços sagrados dos Apyãwa, onde nossos antepassados viviam praticando a nossa cultura, são: 1. Arapatãwa, 2. Xexotãwa, 3. Maakotãwa, 4. Tãwoo, 5. Paranytãwa, 6. Ami’aytãwa, 7. Ywaopetãwa, 8. Moo’ytãwa, 9. Xanypatãwa, 10. Ipirakwaritãwa, 11. Tapi’itãwa, 12. Xeke’atãwa, 13. Ipirakwarootãwa, 14. Yykyrytãwa, 15. Anywootãwa, 16. Xakyrywatãwa, 17. Xakarewatãwa, 18. Xoatãwa, 19. Okoytãwa, 20. Tokynookwatãwa, 21. Takarookywetãwa, 22. I’axoratãwa, 23. Taroko’atãwa, 24. Tãwoko, 25. Kanine’ytãwa, 26. Tãwrywy ou Tawryrywtãwa, 27. Awiowytãwa, 28. Yryakyotãwa, 29. Xowawi’irywtãwa, 30. Korowatãwa, 31. Tãwyteripe (neste local está a fazenda Tapirapé), 32. Mokaxatãwa, 33. Wouhãwa, 34. Yywytãwa, 35. Orokotãwa. Essas são as aldeias Apyãwa que existiram nos territórios Apyãwa antes de existirem estados, municípios e fazendas.

As aldeias atuais do povo Apyãwa que existem no território Apyãwa são: 0. Tapi'itãwa, 02. Myryxitãwa, 03. Akara'ytãwa, 04. Tapiparanytãwa, 05. Towajaatãwa, 06. Anywootãwa, 07. Wiriaotãwa, 08. Inataotãwa, 09. Xexotãwa e 10. Majtyritãwa.

Os lugares que também são considerados espaços sagrados pelo povo Apyãwa, mapeados desde muito tempo atrás pelos Apyãwa, são: 01. Axywewe Yopãwa, 02. Awiowy, 03. Orokorowaretywera, 04. Tawaenãwa, 05. Awaxikajwera, 06. Xawaxiowy, 07. Noxapyykãwa, 08. Wirião, 09. Xigypoko'i, 10. Paranyxoro, 11. Xapi'ikeãwa, 12. Maoriyopãwa, 13. Kanine'ywa, 14. Tawariri'yxoro, 15. Xyreniyopãwa, 16. Majary, 17. Tare'yrary, 18. Wyrã keãwa, 19. Myryxi'i, 20. Wyrã'yra, 21. Wyraximewa xata'yraãwa, 22. Tyxigooma'e, 23. Taxaorakãra, 24. Ewyko, 25. Xawaxieteywytyra, 26. Towajaãwa, 27. Koxaonoo Ywytyra, 28. Ipirakwari, 29. Ipirakwaroo, 30. Ipirakywera, 31. Xani'aõna, 32. Yrywo'ywãwa, 33. Ywytyxae'ae'ãra, 34. Yopanema, 35. Awaraowy, 36. Itajno'aymyna, 37. Itajno'ayãõ, 38. Ywytykato, 39. Apyãwa Xamakaxymawera, 40. Ywytyrapytepirejxe, 41. Apyãwa Ywytyra, 42. Parany, 43. Paranyrakãwa, 44. Paranyxowa, 45. Pariopãwa, 46. Majtyri Ywytyra, 47. Karaxapakwãra, 48. Irawore patãwa, 49. Atawepakwãra, 50. Yopaxowãra, 51. Yopaxigoo, 52. Paranyo, 53. Apaxigoo Ywytyra, 54. Yryakyo, 55. Majkyery. Esses foram os espaços sagrados contados pelo senhor José Antonio Xawaraxowi Tapirapé, que existem nos territórios do povo Apyãwa.

Imagem 31 - José Antonio Xawaraxowi Tapirapé conta dos lugares sagrados



Fonte: Arquivo pessoal, 2025. Fotografia de meu cunhado Djalminho Kanio Tapirapé, Aldeia Anywootãwa.

No dia da fotografia acima, o avô da minha esposa, José Antonio Xawaraxowi Tapirapé, contou dos lugares sagrados do povo Apyãwa, nos territórios Apyãwa. Na foto, no lado esquerdo, estou eu Samuel Oparaxowa Tapirapé (nome atual Xarea'yri Tapirapé), José Antonio Xawaraxowi Tapirapé e minha esposa Enyara Tapirapé.

Imagem 32 - Detalhe da marcação dos lugares sagrados do povo Apyãwa

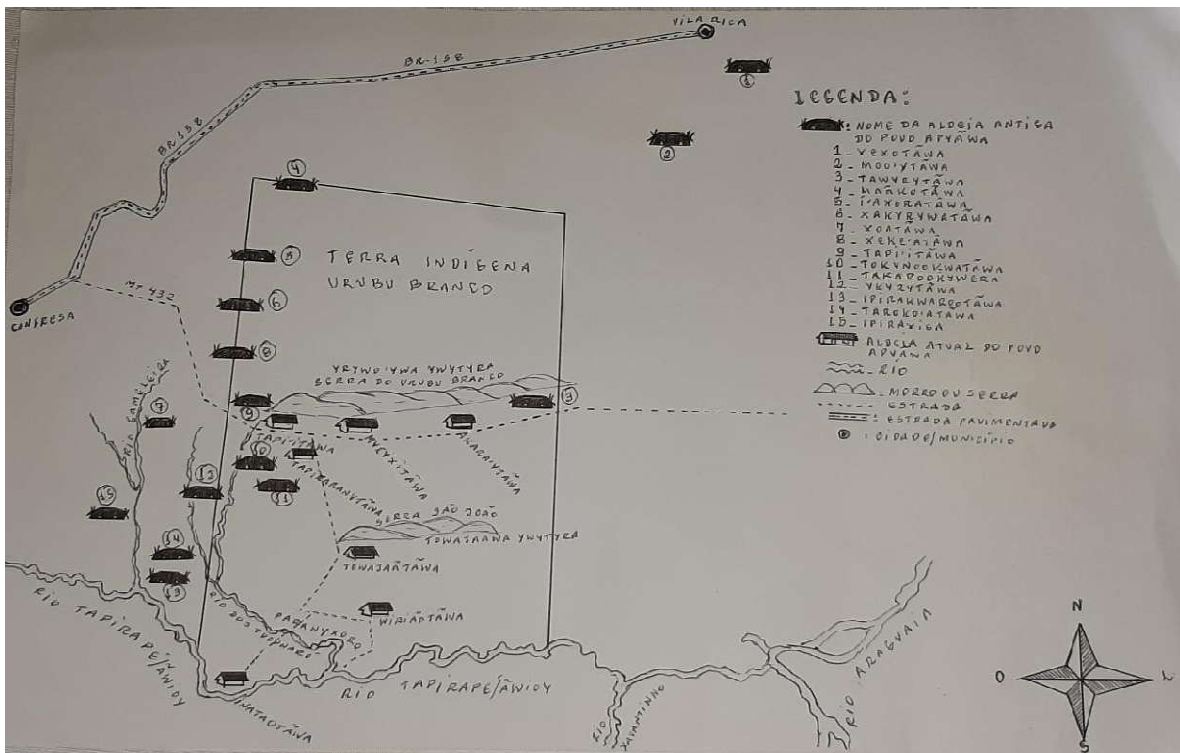


Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Esses espaços são sagrados para os Apyãwa. Os Apyãwa visitavam esses espaços com muita cautela, porque esses lugares são morada de seres invisíveis e visíveis. Na epistemologia Apyãwa, são os *donos* desses lugares, de acordo com *maragetã kwaapãragy*, grandes historiadores Apyãwa. Esses são lugares que os nossos antepassados conheciam e exploravam de acordo com a cultura Apyãwa, usufruindo sem nenhuma interrupção dos *maira*, fazendo grandes roças, caçando, pescando, colhendo frutas, tirando mel. E também fazendo suas festas tradicionais, que são realizadas todo ano, em sequência e no período certo. Sobretudo, naquela época tinham muita fartura de caças, peixes, mel de abelha e produtos da roça, para realizarem rituais específicos do povo Apyãwa, sem a interferência dos *maira*.

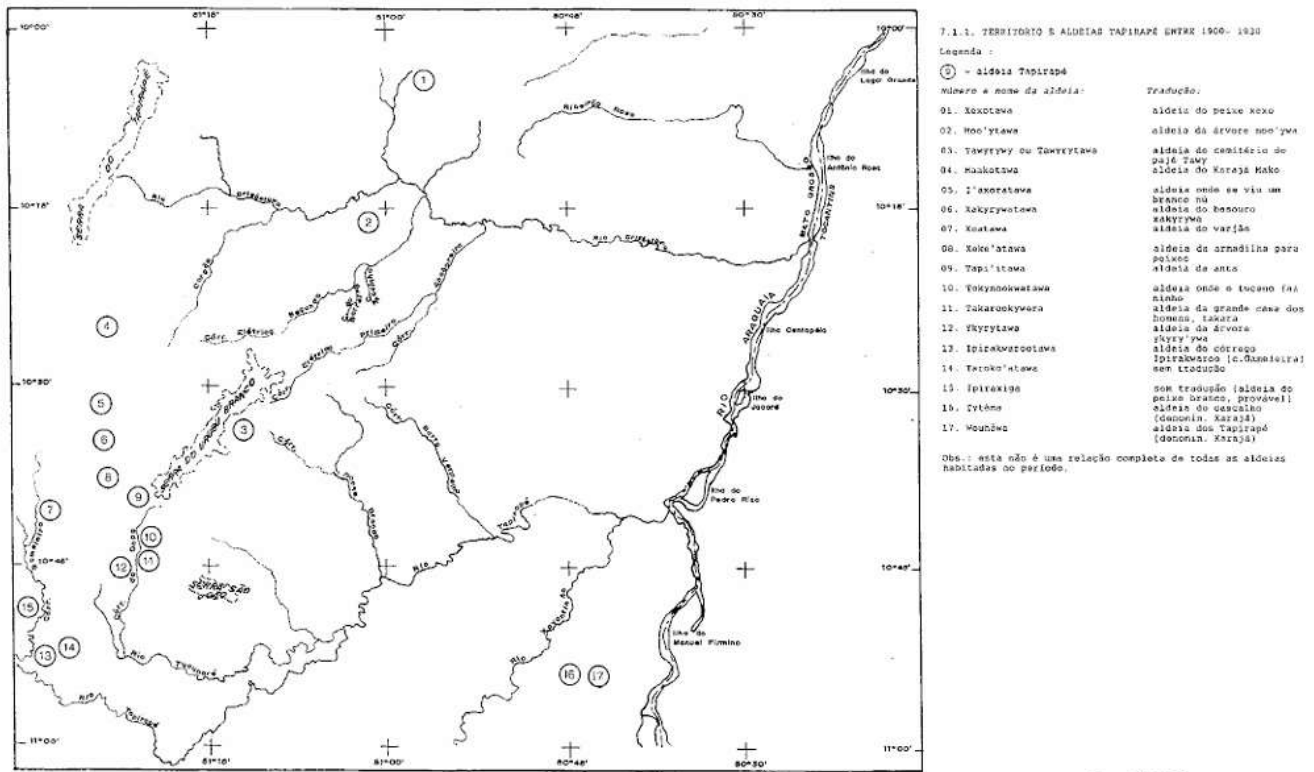
Em dissertação de mestrado, Koria Valdiane Tapirapé, apresenta o desenho de Koriware com a localização das aldeias atuais e algumas aldeias antigas do povo Apyãwa. Ele também apresenta um mapa dos territórios Apyãwa entre 1900 e 1930, presente no Relatório de Identificação e Delimitação da Área Indígena Urubu Branco (Toral, 1994):

Imagem 33 - Aldeias antigas e atuais



Fonte: Desenho de Koriware (Valdvane Tapirapé, 2020, p. 42)

Imagem 34 - Territórios Apyãwa entre 1900 – 1930



Fonte: Toral, 1994, p. 86.

Hoje o povo Apyãwa encontra muita dificuldade para realizar um ritual. Os rituais que são realizados, em sequência e no período certo, são mais de 26, e duram um ano inteiro e, assim, vão se repetindo a cada ano. Porém, nos dias atuais, estamos rodeados por fazendas e municípios. O povo Apyãwa encontra muita dificuldade para caçar, pescar e tirar mel para realizar as festas tradicionais. Até mesmo a construção da Takãra, a casa cerimonial do povo Apyãwa, está se tornando cada vez mais difícil por causa do desmatamento, de queimadas e das fazendas proibindo nossa entrada onde os nossos antepassados buscavam atender suas necessidades de subsistência, matérias-primas, frutas, os locais de caças, de peixes e também para realizarem as festas tradicionais do povo Apyãwa. Precisamos de mel de abelha para adoçar bebidas típicas do povo Apyãwa. Antes não encontrávamos essas dificuldades.

O povo Apyãwa também encontra muita dificuldade de subsistência, para sustentar suas famílias, porque as fazendas estão desmatando muito as florestas dentro da TI Urubu Branco, na parte norte da terra. Já foi aprovada a desintrusão dos *maira* pelo Ministério da Justiça que, no momento, está paralisada novamente devido o marco temporal. Os invasores *maira* estão aproveitando esse tempo da justiça e tirando muito pau-brasil na parte norte do território do povo Apyãwa, na TI Urubu Branco, matando animais, aves, frutas e peixes, remédios tradicionais que existiam nos territórios, Apyãwa Ywy.

As fazendas vizinhas usam agrotóxicos, pulverizados por aviões para que suas plantações gerem mais lucro e cresçam mais rápido. No tempo do inverno, o agrotóxico cai nos córregos, igarapés e lagos, que caem no rio AwioWy (Rio Tapirapé) e, assim, atingem a cultura e a saúde do povo Apyãwa de modo geral, matando peixes do rio, lagos, córregos e igarapés. Ao mesmo tempo, as fazendas proíbem a caça e a pesca onde nossos antepassados viviam pescando, caçando, tirando mel e coletando frutas nos territórios Apyãwa Ywy.

Hoje os *maira* estão plantando soja, milho e cana de açúcar, jogando veneno de avião, estão afetando nossa saúde, poluindo o ar que respiramos, poluindo os córregos, lagos e, até mesmo, especificamente o rio Ipirakwaroo, que nos dias atuais os *maira* chamam de rio Gameleira, que cai no rio AwioWy (rio Tapirapé). Também estão modificando os cursos de rios, córregos e igarapés com máquinas escavadeiras nos limites da TI Urubu Branco, na parte leste e oeste. Isso está afetando muito a nossa comunidade, a nossa cultura tradicional, a nossa saúde de modo mais amplo.

No dia 30 de janeiro de 2025, uma máquina de jogar veneno da fazenda Luta - antes essa fazenda se chamava Gameleira – ao atravessar a ponte de Ipirakwaroo, infelizmente, caiu da ponte no rio Ipirakwaroo. Estava carregada de veneno e matou muitos peixes. Matou até os peixes do rio Awiowy.

Imagem 35 - Elber Kamoriwa'i Tapirapé, cacique da aldeia Tapi'itãwa, presenciando a retirada da máquina do rio Ipirakwaroo - rio Gameleira



Fonte: Arquivo pessoal, janeiro de 2025.

Na foto acima, Elber Kamoriwa'i Tapirapé, cacique da aldeia Tapi'itãwa e cacique geral do povo Apyãwa, com camiseta azul, presencia esse momento trágico que atingiu muitas coisas no território Apyãwa, principalmente seres vivos que habitam na água e aqueles que bebem dessa água.

Depois desse fato ter acontecido no rio Ipirakwaroo, o cacique geral falou no grupo de Whatsapp:

Bom dia Apyãwa Wyrã, quero falar para vocês em relação os peixes que pegamos do nosso rio Awiowy para não pegar os peixes que consumimos do rio Awiowy (rio Tapiapé), por enquanto, até que se conclua a análise de material coletado pelo Ibama e que as correntezas de Ipirakwaroo e Awiowy levem todos os venenos da fazenda Luta, que estava matando arraia, pirarara, pintado. Então não é bom momento vocês estarem pescando para sua família, depois que a análise se conclua vocês podem pescar novamente para comer peixe novamente, pião, pacu, os peixes que tem no nosso rio, quem sabe mesmo assim a gente pode consumir um peixe que estará contaminado e assim faço esse atenção e alertas para todos nós. (Elber Kamoriwa'i Tapirapé, cacique geral do povo Apyãwa, janeiro de 2025. Tradução minha).

Assim disse o cacique geral do povo Apyãwa. Abaixo transcrevi a fala do cacique geral do povo Apyãwa, na língua Apyãwa:

Agato xanewe Apyãwa wyrã, axe'ematat xerexaope eramõ ipirã xere'y ropi pyykãwa re. Aoxekato py i'oe'yma ipirã, ipyyka xere'y wi, epe ramõ ika maira gy ate'oma'ta, ikwaamatãta ma'eramõ pa epewo ikãxymi ipirã Xawewyra, Anany'ã, Orowi, 'ota akawo, a'era aoxekatoete Apyãwa ramõ, iapae'yma py epe ywi ipyyka, yryete wi ipyyka, ipiãwa pako ipirapirã, epewo pa ikaxymi 'ota akawo xane'ypara, a'era aoxekato py, te'ina py ayryka ota ahawo, maira xima, aoxetee ke ekwe ipirã mõ maira xima oãra mõ xi'o ne, a'era y emanyn axe'eg we'yna xerexaope. (Elber Kamoriwa'i Tapirapé, cacique geral do povo Apyãwa, janeiro de 2025.

Imagem 36 – Prefeito de Porto Alegre do Norte/MT acompanha coleta no rio Awiowy



Fonte: Prefeitura [...], 07/02/2025.

Como os peixes estavam morrendo no rio Awiowy, o prefeito de Porto Alegre do Norte-MT, Carlos Tomazetto, juntamente com a secretária municipal de meio ambiente e turismo, Fernanda Soares, acompanhou a equipe da Secretaria de Estado do Meio Ambiente em uma ação para coleta de amostra de água do rio Awiowy. O material foi encaminhado para análise no laboratório na Secretaria de Estado de Meio Ambiente (SEMA) em Cuiabá-MT. Nesses dias o alto número de arraias e peixes mortos geraram

muita preocupação entre moradores locais. A comunidade Apyãwa ficou em estado de alerta.

Imagem 37 - Rio Ipirakwaroo (rio Gameleira)



Fonte: Arquivo pessoal. Foto de 15/05/2025.

Na foto acima, mostro o peixe morrendo no rio Ipirakwaroo, que os *maira* chamaram de rio Gameleira. Esses são os resultados, que *maira* não vê pela ganância, dos vários tipos de veneno jogados com tratores e aviões, que jogam veneno de suas asas compridas, causando essa fatalidade com o peixe que comemos no dia a dia, prejudicando a nossa saúde e também dificultando a realização dos nossos rituais que dependem de peixes, animais e produtos das roças.

Retomada da Aldeia Tapi'itãwa - Terra Indígena Urubu Branco

A TI Urubu Branco foi demarcada no dia 08 de setembro de 1998, com extensão de 167.533,32 hectares. Atualmente existem oito aldeias apyãwa nesta área, que irei apresentar no final deste capítulo. A aldeia Tapi'itãwa é considerada a aldeia central do povo Apyãwa, nos dias atuais, por ser maior e mais populosa do que outras aldeias pequenas, chamadas pelos Apyãwa de *Tãwa 'ya 'yra*, com população menor.

Em Tapi'itãwa acontecem as festas tradicionais e também reuniões maiores para decidir em prol da comunidade do povo Apyãwa. Nesta aldeia maior do povo Apyãwa também está a sede da escola, a Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. Todas as aldeias Tawa'ya'ya, tem salas anexas vinculadas a essa sede na aldeia Tapi'itãwa.

Imagem 38 - Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa



Fonte: Valdiane Tapirapé, 2019, p.31.

Nesta escola os professores fazem as pesquisas também via *on-line*, mas, a internet é de péssima qualidade, isso dificulta muito os trabalhos dos professores na medida em que querem ensinar os/as alunos/as sobre a pesquisa *on-line*, através da qual eles/as possam ser conectados na era digital. Geralmente, estes trabalhos se fazem com os estudantes do ensino médio.

Temos Projeto Político Pedagógico que garante o processo de ensino dos próprios *Apyãwa*, o calendário é de acordo com o conhecimento *Apyãwa*. Os materiais pedagógicos são construídos com os próprios professores e alunos. A matriz é toda baseada da vida *Apyãwa*. (Valdiane Tapirapé, 2019, p.31)

Koria Valdiane Tapirapé, doutorando em Antropologia Social, pesquisou a alimentação apyãwa, os resguardos e alimentos para os espíritos. Essa pesquisa

mostra como Apyãwa Ywy está ligado com a saúde, com os alimentos e as festas tradicionais. Ele também escreveu sobre a aldeia Tapi'itãwa

A forma da aldeia *Tapi'itãwa*, na atualidade, não é exatamente circular, o foco é mais para quadrado; antigamente era circular. No pátio da aldeia fica a casa cerimonial *Takãra*, espaços de conhecimentos sagrados, de saberes cosmológicas, de conhecimentos espirituais, espaço político de decisão dos homens sobre aquilo que envolve a comunidade, espaço de rituais, local onde acontece a formação do jovem para ser ritualístico, ou seja, a ser um grande líder, a casa de espíritos que temos nos rituais, espaço de formação do corpo do homem *Apyãwa*, onde a mulher não entra, uma vez que a sua regra não permite. (Valdvane Tapirapé, 2019, p.31)

A aldeia Tapi'iãwa foi fundada no ano de 1993, de acordo com a fala dos pais da minha esposa Enyara. Como mencionei, hoje ela é chamada Mareapapytyga, mas eu, como marido dela, não posso chama-la diretamente pelo nome atual. Na cultura Apyãwa o marido tem que chamar sua esposa pelo primeiro nome, essa é a regra na cultura Apyãwa. Por isso irei usar o nome da minha esposa Enyara, e não Mareapapytyga, para seguir a cultura Apyãwa também na escrita, potencializando essa cultura viva e as regras dos Apyãwa.

No momento em que estive com os pais da minha esposa Enyara, ela estava repassando nossas falas, fazendo essa intermediação para que eu pudesse realizar a minha pesquisa. Na cultura Apyãwa eu não posso falar diretamente com os pais da minha esposa, só posso falar em momentos emergenciais, se não estiver alguém perto para fazer essa mediação da nossa comunicação, com tom da fala respeitosa e mudando o som da fala. E assim também o sogro e a sogra têm que falar respeitosamente, retribuindo esse respeito com o genro ou então com a nora.

Pedi para minha esposa repassar a minha fala para meu sogro e sogra. Perguntei quantas pessoas vieram para Tapi'itãwa, quem veio primeiro, em que ano aconteceu a retomada da aldeia de Tapi'itãwa.

Meu sogro, Xaopoko'i Tapirapé, com 53 anos de idade, cacique da nossa aldeia Anywootãwa, e minha sogra, Marewipytyga Tapirapé, com 50 anos de idade, moradora da aldeia Anywootãwa, relataram sobre a primeira retomada da aldeia Tapi'itãwa, em 1993, quando o pessoal da aldeia Orokotãwa se mudou para nova aldeia dos Apyãwa,

Majtyritãwa, em 1993. Depois, duas famílias se mudaram, no mesmo ano, da aldeia Majtyritãwa para fazer a primeira retomada e reativaram a aldeia Ipirakwaritãwa, mas colocaram Tapi'itãwa como nome da aldeia. Assim disseram os pais da minha esposa, mas que, de acordo com os sábios Apyãwa, eles erraram colocando o nome da aldeia Tapi'itãwa, ao invés de ter colocado Ipirakwaritãwa, colocaram só Tapi'itãwa.

No depoimento apareceram os nomes de duas famílias que vieram primeiro: Toto'i Tapirapé, Iparewao'i Tapirapé, com sua filha Pawygoo Kayapó e, a outra família, Korira Tapirapé, Taparawoo Tapirapé e suas filhas, todas crianças ainda, Koxamyo'i Tapirapé e Ykyxo'i Tapirapé.

De acordo com a fala dos pais da minha esposa Enyara, eles enfrentaram muita dificuldade por parte de segurança, quando os fazendeiros vinham armados para tentar intimidar e expulsar essas duas famílias Apyãwa. Contaram que, muitas vezes, Toto'i Tapirapé e Korira Tapirapé se ausentavam para pescar, caçar e durante o tempo que iam para a roça. Nesses momentos, os fazendeiros aproveitavam para assustar as mulheres e as crianças.

Os fazendeiros iam na aldeia quando o Toto'i Tapirapé e Korira Tapirapé não estavam presentes. As mulheres Iparewao'i e Taparawoo pediam para suas crianças se esconderem embaixo de braquiara, estavam formando a aldeia em um lugar de pastagem para criação de gado, por isso não encontravam floresta perto para se esconderem. Faziam assim para que, se acontecesse algo de errado com as mulheres, as crianças escapassem das mãos dos *maira*. Era assim que planejavam caso acontecesse alguma coisa com elas. Elas duas enfrentavam os homens armados, mesmo com muito medo, mas tinham coragem de enfrentá-los somente com facão nas mãos e as crianças escondidas e com medo.

De acordo com o depoimento, a família que veio para fazer a retomada de Tapi'itãwa, depois de um ano, teve que voltar para a TI Tapirapé/Karajá. Korira Tapirapé e sua família tiveram que voltar porque o filho dele, Xaopoko'i Tapirapé, estava adoecendo na aldeia Majtyritãwa, disseram que ele estava com reumatismo fortíssimo e, ao mesmo tempo, disseram que os feiticeiros estavam colocando feitiço nele. Essa foi a causa do retorno das duas famílias de Tapi'itãwa, retornaram para a aldeia Majtyritãwa novamente.

Toto'i Tapirapé e Korira Tapirapé, com suas famílias, voltaram para Majtyritãwa com objetivo de retornarem novamente assim que Xaopoko'i Tapirapé, o filho de Korira Tapirapé, se recuperasse. Contaram que Xaopoko'i Tapirapé quase faleceu com esse problema de saúde. Deixaram tudo, inclusive muitos produtos das roças, na aldeia Tapi'itãwa. Mas quando as duas famílias retornaram, uma família ficou por lá para garantir que os *maira* não imaginassem que Tapi'itãwa tinha sido abandonada.

Só uma família permaneceu em Tapi'itãwa para que os intrusos *maira* não voltassem. Essa família era a de Claudio Paxepytygi Tapirapé e sua esposa Eirowa Tapirapé, com seus filhos. Não me contaram o número exato de seus filhos. Depois de muita luta para a recuperação de algumas partes do território tradicional do povo Apyãwa, mais Apyãwa foram para fazer a retomada da terra tradicional.

Em outros depoimentos, como os dos senhores Korako, Wario, Xawaraxowi e Xakareo'i também concordaram que, neste local, o nome correto da aldeia seria Ipirakwaritãwa, mas que a chamaram de Tapi'itãwa. Conforme os sábios Apyãwa, Tapi'itãwa ficava mais ao norte de Ipirakwaritãwa, um pouco distante da atual aldeia Tapi'itãwa, mas agora nesse lugar são conhecidos como Tapi'itãwa, a aldeia Apyãwa mais populosa, com 537 pessoas entre adultos e crianças. Essa informação foi repassada pela coordenadora do polo base de Saúde Indígena de Confresa, Mareapawygi Tapirapé, com 34 anos de idade, moradora da aldeia Tapi'itãwa.

A desintrusão da Terra Indígena Urubu Branco aconteceu no ano de 2000, com a força dos guerreiros Apyãwa que expulsaram os *maira* da antiga aldeia dos Apyãwa, Ipirakwaritãwada, em que estava fazenda Santa Laura, Fazenda Sapeva e Fazenda Codebra. O vereador Paulo Awarao'i Tapirapé arrumou duas “caçambas” para os Apyãwa, e mais Apyãwa foram morar no território tradicional do povo Apyãwa, reocupando os lugares dos nossos avós, bisavós, tataravós.

Como está no laudo de Barros (2007), nunca deixamos a região de Urubu Branco:

Do ponto de vista antropológico, os Tapirapé não abandonaram a região da Serra do Urubu Branco porque: (1) parte da população aí permaneceu até 1970 e (2) a outra parcela sobrevivente foi “persuadida”, como notara Wagley, a migrar para o Posto Indígena pelo seu então encarregado, com apoio dos missionários dominicanos. As contingências históricas favoreceram essa migração.

Como já se viu a ocupação de não-índios na região data dos anos 1940. Contudo, é a partir da década de 50 que ela se intensifica, com o avanço de grandes empresas agropecuárias e especuladores de terra, beneficiados por uma política de incentivos fiscais (SUDAM, Banco da Amazônia do programa Poloamazônia) que incluía a melhoria e ampliação da rede de estradas vicinais.

Na década de 1960, particularmente após a “Revolução de 1964”, o governo brasileiro incentivou a ocupação e a exploração da região amazônica. Vastas áreas de terra em Mato Grosso foram vendidas, incluindo o território tradicional dos Tapirapé e as terras ora em litígio.

Ao contrário dos primeiros, regionais pobres, os novos invasores eram empresas capitalizadas e dispostas a ampliar suas áreas de atuação a qualquer preço. (Barros, 2007, p.70)

“As contingências históricas” foram políticas promovidas pelo Estado em favor de empresários e fazendeiros.

Em 1954 a Civa (Companhia Imobiliária do Vale do Araguaia) instala-se na nascente povoação de Santa Teresinha. Essa empresa obtivera do governo do Mato Grosso concessão para a compra e venda de títulos de extensas áreas do Araguaia. A Companhia Colonizadora Tapiraguaia, sucessora da Civa que encerrou suas atividades por insolvência no final da década de 50, continuou a negociar os loteamentos incidentes em TI Karajá e Tapirapé. Todo o território imediatamente ao norte do rio Tapirapé – onde se incluíam o Posto Indígena Heloísa Alberto Torres e as terras habitadas tradicionalmente pelos Tapirapé e Karajá da barra do Tapirapé – fora dividido em “lotes” e vendido a particulares sem maiores delongas. As terras das aldeias da área da serra do Urubu Branco também foram loteadas e tituladas através dessa bizarra concepção original de que seriam terras devolutas e sem ocupação. As terras de Santa Teresinha, atualmente sede do município de mesmo nome, também foram loteadas e vendidas a fazendas que exigiram a retirada imediata de seus moradores tradicionais. Nas décadas de 1970 e 80 houve na região da Serra do Urubu Branco e em suas proximidades um violento enfrentamento entre grandes empresas e posseiros pioneiros na ocupação não-indígena da região. Muitas vezes através de pressões, da atuação de milícias armadas e do constrangimento ilegal de modestos posseiros, as grandes empresas agropecuárias forçaram a compra, mudança ou simplesmente expulsaram estes últimos das terras que ocupavam. Na década de 70, em pleno regime militar, a política do Governo Federal, em especial do Ministério do Interior ao qual se ligava a Funai (Fundação Nacional do Índio), enfatizava a necessidade de

ocupação da Amazônia. A oposição às legítimas pretensões territoriais dos Tapirapé foi centralizada pela figura do Coronel Nobre da Veiga, na época o presidente da Funai, e pelo então diretor do Parque Indígena do Araguaia, sargento José Tempone. Os Tapirapé receberam, no clímax das tensas negociações com o Governo Federal e sua agência indigenista em 1981, o apoio da Prelazia de São Félix do Araguaia, da Igreja Católica e de numerosas entidades civis do Brasil e do exterior, que exigiam o cumprimento da Constituição pelo Governo Federal. O “caso Tapirapé”, em que Igreja e sociedade civil aliaram-se na defesa de um caso exemplar, frente a um Estado autoritário e que agia ao arrepio da lei, tornou-se paradigmático das relações índios e Estado nacional nesse período. As grandes fazendas, com seus sucessores na cadeia dominial, formam a base da ocupação da região com a qual se chocam até os dias de hoje os Tapirapé, os Karajá e outros grupos regionais que foram ilegalmente despojados de suas terras por ato incorreto do estado do Mato Grosso. Na região em torno do Urubu Branco, principalmente no final da década de 80 até os dias de hoje, registra-se uma série de sangrentos conflitos envolvendo trabalhadores rurais e milícias de fazendeiros locais. Existe nessa região, considerada uma das mais explosivas do país em termos do processo de ocupação fundiária, o costume, por parte de fazendas e grupos econômicos, de contratarem grupos de indivíduos, “pistoleiros”, que formam verdadeiras milícias armadas a assegurarem a integridade do que julgam suas propriedades. **Com o reconhecimento da TI Tapirapé/Karajá em 1983, os Tapirapé passam já no ano seguinte a reivindicar seu território tradicional, o qual nunca deixaram de ocupar: a região do Urubu Branco.** Durante o período que vai de 1950 a 80 utilizaram-no como local de moradia até os anos 70 e, posteriormente, como zona de caça, coleta e práticas religiosas (Toral *apud* Barros, 2007, p. 70-71, grifos meus)

Terra Indígena Tapirapé/Karajá

Imagem 39 - Terra Indígena Tapirapé/Karajá



Fonte: Google Maps, 2025.

Em 1983 foi demarcada a primeira parcela do território do povo Apyãwa, com a extensão de 66.166 hectares, a TI Tapirapé/Karajá. Nesta área, atualmente, existem duas aldeias Apyãwa, chamadas Majtyritãwa e Xexotãwa, e outras aldeias em que vivem Apyãwa (Tapirapé) e Iny, nome conhecido como o povo Karajá.

Majtyritãwa foi fundada em 1993, essa informação foi repassada pelo senhor Xawaraxowi José António Tapirapé, com 76 anos de idade, morador da aldeia Anywootãwa, ex-cacique da aldeia Majtyritãwa e ex-cacique da aldeia Wiriaotãwa, cantor tradicional, conhecedor da cultura, história e do território Apyãwa, grande caçador e pescador.

As aldeias da Terra Indígena Tapirapé/karajá

A seguir apresento informações sobre as aldeias na TI Karajá/Tapirapé e como estas foram obtidas com o apoio de muitas pessoas.

1. Aldeia Majtyritãwa

Imagem 40 - Aldeia Majtyritãwa



Fonte: Google Maps, 2025.

Cacique da Aldeia Majtyritãwa: Thiago Awagato Tapirapé

Vice cacique: Kurehete Karaja

População total da Aldeia Majtyritãwa: 68

Fundada em: 1993

De acordo com Cristiane Mareaxigi Tapirapé, graduanda na UFG, moradora da aldeia, Majtyritãwa fica à 28 km do município de Santa Terezinha-MT. Da aldeia Majtyritãwa até Tapi'itãwa são 109 km, e até município de Confresa-MT, 160 km, de acordo com a informação da minha prima.

A população de Majtyritãwa soma, hoje, 68 indivíduos entre adultos e crianças, segundo Fernando Maxirapao Tapirapé, meu primo Agente Indígena de Saúde (AIS) com 28 anos de idade, morador da aldeia Anywootãwa. Sua mãe mora na aldeia Majtyri, por isso ele pôde me informar sobre a população da aldeia Majtyritãwa.

2. Aldeia Xexotãwa

Imagem 41 - Aldeia Xexotãwa



Fonte: Google Maps, 2025.

Cacique da Aldeia Xexotãwa: Fabinho Orajre'i Tapirapé

Vice cacique: Gustavo Taropa Tapirapé

População total da Aldeia Xexotãwa: 45

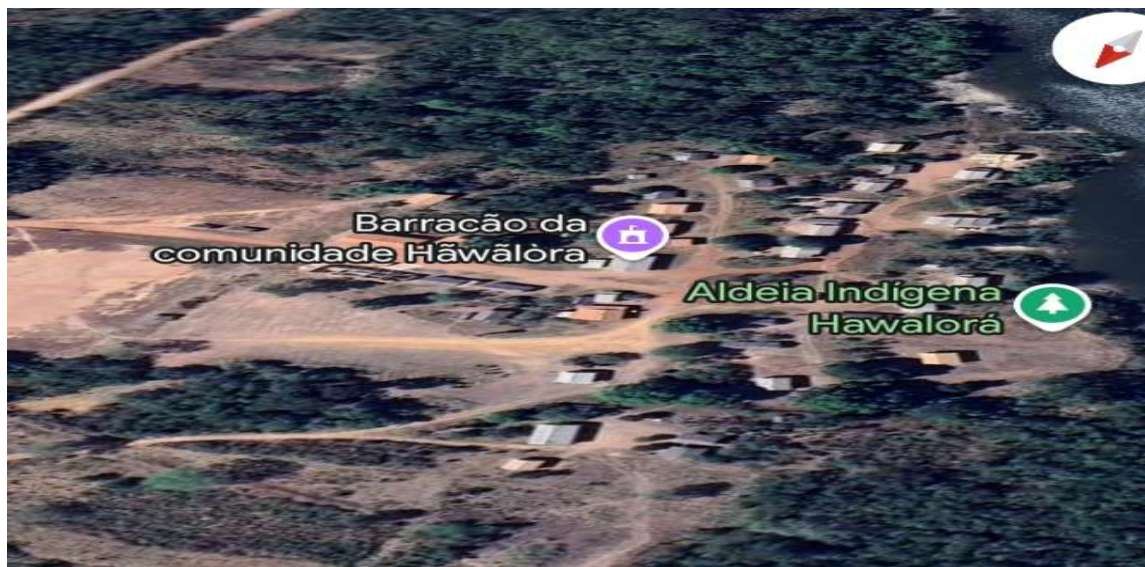
Fundada em: 2020

A Aldeia Xexotãwa fica à 34 km do município de Santa Terezinha-MT, à 100km de Confresa-MT e à 70km da aldeia Tapi'itãwa. Esta informação está de acordo com meu primo Gustavo Taropa Tapirapé, mestrando na Unemat.

A aldeia Xexotãwa foi fundada no ano de 2020 e tem população de 45 pessoas, de acordo com minha irmã Luciana Mareapawaxowa Tapirapé, com 35 anos de idade, moradora da aldeia Xexotãwa.

3. Aldeia Hawalorá

Imagem 42 - Aldeia Hawalorá



Fonte: Google Maps, 2025.

Cacique da Aldeia Hawalorá: Rodrigo Teijolori Karajá

Vice cacique: Daniel Bijawari Karajá

População total da Aldeia Hawalorá: 135

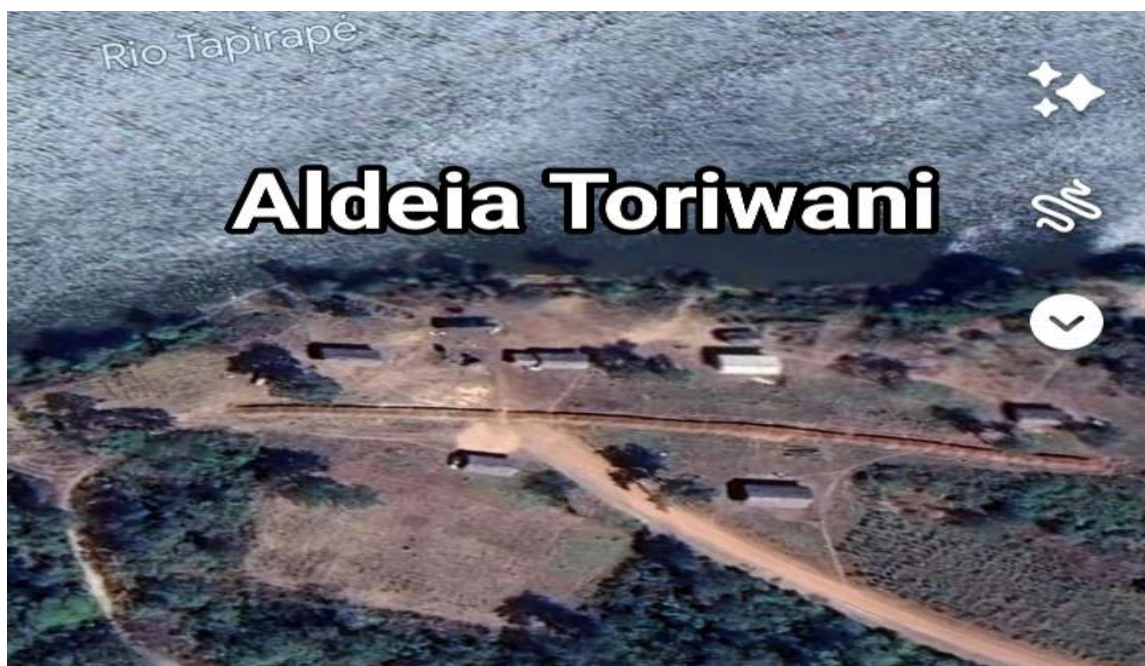
Fundada em: 2005

Aldeia Hawalorá fica à 29 km do município de Santa Terezinha-MT. Esta informação está de acordo com o vice cacique da aldeia, Daniel Bijawari Karajá.

A aldeia Hawalorá, fundada em 2005, é onde moram Apyãwa casado com Iny e Iny casado com Apyãwa. A população é de 135 pessoas, segundo informação de Daniel Bijawari Karajá, com 33 anos de idade, morador da aldeia Hawalorá.

4. Aldeia Toriwani

Imagem 43 - Aldeia Toriwani



Fonte: Google Maps

Cacique da Aldeia Toriwani: Romário Tarabehi Karajá

Vice cacique: Nelson Imara Karajá

População total da Aldeia Toriwani: 37

Fundada em: 2021

Aldeia Toriwani fica à aproximadamente 33 km do município de Santa Terezinha-MT e à 4km da aldeia Hawalorá.

A aldeia Toriwani tem a população de 37 pessoas, foi fundada no ano de 2021, segundo meu primo, comunicador apyãwa, Magno Iakymywyga Tapirapé, com 29 anos de idade e morador da aldeia Anywootãwa. A família de Magno mora lá, nossa família por parte da minha avó Maria Luíza Kwalaru Tapirapé mora lá, sua mãe era Iny e seu pai era Apyãwa.

5. Aldeia Itxalá

Imagem 44 - Aldeia Itxalá



Fonte: Google Maps, 2025.

Cacique da Aldeia Itxalá: Kinijoiri Karajá

Vice cacique: Mabiore Karajá

População total da Aldeia Itxalá: 383

Fundada em: 1990

A Aldeia Itxalá tem população de 383 pessoas entre adultos e crianças. A informação foi repassada pelo grupo de WhatsApp Unificação, por Bismael Ipa'aramy Tapirapé, morador da aldeia Itxalá. Nesta aldeia moram alguns Apyãwa casados com Iny, a maioria dos moradores são Iny.

As aldeias antigas dos Apyãwa que existiram no território da TI Tapirapé/Karajá, são: Wouhãwa, Tawyão, Ywytywãwa e Orokotãwa. Essas são as aldeias antigas dos Apyãwa que são lembradas. Outras aldeias bem antigas não são lembradas nos dias atuais, por exemplo na montanha de grande *paxe*, xamã do povo Apyãwa, que existe ao lado esquerdo do rio Paranyo (rio Araguaia) onde desagua o rio Awiowy (rio Tapirapé). Essa montanha os Apyãwa conhecem e denominaram de Apaxigoo Ywytyra. Provavelmente existiram uma ou mais aldeias apyãwa perto desta montanha, há muito tempos atrás, em que hoje se localiza a aldeia dos Karajá denominada Itxalá. Contam que, neste local, o poderoso Apaxigoo Tapirapé, *Paxe* (pajé), gostava de se banhar em cima da pedra que os Apyãwa chamam de Itapema, que ficava embaixo da montanha Apaxigoo Ywytyra. Por isso os Apyãwa denominaram a montanha de Apaxigoo Ywytyra, que significa 'a

montanha do grande *paxe* Apaxigoo', do povo Apyãwa. Essa informação está de acordo com sábios apyãwa como: Tokyna Tapirapé, Porake'i Tapirapé, Xawaraxowi Tapirapé, Koxaoni Tapirapé.

Tabela 5 - Aldeias apyãwa e com o povo Iny na TI Tapirapé/Karajá

Aldeias na TI Tapirapé/Karajá	População	Pertence geograficamente ao município
01 – Majtyritãwa	68	Santa Terezinha-MT
02 – Xexotãwa	45	Santa Terezinha-MT
03 – Hawalorá	135	Santa Terezinha-MT
04 – Toriwani	37	Santa Terezinha- MT
05 – Itxalá	383	Santa Terezinha-MT
População total na TI Tapirapé/Karajá de acordo com dados coletados durante a pesquisa.		668

Fonte: Elaborada pelo autor, 2025.

A tabela acima apresenta as aldeias e a população destas na TI Karajá/Tapirapé.

A luta dos Apyãwa pela primeira demarcação da terra (TI Tapirapé/Karajá) contada pelo senhor José Minguel Awaetekato'i Tapirapé.

No dia 03 de janeiro de 2024, realizei uma entrevista com senhor José Minguel Awaetekato'i Tapirapé, com 73 anos de idade, morador da aldeia Myryxitãwa, no período da manhã, sobre a luta pela demarcação da Terra Indígena Tapirapé/Karajá.

Perguntei ao senhor José Minguel Awaetekato'i Tapirapé se ele sabia da luta dos Apyãwa pela demarcação da TI Tapirapé/Karajá. Ele respondeu que sim porque acompanhou todo o processo juntamente com a Funai, por isso sabia de algumas partes de como foi a luta para conseguir demarcar essa parcela do território do povo Apyãwa.

Segundo ele, estávamos lutando pela terra, para a demarcação. A Funai ajudou muito, fazendo a sua parte. A Funai queria a ampliação, mas as fazendas não deixavam. As fazendas queriam que nós Apyãwa ficássemos só em um pedacinho de terra. Então, a Funai junto com a prelazia aconselhou para não aceitarem a demarcação com a proposta apresentada pelos fazendeiros.

José Minguel Awaetekato'i contou que:

Tinha que ser nas nossas decisões, por onde nós conhecemos nosso território tradicional, só nós que sabemos onde era o território tradicional do povo Apyãwa, fazendo picada. As fazendas só iam desmontar as áreas que pretendíamos serem demarcadas para o povo Apyãwa, aí eles faziam suas cercas também por onde nós Apyãwa devíamos colocar o limite. Aí nós não aceitávamos também e nós arrebatávamos as cercas deles, até que eles fizeram um pasto dentro da nossa terra mesmo, sem consultar o nosso povo Apyãwa. Nós íamos para expulsar, mesmo assim entravam com seu gado novamente. Com essa teimosia nós íamos matar o gado deles, e assim nós vivíamos nos deparando um com o outro.

E os Apyãwa queriam ficar com essa área e o povo Karajá queria que essa área ficasse com os fazendeiros. Os Karajá ficavam do lado das fazendas, lutando contra o povo Apyãwa. O povo Karajá gostariam que os fazendeiros ficassem com essa área porque as fazendas davam alimentos industrializados, cobertores, essas coisas. Em troca disso, o povo Karajá apoiava os fazendeiros para que os limites da terra fossem demarcados com a vontade dos fazendeiros.

Nós Apyãwa não aceitávamos de forma alguma, porque não sabíamos se dali para frente a população dos Apyãwa poderia se alimentar. Essas áreas podem não suportar à medida que a população vai estar crescendo, então vamos pensar juntos para que possamos demarcar essa área para o povo Apyãwa um pouco maior. Assim que nós estávamos discutindo entre nós Apyãwa, os Karajá ficavam com medo dos maira, diz que por causa dos Apyãwa vão matar todo povo karajá, assim eles falavam para nós.

E até Funai conseguiu trazer a polícia federal. A Funai levou a polícia federal nas picadas que fizemos, colocando marco, até sair onde agora existe uma aldeia dos Apyãwa chamada Xexotãwa, aldeia do Imakopy Tapirapé. Agora é definitivo, mas as fazendas mesmo não queriam que fosse nesse local. As fazendas queriam que o limite fosse feito perto da aldeia Majtyritãwa.

Os fazendeiros ofereciam para os Apyãwa um valor altíssimo, mas nós não aceitávamos. Os Karajá só ficavam no lado dos fazendeiros, dando apoio, lutando contra o povo Apyãwa. E mesmo assim nós convidávamos os Karajás para lutarem conosco para demarcar essa terra para nós. Mas eles ficavam lutando contra nós, eles não iam em Brasília com a gente para lutarmos juntos e, assim, ter mais força para demarcar essa terra para nós, mas nenhum deles iam com a gente.

Não iam com a gente em Brasília Xekaoja Karajá, Sarina Karajá, esse pessoal não ia com a gente de forma alguma. Só nós que íamos para Brasília, somente os Apyãwa, as pessoas eram José Antônio Xawaraxowi Tapirapé, Valdemar Makapyxowa Tapirapé, e José Pio Wario Tapirapé, que era o nosso líder, ele era o cacique que entrou no lugar do seu avô Marco Xako 'iapari Tapirapé para comandar na aldeia Majtyritãwa.

Então a Prelazia dava as passagens para Brasília, para falar com o presidente e com a Funai. Quem nos ajudou nesses momentos, não sei se você sabe, Eliana. Eliana aquela que estava trabalhando com o povo Ava Canoeiro, mas que já aposentou por isso não trabalha na Funai. Essa pessoa lutou com os Apyãwa. Eliana e Auxiliadora, essas duas lutaram mesmo junto com Apyãwa e a Prelazia. Então foi assim que nós Apyãwa estávamos lutando. Essa terra está demarcada com nosso nome, o nome do povo Apyãwa (Tapirapé), o nome dos Karajá não tem no documento, por isso eles não tem nada ver com a nossa terra, em nenhum momento eles lutaram junto com os Apyãwa.

E assim que os Apyãwa conseguiram demarcar essa terra. Janior era o agrimensor nesta época, mas ele não conseguia acertar as picadas, ele fazia tudo torto, todo bagunçado, mas mesmo assim nós íamos junto com ele fazer a picada. E Eliana junto com André Toral que acertaram para nós fazermos a picada, então fizemos a picada por onde conhecemos até hoje. Então a polícia federal estava levando, colocando o marco nos limites da divisa da terra. Até hoje os marcos estão lá. Na época que ainda não colocaram o marco, os fazendeiros não queriam que os Apyãwa frequentassem esses locais, eles diziam para os Apyãwa que não pertenciam aos Apyãwa. Diziam que são terras de Tapiraguaia e terra da Codebra, então duas fazendas que estavam lutando contra o povo Apyãwa, por isso mesmo que a Funai trouxe a Polícia Federal, para ficar o marco nos limites da área.

A polícia Federal estava levando na caminhonete, acho que era Jipe, carregando marco, colocando 500m um do outro, até chegar no rio Awioy (rio

Tapirapé). Os maira ainda não tinham nessas fazendas como Tapiraguai e Codeara, nem o município de Santa Terezinha, só nós Apyãwa vivíamos nesta região, ao lado esquerdo do rio Araguaia. Assim que me contava seu avô Marco Xako 'iapari Tapirapé.

Os maira vieram se instalar primeiro no furo de pedra, antes de fundarem o município de Santa Terezinha. Diz que tinham um pouquinho, tinham construído suas casas no local que chamaram de furo de pedra, dessa forma que o seu avô me contava, por isso só sei desta forma. E assim também me contava que os Karajá não viviam neste lado esquerdo do rio Araguaia em que os Apyãwa viviam. Não tinha uma aldeia deles neste lado, os Karajá viviam nas praias no outro lado do rio Araguaia, e eles viviam na ilha que hoje conhecemos como Ilha do Bananal.

Então um padre, não me lembro agora o nome dele, levou o povo Apyãwa para este local, onde existe agora a aldeia dos Karajá chamada Itxalá. Neste local os maira que fizeram para os Apyãwa, mas os Karajá, que viviam nas praias, viram este lugar e se mudaram para este lugar. Estão até hoje neste local, por isso os Apyãwa fizeram as aldeias deles para as costas do rio Awiowy, rio Tapirapé.

Então, tomaram o lugar da aldeia dos Apyãwa. Os Karajá falavam que eles são o dono desta terra. Vocês também, quem sabe, já ouviram as falas deles, até hoje eles ficam falando. Mas, na verdade, essa terra que eles se apropriaram não pertence a eles. Essa terra pertence aos Apyãwa, eles viviam no outro lado do rio Paranyo (rio Araguaia). Só nós Apyãwa que vivíamos primeiro neste lado esquerdo do rio Paranyo-Araguaia. E os Karajá, no outro lado, no lado direito do rio Paranyo-Araguaia. Na época do SPI, Serviço de Proteção ao Índios, que os maira começaram a trazer os Karajá para nosso território tradicional. Assim que seu avô me contava e aqui finalizo a minha fala. Essas partes que sei, essas partes que me contaram. Só sei essas partes e agora estou te repassando. (José Minguel Awaetekato'i, comunicação pessoal, janeiro de 2024).

Imagem 45 - Meu avô José Minguel Awaetekato'i, a criança Tameo, eu e minha avó Maria Luíza Kwalaru Tapirapé, na aldeia Myryxitãwa



Fonte: Fotografia de Enyara Tapirapé, arquivo pessoal, 2024.

Transcrevo a narrativa do senhor José Minguel Awaetekato'i Tapirapé para tentar explicar ao leitor a complexidade do território tradicional do povo Apyãwa. Para mim foi uma novidade na pesquisa ouvir que os povos Karajá não lutaram igualmente como os Apyãwa lutaram para demarcar a TI Tapirapé/Karajá, e que os *maira* tanto ofereciam mercadorias – alimentos industrializados, cobertores – como colocavam medo nos Karajá para que eles não apoiassem a demarcação como os Apyãwa queriam.

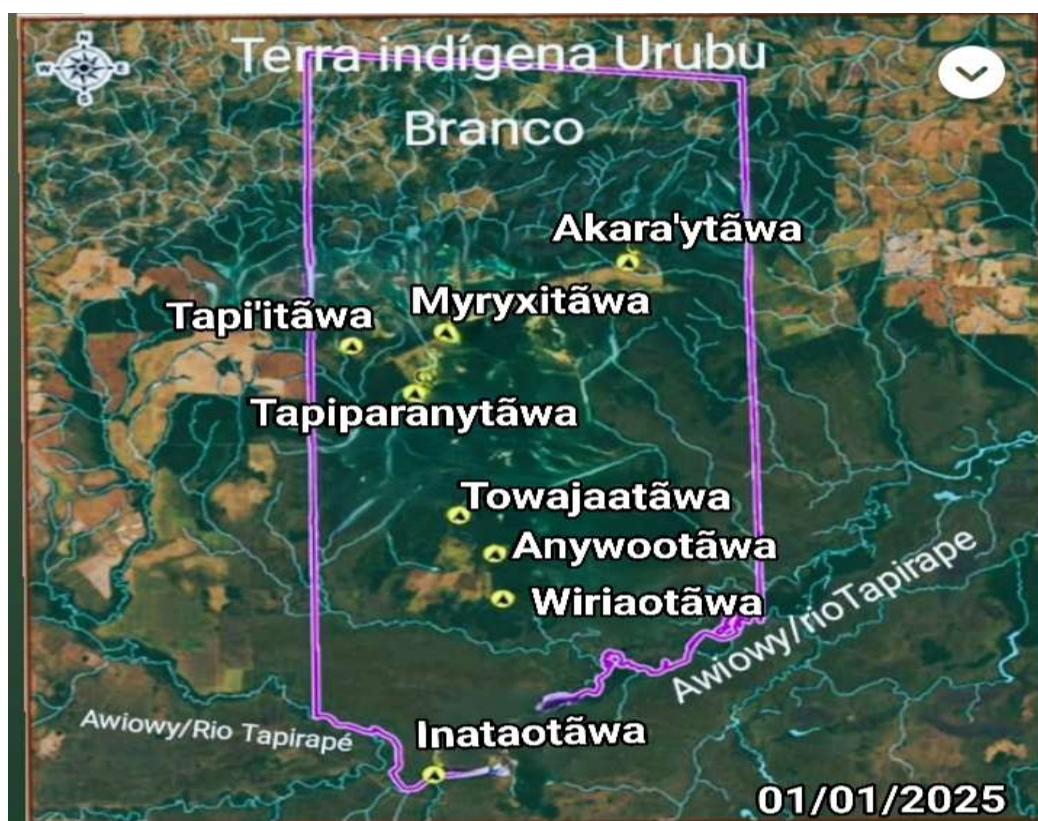
O senhor José Pio Wario Tapirapé também explicou que o município de Santa Terezinha ainda não existia, só havia poucos moradores no Furo de Pedra onde os *maira* vieram se instalando primeiro, não tinha as fazendas Tapiraguaia, fazenda Porto Velho e nem a fazenda Tapirapé. Aí que os *maira* começaram a se infiltrar nos territórios Apyãwa, pelo futuro município de Santa Terezinha-MT, fazendo a fazenda Codeara, e então os *maira* começaram a derrubar nossas florestas dentro do território Apyãwa.

De acordo com senhor José Pio Wario também começaram a abrir as estradas nos territórios tradicionais do povo Apyãwa, de Santa Terezinha para o futuro município de Confresa, para o futuro município de Vila Rica e a estrada que vinha do futuro município de Porto Alegre do Norte-MT, passando pelo futuro local do município de Confresa-MT e passando para o futuro município de Vila Rica e assim por diante

De acordo com José Pio Wario Tapirapé, a TI Tapirapé/Karajá é totalmente território tradicional do povo Apyãwa.

Terra Indígena Urubu Branco

Imagem 46 - Terra Indígena Urubu Branco



Fonte: Luis Alberto Pereira, MRS-Ambiental, 2022.

A segunda área demarcada, homologada e registrada para os Apyãwa é a Terra Indígena Urubu Branco, em 08 de setembro de 1998, com extensão de 167.533 hectares, na região do rio Awioy e Yrywo'ywawa, como denominado pelos ancestrais Apyãwa, mas que os *maira* chamam de rio Tapirapé e serra do Urubu Branco, que é só uma parte do território tradicional Apyãwa (Apyãwa Ywy). Algumas partes ficaram de fora, conforme os sábios apyãwa relataram em conversas para esta pesquisa.

Atualmente são oito aldeias na TI Urubu Branco: Tapi'itãwa, Myryxitãwa, Akara'ytãwa, Tapiparanytãwa, Towajaatãwa, Anywootãwa, Wiriaotãwa e Inataotãwa.

As aldeias Terra Indígena Urubu Branco

A seguir apresento informações sobre as aldeias na TI Urubu Brando e como foram obtidas para esta pesquisa.

1. Aldeia Tapi'itãwa

Imagem 47 - Aldeia Tapi'itãwa



Fonte: Comunicadores Apyãwa, foto repassada por Magno Iakymytywya Tapirapé, 2025

Cacique da Aldeia Tapi'itãwa e cacique geral do povo Apyãwa: Kamoriwa'i Elber Tapirapé

Equipe da educação Apyãwa na sede na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa

Diretor da Escola Indígena Estadual "Tapi'tãwa": Koria Valdvane Tapirapé

Coordenador Pedagógico: Kamoriwa'i Elber Tapirapé

Professor Integrador: Renato Kaorewygoo Tapirapé, Xakarewaja Tapirapé e Makapii Josinaldo Tapirapé.

Professores(as) que atuam na aldeia Tapi'itãwa: Julio Cesar Tawy'i Tapirapé, Oparaxowi Marcelino Tapirapé, Agnaldo Wariniay'i Tapirapé, Kaxowari'i Tapirapé, Daniela Ikatopawyga Tapirapé, Bismarck Warinimyta Tapirapé, Koxawiri Tapirapé, Reinaldo Okareaxowa Tapirapé, Karaxamori Tapirapé, Makato Tapirapé, Taparawytyga Vanete Tapirapé, Fabíola Mareromyo Tapirapé, Mareaparygi Lisete Tapirapé, Taroko Edimundo Tapirapé, Xawatamy Nélio Tapirapé, Lindalva Mytyga Tapirapé, Edmilson Kaxanapio Tapirapé, Junior Kaxowario Tapirapé, Waromaxi'i Tapirapé, Demilson Makarore Tapirapé, Jamilson Maropawygi Tapirapé.

Merendeiras: Koxamy'i Tapirapé, Andreia Tajxowoo Tapirapé, Juliana Arapa'i Tapirapé, Thaís Mareapawyga Tapirapé

Equipe de Saúde Indígena do povo Apyãwa:

Coordenadora do Polo de Saúde Indígena de Confresa-MT: Mareapawygi Tapirapé

Farmacêutico do Polo de Confresa: João Lucas

Técnico de Enfermagem do Polo de Confresa: Cássio Awajky'i Tapirapé

Doutora: Andreia

Dentista: Ana Flávia

Nutricionista: Neidiane

Psicólogo: Marco Antônio

Técnico de Enfermagem da aldeia Tapi'itãwa: Daniel Kaxanapi Tapirapé, Ipawygi Rinaldo Tapirapé.

Agente Indígena de Saúde (AIS) da aldeia Tapi'itãwa: Jakson Arawy'i Tapirapé e Pablo Warikaxao Tapirapé.

AISAN: Edmilsom Awarawyga Tapirapé, Xywawytygoo Rodinel Tapirapé

Motorista da SESAI na aldeia Tapi'itãwa: Claudio Júnio Arokmyo Tapirapé, Alexandro Kamiri Tapirapé

População total da Aldeia Tapi'itãwa: 537

Fundada em: 1993

Aldeia Tapi'itãwa fica à 30 km do município de Confresa-MT, à 58km de Porto Alegre do Norte-MT, e à aproximadamente 110 km de Santa Terezinha-MT. As informações estão de acordo com a coordenadora do polo de saúde indígena de Confresa-MT: Mareapawygi Tapirapé, 34 anos de idade, moradora da aldeia Tapi'itãwa.

2. Aldeia Myryxitãwa

Imagem 48 - Aldeia Myryxitãwa



Fonte: Comunicadores Apyãwa, foto repassada por Magno Iakymytywya Tapirapé, 2025.

Cacique da Aldeia Myryxitãwa: Nivaldo Korira'i Tapirapé

Vice cacique: Koria Valdivane Tapirapé

Equipe na área da educação na aldeia Myryxitãwa

Professores (as): Orokomy'i Tapirapé, Klebson Awararawoo'i Tapirapé, Mykori Tapirapé.

Merendeira: Eliane Marepoko Tapirapé

Equipe na área da Saúde

Técnico de Enfermagem: Edilson Kanio Tapirapé e Magno Okario'i Tapirapé

Agente indígena de Saúde (AIS): no momento não tem

AISAN: Itxydeari Karajá

Motorista da SESAI: Evandro Ikaraxo Tapirapé, Raimundo Dia Santos

População total da Aldeia Myryxitãwa: 94

Fundada em: 2008

A Aldeia Myryxitãwa fica à 38 km do município de Confresa-MT, 66 km de Porto Alegre do Norte-MT, e à 90km de Santa Terezinha-MT. A aldeia Myryxitãwa foi fundada em 2008, tem população de 94 pessoas entre adultos e crianças, segundo meu pai Edilson Marakawy'i Tapirapé, com 55 anos de idade, técnico de enfermagem, morador da aldeia Myryxitãwa.

3. Aldeia Akara'ytãwa

Imagem 49 - Aldeia Akara'ytãwa



Fonte: Comunicadores Apyãwa, foto repassada por Magno Iakymytywyga Tapirapé, 2025.

Cacique da Aldeia Akara'ytãwa: Valdemar Makapyxowa Tapirapé

Vice cacique: Valmir Okareaxowa Tapirapé

Equipe na área da educação

Professores que atual na aldeia Akara'ytãwa: Valmir Okareaxowa Tapirapé, Arapaxigi Tapirapé, Denilson Kaxipa'i Tapirapé.

Merendeira: Tajpaxiri'i Tapirapé

Equipe na área da Saúde:

Técnico de Enfermagem: Rivaldo Waririmytygi Tapirapé.

Agente indígena de Saúde (AIS): Cristiano Waromaxi Tapirapé

AISAN: Anilson Koraj'i Tapirapé

Motorista da SESAI na aldeia Akara'ytãwa: Gean Carlos Santo Barbosa, Carlos Santana Marques Dias

População total da Aldeia Akara'ytãwa: 69

Fundada em: 2000

A Aldeia Akara'ytãwa fica à 52 km do município de Confresa-MT e à 80 km do município de Porto Alegre do Norte-MT. A aldeia Akara'ytãwa, fundada no ano de 2000, tem população de 69 pessoas de acordo com Rivaldo Marakawyo Tapirapé, 45 anos de idade, técnico de enfermagem, morador da aldeia.

4. Aldeia Tapiparanytãwa

Imagem 50 - Aldeia Tapiparanytãwa



Fonte: Comunicadores Apyãwa, foto repassada por Magno Iakymywyga Tapirapé, 2025.

Cacique da Aldeia Tapiparanytãwa: Arnaldo Axawaj'i Tapirapé

Vice cacique: Marco Warinimyta Tapirapé

Equipe na área da educação:

Professores(as) que atual na aldeia Tapiparanytãwa: Arnaldo Axawaj'i Tapirapé, Alberto Orokomy'i Tapirapé, Paxawari'i Tapirapé, Deuzirene Eirowytygi Tapirapé, Arivaldo Takwari'i Tapirapé, Orokomy Tapirapé, Cezil wararawoo Tapirapé, Xawarakymaxowoo.

Merendeira: Mareakeri Tapirapé, Mytyga Tapirapé

Equipe na área da Saúde:

Técnico de Enfermagem: Kamoriwagato Tapirapé

Agente indígena de Saúde (AIS): Adeinilsom Majwaroo Tapirapé

AISAN: Okapytyga Tapirapé

Motorista da SESAI na aldeia Tapiparanytãwa: Cleidivan Coelho Carneiro, Ezequias Pereira Fernandes

População total da Aldeia Tapiparanytãwa: 150

Fundada em: 2004

A Aldeia Tapiparanytãwa fica aproximadamente 40 km do município de Confresa-MT. A aldeia Tapiparanytãwa, fundada em 2004, tem população de 150 pessoas, como contou Majwaroo Tapirapé, Agente Indígena de Saúde (AIS) e morador da aldeia.

5. Aldeia Towajaatãwa

Imagem 51 - Aldeia Towajaatãwa



Fonte: Comunicadores Apyãwa, foto repassada por Magno Iakymytywya Tapirapé, 2025.

Cacique da Aldeia Towajaatãwa: Paulo Awarao'i Tapirapé

Vice cacique: Kamani Bakairi

Equipe na área da educação:

Professores que atual na aldeia Towajaatãwa: Rogerio Morawi Tapirapé, Awarao'i Fábio Tapirapé.

Merendeira: Cristina Iparexagato Tapirapé

Equipe na área da Saúde: Na aldeia Towajaatãwa

Técnico de Enfermagem: Ricardo Makapoko'i Tapirapé

Agente indígena de Saúde (AIS): Michele Xe'akawygoo Tapirapé

AISAN: Kamani Bakairi

Motorista da SESAI na aldeia Towajaatãwa: Jadson Koro'i Tapirapé, Angel

População total da Aldeia Towajaatãwa: 56

Fundada em: 2004

A Aldeia Towajaatãwa fica à 50 km do município de Confresa-MT e à 19km da aldeia Tapi'itãwa, foi fundada em 2004, de acordo com a fala do cacique Paulo Awarao'i Tapirapé, com população de 56 pessoas. Essa informação foi repassada por Michele Xe'akawygoo Tapirapé, 37 anos, Agente Indígena de Saúde (AIS) e moradora da aldeia Towajaatãwa.

6. Aldeia Anywootãwa

Imagem 52 - Aldeia Anywootãwa



Fonte: Comunicadores Apyãwa, foto repassada por Magno Iakymytywyga Tapirapé, 2025.

Cacique da Aldeia Anywootãwa: Amarildo Xaopoko'i Tapirapé

Vice cacique: Iranildo Kaorewygi Tapirapé

Equipe na área da educação

Professores que atual na aldeia Anywootãwa: Amarildo Xaopoko'i Tapirapé, Iranildo Kaorewygi Tapirapé, Samuel Oparaxowa Tapirapé.

Merendeira: Arapa'i Tapirapé

Equipe na área da Saúde:

Técnico de Enfermagem: no momento não tem

Agente indígena de Saúde (AIS): Fernando Maxirapao Tapirapé

AISAN: Kanio'i Tapirapé

Motorista da SESAI na aldeia Anywootãwa: Não tem no momento

População total da Aldeia Anywootãwa: 67

Fundada em: 27/04/2020

A Aldeia Anywootãwa fica à 55 km do município de Confresa-MT. De Anywootãwa até o município de Porto Alegre do Norte-MT são 83 km; de Anywootãwa ao município de Santa Terezinha-MT são aproximadamente 120 km. De Anywootãwa até a aldeia Wiriaotãwa são 5 km; até Towajaatãwa, 7 km; até Tapiparanytãwa, 19 km e Anywootãwa até Tapi'itãwa, 26km.

A aldeia Anywootãwa, fundada em 2020, tem população de 67 pessoas, segundo Fernando Maxirapao Tapirapé, 28 anos de idade, Agente Indígena de Saúde (AIS) e morador da aldeia Anywootãwa.

7. Aldeia Wiriaotãwa

Imagem 53 - Aldeia Wiriaotãwa



Fonte: Comunicadores Apyãwa, foto repassada por Magno Iakymytywya Tapirapé, 2025.

Cacique da Aldeia Wiriaotãwa: Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé

Vice cacique: Adilson Xaopoko'i Tapirapé

Equipe na área da educação:

Professores que atual na aldeia Wiriaotãwa: Tamanaxowoo Tapirapé, Kanio Djaminho Tapirapé.

Merendeira: Mareapii Tapirapé

Equipe na área da Saúde:**Técnico de Enfermagem:** Adilson Xaopoko'i Tapirapé**Agente indígena de Saúde (AIS):** no momento não tem**AISAN:** No momento não tem**Motorista da SESAI na aldeia Wiriaotãwa:** Ivan, Francisco**População total da Aldeia Wiriaotãwa:** 26**Fundada em:** 2006

A Aldeia Wiriaotãwa fica à 62 km do município de Confresa-MT. De Wriaotãwa até o município de Porto Alegre do Norte são 90 km, até o município de Santa Terezinha-MT são aproximadamente 130 km.

A aldeia Wiriaotãwa foi fundada em 2006 e tem população de 26 pessoas. Essa informação foi repassada por meu tio, técnico de enfermagem, Adilson Xaopoko'i Tapirapé, 46 anos de idade, morador da aldeia Wiriaotãwa.

8. Aldeia Inataotãwa

Imagem 54 - Aldeia Inataotãwa



Fonte: Google Maps, 2025.

Cacique da Aldeia Inataotãwa: Aloizio Tamakorawygi Tapirapé**Vice cacique:** Ipa'arawy Estevao Tapirapé**Equipe na área da educação:****Professores que atual na aldeia Inataotãwa:** Xawapa'io Tapirapé, Ismael Patari Tapirapé.

Merendeira: Maneaja Tapirapé

Equipe na área da Saúde:

Técnico de Enfermagem: no momento não tem ainda na aldeia Inataotãwa

Agente indígena de Saúde (ASI): Ipa'arawy Estevao Tapirapé

Piloto da SESAI, contratado para pilotar vadeira: Aloizio Tamakorawygi Tapirapé

População total da Aldeia Inataotãwa: 31

Fundada em: 2012

A Aldeia Inataotãwa fica aproximadamente à 100 km do município de Confresa-MT. Pelo rio Awiowy (rio Tapirapé), até o município de Porto Alegre do Norte-MT, o percurso dura em média de 2h30. Essa aldeia fica bem pertinho do rio Awiowy. No tempo do inverno ela fica isolada pelas águas. Nesse período, o meio de transporte é canoa, rabeta e voadeira.

A aldeia Inataotãwa, fundada em 2012, tem população de 31 pessoas, segundo o agente indígena de saúde, Estevao Ipa'arawy Tapirapé, 42 anos, morador da aldeia Inataotãwa.

Tabela 6 - Aldeias Apyãwa na TI Urubu Branco

Aldeia dos Apyãwa na T.I Urubu Branco	População	Pertence Geograficamente Município
01 - Tapi'itãwa	537	Santa Terezinha-MT
02 - Myryxitãwa	94	Santa Terezinha-MT
03 - Akara'ytãwa	69	Santa Terezinha-MT
04 - Tapiparanytãwa	168	Santa Terezinha- MT
05 - Towajaatãwa	56	Porto Alegre do Norte-MT
06 - Anywootãwa	67	Porto Alegre do Norte-MT
07 - Wiriaotãwa	26	Porto Alegre do Norte-MT
08 - Inataotãwa	31	Porto Alegre do Norte-MT

População total na T.I. Urubu Branco de acordo com equipe da Saúde que atuam nas aldeias	1.048,00	Ano: 2025
--	----------	-----------

Fonte: Elaboração do autor com informações da pesquisa, 2025

A tabela acima apresenta a população das aldeias na TI Urubu Branco.

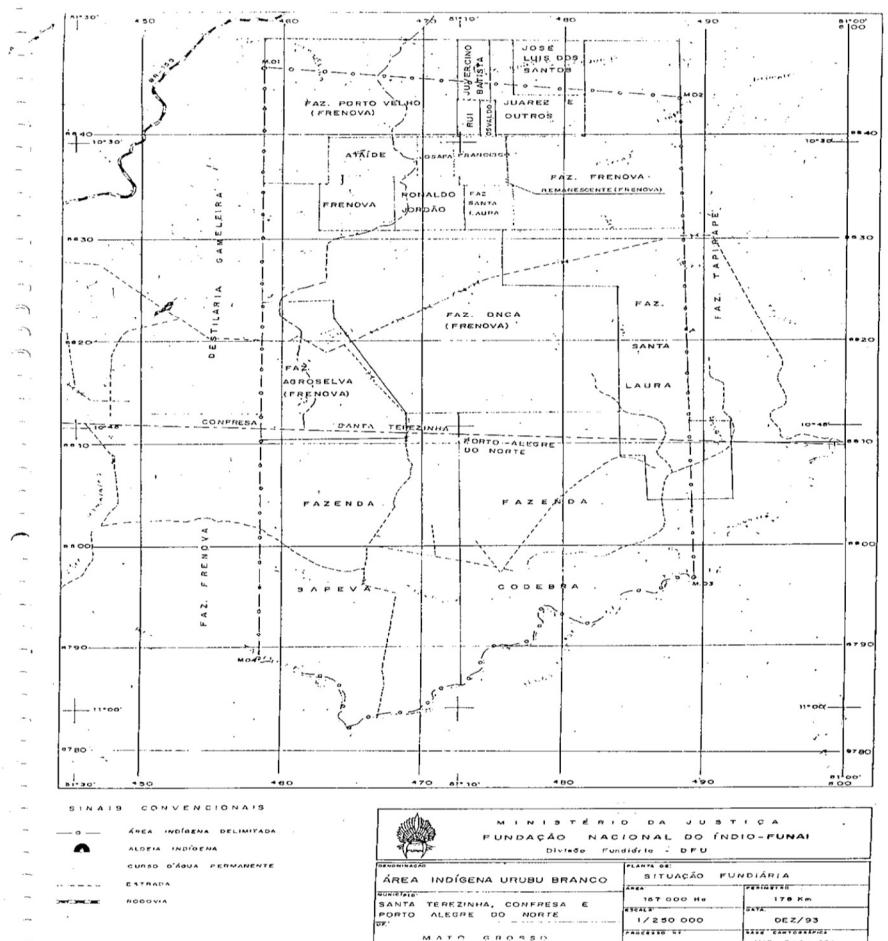
O território tradicional do povo Apyãwa não foi demarcado conforme o povo Apyãwa conhecia originalmente

De acordo com as informações dos sábios Apyãwa, repassadas durante a pesquisa, o território tradicional do povo Apyãwa não foi demarcado conforme o povo Apyãwa conhecia originalmente. Muitas partes que povo Apyãwa manuseava antes do contato com *maira* (não indígenas) não foram demarcadas, estão fora das terras demarcadas.

Conforme a pesquisa realizada com o povo Apyãwa são aldeias antigas, lugares sagrados, como por exemplo Orokorowa retyma, Xawaxiowy, lugares das caçadas, como taxão rakãra, lugares de pesca, entre outros lugares que são essenciais para subsistência e para realização da festa tradicional do povo Apyãwa que estão fora das terras demarcadas, da TI Tapirapé/Karajá e da TI Urubu Branco.

O próprio Relatório de Identificação de Delimitação da Área Indígena Urubu Branco (Toral, 1994) mostra como nossos territórios foram transformados em fazendas pelos *maira*.

Imagem 55 – Situação fundiária da Área Indígena Urubu Branco (1994)

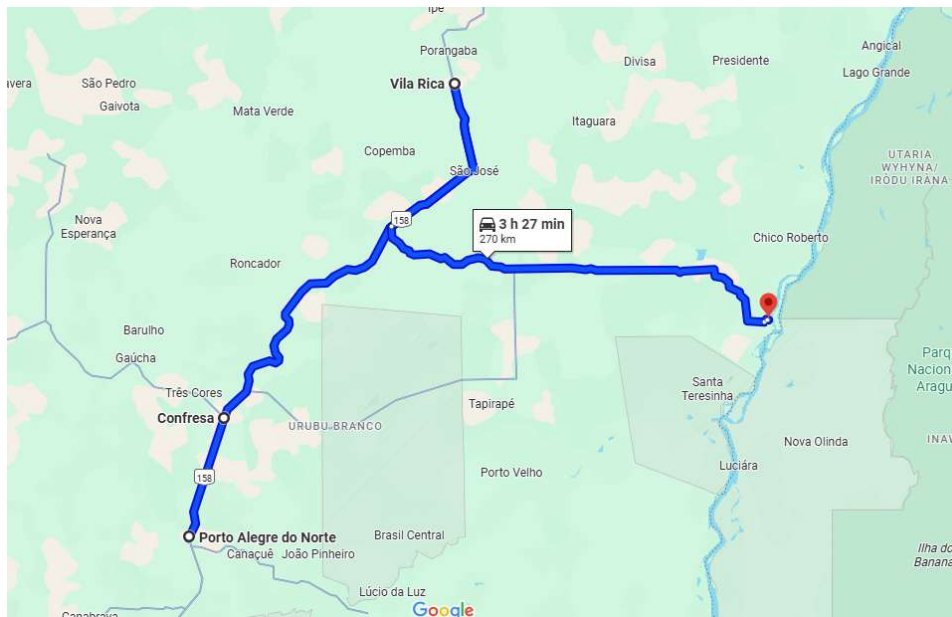


Fonte: Toral, 1994, p. 90

As duas terras demarcadas, TI Tapirapé/Karajá e TI Urubu Branco, atualmente estão localizadas no meio de quatro municípios, que anteriormente não existiam: Porto Alegre do Norte, Confresa, Vila Rica e Santa Terezinha.

A distância de Porto Alegre do Norte à Confresa é de 27,6 km; à Vila Rica é de 132 km; à Santa Terezinha é de 186 Km. De Santa Terezinha à Vila Rica são 137 km. O mapa abaixo, produzido no Google Maps, pode ajudar a entender nosso confinamento entre quatro municípios.

Imagem 56 - Porto Alegre do Norte, Confresa, Vila Rica e Santa Terezinha/MT



Fonte: Produção do autor, Google Maps, 2025.

Estamos sofrendo com os resultados da atuação dos *maira*. Como mostrei, os peixes estão morrendo no rio Ipirakwaroo, com os vários tipos de veneno jogados com tratores e aviões, causando essa fatalidade com o peixe que comemos no dia a dia, prejudicando a nossa saúde, contaminando a água, os animais que vivem no rio, lagos, córregos e a aves que se contaminam nessas águas. Além disso, também dificultando a realização dos nossos rituais que dependem de peixes, animais e produtos das roças.

Nesse sentido, como escreve Koría Valdiane Tapirapé, “é fundamental inserir a nova geração na história de vida do povo Apyãwa, na medida em que nosso povo conseguiu se livrar do extermínio para continuar existindo, mostrando a sua resistência” (2020, p. 41). Por isso que, nos próximos capítulos deste trabalho, registro as histórias dos sábios(as) Apyãwa, conforme cada um(a) contou.

Os Apyãwa sempre viveram mudando de aldeia para fazer novas aldeias como contam os grandes historiadores Apyãwa. Os Apyãwa mudavam de aldeia para fazer roças, eles procuravam lugares que davam muitos produtos da roça, eles procuravam os solos que davam certo para determinadas plantas que plantamos na roça. Por isso os Apyãwa não ficavam parados somente em uma aldeia, eles mudavam das suas aldeias para outras regiões, para que as derrubadas que faziam para as roças se recuperassem. E assim com a passagem de muitos anos, a floresta se recuperava. Eles voltavam para essa região novamente para plantar os produtos das roças que deram certo nas roças deles. Em

alguns locais, que não davam certo para suas plantações, os Apyãwa já sabiam e não plantavam mais neste lugar. Os Apyãwa não ficavam plantando suas roças no mesmo lugar como os *maira*. A floresta precisa se recuperar na epistemologia Apyãwa, o solo também precisa se recompor, por isso os Apyãwa faziam e fazem suas roças em vários lugares no território Apyãwa. Era assim que o local das roças se recuperava, que a floresta se regenerava, ficava em pé.

Desde sempre os Apyãwa faziam suas roças particulares e também faziam roças comunitárias. Quando os Apyãwa faziam suas roças, muitas vezes, o dono das roças tinha que dormir com suas famílias dentro da sua roça. Portanto, eles faziam uma casa. A família ia para a roça para plantar as sementes e as mudas de plantas. Algumas sementes o apenas homem tem a permissão de plantar. Assim também tem produtos da roça que só as mulheres podem plantar, conforme a regra dos Apyãwa.

Os Apyãwa iam para suas roças para plantar e também para vigia-las porque, nesta época, muitas caças apareciam, como Taxão (queixada), Tiwa'ã (caititu), Tapi'ira (anta), Akoxi (cutia), Tato (tatu), Arakwã (veado manteiro), entre outros animais. As aves também apareciam nas roças, como Axoro (papagaio), To'ixigi (periquito), Myto (mutum), Xako (jacu), entre outras aves que gostavam de aparecer nas roças para comer os produtos das roças. Por isso que os Apyãwa tinham costume de fazer a casa nas suas roças. As vezes só uma família ia morar nessas roças até o final da colheita. Assim também acontecia quando faziam as roças comunitárias, muitas vezes a aldeia inteira ia para esta roça até o final da colheita.

De acordo com senhor Korako Tapirapé, outro fator que acontecia para uma aldeia ser abandonada era quando morria um pajé do povo Apyãwa. A população obrigatoriamente abandonava essa aldeia para não ser afetada pela força sobrenatural, espiritual, que o pajé Apyãwa carregava consigo, como seus poderes. Com essa morte, os Apyãwa não podiam mais viver no local. Só depois de muitos e muitos anos, a população Apyãwa podia voltar para esses lugares novamente.

Outro fator que mandava os Apyãwa abandonarem suas aldeias eram Arawe, barata. Diz que quando tinham se procriado muitas nas casas dos Apyãwa, os Apyãwa viam os excessos de barata, então a população decidia mudar da aldeia. Assim que mudavam, eles queimavam suas casas.

Outro fator que obrigou os Apyãwa a mudarem de suas aldeias foi a chegada do homem branco. Para não serem dizimados, escravizados e contaminados por doenças desconhecidas que traziam com eles, os Apyãwa sempre vinham adentrando para o centro da terra, para o futuro território Apyãwa. Conforme contam os grandes historiadores Apyãwa, *Maragetã Kwaapãra gy*, os pajés Apyãwa escolheram este local para o povo Apyãwa, para seu povo. Os pajés Apyãwa trouxeram seu povo neste local, sem eles, dizem que os Apyãwa não conseguiriam estar aqui, na região de Yrywo'ywawa, território tradicional do povo Apyãwa.

As mudanças de aldeia foram provocadas pelos ataques sobrenaturais do pajé Apyãwa – que morriam nas aldeias e que, na cultura Apyãwa, devem ser sepultados dentro de casa -, pelo excesso de baratas que se reproduziam nas casas e que, por isso, os Apyãwa tinham que queimar todas as casas para fazer uma nova aldeia, também os Apyãwa mudavam das aldeias a procura dos solos específicos para cada produto das roças Apyãwa e por conflitos que aconteciam com os povos Kayapó, Javaé e Karajá. Agora estamos enfrentando o pessoal do agronegócio que se apropriaram de algumas partes do Territórios Apyãwa (Apyãwa Ywy).

CAPÍTULO 3 – ORIGEM DO POVO APYÃWA

Neste capítulo quero destacar Apyãwa Ywy, território Apyãwa, de acordo com *maragetã kwaapãra gy* (grandes historiadores Apyãwa). Os Apyãwa conhecem que viemos do outro lado do oceano Atlântico. A prova disso temos o nome do mar (Paranyxigoo) e do rio Paranyo, que os nossos antepassados denominaram. Também os Apyãwa denominaram o rio Awiowy (rio Tapirapé) na língua Apyãwa, que desagua no rio Paranyo (rio Araguaia), nossos antepassados vieram denominando por onde passaram até chegar aqui na região Urubu Branco. Isso mostra os *rastros* dos Apyãwa até chegarem onde estão localizados nos dias atuais, nas lentes dos *maragetã kwaapãra gy*.

Mas temos outra origem do povo Apyãwa que conta que os Apyãwa sempre estiveram por aqui, como o primeiro povo Apyãwa que habitaram nesses espaços, conforme as informações contadas pelos *maragetã kwaapãra gy*, grandes historiadores Apyãwa. Os Apirapé do povo Apyãwa é o primeiro povo que habitou nesses espaços em que vivemos nos dias atuais. Mani'ytywera é segundo povo a emergir da terra, o povo da mandioca. O terceiro povo Apyãwa a habitar nesses espaços é Awajky, que também veio da mandioca doce, que, antes, viviam debaixo da mandioca doce. O quarto povo a habitar esses espaços é Tawaopera, grupo encontrado pelo povo grupos que saíram primeiro, também é o grupo do povo da aldeia. O quinto grupo é Xakarepera, o povo do Jacaré. O sexto grupo achado é Xanetãwa, o povo da aldeia. O sétimo grupo encontrado é Paranyjwãra, o povo do rio Parany. Oitavo grupo é Kawãroo, o povo da vespa. O nono grupo é Kawãro'i. E o décimo grupo encontrado não pude registrar o nome no dia da entrevista porque não foi possível lembra-lo naquele momento pelo senhor Korako Tapirapé, mas ele contou que existem 10 grupos de origem do povo Apyãwa que compõe a cerimônia de Tataopãwa.

No dia da cerimônia de Tataopãwa, no pátio da Takãra bem de tardezinha, acontece os grupos de comer a partir do grupo de origem que cada pessoa pertence, assim os Apyãwa nunca esqueceram de suas origens, assim fortalecem e revitalizam a cultura Apyãwa.

Tataopãwa é uma cerimônia realizada no meio da aldeia, no pátio da Takãra, casa cerimonial do povo Apyãwa. Acontece sempre a tarde, a partir das cinco ou seis horas da tarde. Os grupos de comer se juntam para celebrar e relembrar suas origens, de qual grupo

pertence seus familiares e antepassados que emergiram, que surgiram na terra conforme cada origem. Cada pessoa pertence a um grupo de comer, por exemplo, eu pertencço, na cerimônia de Tataopãwa, ao grupo que surgiu debaixo da mandioca brava, o grupo de Mani'ytywera, o segundo grupo do povo Apyãwa que surgiu da terra.

Por pertencer ao grupo de Mani'ytywera, tenho que comer somente nesse grupo na cerimônia de Tataopãwa. Não posso comer em outro grupo porque os espíritos podem jogar (ou colocar) piolhos de aves na minha cabeça, no meu espírito, ou até mesmo na realidade. Muitas vezes os pajés Apyãwa também controlavam as pessoas que não seguiam as regras de Tataopãwa, contribuía para colocar o piolho das aves nas pessoas, para que os Apyãwa não desvalorizassem e não desrespeitassem a cultura do seu povo Apyãwa. Como contarei a partir da conversa com o senhor Korako Tapirapé, o grupo Apirapé foi o primeiro a sair da terra nesses espaços, foi o primeiro povo Apyãwa que habitou no Kwapiranytãwa, que significa terra dos Pau Brasil, que hoje conhecemos como Brasil na língua dos *maira* colonizadores.

A primeira origem do povo Apyãwa contada pelo senhor Korako Tapirapé

No dia 19 de junho de 2024 estava planejando entrevistar o senhor Korako Tapirapé, na aldeia Tapi'itãwa, que fica no município de Confresa-MT, sobre a origem do povo Apyãwa. Saí da nossa aldeia Anywootãwa, que pertence ao município de Porto Alegre do Norte-MT e fica a aproximadamente 45km de distância de Tapi'itãwa, junto com minha esposa Luciana Enyara Tapirapé e minha filha caçulinha Dayane Monowi'a Apyãwa, de 2 anos. Fomos de moto para aldeia Tapi'itãwa na manhã de quarta-feira e chegamos por volta do meio dia.

Chegando na aldeia, primeiro tive que conversar com um filho do senhor Korako Tapirapé que é casado com minha prima Andreia Marawyky'i Tapirapé. Conforme a cultura do povo Apyãwa, não poderia conversar diretamente com meu cunhado, pela questão de respeito. Nós Apyãwa devemos respeitar muito o nosso cunhado. Por essa questão eu combinei com a esposa primeiro, para que ela repassasse a nossa conversa ao seu marido. Assim, seu marido conversou com seu pai e ele concordou em ser

entrevistado por mim sobre a origem do povo Apyãwa. Depois de combinar tudo, pude conversar em alguns momentos com o filho e seu pai.

Tudo correu bem, ele concordou, mas quase não deu certo. Ele disse que estava se preparando para ir a roça. Minha prima ligou para seu esposo, Fábio Kapywa Tapirapé, que estava na casa de seus pais, por WhatsApp. Ela explicou que eu queria entrevistar o pai dele. Então, ele imediatamente falou com o pai, viu que ele estava se preparando para ir para a roça e perguntou a ele se poderia ser entrevistado por mim. Felizmente, ele atendeu o meu pedido e ficou para a minha entrevista.

Assim que Fábio Kapywa confirmou para sua esposa no WhatsApp, Andreia Marawyky'i, ela nos comunicou para irmos até a casa dele, ele e seu pai estariam nos aguardado para esse momento tão esperado. Fomos recebidos pelo senhor Korako Tapirapé e seus dois filhos. Fomos bem recebidos, como os Apyãwa cumprimentam quem chega em sua casa, na língua materna, respeitosamente dizendo "*peẽ tã pa peka*", que significa mais ou menos na aproximação da língua portuguesa "sejam bem-vindos". Eu e minha esposa respondemos "yy" que significa sim, com o tom da fala retribuindo o respeito da fala no cumprimento que os Apyãwa usam cotidianamente.

Conversei primeiramente com o filho, explicando todo o meu projeto de pesquisa, porque eu o escolhi e sua importância para o povo Apyãwa. Então ele repassou para o pai e comecei a gravar. Ele também fez questão de ser gravado e começou a contar a origem do povo Apyãwa, como os Apyãwa surgiram na terra, de onde, e até onde estão localizados neste momento.

O senhor Korako Tapirapé aprendeu a origem do povo Apyãwa com os grandes historiadores ancestrais dos Apyãwa. Dizem que só ele sabe essa história de origem do povo Apyãwa. Perguntei para Xakareo'i Tapirapé e sua esposa Maxaja Tapirapé, para José Pio Wario Tapirapé, José António Xawaraxowi Tapirapé e sua esposa Koxaoni Tapirapé, todas essas pessoas me sugeriram entrevistar o senhor Korako Tapirapé. Então, fui atrás dele e consegui realizar essa entrevista.

De acordo com Korako Tapirapé, o primeiro povo Apyãwa a sair da terra foram os grupos de Apirapé do povo Apyãwa. Não tinha nenhum povo habitando este lugar que hoje é conhecido como Brasil. Na língua Apyãwa se chama Kwapiranytãwa, que significa a terra dos Pau Brasil. Primeiro a surgir na terra foram os Apirapé, do fundo da terra, (*Ywyrowã wi*). Foram esses grupos que primeiro habitaram esta região, explorando

lugares, caçando, pescando com arco e flecha, tirando mel de abelha e coletando frutas da mata e do cerrado, por um bom tempo. Conforme a fala do senhor Korako Tapirapé, neste lugar não havia presença de nenhum branco, só viviam os indígenas *Tawaxãra*.

Depois de muito tempo, no caminho, os Apirapé acharam os outros grupos Apyãwa, Mani'ytywera, os grupos da Mandioca, que estavam debaixo da mandioca. Eles viviam debaixo da terra, na escuridão, no subterrâneo, sem a luz do sol. Aos poucos a rama da mandioca estava rachando o chão e foi lá que os Apirapé os acharam, trouxeram esses grupos com eles para a aldeia. E, assim, no caminhar, eles iam longe a procura de outros grupos que poderiam estar como os outros, que ficaram debaixo da terra, ou alguns grupos que ficaram um pouco complicado de achar. Nessa época os Apyãwa estavam juntando os grupos, por isso eles iam procurá-los. Tinham objetivo de achar mais grupos do povo Apyãwa. Por surgirem da terra, eles acharam que mais grupos poderiam estar debaixo da terra. Eles tiveram essa lógica de que poderiam encontrar mais grupos de Apyãwa embaixo da terra ou em algum lugar na terra menos difícil de serem encontrados.

Depois os Apirapé e Mani'ytywera acharam os grupos de Paranyjwãra que saíram das nascentes de água Parany. O nome do rio é o nome que está servindo como nome do grupo também, porque saíram desse lugar. Esses lugares em que os grupos foram achados ficavam muito barulhentos. Os grupos foram achados porque faziam muito barulho, isso facilitava serem achados. Os grupos que já tinham saído na terra, iam procurar outros grupos. Eles paravam para escutar, verificavam se poderiam ouvir o barulho ou as conversas de outros grupos que também poderiam estar debaixo da terra ou em algum lugar diferente. Tentavam ouvir a fala deles, se falavam igual a sua língua. Assim que entendiam, eles falavam um com outro dessa forma: “é um grupo do nosso povo, vamos tirar ele, vamos dizer a ele que aqui onde estamos vivendo é melhor. Nós também ficávamos na escuridão, vamos mostrar para ele a luz do dia”! Assim disse Korako, que tiravam e traziam para a aldeia, onde os Apyãwa se juntaram na terra fazendo uma aldeia enorme pela primeira vez. Era a única aldeia, depois que foram formando outras aldeias.

Em seguida, foram achados os grupos de Xakarepera, grupos de Jacaré, que também vieram da água. Depois acharam os grupos de Awajky, grupos de Mandioca doce, que também estavam debaixo da mandioca doce. Estes foram tirados da terra. Alguns, que não conseguiram tirar, se transformaram em mandioca, como rama de mandioca brava e mandioca doce. Os que saíram foram juntados e levados para a aldeia.

Depois acharam os grupos de Taretapy, no lugar cheio de folha que chamamos de *Tawaawa*, formando quase um tipo de túnel. “*Ewy’aroro ro’õ raka’ê mi akwãpa akwapãwa ropi*”, disse o senhor Korako Tapirapé. Depois de acharem os grupos de Taretapy, acharam os grupos de Tawaopera, também localizados no mesmo surgimento dos grupos de Taretapy, mas em outro lugar. Também foram levados para a aldeia em que os Apyãwa foram se juntando, formando uma grande aldeia dos Apyãwa. Quando os grupos iam procurar outros grupos, primeiro as pessoas se reuniam na aldeia para se dividirem para procurar.

Depois foram formados os grupos de comer no pátio da Takãra, onde se realiza Tataopãwa. Os grupos se dividem como foram achados na Tataopãwa, para não esquecermos qual grupo cada pessoa pertence. Os Apyãwa não têm suas origens completas na Tataopãwa, contou o senhor Korako Tapirapé. Três grupos estão extintos. Ele disse que existem 10 grupos, apenas 7 grupos ainda existem no Tataopãwa e três estão extintos como: Xanetãwa, Kaworoo, Kawaro’i. Recentemente foram criados o grupo de Kawaro’i, que já fazia parte de Tataopãwa.

Imagem 57 – Tataopãwa, a cerimônia de grupo de comer que acontece no pátio da Takãra



Fonte: Fotos postadas no grupo de WhatsApp Apyãwa Wyrã, arquivo do autor, 2021

Então, os Apyãwa foram criando os grupos de Tataopãwa conforme o surgimento e a origem do povo Apyãwa, desde os primeiros grupos a surgirem na terra que foram, 1. Apirapé, 2. Mani'ytywera, 3. Awajky, 4. Tawaopera, 5. Xakarepera, 6. Xanetãwa, 7. Paranyjwãra, 8. Kawãro, 9. Kawaro'i.

Assim foram achados 7 grupos do povo Apyãwa, como também escreveu Charles Wagley em “Lágrimas de Boas-Vindas” (1988, p. 128). O primeiro povo a emergir na terra foram os (01) Apirapé (“o primeiro povo”), seguidos de (02) Mani'ytywera (“o povo da mandioca”), (03) Awajky (“o povo da mandioca doce”), (04) Tawaopera (“o povo da aldeia”), (05) Xakarepera (“o povo do jacaré”), (06) Xanetãwa (“povo da aldeia”), (07) Paranyjwara (“Povo do rio Parany”). (08) Kawaroo (“povo da vespa”) e (09) Kawaro'i que precisam ser colocados nesta lista, também fazem parte dos grupos que surgiram. O

senhor Korako Tapirapé me informou que existem dez grupos que surgiram na terra e que compunham as realizações de Tataopawa, mas ele não se lembra mais de um grupo que completaria os grupos de origem do povo Apyãwa. Ele se lembra apenas de 09 grupos que surgiram.

Foi assim que o senhor Korako Tapirapé me contou sobre a origem do povo Apyãwa, que o povo Apyãwa já vivia aqui desde sempre, no que agora é conhecido como o país Brasil. Além dessa narrativa, temos outra sobre a origem do povo Apyãwa, também contada por Korako Tapirapé e alguns grandes historiadores. Pretendo transcrever a fala de cada um neste trabalho.

Os desenhos abaixo, presentes no Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Tapi'itãwa (2009), ilustram os surgimentos do povo Apyãwa.

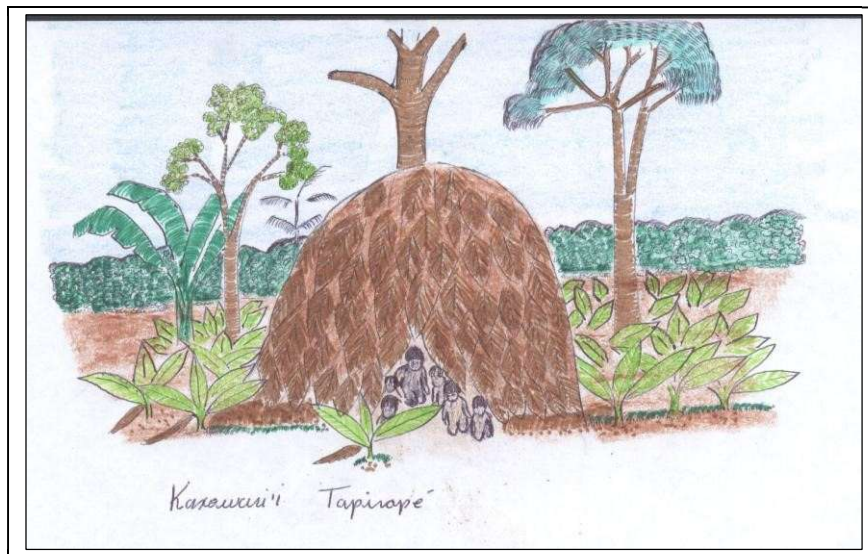
Imagem 58 - Grupo de Mani'ytywera



Fonte: Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. Projeto Político Pedagógico, 2009, p. 09

O grupo de Mani'ytywera emergiu do fundo da terra. Em cima estava o pé de Mani'ywa, mandioca. A rama dela estava rachando a terra e assim facilitou que avistassem a luz do dia.

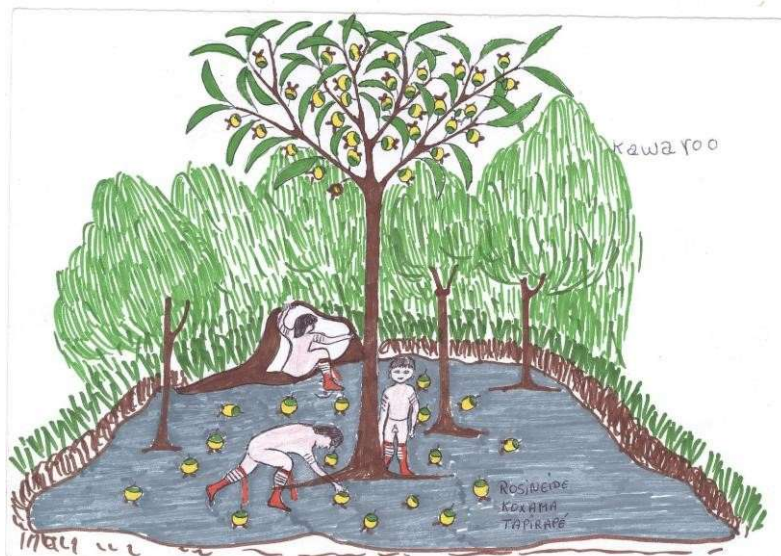
Imagem 59 - Grupo de Tawaopera



Fonte: Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. Projeto Político Pedagógico, 2009, p.11

O grupo de Tawaopera vivia em um enorme tonel feito com folhas que os Apyãwa chamam de *tawaawa*, por isso esses grupos receberam o nome de Tawaopera, eles moravam no lugar cheio de folha *tawaatyjpe*.

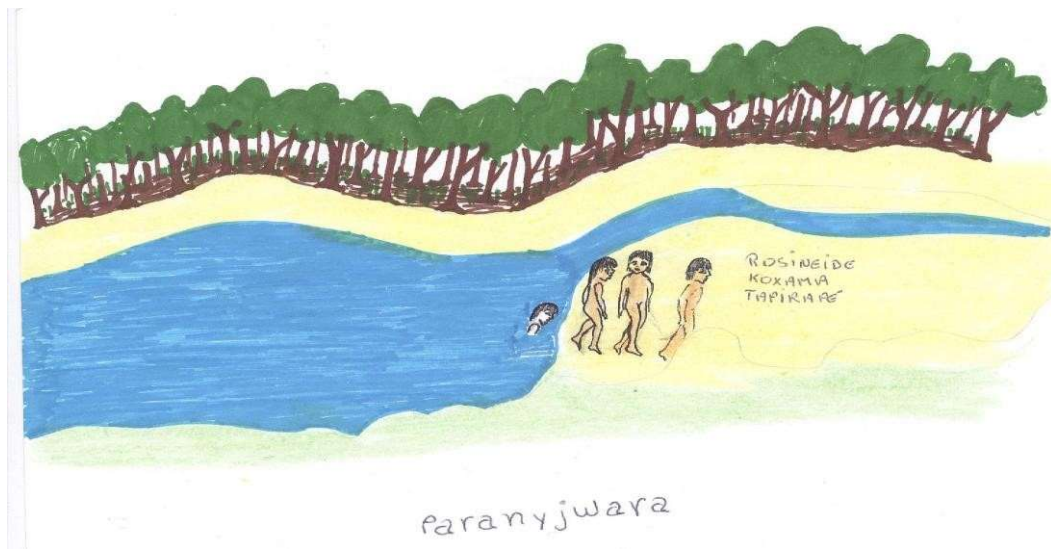
Imagem 60 - Grupo de Kawaroo



Fonte: Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. Projeto Político Pedagógico, 2009, p.13

O grupo de Kawaroo que estava habitando no oco da árvore. As vezes eles saiam para coletar e se alimentarem das frutas.

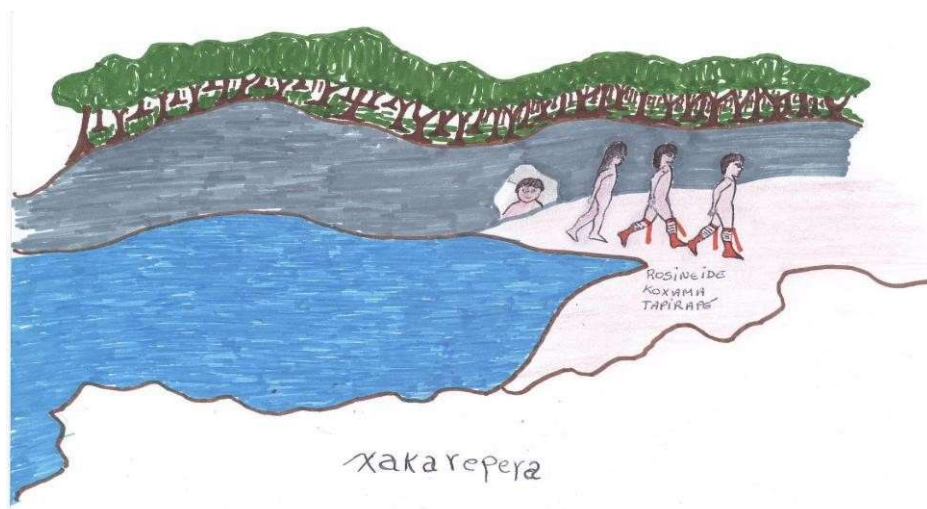
Imagem 61 - Grupo de Parany



Fonte: Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. Projeto Político Pedagógico, 2009, p. 14.

O grupo Parany foi encontrado no final do rio Parany, por isso foram nomeados de grupo Paranyjwãra, assim como os outros que surgiram e receberam nomes dos locais onde estavam vivendo.

Imagem 62 - Grupo de Xakarepera



Fonte: Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. Projeto Político Pedagógico, 2009, p.14.

O grupo de Xakarepera também emergiu no final do rio, estavam vivendo junto com *Xakare* (Jacaré), por isso foram chamados de Xakarepera. As ilustrações foram selecionadas para melhor compreensão da dimensão do surgimento do povo Apyãwa.

Outra origem do povo Apyãwa

De acordo com Korako Tapirapé, o povo Apyãwa vivia do outro lado do oceano Atlântico. No pensamento dele, o primeiro grupo que temos na origem, *Xakarepera*, pode ter vindo do outro lado do oceano, e se juntaram nos grupos de origem do povo Apyãwa, que também compõem os grupos de *Tataopãwa*.

Como ele contou, os grupos de *Tataopãwa* são:

- 01 – Apirapé, o primeiro grupo a surgir na terra
- 02 – Mani'ytywera, o segundo a surgir debaixo de uma mandioca
- 03 - Awajky, o terceiro grupo a sair debaixo da mandioca doce
- 04 – Tawaopera, o quarto grupo encontrado, o povo da aldeia
- 05 – *Xakarepera*, o quinto grupo, o povo do jacaré
- 06 – Xanetãwa, o sexto grupo achado, o povo da aldeia
- 07 – Paranyjwara, o sétimo grupo, o povo do rio Parany
- 08 – Kawãroo, o oitavo grupo, o povo da vespa
- 09 - Kawãro'i, o nono grupo a ser encontrado na terra
- 10 – Nome do grupo esquecido no momento

O senhor Korako Tapirapé disse que não se lembra mais de um grupo que completaria os dez grupos de origem do povo Apyãwa. Segundo ele, “até um pouco tempo eu estava me lembrando desse grupo, mas não consigo lembrar mais, assim que eu me lembrar vou contar para você”.

Conforme a fala do Korako Tapirapé, vivíamos no outro lado do oceano. Então o pajé do povo Apyãwa, o *Xakarepera*, o grande pajé do povo Apyãwa, estava conversando com *Maaxi'y ramõja* (avô do camarão), para atravessar o mar na direção da América do Sul, que hoje é conhecido como Brasil. O pajé já sabia desse lugar através do sonho dos pajés dos Apyãwa que atravessaram *Paranyxigoo* (Mar).

Então o *Xakarepera* combinou tudo com *Maaxi'y*, como seria a travessia para outro lado do oceano. *Maaxi'y* falou para *Xakarepera* que estenderia o seu braço para seu

povo. Mas *Maaxi'y* falou que na hora em que o povo estivesse atravessando *Paranyxigoo*, nenhum namorado poderia olhar um ao outro, “se não meu braço vai se cortar ao meio”, disse *Maaxi'y* para *Xakarepera*. Então, com essa consciência, o *Xakarepera* informou seu povo que os namorados não poderiam olhar um para o outro.

No amanhecer, *Maaxi'y* estendeu seu braço comprido para o povo de *Xakarepera* atravessar o *Paranyxigoo*, que significa o mar na língua Apyãwa. Novamente *Xakarepera* gritou para seu povo para que os namorados não olhassem um para o outro, dizendo “deixa que todos nós possamos atravessar para o outro lado do oceano”. Estavam atravessando, atravessando, atravessando. Todos estavam quase atravessando. Quando dois namorados foram atravessar, olharam um para outro, o braço de camarão se cortou bem no meio. Alguns conseguiram sair no outro lado da terra, alguns foram comidos pelos *Xakare* (jacaré), *Maja* (cobra da água), *Takape* (focas), entres outros bichos do mar. Então nós viemos do outro lado do oceano, e assim nós fizemos a aldeia no litoral. Korako contou que vivemos por vários anos assim, viemos mudando de lugar até onde estamos localizados hoje.

A esposa de *Xakarepera* atravessou o *Paranyxigoo*, mas *Xakarepera* ainda estava do outro lado do oceano, querendo atravessar também. A esposa do *Xakarepera* passou muitos e muitos anos sem a presença do seu marido, ela estava do outro lado do oceano junto com o pessoal que conseguiu atravessar o *Paranyxygoo*.

Porém, *Xakarepera*, no outro lado do oceano, corria procurando um modo de atravessar o *Paranyxigoo* novamente. Então, ele encontrou um filhotinho de jacaré boiando. Naquela época todos seres vivos falavam na língua Apyãwa para os pajés do povo Apyãwa. Ele falou para este filhotinho do Jacaré: “*awa ramõ ekawo'i mã pã xerera'yaãwixe'ii xepe wã axãwo!*”. “Como boa pessoa, por gentileza, você poderia me atravessar, eu agradeceria você”, disse *Xakarepera* para o jacarezinho. O jacarezinho ouviu a fala do *Xakarepera* e mergulhou novamente. Ele foi falar com seu pai, dizendo “pai, tem uma pessoa querendo atravessar o *Paranyxigoo*”, então o pai dele foi boiar. O pai do Jacarezinho era enorme e *Xakarepera* estava na beira do *Paranyxigoo* muito triste.

O jacaré boiou até *Xakarepera* e perguntou: “é você que está querendo atravessar?” “Sim eu mesmo”, respondeu *Xakarepera*. “Então vem nas minhas costas que vou levar você para o outro lado do *Paranyxigoo*”, falou o jacaré. “Verdade?”. disse *Xakarepera* para o Jacaré. “Sim!”, ele respondeu. *Xakarepera* falou para o Jacaré

novamente: “será que você não vai me comer?”. “Pode vir que eu não vou comer você”, disse o jacaré. *Xakarepera* não tinha outra opção. Ele subiu nas costas do *Xakare ramôja* (avô do jacaré) com a corda de amarrar sua rede de dormir.

Xakarepera amarrou a rede nas costas do jacaré, depois amarrou sua boca e pulou nas suas costas. Então, o jacaré estava nadando com *Xakarepera* nas costas e levando, levando, levando, até que ele pensou em comer *Xakarepera* no meio do caminho. Então ele pediu para *Xakarepera* falar mal dele: “diz para mim que tenho as costas grossas”. “Não”, respondeu *Xakarepera* para o *Xakare ramôja*, “você tem as costas lisinhas”. *Xakarepera* não podia falar mal dele, ele tinha essa consciência de que o Jacaré só poderia estar querendo comê-lo se falasse mal dele.

Então, na viagem, ele só elogiava o Jacaré. E o Jacaré o foi levando, levando, levando. Novamente ele tentou fazer com que *Xakarepera* falasse mal dele: “diz para mim que tenho olho grosso”. “Que isso? Você tem olho lisinho”, disse *Xakarepera* para o Jacaré novamente. Assim ele levou, levou, levou. De novo ele quis comer *Xakarepera*: “diz para mim que tenho o cu catिंगoso”. “Que isso?”, disse *Xakarepera*, “você tem cu cheirosinho”. E ele continuou a nadar com ele, até que *Xakarepera* avistou a terra. *Xakarepera* falou para o Jacaré leva-lo até a beira, onde uma árvore estava com galho em que ele poderia segurar.

Xakarepera já estava planejando a sua fuga, ele falou para o Jacaré leva-lo até embaixo do galho. O Jacaré levou. Quando ele levou até embaixo dessa árvore, *Xakarepera* falou mal do Jacaré: “você realmente tem olho grosso!”, empurrando-o para o fundo da água, segurou no galho. Conseguiu descer da árvore e, depois, correu na beira do *Paranyxigoo*. Ele viu o *Mawari ramôja* (avó do Maguari), conversou com esse *Mawari*, dizendo “meu tio, por favor, me engole”. “Por que?”, perguntou o *Mawari*. “Porque o Jacaré está querendo me matar!”. “Beleza, pode vir então”. O *Mawari* engoliu *Xakarepera*, depois também engoliu os peixes que estava comendo.

Logo atrás de *Xakarepera*, veio o Jacaré, ele perguntou para *Mawari*: “você viu a minha caça passando por aqui?”. “Não vi não”, respondeu *Mawari* para o Jacaré. “Você matou, porque só aqui que não estou vendo mais o rastro”, disse o Jacaré para *Mawari*. “Não sei não”, disse o *Mawari* para o Jacaré. “Então vomita para eu ver se você realmente não engoliu a minha caça”. “Tá bom, vou vomitar para você. Eu comi somente os peixes, está vendo?”, disse *Mawari* para o Jacaré. “Beleza”, respondeu o Jacaré que voltou para

o *Paranyxigoo*. Quando o Jacaré voltou, *Mawari* vomitou o *Xakarepera*. *Xakarepera* agradeceu ao *Mawari*, depois correu na beira do *Paranyxigoo* e lá estava se lavando, lavando a saliva do *Mawari* do corpo dele.

Depois foi caminhando, ao anoitecer ele amarrou a rede. Pensou que estava amarrando sua rede debaixo de uma árvore, mas ele não sabia que estava armando sua rede embaixo de *Kororoo ramôja* (avô do sapo). Amarrou sua rede no braço do *Kororoo*, depois acendeu fogo e deitou na sua rede. Em algum tempo, o sapo não aguentou a fumaça. A fumaça estava ardendo o olho do *Kororoo*, ele não aguentou e começou a se movimentar virando na direção do *Paranyxigoo*, dizendo “*Paranyxigoo katy wewāka wytoto*”. *Xakarepera* se assustou: “nossa, o que é isso?” Rapidamente desarmou sua rede, o sapo virou pulando na direção do *Paranyxigoo*, quase pulou com *Xakarepera* junto com ele no mar *Paranyxigoo*.

Após isso, pela manhã, *Xakarepera* queria beber água e encontrou com sucuri *Majoo ramôja* (avô da cobra), que enrolou *Xakarepera* junto com a rede que ele carregava nas costas. Então ele começou a falar para *Majoo*, quando as aves falavam como Tucano, começou a falar para ele, “nossa”, dizendo para a *Majoo*, “meu tio está procurando por mim”. “É verdade, é seu tio”, *Majoo* disse para *Xakarepera*. “Sim” respondeu *Xakarepera*, “é meu tio”. “O seu tio não vai te salvar”, disse *Majoo* para *Xakarepera*. “Nossa, será que ele vai me matar agora?”, *Xakarepera* estava refletindo. Para todas as aves, como *Xiakwera*, entre outras aves mais, ele estava falando que seu tio estava procurando por ele.

O *Majoo* não tinha medo deles. Até que o pássaro *Wakāwy*, que come cobra, começou a falar. E, de novo, *Xakarepera* falou “nossa, meu tio procurando por mim. “É verdade?”, perguntou *Majoo* para o *Xakarepera* que respondeu: “sim, é meu tio que está me procurando”. Rapidamente o *Majoo* parou de enrolar *Xakarepera*. *Majoo* o soltou. *Xakarepera* já não estava mais aguentando ser sufocado pelo *Majoo*. O *Majoo* tem medo desse pássaro *Wakāwy*, porque *Wakāwy* come as cobras, por isso ele soltou o *Xakarepera*. A cintura de *Xakarepera* já estava quase quebrando, o *Wakāwy* o ajudou a sair das garras do *Majoo*. Assim que o *Xakarepera* escapou do *Majoo*, ele conseguiu seguir sua viagem, novamente estava indo atrás de seu povo que atravessou o *Paranyxigoo*.

Ele foi indo e, no caminho, encontrou com *Tato* (tatu). Diz que o *Tato* era fêmea e estava usando a fala feminina do povo *Apyāwa* para o *Xakarepera*. O *Tato* estava

cavando amendoim, mas não era o amendoim de verdade que o *Tato* estava cavando, estava tirando minhoca para comer. O *Tato* falou para *Xakarepera*: “nossa, é você que está vindo por aqui”. “Sim”, disse *Xakarepera*, “eu que estou vindo”. E o *Tato* falou para *Xakarepera*: “você não quer comer um amendoim? Se você quiser, vou fritar um para você”. *Xakarepera* falou para *Tato*: “eu aceito, pode preparar para mim”. Então, o *Tato* estava fritando minhoca para *Xakarepera* e o beiju com farinha para comer junto com minhoca. Depois de o *Tato* ter preparado minhoca frita, beiju e a farinha, *Xakarepera* agradeceu o *Tato* dizendo “obrigado, *Tato*, vou estar comendo no caminho”. No caminho ele jogou a minhoca, ele não comeu, ele trouxe só o beiju e a farinha, e foi comendo pelo caminho.

Mais à frente, *Xakarepera* encontrou o pássaro *Torori*, um pássaro da espécie de *nambuzi* que estava tirando amendoim de verdade. *Torori* também era fêmea e falou novamente para *Xakarepera*: “é você que está vindo por aqui?”. “Sim, eu mesmo que estou passando por aqui”, respondeu *Xakarepera* para *Torori*. *Xakarepera* perguntou para *Torori*, “o pessoal passou por aqui?”. “Sim”, disse o *Torori* para o *Xakarepera*, “eles passaram por aqui, eles foram por ali”, disse *Torori* para *Xakarepera*. “Come um amendoim que vou preparar para você”, disse o *Torori*. “Então tá”, respondeu *Xakarepera*. *Torori* estava fritando o amendoim para *Xakarepera*, que estava comendo. Quando ele ficou satisfeito, levou o restante e a farinha para comer no caminho.

No caminho, ao anoitecer, *Xakarepera* armou sua rede novamente e, bem cedinho, *Karã* (cará) deu sinal para *Xakarepera*, dizendo “*pi, pi, pi, pi, nao'oo'ojxe'i myga xeremakweri mō axãwo*”. “Alguém poderia morder um pouquinho o meu corpo?”, disse o *Karã* para o *Xakarepera*. Ele foi ver o local: “foi por aqui que uma coisa estava falando comigo?”, procurou *Xakarepera*. Quando ele viu, o *Karã* estava neste local, rachando a terra. *Xakarepera* estava tirando *Karã* para comer. Ele assou o *Karã* no fogo, comeu e o restante ele levou para comer no caminho.

Ao anoitecer, *Xakarepera* armou sua rede novamente. Ao amanhecer *Inaxã* (inajá) deu sinal para *Xakarepera*: “*pi,pi,pi,pi, nao'oo'ojxe'i myga xeapekweri axawo*”. “Alguém poderia morder um pouquinho a minha casquinha?”, era uma fruta que o povo *Apyãwa* consome. Bem cedo, *Xakarepera* foi verificar, lá estava o pé de *Inaxã*, estava com sua fruta caindo no chão. *Xakarepera* coletou essas frutas e comeu, o restante ele levou para comer pelo caminho. Ele comeu tudo pela estrada, já estava escurecendo novamente.

Xakarepera armou sua rede novamente e, durante a noite, abelha *Tate'i* deu sinal para ele: “*pi, pi, pi, pi, nao'oo'ojxe'i myga xeretyweri mō axawo*”. “Alguém poderia comer um pouquinho a minha casinha?” *Xakarepera*, disse “o que será que deu sinal para mim?”. Lá estava a casa do *Tate'i*, no crânio do ser humano, estava cheio de mel dentro dela. *Xakarepera* estava quebrando esse crânio, e estava confeccionando *Tarepiry'ãja*, objeto feito com folha de banana brava em que o mel não pode filtrar. Nesse objeto que o *Xakarepera* estava produzindo poderia trazer o mel para comer no caminho.

Seguindo sua viagem, *Xakarepera* estava chegando perto da aldeia do povo dele que tinha atravessado o *Paranyxigoo*, ele encontrou um bando de macaco prego. *Xakarepera* falou para os macacos prego, um por um, dizendo “*xetotyt ke pa ia pe wã axãwo?*”, que na tradução para o português significa “oi meu tio, por onde vai a estrada para aldeia do meu povo rapaz?”, uma forma de falar respeitosamente com o macaco. E o macaco respondeu “*ma'e pawã*, o que foi?”. “Cadê o caminho, rapaz?”, *Xakarepera* perguntou novamente. “Olha a estrada, vai por aqui, vai seguindo por aqui, por aqui, por aqui até no cascalho *xerakojapirapé*”, estavam zoando dele.

Xakarepera percebeu que os macacos estavam de sacanagem com ele, porque quando falavam para ele essa palavra *xerakojapirape*, depois eles riam de *Xakarepera*. Os macacos estavam reunidos porque um macaco de outra espécie tinha vindo atrás deles. “Será que esse macaco vai contar o caminho certo para *Xakarepera?*”. Já estavam combinando que se ele contasse o caminho certo: “nós vamos bater nele!”. E então, os macacos só estavam prestando atenção no outro macaco de outra espécie. Ele não sabia mentir, portanto esse macaco era generoso e sincero.

Então chegou a vez do macaco que tinha a cara branca. *Xakarepera* falou a ele: “meu tio”. “Oi”, respondeu o macaco de cara branca. “Cadê o caminho?”, perguntou *Xakarepera*. “Rapaz, olha a estrada, vai nesta direção, vai seguindo, seguindo até onde está falando o pássaro *Xapoo* (recongo), ela está cantando bem pertinho da aldeia”. *Xakarepera* respondeu: “muito obrigado por contar o caminho certo para mim”. Os outros macacos só estavam aguardando, dizendo “não acredito que ele contou o caminho certo para ele. Vamos esperar ele por aqui, a gente vai dar uma surra nele!”. Então, esse macaco chegou no local da emboscada, o macaquinho estava gritando, chorando porque os outros macacos estavam batendo nele que estava sozinho e porque ele tinha contado o caminho certo para *Xakarepera*.

Quando o macaco contou o caminho certo para *Xakarepera*, ele colocou sua rede nas costas novamente, caminhou até onde estava o pássaro *Xapoo*. Chegando lá, *Xakarepera* se banhou primeiro, depois saiu em direção à aldeia. O povo dele correu atrás dele perguntando como ele conseguiu atravessar o *Paranyxigoo*. Ele contou para seu povo que atravessou com ajuda do Jacaré. Seu povo ficou muito contente com sua chegada, contaram um para outro, dizendo que o *Xakarepera* atravessou junto com o Jacaré, que o Jacaré o atravessou, e assim por diante, contando um para outro.

A esposa dele ouviu o nome de *Xakarepera*, que seu marido, *Xakarepera*, chegou. Ela saiu de dentro da casa. Como muitos anos se passaram, a esposa de *Xakarepera* já tinha vários filhos com outro homem e estava grávida. A esposa queria voltar para o *Xakarepera*, mas não tinham mais como ficarem juntos, então *Xakarepera* se casou novamente com outra mulher.

E assim, Korako Tapirapé disse: “penso que pode ser que o *Xakarepera*, o grupo de *Xakarepera* que temos em nossa origem, que chegaram do outro lado do oceano”. Temos nos grupos de origem, que fazem parte no grupo de *Tataopãwa*. O senhor Korako Tapirapé, disse “esse é o meu pensamento sobre esse grupo que chegou no *Kwapiragytãwa* (Brasil), mas que aqui já vivíamos também outros Apyãwa, essas são minhas lentes em relação às nossas origens do povo Apyãwa.

Imagem 63 - Korako Tapirapé e Samuel Oparaxowa Tapirapé



Fonte: Arquivo pessoal, 2024. Fotografia de Enyara. Na foto Kaorewygi Tapirapé, nome atual de Korako Tapirapé, grande historiador, conhecedor da cultura Apyãwa, líder cerimonial, ao lado esquerdo, e eu, Samuel Oparaxowa Tapirapé, na aldeia Tapi'itãwa, em 19 de junho de 2024.

Esse momento com o conhecedor da nossa ancestralidade foi um aprendizado muito grande, foi uma honra poder ouvi-lo diretamente e me senti privilegiado por saber dele as histórias dos nossos antepassados, me tornando cada vez mais como sábios das nossas histórias Apyãwa. Com muita satisfação estarei carregando comigo os conhecimentos que ele depositou em mim, transferindo os conhecimentos do povo Apyãwa, que também são de suma importância para minha pesquisa, para que eu pudesse entender de onde viemos, por onde os Apyãwa vieram vindo até chegarem onde estamos vivendo nos dias atuais.

Essas informações também foram muito cruciais para saber sobre as trajetórias e os territórios do povo Apyãwa, que era mais amplo, como diz a história de *Xakarepera*, vivíamos também no outro lado do oceano. Depois, temos as origens do povo Apyãwa que surgiam quando já viviam aqui, como dos grupos Apirapé, Mani'ytywera, Awajky,

Tawaopera, Xakarepera, Xanetãwa, Paranyjwãra, Kawãroo, Kawãro'i. Esses grupos do povo Apyãwa já viviam aqui antes dos *maira* colonizadores chegarem e chamarem de Brasil, essas são minhas lentes a partir da minha pesquisa realizada com *maragetã kwaapãra gy*, grandes historiadores Apyãwa.

Renascimento do povo Apyãwa através de *Xakowi*, mutum e periquito

De acordo com a senhora Koxaoni Tapirapé, há muito tempo atrás, nós Apyãwa chegamos à beira da extinção por causa de *Koxymene 'yma* que colocou o dedo na boca do espírito *Ipiryjaxyga*, ritual de Peixe Piranha, que cortou o dedo da moça Apyãwa dentro da Takãra. A cultura não permite a entrada de mulheres, seja Apyãwa ou não, na Takãra. Por causa disso o povo acabou tomando decisões muito precipitadas. O povo Apyãwa se suicidou por causa de uma mulher, *koxymene 'yma* (por causa de uma mulher prostituta Apyãwa). Quando *koxymene 'yma* (prostituta) entrou na Takãra, ela colocou o dedo na boca do ritual *Ipiryjaxyga*. Nesta época os rituais eram muitos perigosos e vivos, vivendo com os Apyãwa, como dizem os sábios Apyãwa, Korako, Wario, Xakareo'i. Nesta época os rituais eram *ekaete*, em uma aproximação para língua portuguesa, eram reais, vivos.

Quando essa mulher colocou o dedo na boca desse ritual, o *Ipiryjaxyga* o mordeu, cortou o dedo dela. Então todos Apyãwa ficaram com raiva dessa mulher. O povo Apyãwa estava discutindo sobre acabar com o próprio povo Apyãwa. Concordaram em cavar um buraco enorme para acabar com o povo. Este buraco cheio de chamas fica na região em que hoje estão localizadas aldeias dos Javaé.

Naquela época não era permitida a entrada de uma mulher na Takãra, somente era permitida a entrada de *koxymene 'yma* (prostituta) para que fizesse relações sexuais com todos homens na Takãra. Essa regra vem se seguindo de acordo com nossos ancestrais até hoje, por isso as mulheres respeitam muito a Takãra até hoje. E todas as mulheres têm essa noção do porquê não é permitido que as mulheres frequentem esse ambiente. Só essa mulher, que tem curiosidade e se considera como prostituta, que entra na Takãra, com sua própria vontade, que não ligará para as regras, para as consequências por não respeitar o espaço cerimonial, o espaço sagrado dos Apyãwa.

Então, o povo Apyãwa cavou um grande buraco, no local em que hoje se encontram as aldeias do povo Irewee/Javaé. Quando cavaram esse buraco, ascenderam fogo para empurrar um ao outro. Primeiro diz que jogaram as crianças, depois os jovens e assim por diante. O povo Apyãwa foi se acabando até sobrar somente a dupla do *xakowi axyga*. Dizem que alguns escolhiam seus companheiros para se jogarem nesse buraco cheio de fogo, alguns pulavam com seu filho ou sua filha, alguns pulavam com sua própria vontade e alguns empurravam um ao outro. Até que sobraram somente *axywewoja Xakowi* (o ritual *Xakowi*), mas do povo Apyãwa acabaram todos, os que não eram *karowãra*, como *Xakowi*, *Myto* e *To'ixigi*, morreram todos.

O povo Apyãwa considera *xakowi*, *myto* e *to'ixigi* como *karowãra* que tem seus poderes especiais, por isso *xakowi* não caía no enorme buraco de fogo, só atravessavam esse buraco, o que era impossível para pessoas normais. Como *xakowi* era *karowãra* não morreu no buraco queimando como outros do seu povo. Esse foi o motivo do povo Apyãwa não ser extinto completamente. Sem mutum e periquito não seria possível recuperar a população do povo Apyãwa.

Se o povo Apyãwa não tivesse mutum e periquito como aves de estimação, seria impossível aumentar a população do povo Apyãwa. Quando todos do povo Apyãwa morreram, só *xakowi* sobraram, não conseguiram matar um ao outro porque eles dois eram *karowãra*, portanto o mutum e periquito eram *Karowãra* também, porque apesar de serem aves de estimação se transformavam em duas mulheres Apyãwa muito lindas, que falavam na língua Apyãwa.

Essas duas aves ficaram em casa enquanto as pessoas se jogavam no fogo. Depois restou *xakowi*, que procuravam pelas pessoas que poderiam ter escapado e sobrevivido ou se escondido dessa tragédia, mas infelizmente não restou ninguém do povo Apyãwa. Somente *xakowi* sobreviveram. Quando esses dois iam procurar as pessoas, as aves mutum e periquito se transformavam em duas mulheres Apyãwa que faziam comida para eles. Quando eles voltavam, sua comida já estava pronta. Depois que deixavam a comida pronta, as duas mulheres voltavam a se transformar em aves.

Vendo as comidas, os dois estranharam, perguntando um ao outro: “quem será que está fazendo essas comidas pra nós?”. Então, *xakowi* pensaram em como descobrir as pessoas que estavam fazendo comida para eles. Eles planejaram sair para procurar novamente as pessoas, disseram que iam sair, mas, na verdade, eles iam ficar espiando as

pessoas que estavam fazendo a comida. Quando *xakowi* saíram, as duas aves se transformaram novamente em duas mulheres. Logo ouviram a batida do pilão. Uma estava fazendo *kawĩ* (mingau de milho), a bebida típica do povo Apyãwa. A outra fazia *o'iywyrá* (farinha mole). E assim *xakowi* pegaram de supressa as aves de estimação do povo Apyãwa que se transformavam em duas lindas mulheres.

Mutum tinha o cabelo cacheado e periquito tinha o cabelo liso. *Xakowi* observaram que realmente eram mutum e periquito que se transformavam para fazer a comida. Enquanto elas estavam fazendo a comida, *xakowi* saíram para elas, cercando as duas portas para que elas não saíssem, perguntaram: “quem são vocês?”. As duas ficaram tristes, só olhando para baixo, ficaram com vergonha. Depois se apresentaram para eles dizendo: “sou mutum” e “sou periquito”. Neste momento *xakowi* dividiram, escolhendo quem ia ficar com mutum e quem ia ficar com periquito como sua esposa.

Por isso dizem que através de *xakowi*, mutum e periquito, a população do povo Apyãwa foi aumentando novamente. Os filhos que tiveram foram casando, os filhos do mutum casando com os filhos de periquito. Assim a população do povo Apyãwa foi crescendo e as aldeias foram sendo formadas novamente. O neto do *xakowi* e mutum, dizem que nasce com cabelos cacheados, e a neta do *xakowi* com periquito, nasce com cabelos lisos. “Assim o seu avô me contava”, disse Koxaoni Tapirapé para minha esposa Luciana Enyara Tapirapé, “assim que estou te contando, de acordo com o que seu avô me contava”.

Estas *maragetã* (histórias) das origens do povo Apyãwa foram escolhidas por mim para saber na cosmologia Apyãwa e na epistemologia Apyãwa, desvendar os conhecimentos que não sabia, fazendo essa observação do passado e do presente, das trajetórias do povo Apyãwa para fazer o levantamento e o monitoramento territorial do povo Apyãwa, mostrando que somente uma parte foi demarcada pelos *maira* (brancos) para o povo Apyãwa.

Muitas partes estão fora das terras que foram demarcadas para os Apyãwa, como o local de renascimento do povo Apyãwa. O local do acontecimento foi onde está o povo Javaé, conforme o que os(as) *Maragetã Kwaapãra gy*, grandes historiadores Apyãwa contam. Dizem que é neste local que os Apyãwa fizeram um buraco enorme e ascenderam o fogo para acabar com o povo Apyãwa.

CAPÍTULO 4 – A TRAJETÓRIA MILENAR DO POVO APYÃWA

Imagem 64 - As trajetórias do povo Apyãwa



Fonte: Samuel Oparaxowa Tapirapé, edição do autor, 2025.

Neste capítulo escrevo sobre as trajetórias do povo Apyãwa de acordo com a pesquisa realizada com *maragetã kwaapãra gy*, grandes historiadores Apyãwa como Korako Tapirapé, Wario Tapirapé, Xakareo'i Tapirapé, Maxaja Tapirapé, Xawaraxowi Tapirapé, Koxaoni Tapirapé e Taparawoo Tapirapé que contribuíram bastante com minha pesquisa. As trajetórias e origem do povo Apyãwa vêm de diversas versões contadas pelos *maragetã kwaapãra gy*.

A senhora Koxaoni Tapirapé explicou que os Apyãwa viviam no litoral e na região do Rio de Janeiro, de lá que os Apyãwa foram se mudando nas florestas até chegarem na região que hoje é conhecida como Belém do Pará, que os Apyãwa chamaram de Perero antes dos *maira* existirem nestas regiões. De lá os Apyãwa vieram até o local onde estão localizados nos dias atuais.

Segundo a explicação do senhor José Pio Wario Tapirapé, os Apyãwa vieram da região de Belém do Pará e também da região do Amazonas. Foi de lá que os Apyãwa vieram, “é assim que eu ouvia e assim que eu sei”, ele afirmou. O senhor José Pio Wario disse que é desses lugares que o nosso povo veio e afirmou que estamos vivendo agora na região que o nosso povo Apyãwa escolheu para habitar, para viver e praticar nossa cultura tradicional.

O pajé do nosso povo Apyãwa, com sua visão cosmológica, via tudo, via nesta região a fatura de caça e peixe que atenderiam as necessidades do nosso povo Apyãwa e as realizações das nossas festas tradicionais. Por isso os Apyãwa lutaram e resistiram aos ataques dos Kayapó, Javaé e Karajá. Nos dias atuais os Apyãwa estão enfrentando as doenças desconhecidas que os *maira* trouxeram consigo, junto com sua cultura, língua, alimentos, leis, outras crenças e, assim, impondo sua cultura de modo geral, como colonizador, uma visão também muito etnocêntrica.

Devido a escravização, os pajés Apyãwa sabiam que os *maira* estavam chegando para os Apyãwa. Por isso os Apyãwa foram entrando para o centro do país até o local onde escolheram para viver permanentemente, até o último Apyãwa. Por isso os Apyãwa quase foram extintos nos territórios Apyãwa. Para ter o território, que os Apyãwa consideram como seus territórios, se sacrificaram muito e perderam muitas vidas com os ataques de três povos e, depois, a partir de 1911, com a presença dos *maira* nos territórios Apyãwa. A partir daí os *maira* só estão causando muitos problemas nos territórios do povo Apyãwa.

A trajetória do povo Apyãwa contada por José Antonio Xawaraxowi Tapirapé e sua esposa Koxaoni Tapirapé

Para realizar a primeira entrevista na minha aldeia Anywootãwa, tive que conversar primeiro com minha esposa Enyara sobre se os avós dela me permitiriam uma

entrevista sobre o território tradicional do povo Apyãwa. Expliquei para ela o tema da pesquisa e sua importância para que ela passasse a minha fala para seus avós na língua materna. Como contei, como marido da neta, não posso falar diretamente com os avós dela, conforme a cultura do povo Apyãwa. Assim ela conversou com José Antonio Xawaraxowi Tapirapé, com 76 anos de idade, e sua esposa, Koxaoni Tapirapé, com 67 anos de idade, moradores na aldeia Anywootãwa. É neste lugar que eu também moro. Assim, combinaram nossa conversa para a tarde do mesmo dia.

No dia 04 de fevereiro 2024, fomos na casinha onde todo mundo junta os familiares para compartilhar as informações, contar os acontecimentos, as histórias passadas e atuais. Chegamos neste local e iniciamos a conversa sobre o tema Território Tradicional do povo Apyãwa, com sua cosmologia, epistemologia e suas trajetórias. Minha esposa participou o tempo todo para repassar minha fala aos seus avós. Assim foi se concretizando a conversa, minhas perguntas e minhas dúvidas foram esclarecidas com a ajuda da minha esposa. O tempo estava bom, sem chuva na aldeia Anywootãwa.

De acordo com senhor José Antonio Xawaraxowi Tapirapé, há muito tempo atrás, dizem que o mundo acabou para nós, todos seres vivos da terra. Naquele tempo o planeta terra era pequeno demais, por isso os seres vivos logo encheram o universo. Desde então, *Xanerowa (deus)* pensou em acabar com o mundo e fazer o novo planeta Terra maior para a suas novas criações, neste em que agora nós existimos.

Xanerowa (deus) mandou a chuva chover direto, inundando a Terra para que não restasse mais vida no mundo. Os avós da minha esposa, contam que chovia sem parar, aumentava e diminuía, mas não parava de fato, dia e noite. Também dizem que chovia sem raios e trovões para não assustar ninguém. Mas chovia para inundar o mundo e acabar com a vida no planeta Terra.

As pessoas, depois de perceberem que a chuva não parava mais, correram procurando os lugares mais altos em que pudessem se abrigar. Mesmo assim a água foi engolindo as montanhas pequenas e mais altas. Assim, na história Apyãwa, muitas coisas se transformaram, como exemplo: alguns rituais que realizamos nas nossas festas tradicionais se transformaram, como os espíritos *Axyga*, que moram no fundo da água, também de acordo com os pajés do povo Apyãwa e segundo José Antônio Xawaraxowi Tapirapé. Quando realizamos esses rituais de espírito, eles vêm e festejam junto com os

Apyãwa na aldeia e todos os nossos antepassados que morreram nessa enchente também vem festejar com o seu povo Apyãwa.

Apenas os pajés têm o acesso de ver e se comunicar com nossos ancestrais nos rituais do povo Apyãwa, por isso é fundamental que todos participem, para que não aconteça algo de ruim, que acidentes ou doenças espirituais ataquem as pessoas que não participam da festa tradicional ou aqueles que não acreditam que podem fazer mal ao nosso povo Apyãwa de modo geral. Portanto, as pessoas que não participavam da festa ou não seguiam a cultura do povo Apyãwa tinham mais risco sofrerem alguns acidentes, ou terem problemas de saúde que poderiam custar a vida de qualquer um do povo Apyãwa. Mas, nesse tempo, as pessoas que desobedeciam às decisões da comunidade ou não seguiam as regras da cultura, eram, muitas vezes, punidas pelos pajés, muitas vezes pagavam com suas próprias vidas por não acreditarem na cultura, costumes, tradições, crenças Apyãwa.

A enchente, que o povo Apyãwa chama de *Yoo*, acabou com os seres vivos. Nesta época várias coisas se transformaram, como disse Koxaoni Tapirapé, a esposa de José Antônio Xawaraxowi Tapirapé. O *cara grande* se transformou como espírito que agora vive no fundo da água, como espírito do *Cara Grande (Tãwa)*, provocado pelo *Yoo*. Quando realizamos o ritual dela, o *Tawã* sai da lagoa e festeja juntos com os Apyãwa, de acordo com a fala dos avós da minha esposa Enyara.

Imagem 65 – Tawã (Cara Grande)



Fonte: Arquivo pessoal, 2023. Foto dos Comunicadores Apyãwa compartilhada por Magno Iakymytywya Tapirapé

A imagem acima mostra o ritual *Tawã*, o ritual do *cara grande*, que mencionei. As enchentes mataram todos os seres vivos naquela época, agora *Tawã* vive no fundo da água. Os Apyãwa, nas suas festas tradicionais Apyãwa, realizam essa cerimônia fazendo essa conexão dos nossos ancestrais com os do mundo atual.

As cordas de amarrar as redes de dormir também se transformaram em *Maja Axyga* (cobra da água). Remo se transformou como *Yapepa Axyga*, que estão no fundo do rio *AwioWy* (rio Tapirapé) e em outros locais como lagos e córregos nos territórios Apyãwa, podem fazer mal em quem passa por ela ou quem a incomoda nos lugares que são suas casas.

Pilão do povo Apyãwa se transformou como *Ino 'ã axyga*. Quando uma pessoa encontra um pilão boiando na água, não pode querer pegar. Dizem que ela é bem real e bonita, mas que pode engolir uma pessoa, também pode capturar pessoas e sumir com elas no fundo da água. O povo Apyãwa denomina *Weratypywyk*, significa sumir com a pessoa no fundo da água. Pode acontecer mesmo não tocando ou puxando a pessoa, pode muito bem pegar a alma da pessoa que, aos poucos, vai adoecendo. Pode até causar sua morte se não se tratar com pajé. Só o pajé negocia com esses espíritos para trazer a alma da pessoa para ela novamente.

Assim também a cabaça se transformou como *Kojapa 'ã Axyga*. Ela aparece para a pessoa, muitas vezes pode ser de propósito, e também pode puxar a pessoa e levar para o fundo da água. Ela boia na água bem-feitinha e pitadinha, como os Apyãwa faziam e desenhavam nela, é muito perigosa também. Ralador se transformou como cobra da água (*Ywee Maja*), que também mora no fundo da água. Canoa se transformou como cobra da água (*Yã Maja*), que também mora no fundo da água.

Assim, vários rituais e objetos se transformaram e vivem agora no fundo da água provocados pela enchente (Yoo), há muito tempo atrás. *Xanerowa* (*deus*) acabou novamente com os seres vivos da Terra, como disse Koxaoni Tapirapé. Hoje esses espíritos podem pegar a alma de pessoas, podem matar as pessoas para que elas também morem com eles no fundo da água, assim os Apyãwa denominam de *a 'ỹmỹk*, os espíritos que vivem no fundo da água pegam as almas das pessoas e podem matar gente se não procurar um pajé, somente o pajé pode fazer essas curas espirituais.

Retomando a fala de José Antônio Xawaraxowi, enfim a água acabou com todos nós. Não existiam mais vidas. Ele considerou também que pior seria o fogo, de quem não fugimos. “Ainda bem que está bem longe de nós, mesmo assim vem e nos aquece. Imagina se estivesse perto de nós? Ia acabar com os seres vivos novamente, não íamos fugir dele como fugimos da água, em alguns lugares mais altos, mas mesmo assim fomos exterminados pelo nosso criador *Xanerowa* (*deus*)”.

Essa história não é de hoje e nem foi ontem, ela vem sendo repassada há muitos e muitos anos pelo nosso povo Apyãwa. Quando não existiam mais vidas, *Xanerowa* mandou secar a água e desceu para fazer o planeta Terra maior que os anteriores, onde estamos vivendo agora. O nosso criador está vendo como os *maira* (brancos) estão usando mal o planeta Terra. Nós indígenas estamos tentando preservar a natureza, de acordo com a nossa cultura, mas *maira* está destruindo a natureza. “Quem sabe vendo isso o *Xanerowa* pode, um dia, acabar com nós novamente para criar outro mundo, como acabaram com nós outras vezes”, disse o senhor José Antônio Xawaraxowi Tapirapé.

De acordo com a fala do senhor José Antônio Xawaraxowi Tapirapé, *Xanerowa* começou a criar tudo novamente, o objetivo dele era criar a Terra maior. *Xanerowa* queria formar só terra, separadamente. Depois queria formar só o barro, depois somente areia, depois só cascalho separadamente. Assim foi formando vários tipos de solos que não segurava. Então *Xanerowa* pensou novamente: “porque que não está segurando para mim?”, ele disse refletindo. Ele pensou em formar tudo ao mesmo tempo, misturando terra, barro, areia, cascalho, montanha, rochas, árvores e água. Foi assim que ele conseguiu formar o planeta Terra firme. Primeiro só estava desmanchando porque estava querendo formar a terra pura, separado, e que não dava certo. Depois, quando ele formou tudo ao mesmo tempo, a terra firmou conforme ele queria formar, quando pensou em criar montanhas, rochas, árvores e água ao mesmo tempo. Dizem que essas peças são fundamentais para o planeta terra estar bem firme para que os seres vivos e não vivos existam nela.

Retomando a fala de José Antônio Xawaraxowi Tapirapé, é por isso que realizamos a cerimônia de vários rituais, como do *Tawã*, a máscara também chamada como o ritual de *Cara Grande Tawã*, que sai da *Takãra*, da casa cerimonial do povo Apyãwa, que fica no meio da aldeia. Ele disse que a partir do momento que o ritual *Tawã* sai da *Takãra*, gritando com o grito específico do *Tawã* para os seus companheiros na

aldeia, os outros que ficam nos lagos ouvem o grito dele e, por isso, também saem do lago e ficam imitando ou se comunicando com os *Tawã* que estão na aldeia.

Há muito tempo atrás, a enchente matou os primeiros seres que estão, agora, no fundo da água como espíritos. Alguns não participam da festa, quando o *Tawã* está na aldeia fazendo suas apresentações e gritam, os espíritos que estão no fundo da água, nos lagos, também ouvem. Assim que eles ouvem, saem da água e fazem sua apresentação, gritam para se comunicarem com os demais *Tawã* que estão na aldeia e nos lagos. *Tawã* moram nas lagoas, no território do povo Apyãwa. Segundo José Antônio Xawaraxowi, seu tio Paxeapara Tapirapé, um grande pajé do povo Apyãwa, quem contou para ele.

De acordo com a fala do senhor José Antônio Xawaraxowi Tapirapé, o espírito do *Iraxao* também está no lago. Até mesmo o nome e o local onde o espírito de *Iraxao* mora, foram falados, denominado *kojkoo yopãwa* (lago de iuma), nas margens do rio Awiowy, próximo a aldeia Majtyritãwa, na TI Tapirapé/Karajá, município de Santa Teresinha-MT. Está no lugar onde o último pajé do povo Apyãwa restava naquele momento, e que era, de acordo meu entrevistado, bem poderoso como a família do Kamaira Tapirapé. O pai era pajé, Kamaira Tapirapé, a esposa dele também era pajé, chamava Warara'i Tapirapé, e o filho dele chamava Kamoriwao Tapirapé. José Antônio Xawaraxowi Tapirapé contou que o filho dele também tinha poderes diferenciados. José Antônio Xawaraxowi Tapirapé era sobrinho do Paxeapara Tapirapé, falou que o filho de Kamaira Tapirapé, era o Kamoriwao Tapirapé não era *paxe* como seus pais, disse o senhor José Antonio Xawaraxowi Tapirapé, era apenas um escolhido de *Xanerowa* (*deus*), o escolhido do nosso criador.

Ele disse que o pai Kamaira Tapirapé morreu, mesmo morto se vingou mantendo quem o matou com feitiço. Kamaira Tapirapé matou o grande pajé do povo Karajá que não apresentava nenhum problema de saúde. Ele estava se pintando e festejando a morte do Kamaira Tapirapé, estava de propósito festejando a morte de Kamaira, estava alegre, todo pintado e cantando com ritual na aldeia dele, na aldeia Itxalá. Diz que não levou muito tempo depois da morte do Kamaira Tapirapé e o Sabina Karajá, poderoso pajé do povo Iny, foi na roça. De repente uma ante apareceu para ele. Disse que ela veio na direção dele, parecia que ia morder, mas não, só queria assustar. Era Kamaira Tapirapé, que se vestiu na roupa de anta para seu oponente, para se vingar dele. O povo dele falava que ele era um grande pajé, mas ele não conseguiu perceber que o Kamaira Tapirapé apareceu como a anta, também não conseguiu se curar e não suspeitou que Kamaira Tapirapé veio

para leva-lo. Os pajés do povo Apyãwa estavam sabendo que esse era o plano e a vingança do Kamaira, mesmo morto se vigou.

Essa informação foi contada pelo pajé do povo Apyãwa, para o povo Apyãwa. Assim são repassados esses conhecimentos, segundo José Antônio Xawaraxowi Tapirapé. Naquela época, o pajé do povo Apyãwa não deixava barato esses acontecimentos, a cultura era bem viva.

Quando o Kamoriwao Tapirapé foi morto com *Ywyrã* (borduna) pelo Xawaraxowa Tapirapé, ele não conseguiu matar como seu pai matou o seu adversário. É por isso que acho que Kamoriwao Tapirapé era menos poderoso que os seus pais, ele não conseguiu matar quem matou ele. Kamoriwao Tapirapé foi morto ao vivo, o pai dele foi morto com feitiço e, mesmo assim, matou quem fez mal para ele. “Vejo essa diferença do pai para filho”, disse o José Antônio Xawaraxowi Tapirapé, “esse é o meu ponto de vista e meu pensamento”, disse o senhor José Antonio Xawaraxowi Tapirapé.

Segundo o senhor José Antonio Xawaraxowi Tapirapé e sua esposa Koxaoni Tapirapé, Kamoriwao Tapirapé, desde criança, foi levado pelo *Xanerowa* (*deus*). Foi levado durante sua infância e foi trazido apenas quando estava rapaz, do céu. Quando foi capturado pelo *Xanerowa* (*deus*), ele estava cagando perto da sua casa. Neste momento e neste local, estava chovendo um pouquinho, quando o nosso criador levou Kamoriwao Tapirapé. Depois ele desapareceu e, mesmo seus pais sendo pajés, não souberam como ele desapareceu. Os pais procuraram até no sonho, mas não conseguiram ver o que estava acontecendo com Kamoriwao Tapirapé, não conseguiram localizar o seu filho. Então eles cortaram, raspam seus cabelos, essa é uma forma do povo Apyãwa sinalizar quem morre em sua família.

Depois de muito tempo, *Xanerowa* (*deus*) trouxe Kamoriwao Tapirapé novamente. Ele apareceu para a mãe quando ela estava colhendo amendoim na roça, mas ela não acreditou que o filho ainda estava vivo. O filho Kamoriwao ainda conhecia sua mãe, mas a mãe, Warara’i, não o reconheceu. Depois, aos poucos, ela foi reconhecendo o seu único filho. Ela queria abraçar o filho, mas ele não permitiu porque ela ia desfazer o que ele estava aprendendo com nosso criador *Xanerowa*. Ele falou na língua para a mãe: “*yni api xemamyxi’o pexepe rapa ee axãwo*”. Então, a mãe não o abraçou e foram para casa.

Depois, *Xanerowa* trouxe para ele o que chamamos de *Ta'owa*, perto casa dele, um protetor que chamamos de *Ywyrã Ramôja*. Ficava brilhando dourado, igual cor de ouro, mas eram árvores que também fortaleciam os poderes deles, como contou o senhor José Antônio Xawaraxowi Tapirapé. Eles moravam na região em que hoje é a fazenda Gameleira, onde disse que um caçador de onça *maira* (branco) viu as armadilhas igual à dos Apyãwa. Os caçadores queriam mata-los, mas um companheiro não quis porque eram os Apyãwa que estavam ali.

Alguns desses *maira* contaram para outros Tapirapé, que estavam na beira do rio Paranyo (rio Araguaia). Várias vezes os *maira* contaram aos Apyãwa que tinham seus parentes na região do rio Gameleira, os Apyãwa denominam este rio de *Ipirakwaroo*, onde o grande pajé Kamaira Tapirapé e sua família estavam morando. O povo Apyãwa foi atrás dele de barco. Antigamente não tinham as estradas como hoje. O senhor José Antônio Xawaraxowi disse que antes o povo Apyãwa se reuniu, discutiram como poderiam buscar seus parentes, se realmente os parentes estariam por lá. Eles discutiram à noite, no pátio da Takãra, local onde as decisões eram tomadas pelos homens Apyãwa.

Não acreditavam nos *maira*, mas só para tirar a dúvida eles se reuniram para buscar os parentes. Realmente essa família estava por lá. Kamaira já estava sabendo que os parentes estavam indo buscá-lo. Ele falava para sua esposa Warara'i Tapirapé: “seus irmãos estão vindos atrás de nós, estão querendo nos levar junto com eles”, mas a esposa não acreditava nele. Quando chegaram na casa dele, Kamaira Tapirapé falou para sua esposa: “falei que eles estavam chegando para nós e você não estava acreditando em mim. Eu te falei que estavam chegando para nós”.

Imagem 66 - Local onde foi encontrada, em 1970, a família Apyãwa que estava vivendo na beira do rio Ipirakwarao (Gameleira), atualmente nas terras da Destilaria Araguaia.



Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, 2009, p. 21

Retomando a fala de José Antonio Xawaraxowi, ele disse que no lago tem vários espíritos. Segundo o tio dele, Paxeapara Tapirapé, também um grande pajé do povo Apyãwa, desse lago vem o ritual *Iraxao* que o povo Apyãwa realiza. Disse que tem vários espíritos, portanto Paxeapara Tapirapé que revelou para o povo Apyãwa pela primeira vez, através do sonho, a música do espírito do *Iraxao*. Através do espírito ele soube cantar a música do ritual *Iraxao* e, na aldeia Orokotãwa, ele cantou essa música que vou cantar agora:

A música do ritual *Iraxao*

Echa, echa orixema'e

Echa, echa orixema'e

Orixema'e há, orixema'e ha

Orixema'e há, orixema'e há

O pajé Paxeapara Tapirapé quis mostrar o espírito do *Maxowa* para José Antônio Xawaraxowi Tapirapé, mas ele não quis ver. Ele disse “eu não posso mentir, não posso dizer que vi isso, seria uma falsidade da minha parte. Ele queria me mostrar, mas não quis. Então, tenho que falar a verdade, muitas coisas ele queria me mostrar, mas eu não criava coragem muitas vezes, não me sentia preparado nesses momentos”.

O espírito do *Iraxao* disse que mora nas lagoas, o espírito do *Iraxa* e *karaxã* também vive no fundo da água. O espírito do *Irawore* disse que mora debaixo da terra, *Xakowi* mora onde os Apyãwa fizeram um buraco enorme para se matar na fogueira por causa de uma mulher solteira que se considerou como prostituta (*Koxymene'yma*), que colocou o dedo na boca do ritual *Ipiryja Axyga*, ritual de Peixe Piranha.

Como contei, quando a moça colocou o dedo na boca desse ritual de piranha, o ritual de *Ipiryjanaxyga*, seu dedo foi cortado na hora, porque naquele tempo os rituais eram todos vivos. Isso causou a decisão precipitada dos pajés e do povo Apyãwa, fizeram um buraco enorme para queimar todos os Apyãwa na fogueira. Só *xakowi* sobreviveram, os dois que não conseguiram matar um ao outro. Assim, quando realizamos a festa de Aruanã (*Axywewoja*), o *xakowi* vem deste local, perto das aldeias dos Javaé, que está localizada no estado de Tocantins, onde os Apyãwa, há muito tempos atrás, iam ser extintos por causa de uma mulher que entrou na Takãra.

Na Takãra, somente é permitida a entrada de menino que está passando pela primeira fase de vida, *Xyre'i'i*, iniciação do menino para a primeira fase de adulto. Se tornando rapazinho ele poderá frequentar esses espaços com as demais pessoas que tem essa permissão de circular na Takãra. De acordo com senhor José Antônio Xawaraxowi Tapirapé, quando a mulher entrou na Takãra, foi curiosamente entrando e perguntando para pessoas quais rituais que estavam dentro da Takãra. Ela foi entrando, ela foi avisada para não tocar nos rituais que estavam na Takãra, havia vários rituais do povo Apyãwa.

Hoje o povo Apyãwa tem apenas cinco rituais de *Axywewoja* que ainda realizam na festa tradicional como: *Iraxão*, *Iraxa*, *Karaxã*, *Irawore*, *Xakowi*, o restante não se lembra como eram feitos, como são as músicas, por isso não se realizam mais, como o ritual de *Ipiryjaxyga* (ritual peixe Piranha), *Moro* (ritual de peixe cascudo), *Tato* (ritual de Tatu galinha), *Xapakani* (ritual de Gavião), *Maxowã* (que não conheço na língua portuguesa), estas informações estão de acordo com o senhor Xawaraxowi Tapirapé, Koxaoni Tapirapé e *Xakareo'i* Tapirapé.

José Antônio Xawaraxowi contou a mesma história de Koxaoni Tapirapé. Mesmo avisada, a mulher foi tocando e perguntando que ritual era aquele, até chegar no ritual de *Ipiryjaxyga*, ritual de Piranha. Ela colocou o dedo na boca do ritual que rapidamente o cortou, sagrou muito. Após esse fato, os pajés do povo Apyãwa, junto com a comunidade, decidiram abrir um buraco enorme onde eles acenderam um fogo e onde seria o fim do

povo Apyãwa, que foi causado por essa mulher, que provocou o suicídio do povo Apyãwa, há muito tempo atrás, onde agora se localiza a aldeia dos Irewee Javaé.

Disse que o povo Apyãwa se empurraram para esse buraco, se matando, até que só o ritual *Xakowi* não conseguiram matar um ao outro. Então, eles desistiram de empurrar um ao outro neste buraco cheio de fogo, não restava mais o povo Apyãwa, só sobraram esses dois rituais *Xakowi*. Eles desistiram de matar um ao outro nessa fogueira porque quando eles dois se empurravam, eles só atravessavam voando sobre o buraco enorme cheio de fogo, até que um falou para outro: “já que nós não conseguimos queimar um ao outro, vamos procurar o nosso pessoal, quem sabe tem um do nosso povo que conseguiu escapar como nós”.

Então, eles dois saíram procurando, quem sabe tinha um sobrevivente por aí, mas infelizmente não sobrou nenhuma pessoa do povo Apyãwa, além dos *Xakowi*. Por vários dias *Xakowi* procuraram os sobreviventes do povo Apyãwa, mas não encontraram. Certo dia, *Xakowi* perceberam que duas mulheres que se transformavam em Apyãwa estavam fazendo sua comida. Quando a dupla ia fazer a busca e, muitas vezes, iam caçar ou pescar, quando retornavam, já encontravam sua comida pronta. Então, segundo José Antônio Xawaraxowi, a dupla *Xakowi* pensou em descobrir quem estava fazendo comida para eles.

No dia seguinte, eles combinaram como seria o plano para descobrir a misteriosa cozinheira. Então os *Xakowi* saíram novamente sem que fossem percebidos e estava parecendo que eles iam longe, mas logo voltaram para ficar espiando. Logo as aves de estimação do povo Apyãwa, mutum e periquito, se transformaram em duas mulheres muito lindas. Disse que mutum tinha os cabelos cacheados e periquito tinha os cabelos lisos. Foi assim que *Xakowi* descobriram e pegaram de surpresa as duas mulheres, mutum e periquito.

Assim foi renascendo o povo Apyãwa novamente, graças as duplas de *Xakowi* e as aves de estimação do povo Apyãwa, mutum e periquito, que se transformaram em duas lindas mulheres, há muito tempo atrás. Por isso o povo Apyãwa se considera como os netos de *Xakowi* e os netos de mutum e periquito. Disse que o neto de mutum, a criança nasce com cabelos cacheados. Se a criança nascer com cabelo liso é a neta de Periquito, disse o senhor José Antônio Xawaraxowi e sua esposa Koxaoni.

Imagem 67 - Samuel Oparaxowa Taprapé, Enyara Tapirapé, Koxaoni Tapirapé e José Antônio Xawaraxowi Tapirapé



Fonte: Arquivo pessoa, 2024. Fotografia de Jadson Awawytyga Tapirapé, meu filho. Ao lado esquerdo eu, Samuel Oparaxowa, ao lado direito minha esposa Enyara, ao lado dela seus avós, Koxaoni e seu esposo Xawaraxowi, grandes historiadores, conhecedores da cultura Apyãwa, 04 de fevereiro de 2024.

A trajetória do povo Apyãwa contada pelo senhor José Pio Wario Tapirapé

No dia 03 de janeiro de 2024 me preparei para entrevistar o senhor José Pio Wario Tapirapé que mora na aldeia Tap'itãwa, a aproximadamente 45km da minha aldeia Anywootãwa. Primeiro tive que conversar com o filho dele, Adson Maropawygoo Tapirapé, explicando o meu projeto de pesquisa. O filho dele conversou com seu pai que concordou com a entrevista para o dia seguinte. Adson Maropawygoo me retornou, confirmando que eu poderia ir até sua aldeia, mas disse que ele não poderia me acompanhar neste dia, ele estava estudando em Confresa-MT, no curso de Técnico de Enfermagem ofertado pelo Senac. A neta Danila Mawiwixike'i Tapirapé pôde nos acompanhar durante a entrevista que aconteceu no dia combinado em sua casa. Além disso, minha esposa estava comigo para caso houvesse um imprevisto. Ela poderia fazer a mediação da nossa conversa durante a entrevista por motivo de respeito que temos com nossos sábios(as) Apyãwa.

Assim, no dia 04 de janeiro, fomos na casa de Danila Mawixike'i. Ela chamou seu avô que estava na casa dele e ele veio para iniciamos a conversa. Apresentei o meu

trabalho para José Pio Wario Tapirapé, depois ele começou a contar as trajetórias do povo Apyãwa. O tempo estava nublado, querendo chover e, aos poucos, começou a chover.

Ele começou a falar, dizendo “os seus avôs nos contavam” e continuou: “quando os seus avôs queriam nos contar essas partes da trajetória do povo Apyãwa, nós ficávamos ouvindo que nós Apyãwa ficávamos no outro lado do oceano Atlântico, assim que eles nos contavam”. José Pio Wario, como Korako Tapirapé, também contou a história da travessia do mar, mas com outros detalhes.

Segundo ele, quando o povo Apyãwa estava querendo atravessar o *Paranyxigoo* (Mar), os pajés do povo Apyãwa lutavam no sonho, conversavam com vários *Axyga* (espírito dos bichos), sobre como poderiam atravessar para o outro lado do oceano. Então os pajés do povo Apyãwa que atravessaram a população para o outro lado do oceano. Até conversaram com *Maaxi’y ramõja* (avô do Camarão), para que ele estendesse seu braço para eles atravessarem. *Maaxi’y* era enorme para estender o seu braço até o outro lado do *Paranyxigoo*. “Eu não sei exatamente o que era *Maaxi’y xywa*, não sei se era uma árvore ou um cipó e *Maaxi’y xywa* atravessou o *Paranyxigoo*, para que o povo atravessasse nessa ponte”, disse.

Segundo o senhor José Antonio Xawaraxawi Tapirapé e sua esposa Koxaoni Tapirapé, *Maaxi’y* eram um Cipó, *yypa ramõja* (avó do cipó) que atravessou os Apyãwa no *Paranyxigoo*.

Voltando a fala do senhor José Pio Wario, ele explicou que o povo Apyãwa também atravessou por causa dos *maira* (brancos). Os pajés do povo Apyãwa já tinham visto no sonho que os *maira* era um *tawaxãra* (um indígena). Na cosmologia Apyãwa, os *maira* também são *tawaxãra* (indígena). Os pajés do povo Apyãwa viram *maira* não como *tawaxãra* qualquer, viram que os *maira* queriam fazer algumas coisas, o que eles faziam mesmo, como destruir as coisas, acabar com algumas coisas. Os pajés já tinham essas visões, por isso estavam querendo atravessar de qualquer forma o *Paranyxigoo*. Os pajés do povo Apyãwa falavam para a população que os *maira* iam chegar até eles, e que, por isso, tinham que atravessar. Até porque, os pajés do povo Apyãwa viram no sonho que existia uma terra no outro lado do oceano.

Os pajés primeiro informaram que existia uma terra no outro lado do oceano, depois ficaram procurando como atravessar o *Paranyxigoo*. Em seguida, os pajés tiveram essas visões que *maira* estavam habitando no mesmo espaço que eles, que um dia iriam

chegar para eles. O papel dos pajés era proteger o seu povo dos *maira*, e assim conseguiram negociar com *Maaxi'y xywa* que o seu povo atravessasse o *Paranyxigoo*, evitando o contato com *maira*.

Ao atravessar o *Paranyxigoo*, os pajés do povo Apyãwa informaram as suas populações que, na hora da travessia, os namorados não poderiam olhar um para o outro, se não o *maaxi'y* iria se contar ao meio. Assim os pajés estavam trabalhando no sonho para atravessar o seu povo. A esposa de *Xakarepera* estava falando para ele atravessar junto com ela, mas que ele não quis ir. *Xakarepera* falou para esposa: “pode ir na frente que depois eu vou atrás de vocês”. *Xakarepera* quis atravessar por último.

O povo estava atravessando, depois que quase todos atravessaram, que quase todo mundo já tinha atravessado, um namorado olhou para trás, um olhou para o outro. A ponte quebrou no meio, as pessoas caíram na água. Os que iam na frente saíram todos, os que caíram no meio do *Paranyxigoo*, o jacaré e outros os bichos do *Paranyxigoo* comeram. *Xakarepera* ficou no outro lado do *Paranyxigoo* sozinho.

“Assim o povo Apyãwa atravessou *Paranyxigoo*”, disse José Pio Wario, “o povo Apyãwa veio para onde agora é conhecido como a capital do Pará, Belém”. Segundo ele, nessa região e na região do Amazonas, permaneceram por muito tempo e que na região do Amazonas tinham vários bichos exóticos, “assim que seus avôs nos contavam”, repetiu. Disseram que tem um lago grande na região do Amazonas, por lá o povo Apyãwa viveu na beira do lago grande por muito tempo. Já tinham algumas aldeias Apyãwa em outros lugares em que *Majakykôja*, a cobra de duas cabeças, estava devorando a população do povo Apyãwa. *Majakykôja* estava comendo quase toda a população dessa aldeia, que era aldeia muito grande e populosa.

Por isso, o sogro do *Tomatoxiri* mandou um convite para ele, para ele ir até na casa dele. *Tomatoxiri*, depois de receber o convite, estava procurando uma forma de ir. Na roça do pai dele, em outra aldeia, os cavalos estavam comendo as plantações de seu pai, o cavalo estava comendo o fumo do pai que estava plantado em sua roça. As pessoas não sabiam como pegar essa coisa que estava destruindo as plantações de fumo na roça do pai do *Tomatoxiri*. Esses cavalos iam de madrugada, quando as pessoas já estavam dormindo.

Até que o *Tomatoxiri* foi para descobrir. Dizem que os irmãos dele zoavam dele por ele ser uma pessoa muito magrinha, “não é possível que você vai conseguir descobrir

essa coisa”, disseram para ele. “Eu vou conseguir descobrir essa coisa que está comendo o fumo no nosso pai”, respondeu o *Tomatoxiri* para o pai dele, “eu vou conseguir”. Então, ele foi sozinho para o local, ficou esperando em cima de uma árvore, espiando o que estava comendo o fumo na roça do pai dele. Quando ele sentiu sono, ele criou o espinho. Antes não existia o espinho. Ele que se enrolou com esses espinhos para que, quando caísse no sono, o espinho o perfurasse o corpo dele, assim ele não conseguiria dormir à noite toda.

Assim que ele descobriu que o cavalo estava comendo e destruindo a roça. Na madrugada, o cavalo veio do céu, voando e fazendo barulho do vento. *Tomatoxiri* falou para ele na língua *Apyãwa*, dizendo “*pee pa ã pe’o pexekawo arepetymi wa e’i ro’õ*”, e o cavalo respondeu “*oooore, are kwi e’i ro’õ, ane pawã Tomatoxiri e’i ro’õ*”, e o *Tomatoxiri* respondeu “*erarywã e’i ro’õ*”. O cavalo falou para o *Tomatoxiri* “*neree ã araka kwi e’i ro’õ*”. Na verdade, por causa do *Tomatoxiri* que os cavalos estavam comendo o fumo, de propósito, na roça do pai dele. Os cavalos já sabiam quem era *Tomatoxiri*, então falaram para ele que vieram busca-lo para leva-lo para ganhar a filha do *Kwãra*, que significa Sol.

Kwãra (Sol) tinha duas moças e estava deixando as duas filhas como prêmio, se alguém acertasse rasgando o pano. Ele colocava o pano bem alto para que todos os povos indígenas tentassem e não conseguissem ganhar uma de suas filhas. “Essa história é muito longa, por isso vou pular essas partes”, disse José Pio Wario, “vou contar logo essas partes das aldeias que sofriam ataque da cobra de duas cabeças, vou pular já contando o final para você”. Existia mesmo duas moças esperando por ele, mas que o futuro sogro não deixou dormir com sua filha quando ele conseguiu pegar o pano.

“Primeiro você tem que matar a cobra de duas cabeças que está atacando o seu povo na aldeia, o seu povo precisa de você neste momento”, disse o futuro sogro, *Kwãra* (Sol), para *Tomatoxiri*. Nesta época o cachorro ainda falava na língua *Apyãwa*. O sogro dele deu cachorro para ir com ele para matar *Majakykõja*. O povo *Apyãwa* já tinha praticamente abandonado essa aldeia antiga, fizeram outra aldeia bem longe de *Majakykõja*. *Tomatoxiri* foi para essa aldeia velha, só *Koxymene’yma* (prostituta) estava morando lá. *Majakykõja* estava considerando-a como sua esposa, ninguém podia visitar ela. Se *Majakykõja* percebia que tinha alguém perto dela, matava. *Majakykõja* tinha muito ciúme dela, por isso ninguém podia visitar essa esposa do *Majakykõja*, *koxymene’yma*.

Majakykôja se transformava para ela como homem e os dois conversavam na língua Apyãwa. Tomatoxiri chegou nesta aldeia para *Koxymene'yma*, ela o cumprimentou: “*ane pa ki'î Tomatoxiri axãwo*”. Ele respondeu: “*yy ie ee axãwo, ie axat nerexaga axãwo ixope*”, e *koxymene'yma* respondeu “*axe axãwo ixope, e'ãp axãwo ixope*”. Tomatoxiri disse “*ne axãwo ixope*”. Tomatoxiri falou para *Koxymene'yma* dar de comer para seus cachorros, e *Koxymene'yma* respondeu “*ne*” (tá bom). Assim ela estava preparando o suco de banana para os cachorros do Tomatoxiri.

De tardezinha, *Koxymene'yma* falou para Tomatoxiri para ele ir embora porque o marido *Majakykôja* poderia chegar a qualquer momento: “é muito perigoso se ele te ver aqui comigo”, disse. “Que isso”, disse Tomatoxiri para *Koxymene'yma*, “vim aqui para que *Majakykôja* também me matasse, eu estava ouvindo que *Majakykôja* está matando todo mundo por aqui, por isso vim e faço questão que ele me mate junto com meu povo Apyãwa, vou ficar por aqui mesmo até ele chegar e me matar também”.

A partir das quatro horas, *Majakykôja* chegou na frente dele. José Pio Wario disse que veio muito vento e a esposa dele já sabia que ele estava vindo. *Koxymene'yma* falou para Tomatoxiri “*ere eawo'i ke'ê, epa karê itoroo ke'ê axãwo*”. Tomatoxiri estava tranquilo abraçando a mulher na rede dele, *Koxymene'yma* falou novamente para Tomatoxiri “*ere eawo'i ke'ê axãwo pane, nexokã'i ekwe ke'ê, e'i pane ro'õ ixope*”. Tomatoxiri respondeu “*te'ina axãwo, te'ina xexokawoo ne ee axãwo ro'õ yna, Inî pe ro'õ raka'ê iryni i'axokaka ixope*”. A escama de *Majakykôja* veio fazendo barulho, como se estivesse arranhando ferro com ferro, bem forte “*ema xe'eg ro'õ raka'ê ota*”. Quando saiu para ele, o Tomatoxiri já pediu para seu cachorro ir cercar *Majakykôja* e impedir que fosse atacado.

Primeiro Tomatoxiri mandou um cachorro lutar com *Majakykôja*. *Majakykôja* estava pulando atrás do cachorro e o cachorro desviando de *Majakykôja*. Quando cansava, outro cachorro já ia ajudar o seu companheiro para que este descansasse enquanto o outro acuava *Majakykôja*. Tinha quatro cachorros do Tomatoxiri que se revezavam para descansar até que *Majakykôja* cansou e pulando menos e fraco, querendo morder o cachorro do Tomatoxiri. Então como *Majakykôja* já estava fraco, os cachorros do Tomatoxiri estavam mordendo a calda de *Majakykôja*. Assim por diante, foram mordendo o corpo dela. Depois, *Majakykôja* não pulava mais, todos cachorros saíram para *Majakykôja* mordendo-a em todas partes até o pescoço.

Tomatoxiri finalmente saiu falando para *Koxymene'yma*: “agora vou matar seu marido”. Foi com facão na direção do pescoço cortou as duas cabeças de *Majakykôja*. Tinha um *Tapaxo'i* que parece que estava espiando ele. Tomatoxiri falou para ele “vem aqui, eu matei *Majakykôja*, vem até a mim, vem ver”, disse Tomatoxiri para *Tapaxo'i*, “agora você tem que ir falar para o pessoal que eu matei *Majakykôja*. Você tem que falar também para o nosso povo vir morar nessa aldeia novamente porque eu matei *Majakykôja*”.

Tapaxo'i tirou o pedaço do seu facão, sujou com sangue do *Majakykôja* dizendo que foi ele que matou *Majakykôja*. Aí também que surgiu a mentira, explicou José Pio Wario, “por isso algum ser humano é mentiroso, por causa do *Tapaxo'i* que o ser humano mente. Assim vem acontecendo muitas coisas com a gente”. A população não acreditou em *Tapaxo'i*. Já de noite ele foi informar para o pessoal que ele matou *Majakykôja*, mas que não podiam ver no mesmo dia. Pela manhã o povo foi ver o bicho que estava mesmo morto, era grande *Majakykôja*. O povo voltou para essa aldeia e para suas casas novamente.

Tinha outra cobra no lago grande. *Koxymene'yma* contou para Tomatoxiri, dizendo “você tem que banhar na beira porque tem outra cobra atacando o pessoal aqui neste lago”. Tomatoxiri respondeu “deixa ele me matar”. Ele foi se banhar e ficou batendo a água para essa cobra. A cobra logo veio do fundo, na direção dele, querendo come-lo. Tomatoxiri pegou a cobra no nariz e amassou a boca da cobra com pedra. Assim que o povo retornou para essa aldeia novamente. Depois, Tomatoxiri foi embora. Portanto, o povo Apyãwa esteve nestas regiões, disse o senhor José Pio Wario Tapirapé, nessas regiões tinham muitos bichos *axyaxyga*, por isso o povo Apyãwa atravessou as regiões do Belém novamente, por isso o povo Apyãwa chama Belém de *Perero*. As regiões de Belém, o povo Apyãwa conhece como *Perero*.

José Pio Wario disse “por esta direção que o povo Apyãwa vinha vindo”. Perguntei onde eram as aldeias que os Apyãwa vinham fazendo. Ele respondeu: “eu não sei, ninguém sabe infelizmente, ninguém nos contava e nós também não perguntava para eles sobre as aldeias antigas que os Apyãwa fizeram nesta época. As aldeias dessa época não sei, ninguém sabe. Hoje vocês como estudantes e como pesquisadores estão procurando e perguntando, mas naquela época ninguém procurava”.

Mas ele contou que, depois de muito tempo, o povo Apyãwa vinha entrando mais para a direção do centro da terra, no local que hoje é conhecido como Campo Alegre em que os Apyãwa viveram por muitos anos fazendo várias aldeias como: Xexotãwa, Moo'ytãwa, Xanypatãwa, Tãwoo. Essas eram aldeias dos Apyãwa naquela época. Já tinha uma aldeia dos Apyãwa nestas regiões que se chamava também Maakotãwa, que ficava mais na região que agora é conhecida como Município de Vila Rica.

Naquela época, o povo Apyãwa não tinha ferramentas dos *maira*, como facão, machados, enxadas, tesouras e facas pequenas. O povo Apyãwa que estava vindo para o centro da terra. José Pio Wario Tapirapé contou que se separaram do povo de Maakotãwa, explicaram para eles que não iam ficar juntos nesta região, “porque a gente não temos nada”, disseram para a população de Maakotãwa.

Os pajés do povo Apyãwa sabiam que os Karajá mantinham contato com os *maira* na região do Araguaia. Para eles os *maira* já traziam facões, machados, facas, tesouras e etc., por isso a intenção dos Apyãwa era adquirir essas ferramentas através do povo Karajá que morava no rio Araguaia. Falaram para a população de Maakotãwa que os *maira* chegam nas aldeias Apyãwa e levam essas coisas para eles: “eles têm essas ferramentas, por isso a gente vai viver entre eles, para adquirir essas ferramentas também”. Assim a população que chegou na aldeia Maakotãwa se dividiu em aldeia Maakotãwa e Xexotãwa para adquirir ferramentas dos *maira*.

O povo Apyãwa se dividiu da aldeia Maakotãwa e Xexotãwa que ficaram neste local. Uma parte da população do povo Apyãwa disse para as pessoas que ficaram na aldeia, “nós vamos vendo *Yraaka*, os Bichinhos da água, as larvas da água”, dizendo para os povos Karajá que viviam no rio Araguaia. Outra parte da população Apyãwa falou para as pessoas se despedindo: “a gente vai vendo *Ka'ã raakã*, os lagartos da floresta” dizendo para os Kayapó.

Os pajés do povo Apyãwa já sabiam que os Karajá viviam no rio Araguaia. Há muito tempo atrás, os pajés do povo Apyãwa viram no sonho esse rio Awiowy que tinha muita fartura de peixes, caças e frutas, que atenderia as necessidades do nosso povo Apyãwa com relação a nossa subsistência e para realização dos rituais, e que não tinha um povo nesta região do rio Awiowy e a Serra do Yrywo'ywa. Assim, no povo Apyãwa, uma grande parte foi subindo o rio Araguaia da região de Campo Alegre e outra grande parte do povo Apyãwa foi para dentro da floresta, para se encontrarem nesta região do rio

Awiowy e da serra do Yrywo'ywa que os pajés dos Apyãwa viram no sonho. Nossos antepassados foram até chegar na aldeia dos Javaé.

Segundo o senhor José Pio Wario contou, foi lá que poderia ter nascido o *Wararoape'i* e disse “não me lembro de outro nome do povo Apyãwa”. Os Irewee gostavam muito do povo Apyãwa porque eles eram agricultores que plantam muitas coisas para os Javaé, produtos das roças, por isso os Javaé gostavam de muitos deles.

Teve um tempo em que os Javaé combinaram com os povos Karajá para acabar com o povo Apyãwa, portanto até diz que já estavam mantando escondido, falavam para nossos antepassados “vocês serão os donos da festa”. E quando iam confeccionar o *capacete* do ritual, eles levavam alguns e matavam por lá. Depois informavam que a pessoa tinha se perdido ou que alguma coisa matou no mato, mas, na verdade, os Javaé que matavam.

Teve um dia que um amigo javaé, que considerava um Apyãwa como irmão, contou que o povo dele, Javaé, ia acabar com o povo Apyãwa. Esse amigo levou um apyãwa na pescaria, foi lá que ele contou para ele. Ele estava orientando, dizendo: “eu não quero que acabe com seu povo, por isso estou te contando”. Quando chegou da pescaria com esse amigo do Javaé, ele informou o povo Apyãwa, passando o recado do seu amigo para seu povo: “o povo Javaé estão querendo acabar com o nosso povo Apyãwa, por isso ele me levou para pescar e contar essas informações, disse que não quer que acabe com nosso povo Apyãwa. Por isso eu estou passando esse recado para vocês também. Por isso a gente vai embora daqui. Se alguém quiser vir com a gente, pode vir. Se alguém não quiser vir com a gente, não pode falar para os Javaé que a gente está indo embora”. Alguns se manifestaram: “mesmo assim a gente vai ficar por aqui, deixa que eles acabem com a gente. Podem ir que a gente não vai contar de vocês”. Portanto, confirmaram para o povo Javaé que aceitariam ser os donos da festa.

Os Javaé faziam festa para matar o povo Apyãwa e assim foi diminuindo a população do povo Apyãwa. José Pio Wario contou que com essa informação, Xekato não ia mais ficar com os Javaé, com toda aquela orientação Xekato se preparava para fugir dos Javaé. Conforme a orientação que o amigo fez: “se te convidarem você tem que seguir a minha orientação”, disse para Xekato.

Xekato seguia de acordo com a fala do amigo. Esse amigo também contou para Xekato que havia muitas aldeias dos Karajá no rio Araguaia, disse: “se vocês acenderem

fogo para assar peixe, depois vocês têm que apagar o fogo e jogar o restante de lenha, para não deixarem pista, se não vão achar vocês. Ao passar por uma aldeia dos Karajá, vocês têm que passar pela madrugada”. Assim orientou o amigo do *Xekato*.

Com toda essa orientação, *Xekato* falou para os Javaé que ele não tinha condição de participar da festa, que suas filhas também não tinham como participar da festa: “porque não temos óleo”, disse *Xekato*, “não quero que suas irmãs participem da sua festa com a pele sem passar o óleo. Eu não me sentiria bem com suas irmãs sem passar o óleo nos seus corpos, então eu queria primeiro buscar o óleo de *Inatã* para elas”. Os Javaé concordaram com ele, dizendo “vão logo então”. *Xekato* respondeu “beleza, nós vamos produzir óleo rápido porque vamos fazer juntos, por isso vamos fazer rápido”.

Xekato preparou as coisas nas canoas, levando muita comida. Ao anoitecer, eles já saíram de canoa. José Pio Wario disse que saíram no que hoje é chamado de Lago Grande. De Lago Grande até o rio Araguaia eram as aldeias dos Karajá, nas praias. Não tinha aldeia fora das praias, eles ficavam nas praias. “Não sei onde que ficavam na enchente”, comentou o senhor José Pio Wario, “as aldeias deles iam até onde, no dia atual, foi feito o município de Santa Terezinha, que antigamente não tinha esse município e nenhuma presença de *maira* (brancos)”.

Assim eles foram indo, até almoçaram perto da boca do rio Awiowy (Rio Tapirapé), que desagua no rio Araguaia. Nesta região que ficaram comendo e, na madrugada, passaram pela última aldeia dos Karajá. Mesmo assim os Karajás perceberam o barulho das canoas. Conforme o senhor José Pio Wario então contou, um monte dos Karajá foi de canoa, procurando por toda parte o barulho que escutaram. Foram por aqui dizendo: “eu ouvi o choro de criança”, um dizia para outro. Um Karajá os alcançou, e gritou: “é você *Xekato*”. Esse karajá era conhecido dele, *Xekato* respondeu “sim, somos nós! Não conta de nós para seu povo, por favor, estamos indo embora”. Seu conhecido respondeu: “que isso, eu não vou contar de vocês, podem ir, não vou contar de vocês, podem ir”.

Depois os outros karajá perguntaram um para outro “alguém viu o que era?”. O conhecido de *Xekato* falou “não vi, acho que era *axyga* (fantasma)”. Assim um falou para o outro que era *axyga* que estava passando por ali. Foi assim que eles conseguiram sair no rio Awiowy (rio Tapirapé). Saindo no rio Awiowy, estavam indo até o amanhecer, remando sem preocupação, não tinha nenhum povo morando nesta região. Assim estavam

navegando tranquilos no rio Awiowy. Quando entraram no rio Awiowy estavam remando até de dia. No rio Araguaia só podiam navegar de noite por causa dos Karajá.

Quando navegaram no rio Awiowy, tem um trecho do rio Awiowy em que não é fácil ver a curva do rio. Nessa parte encontraram um Karajá que estava pescando sozinho. Ele estava com raiva de seu povo, por isso estava pescando sozinho. O povo Apyãwa estava comendo peixe e esse karajá estava chegando na canoa. “Olhem tem um karajá chegando”, um disse para o outro, “agora os karajá vão nos exterminar”. Primeiro pensaram que os karajá poderiam estar em grupo, que não era só uma pessoa que estava pescando. Quando esse karajá viu eles almoçando, parou de remar olhando para eles do meio do rio, até que ele gritou “é você Xekato?”.

Esse karajá sabia de Xekato, “é você rapaz?”, perguntou. Xekato respondeu “sim sou eu, nós que estamos indo embora”. Xekato o convidou para comer com eles, e o Karajá respondeu: “não posso, eu também estou indo embora”. “Não, vem comer primeiro, depois você vai embora”, disse Xekato para ele, “vamos conversar primeiro”. “Que isso”, disse o Karajá para Xekato, “quem sabe vocês querem me matar”. “Que isso, vem comer com a gente” respondeu Xekato para ele, “a gente não vai matar você, queremos que você se alimente conosco”. “Então, tá bom, vou me arriscar e ir até vocês, tomara que vocês não me matem”, ele falou para Xekato.

De acordo com o senhor José Pio Wario contou, ele veio triste para a beira do rio, remando devagarzinho. Em seguida se cumprimentaram, perguntando um para outro se estava tudo bem, falando na língua Karajá: “bora comer”. Xekato pediu para ele não contar para o povo dele que ele tinha encontrado com os Apyãwa, que eles estavam fugindo. O karajá falou que não ia contar, que estava com raiva de seu povo, que os pajés do povo dele, feiticeiros, mataram sua esposa, por causa disso estava com raiva de seu povo. Por isso também estava pescando sozinho, para distrair a dor da esposa que os feiticeiros mataram. “Por esse motivo também não contarei que eu encontrei vocês por aqui”, ele disse e continuou: “Eu queria pedir a vocês se tem possibilidade de me doarem urucum, Tamakorã, as coisas que usamos nas festas tradicionais para eu dançar com elas no dia da realização da festa do meu povo”. Então eles doaram as coisas que ele pediu, as coisas que usamos no dia-a-dia e nas festas culturais. Assim se despediram um do outro. Assim cada um seguiu sua viagem.

De acordo com o senhor José Pio Wario contou, “esse povo Apyãwa que veio no rio Awiowy eram os primeiros habitantes que vieram fundar a primeira aldeia dos Apyãwa que chamaram de *Ipirakwaritãwa*, uma nascente de um córrego que significa buraquinho de peixe”. Contou que eles viram de longe a serra do *Yrywo ’ywãwa*, hoje conhecida como a serra do Urubu Branco, onde o urubu rei bebe. Falavam um para o outro “nós temos que ir naquele lugar”. Foram chegando, até descer no cerrado do *tyhã*.

Foi nesse lugar que desceram da canoa e a esconderam, carregando nas costas para fora do rio Awiowy, para não deixar pista. Se, caso os Javaé fossem atrás deles, eles sairiam por ali. Para não deixarem pista carregaram a canoa nas costas e deixaram no cerrado escondida. Não quiseram arrastar a canoa, assim deixariam uma pista também para os Karajás da direção em que poderiam ter indo. Assim prosseguiram sua viagem a pé, vindo no cerrado, vindo pelo lugar que os Apyãwa denominaram de *Awaxi kãjwera*, até chegar no lugar onde os Apyãwa fizeram a primeira aldeia que chamaram de *Ipirakwaritãwa*.

Primeiro Xekato e seu grupo viveram na beira do lago que os Apyãwa denominaram de *Wiriao*, perto do rio Awiowy. Ali não tinha mais comida para eles. O pessoal foi tirar o mel de *Eiroo*, enquanto isso Xekato aproveitou fumou e dormiu. No sonho ele falou para *Axyga rekaete we* (espíritos que viviam nesse lago), conversou no sonho com esse espírito do lago *Wiriao*. Ele mandou esse *Axyga* arrumar para o povo dele o que estavam necessitando, como *o’i* (farinha), *Mani’awakyga* (mandioca que depois que amolece na água o povo Apyãwa deixa secar no sol), *wajkyra* (mandioca doce), *kará* (cará), *xetyka* (batata doce), *kawî* (mingau de Milho), *korowã* (abóbora).

Muitas coisas de comida *Axyga* do lago de *Wiriao* colocou para fora do lago para eles. Conforme o senhor José Pio Wario disse, “tem *Axyga* vivendo aí”. Assim também contou Adson Maropawygo. Que tem aldeia nesse lago, antes de ser lago esse lugar eram aldeias dos Apyãwa, como explica também o senhor José Antonio Xawaraxowi Tapirapé e sua esposa Koxaoni Tapirapé, diz que antes era uma aldeia e a água do rio inundou, por isso está no formato redondo, como aldeia dos Apyãwa. Para as pessoas existe como um lago, mas para os pajés é uma aldeia. Como eles são pajés, eles realmente veem. *Axyga* colocou as comidas típicas do povo Apyãwa para fora, para o povo de *Xekato*, peixe já assado, os Apyãwa chamam de *Ipiraka’ê*, pirão de peixe *ipirã matãwa*, Tartaruga, *Xawaxi* e assim por diante, comida já pronta e os produtos das roças.

Eles aproveitaram e, depois de comer, eles falaram “agora vamos seguir a nossa viagem”. Também colocaram para fora do lago todo tipo de *Awaxi* (milho). Até colocaram uma galinha viva que eles levaram viva para que essa galinha cantasse para eles ao amanhecer. Esses lugares eram virgens, matas fechadas, até que chegaram no lugar pretendido por eles. O local que chamaram de *Ipirakwaritãwa*, a primeira aldeia a ser construída nesta região Yrywo'ywãwa.

O pajé Xekato conseguiu trazer para eles os produtos das roças, eles aproveitaram e fizeram uma roça somente para plantar esses produtos que Xekato, através do sonho e com ajuda do *Axyga*, conseguiu trazer como seus alimentos. Depois os Apyãwa fizeram outra roça maior para acumular mais os produtos da roça, como *tata*, *mani'ywa*, *awaxi*, *karã*, *xetyka*, *wajkyra*, *monowi*, *maraxi*, esses produtos da roça do povo Apyãwa.

Um dia o pessoal de Xexotãwa lembrou do pessoal que se dividiu deles. Segundo o senhor José Pio Wario contou, estavam reunidos no pátio da Takãra à noite. Os pajés de Xexotãwa se uniram para monitorarem através de suas visões cosmológicas. Eles queriam fazer comunicação com os pajés que estavam entre os grupos que se separaram deles, indo pelo rio Araguaia, e os outros que foram pelas matas, em que também foram alguns pajés dos Apyãwa para guiar os caminhos. “Os Apyãwa sempre estavam vindo para o centro da terra, através do sonho dos pajés dos Apyãwa”, disse o senhor José Pio Wario Tapirapé.

Eles queriam se comunicar com os pajés que vieram no rio Araguaia para combinar o local onde poderiam se encontrar para levarem algumas de suas ferramentas que eles poderiam ter adquirido dos *maira* (branco). Os *maira* que levavam essas ferramentas e deixavam para os Karajá, então eles tinham mais chance de ter adquirido essas ferramentas. Eles pretendiam combinar o lugar através do sonho para a população de Xexotãwa, assim queriam combinar com o pessoal que veio no rio Araguaia. A intenção também era saber se os outros grupos estavam com povo Irewee Javaé, mas infelizmente disse que exterminaram, “se não iam acabar, nós íamos achar. Os Apyãwa iam achar como acharam o pessoal de Xekato e os brancos também iam achar como acharam e estão achando os povos insolados”, explicou o senhor José Pio Wario Tapirapé.

Os pajés dos Xexotãwa começaram a fumar no meio da aldeia, no pátio da Takãra, à noite. Eles olharam o povo Javaé, não tinham sinais dos pajés dos Apyãwa e nenhum do povo da sua comunidade. Os pajés dos Apyãwa queriam ouvir as falas de seu povo,

não ouviram nenhuma fala de Apyãwa no meio dos Javaé. Acabaram mesmo com a população dos Apyãwa que ficaram no meio deles. Os que ficaram com os povos Javaé, de acordo com o senhor José Pio Wario, disse que “os Javaé dizimaram todos nossos antepassados”.

O senhor José Pio Wario também contou que nossos avós contaram para ele que na verdade, “os povos Javaé legítimo tem só pouquinho”, porque a maior parte dos Javaé são os Apyãwa, são filhos, filhas, netos dos Apyãwa que estão nos Javaé, são os filhos de Apyãwa que estão como Javaé. “Os Apyãwa que estão lá como os Javaé, assim que nossos antepassados contavam para nós também”.

Depois, fumaram novamente, olharam em outros lugares, na direção do rio Awioowy. Depois olharam na direção da serra de *Yrywo 'ywawa*, avistaram o pessoal de Xekato no sonho, estavam vivendo nas nascentes de *Ipirakwari*, perto da serra de *Yrywo 'ywawa*, eles abriram uma aldeia dos Apyãwa pela primeira vez na região de *Awioowy* e serra do *Yrywo 'ywawa*. Depois continuaram olhando e não viram nenhum outro povo habitando esse território, nem outros que seguiram pelas matas.

Conforme o senhor José Pio Wario Tapirapé, disse que estavam vindo onde agora é conhecida como Vila Rica, que antes não existia, onde era somente as matas, por isso o povo Apyãwa sempre considera esse território como dos Apyãwa, a esquerda do rio Araguaia, o rio *Awioowy* e a serra do *Yrywo 'ywawa* até a região de *Xexotãwa*, *Moo 'ytãwa*, *Maakotãwa*, *Xanypatãwa*, *Tãwoo* em que os Apyãwa fizeram e formaram várias aldeias e que os Apyãwa sempre se recordam.

Quando viram as populações que estava habitando as regiões de *Ipirakwari*, os pajés de *Xexotãwa*, *Moo 'ytãwa*, *Xanypatãwa*, *Tãwoo* e *Maakotãwa* se uniram novamente para chegar até eles, disseram para suas populações dessas cinco aldeias: “vamos atrás deles para que nos tragam algumas ferramentas que eles poderiam ter adquirido através dos *maira*. Vamos atrás deles”. Falaram um para o outro “para trazermos as ferramentas dos *maira* para nós também”. Contou que *Maakotãwa* era Tupi também, mas que era um povo Apyãwa, ficaram nestas regiões antes dos outros Apyãwa que estavam chegando para eles.

Eram os Apyãwa que não aceitavam que outro povo os incomodasse, eram povos extremamente valentes, mesmo sendo outro Apyãwa que chegava na aldeia deles, que viveram com eles, mesmo assim atacavam os Apyãwa às vezes. Mesmo sendo os

Maakotãwa eram temidos, valentes e extremamente treinados com arco e flecha. Os outros Apyãwa de *Xexotãwa*, *Moo'ytãwa*, *Xanypatãwa*, e *Tawoo* se reuniram, os pajés dos Apyãwa falaram para fazer o caminho passando no meio da aldeia dos *Maakotãwa*, a intenção deles eram também pegar alguns pajés de *Maakotãwa* para irem juntos até onde os povos Apyãwa estavam vivendo nas regiões da serra de *Yrywo'ywa*.

Os Apyãwa também têm coragem, então não se importaram que os *Maakotãwa* eram valentes. Os Apyãwa fizeram caminho passando no meio da aldeia dos *Maakotãwa*, estavam indo até os Apyãwa que estavam vivendo na região de *Ipirakwari*. Na aldeia saíram dois *Maakotãwa* e a população ficou com medo também, ficaram espantados com o grande grupo que apareceu de repente na aldeia deles, outros Apyãwa. Eles aproveitaram esse momento conversando um com o outro, porque eles falavam nas mesmas línguas tupi. Conversaram com os pajés do povo de *Maakotãwa* e assim convenceram alguns pajés de *Maakotãwa* para irem junto com eles em busca de ferramentas na aldeia *Ipirakwaritãwa* (aldeia do burquinho de peixinhos menores, como os Apyãwa denominaram este lugar).

Os pajés dos Apyãwa disseram um para o outro “vamos nesta direção, nossos povos estão lá, estamos vendo por lá”. Essas eram falas dos pajés dos Apyãwa que falavam para o grupo de *Maakotãwa* que estava indo com eles e para os que não eram pajés. Vieram dormindo por vários meses, até que saíram onde os Apyãwa denominaram também de *Ipirakwaroo*, que significa o buraco de peixes maiores, na região em que, no dia atual, é conhecida como Destilaria Gameleira, e como o rio Gameleira, onde não existia de forma alguma a presença dos *maira*.

Os Apyãwa falaram um para o outro “vamos nessa direção, nosso povo está mais para frente, embaixo daquela serra, bem no pé da serra do *Yrywo'ywawa*”, contou José Pio Wario. Os pajés dos Apyãwa conduziram seu grupo para a direção do *Ipirakwaritãwa*. Não tinha nenhum outro povo nesta região, nem *maira*, não tinha estrada e destruição da natureza, “essa narrativa é de muito e muito tempo”. Seguiram sua viagem até que saíram no lugar que os Apyãwa denominaram de *Parany*. Neste lugar que os Apyãwa encontraram os vestígios do seu povo, avistaram também os caminhos que fizeram na beira do córrego *Parany*.

Os pajés dos Apyãwa disseram “esses são os caminhos deles, vai até a aldeia deles, então vamos seguir essas trilhas”. Os pajés dos Apyãwa falaram o que viram até saírem

nas roças deles. Depois seguiram e saíram na aldeia deles. Lá, um perguntou para o outro: “que povo está chegando para nós, quem são eles?”. Ficaram parados no meio da aldeia, eles falaram e se entendiam. Alguns falaram “somos nós, somos seu povo”. A população de *Ipirakwari* se acalmou depois das falas deles, como eram seus grupos que estavam indo atrás deles, e começaram a cumprimentar um ao outro. Ficaram emocionados depois das explicações de ambos. Quando nós Apyãwa recebemos visitas, nós choramos um com outro só de alegria, recebendo nossos parentes, diz que foi assim que eles ficaram chorando por lá.

“Assim eles viveram aqui juntos por vários tempos”, contou José Pio Wario. Explicaram que estavam vindo por vários meses, ao longo do tempo foram conversando, explicaram também outros motivos da vinda, que foi por causa das ferramentas que eles poderiam doar para eles como facão, machado, enxadas, faca, colher. Responderam “*axe pawã*”, que significa, “pois, muito bem” ou “muito bom que vocês vieram para cá”. “Nós temos essas ferramentas”, disseram, “claro que vamos doar para vocês”, disseram “que bom que vocês vieram”, e Xekato respondeu “pois é, estamos aqui há muito tempo”.

José Pio Wario contou que doaram as ferramentas e que algumas pessoas vieram morar com eles para sempre, não queriam mais voltar para suas aldeias. Alguns eram da família e de famílias próximas, então ficaram e não voltaram. Alguns retornaram para as regiões de origem. Os pajés dos *Xexotãwa*, *Moo'ytãwa*, *Xanypatãwa*, *Tãwoo* e *Maakotãwa* contaram que o povo Javaé matou todos os Apyãwa que ficaram entre eles, na aldeia dos Javaé: “A gente viu no sonho que não tem sinais de nosso povo entre eles”, disseram, “quando nós sonhamos para cá, a gente avistou vocês no sonho, por isso a gente estava vindo atrás de vocês”.

Xekato também falou para eles: “pois é, realmente o povo dos Javaé acabou mesmo com nosso povo, porque não foi falta de aviso que o nosso povo foi dizimado pelo povo Javaé”, e continuou: “Tinha um grande amigo javaé que escutava que o povo dele ia acabar com o nosso povo Apyãwa que estava vivendo entre eles. Ele não estava aceitando isso e ele decidiu contar tudo pra mim, me levou para pescar com ele. Assim ele me passou todas essas informações e me orientou a fugir do povo dele, ele não queria que o povo dele matasse todos nós. Passei todas essas informações para o nosso povo, mesmo assim alguns não quiseram vir com a gente, eles nos falaram que não se importavam com isso e viveram com eles por lá. Provavelmente acabaram mesmo com nosso povo, eu também nunca fumei procurando-os no sonho, só agora que vocês estão

me deixando lembrar deles, agora vou olhar eles também, procurar eles no sonho também”.

Assim todos pajés Apyãwa fumaram juntos procurando pelos grupos dos Apyãwa que ficaram juntos com os Javaé. Xekato foi, através do sonho, onde o grupo deles ficaram com os Javaé, explicando para seus companheiros pajés Apyãwa, dizendo “aqui que nós ficávamos”. Xekato disse que foi atrás das casas querendo escutar os Apyãwa, mas não tinha mais nenhuma presença dos Apyãwa neste lugar.

Algumas partes do grupo que foram, voltaram. E a metade ficou por lá, se casaram e assim a população Apyãwa foi aumentando. Com esse aumento da população Apyãwa, foi formada a segunda aldeia dos Apyãwa, *Xoatãwa*, como explicou José Pio Wario. Essa aldeia foi nomeada por causa do cerrado, nos dias atuais é conhecida como Fazenda de Freinova. A terceira aldeia formada nesta região foi a aldeia *Xakrywatãwa*, na região do rio *Ipirakwaroo*, hoje conhecido como rio Gameleira. Depois de muito tempo formaram a aldeia *Paranytãwa*, assim nomeada porque ficava perto do córrego Parany. Depois formaram a aldeia *Xeke'atãwa*, que fica dentro, perto da Terra Indígena Urubu Branco, entre a fazenda Gameleira, que não existia nessa época.

Depois de muito tempo formaram a aldeia *Tawoko*, onde agora existe o município de Confresa, que também não existia. E, depois de muito tempo, criaram a aldeia *Ywaopetãwa*, também na região do rio *Ipirakwaroo*. Depois fizeram a aldeia *Tãwrywy*, na região de *kanine'ywa*, que significa “onde estava um ninho de Kanine Canindé”. Depois formaram a aldeia *Kanine'ytãwa*, justamente pelo ninho de canindé que tinha lá. Nestas regiões, agora, só existe pasto, os *maira* as transformaram em pastagem para criar gado. Essas aldeias foram criadas há muito tempo onde só os Apyãwa viviam antes dos *maira*.

De acordo com o senhor José Pio Wario, depois começou a guerra dos pajés Apyãwa entres eles próprios. Através dos seus poderes e sonhos, os pajés estavam testando quem tinha mais poder que o outro, quem era mais poderoso. Ele contou que começou sobre os poderes, que queriam matar o pajé Yrywaxã Tapirapé. Primeiro visitavam a aldeia do outro, mesmo sendo longe, diz que visitavam a aldeia do outro, visitavam suas famílias.

Quando os pajés dos Apyãwa começaram a implicar um com os outros, quase não aconteciam visitas entre as aldeias, porque os pajés colocavam feitiços perigosos nos

caminhos para não acontecessem essas visitas entre os Apyãwa. Com isso, as trilhas que faziam pelas matas para se visitarem foram se fechando, a estrada foi desaparecendo porque ninguém mais visitava outras aldeias.

Os filhos de Tokari'i Tapirapé estavam testando os poderes de Yrywaxã Tapirapé. Então, Yrywaxã Tapirapé matou todos os filhos de Tokari'i Tapirapé, eram três pajés os filhos de Tokari'i Tapirapé. O pajé Yrywaxã se defendeu dos ataques de dois filhos de Tokari'i, matou todos os filhos dela. Os filhos dela achavam que o Yrywaxã era muito franco. Com isso, a mãe deles, Tokari'i, ficou com muita raiva. Ela colocou muito feitiço pelos caminhos, assim ninguém mais conseguiu visitar o outro.

Depois de muito e muito tempo, quando as ferramentas das populações de *Arapatãwa*, *Xexotãwa*, *Moo'ytãwa*, *Xanypatãwa*, *Tãwoo* e *Maakotãwa* acabaram porque faziam muitas roças, discutiram, conversaram novamente sobre buscar as ferramentas nessa região da Serra de *Yrywo'ywawa*. Segundo José Pio Wario, “os pajés dos Apyãwa se juntaram, se uniram novamente. Todos os pajés desta região estavam vindo novamente para tirar os bichos das pessoas que estavam indo com eles. Sem a ajuda dos pajés seria impossível acontecer essa expedição com sucesso. Tokari'i Tapirapé era muito poderosa”.

Os pajés conseguiram tirar e jogar os feitiços que Tokari'i colocou pelos caminhos como *Maja* (cobra), *Axyga apokãwa* (conhecido como pé de garrafa), *Arãpapa*, os bichos que matavam pessoas, *Arypi*, esses feitiços que Tokari'i Tapirapé colocou pelos caminhos e que os Pajés dos Apyãwa conseguiram tirar, como se estivessem varrendo os caminhos, para que acontecessem as visitas entres as aldeias novamente.

Até que mudaram, formando uma enorme aldeia onde se juntaram e criaram a aldeia que chamaram de *Takarookywetãwa*. Essa aldeia foi nomeada porque os Apyãwa construíram uma única grande casa cerimonial, a Takãra, na região onde também era a aldeia de *Tokynookwatãwa*. Essa Takãra era grande, dentro tinha quatro forquilhas grandes, *xajrojrõ ro'õ raka'ê xorãõ*, por isso foi chamada por esse nome *Takarookywetãwa*. A aldeia *Xoatãwa* ficava na região que hoje é conhecida como fazenda Frei Nova, que também não existia.

Segundo José Pio Wario Tapirapé, os Apyãwa ficaram mudando por causa da morte de pajés Apyãwa, por causa disso a população das aldeias não podia permanecer no mesmo lugar: “porque espíritos aliados, que dão os poderes, os protetores do pajé, que

os Apyãwa falam que são *Paxe xemaka 'iãwa*, podiam acabar com essas aldeias em que o pajé morria”. Ele explicou então que era obrigatório mudar dessas aldeias, os pajés Apyãwa que morriam provocavam esses perigos ao povo dessas aldeias.

Os pajés Apyãwa que ficavam vivos, que percebiam as ameaças, contavam para seu povo e, por isso, mudavam do local, para evitar esses acontecimentos com seus membros. Depois de muito tempo, a população podia retornar, mas somente com ajuda dos pajés. Os pajés fumavam para jogar os espíritos do mal dessas regiões. Só assim a população poderia ocupar esses lugares tranquilamente novamente.

Porém, o senhor José Pio Wario Tapirapé contou que morreu um grande pajé. “Eu não me lembro muito bem o nome da pessoa, acho que foi Tapi'aoni Tapirapé, acho que ouvi esse nome”. Aí disse que mudaram dessa aldeia, voltaram a morar na região da Serra de *Yrywo 'ywawa* novamente. Essas eram as aldeias Apyãwa muitos anos atrás. Para lá da Aldeia *Xexotãwa*, *Moo 'ytãwa*, *Xanypatãwa*, *Arapatãwa*, *Tãwoo* e *Maakotãwa*, depois dessas aldeias Apyãwa. Ele disse que não sabia as aldeias anteriores, que não foram repassadas para ele e “nós também não perguntava para seus avós, por isso não sabemos infelizmente”, explicou o senhor José Pio Wario.

As estradas foram feitas pelas matas, por exemplo de *Xexotãwa*, *Moo 'ytãwa*, *Xanypatãwa*, *Arapatãwa*, *Tãwoo* até a aldeia de *Maakotãwa*, que se localiza agora no município de Vila Rica, passando numa serra chamada pelos Apyãwa de *Ywytykãto* (serra bonita ou serra perfeita), seguindo até um local chamado *Kwaxixiga*, depois disso, passa pelo lugar que chamaram de *Xerapytãokato*.

“Assim seus avós nos contavam”, afirmou José Pio Wario e acrescentou que dali em diante, chegava na região de serra de *Yrywo 'ywawa*, até finalmente *Ipirakwaroo*, depois chegava no córrego *Paranỹ*. Esse nome os Apyãwa denominaram por causa do córrego que vem do Mar, passando pelo rio Araguaia, passando pelo rio Tapirapé e finalmente o rio Paranỹ, assim esse curso da água se tornando como córrego do rio Paranỹ, que vem se conectando do rio maior Paranyxigoo, Paranyo, Awiowy, até chegar no córrego Paranỹ, ao lado esquerdo das nascentes *Ipirakwãri*

Há um córrego que os Apyãwa também denominaram de *Ipirãkywera*, que passa próximo do atual município de Confresa, porque os peixes eram magros e morriam muito nesse córrego, deixando os seus ossos na seca. Há outro que chamavam de *Yryapyroo*, na região que atualmente tem a fazenda Elenioza, onde os homens Apyãwa nas aldeias se

juntaram (*Taaxee'ãra*), mantiveram relações sexuais com nossa avó *Makato* Tapirapé, depois vinha até sair na aldeia *Ipirakwaritãwa*. Mas José Pio Wario, contou que “tem várias, no momento eu me lembro só desses nomes”.

Depois de muito tempo, os nossos avôs iam comer peixe no rio Awiowy, no tempo do verão. Os Karajá viam e atacavam os Apyãwa. “Os Karajá vinham sempre atacar os Apyãwa porque sabiam que os Apyãwa iam comer peixes na beira do rio Awiowy. Nós Apyãwa não ligava para eles. Então os Karajá iam matar os Apyãwa todos anos no verão. Nossos avôs não queriam guerrear com os Karajá”.

O senho José Pio Wario explicou que os Apyãwa tinham medo de matar pessoas porque, na epistemologia Apyãwa, quando uma pessoa mata um ser humano, o sangue da pessoa que foi abatida passa para a barriga do assassino. O sangue pode acumular automaticamente, pode aumentar a barriga do assassino e, assim, a pessoa pode ter hemorragia. Quando o assassino come, primeiro os *axyga* vão comer pisando, enfiando a mão, mijando, cagando e cuspiendo na comida dele. Então, a pessoa assassina não consome os alimentos saudáveis, assim são os conhecimentos dos Apyãwa através da visão do pajé do povo Apyãwa.

Por isso os Apyãwa têm medo de matar gente. Assim que os Karajá aproveitavam e matavam os Apyãwa. Teve uma época que os Apyãwa não gostaram mais que estavam matando seu povo. Eles se reuniram para não irem mais na beira do rio Awiowy, em que iam somente para comer peixes maiores, caças como queixada, catitu, tartarugas, ovos de tartarugas e tracajás, frutas do cerrado e mel, e voltavam no tempo da chuva. No tempo do inverno, as margens do rio Awiowy eram todos inundadas, por isso os Apyãwa não conseguiram fazer aldeias permanentes na beira do rio Awiowy.

Teve um tempo que os Apyãwa não aceitaram mais esses ataques dos Karajá. Os Apyãwa se reuniram para não se aproximarem mais do rio Awiowy por muito tempo. “Nós vamos fazer o seguinte”, disseram um para o outro, “não viremos mais para cá, se eles quiserem nos matar, eles que se atrevam a ir até a nossa aldeia, porque a gente vai ficar por lá por um bom tempo. Se eles forem atrás de nós novamente, agora nós vamos ter que matar um ao outro”. Conforme o senhor José Pio Wario disse, todos Apyãwa estavam debatendo sobre estarem fazendo mal para eles, “*Maryjxe raka'ê ixope emanyñ ixokaãwa, karaxã xe aparaxokãwo akawo, pexe xixokã xerexee iraawo pewo axãwa axaopeope*”.

Os Apyãwa não iam mais comer peixes, tartaruga, porcão, mel e frutas do cerrado na beira do rio Awiowy. Os Karajá sabiam que os Apyãwa, em todo verão, iam comer peixe na beira do rio Awiowy. Eles vinham do Araguaia, e vinham subindo o rio Awiowy para dizimar os Apyãwa que entravam nas margens do rio Awiowy. Os Apyãwa iam para comer peixe no verão. Eles plantavam muito milho na região do cerrado, que agora é conhecida como fazenda Frei Nova. Plantavam muito milho para fazer mingau de milho, e farinha de milho *Awaxio'i*, para comer com peixe, tartaruga, porcão e etc.

Teve um tempo em que os Karajá queimaram o cerrado, queimaram até o milho dos Apyãwa. Por isso os Apyãwa denominaram este local como *Awaxikajwera*, que significa queimada de milho, em uma aproximação na língua portuguesa, onde está a fazenda Frei Nova atualmente. Nesta região que denominaram *Yrywoxokaãwa*, também diz que fica onde os Apyãwa matavam os urubus reis para utilizar as penugens para as festas tradicionais Apyãwa, ficava em frente. Perto também ficava *Yxoãra*, um pouco mais perto. Assim, os Apyãwa não foram mais comer peixe no rio Awiowy por um bom tempo. Os Karajá foram procurá-los na região da Serra de *Yrywo'ywawa*, eles sabiam onde estavam suas aldeias. Eles acharam as aldeias dos Apyãwa.

De acordo com o senhor José Pio Wario, cada Karajá levou uma tartaruga nas costas, carregando para os Apyãwa. Os Apyãwa ficaram preparando assando as tartarugas, cozidos, como *marara*, receita típica do povo Apyãwa. Os Karajá chegaram de longe com as tartarugas nas costas. Chegaram muito cansados. Os Apyãwa combinaram um com o outro de matar todos eles. Eles estavam dormindo, os Apyãwa falaram um para o outro: “agora é a hora, vamos matar com a borduna *Ywyrã* todos ao mesmo tempo”. Tinha um Karajá que estava doente, com o peito inchado, só por isso, José Pio Wario disse que os Apyãwa não o mataram. O nome dele era Wahuá Karajá. Ele contou que bateram com a *Ywyrã* (borduna), que alguns batiam no lugar e não matavam com a primeira pancada. Os Karajá gritavam de dor, depois acabavam de mata-los.

Os Karajá que foram na aldeia dos Apyãwa foram quase todos mortos. Só um restou porque estava doente, estava dormindo e roncando enquanto seus companheiros foram massacrados. Nenhum homem Apyãwa teve coragem de matar esse último homem, Wahuá Karajá, que estava doente. E os Apyãwa falavam um para outro: “Mata você”, falavam um para o outro a ponto de acordá-lo a qualquer momento. “Será que vocês não vão matar não? Se ele escapar vai contar para o pessoal dele que a gente matou o pessoal dele”. Apenas as mulheres estavam apressadas em mata-lo enquanto estava dormindo.

As mulheres queriam matar com *Ino 'a mena*, que os Apyãwa também chamam de *Xeminakãwa* (mão de pilão, outra fala que é marido do pilão). Uma mulher Apyãwa falou: “Agora eu mesmo vou matar”, disse levantando *xeminakãwa Moo 'ywywyrã*. Os homens Apyãwa falaram para ela: “não faça isso, você terá as consequências depois, de ter sangue saindo do seu corpo”. Ela respondeu: “deixa que eu tenha, não é primeira vez que vou ter. Nós mulheres menstruamos”. “Não faça isso com sua vida”, disseram os homens para ela. Ela ia matar mesmo porque o Karajá estava dormindo. Depois, ele acordou finalmente. Aí falaram para ele: “seus companheiros foram embora enquanto você estava dormindo”.

Wahuá Karajá não acreditou, estava desconfiado que poderiam ter matado seus companheiros. Com essa desconfiança toda, ele estava rondando a aldeia. Os Apyãwa jogaram os corpos dos Karajá pelo caminho que levavam para sua aldeia. Então foi muito fácil para Wahuá achar os corpos de seus companheiros que foram massacrados. Depois de achar os corpos, ele imediatamente correu, embarcou na canoa e voltou para sua aldeia.

Segundo o senhor José Pio Wario, foi ele quem levou a notícia ruim para seu povo, por isso os Karajá ficaram com muita raiva do povo Apyãwa. Contou que estavam se reunindo para acabar com o povo Apyãwa, estavam combinando com todas as aldeias deles para matar os Apyãwa, guerrear com os Apyãwa, e essa guerra foi planejada pelos os Karajá e os Javaé com uma emboscada. Os Karajá estavam fazendo flechas que eles aprenderam a fazer com os Apyãwa e estavam fazendo *Ywyrã* (borduna).

O povo Apyãwa não imaginava que todos do povo Karajá estavam se preparando para guerrear com eles. O senhor José Pio Wario disse “*iawa 'ii pã raka 'ê Apyãwa wã*”, quer dizer: “os Apyãwa, naquela época, não tinham noção de algumas coisas”. E disse que os Karajá de todas as aldeias começaram a se juntar para guerrear com os Apyãwa, vieram uma multidão. Quem contou para o senhor José Pio Wario foi Ireheni Karajá, no rio Awiowy, estava vindo canoa atrás de canoa, eram muito guerreiros karajá. Eram muitos Karajá nas canoas e em várias canoas, uma atrás da outra navegando no rio Awiowy.

O povo Karajá matou vinte *Xexoo* (pirarucu), muitas vezes eram outros peixes como Tucunaré, que não eram suficientes para eles, tinham que matar mais, só assim podiam atender a todos eles, eram muitos Karajá. Até que chegaram no local do cerrado, na margem esquerda do rio Awiowy, que é chamado *Tawaenãwa*, justamente onde os

Karajá fizeram uma emboscada para os Apyãwa, por isso chamaram por esse nome *Tawaenãwa*, que significa o local de emboscada entre dois povos Apyãwa e Karajá.

Os povos Karajá primeiro queimaram o cerrado para que nenhum Apyãwa se escondesse deles. Depois foram atrás dos Apyãwa até na região de serra do *Yrywo 'ywawa*. Alguns deles chegaram na aldeia dos Apyãwa dizendo: “nós trouxemos várias miçangas para vocês, então venham buscar”. Os Apyãwa ficaram muito interessados em querer essas miçangas para usar nas festas tradicionais Apyãwa, infelizmente, principalmente as mulheres que foram busca-las. A maioria dos Apyãwa que foram, eram mulheres. Os Apyãwa dormiram onde tinham denominado de *Yrywoxokaãjpe*, onde os Apyãwa matavam os urubus reis para utilizar as penugens nas festas tradicionais.

De acordo com o senhor José Pio Wario Tapirapé, foi lá que a paca saiu do nada debaixo de um pajé, correndo falando “*he, he, he e'i ro'õ raka'ê Karowaroo*”. Contou que um pajé do povo Apyãwa falou para sua tripulação: “tem algo errado”. No conhecimento dos Apyãwa e na cosmovisão dos Pajé do povo Apyãwa, é um sinal da natureza avisando que vão acontecer algumas coisas. Os Apyãwa falam para esse sinal *Marawyna*. Quando avisou a sua população, o pessoal não acreditou no Pajé. A esposa do pajé armou novamente a rede dele para ele dormir mais um pouco. Ele deitou novamente e dormiu mais um pouco. Ele estava vendo no sonho os choros dos Apyãwa no *xeke'ã*, que significa uma armadilha.

“Não sei o nome do pajé”, disse José Pio Wario. Era um Pajé Apyãwa que sonhou, alertando os Apyãwa para não irem com os Karajá para este local: “eles fizeram uma emboscada pra nós”, contou, mas não adiantou. “Desde sempre vem acontecendo com nosso povo de não acreditar totalmente nos nossos pajés Apyãwa, dificilmente nós acreditamos um no outro”, falou o senhor José Pio Wario.

Um Apyãwa falou para o pajé: “deixa de ser medroso, rapaz. Deixa que nós tragamos as miçangas”. As esposas também falaram para o pajé. O pajé balançado a cabeça, implorando para que não fizessem essa viagem. O pajé disse: “vão é acabar com vocês”. José Pio Wario contou que o Kaxowario Tapirapé era o que os Karajá mais procuraram para matar. “Kaxowario Tapirapé, eu acho que os Karajá estavam conhecendo mais ele no meu ponto de vista, os Karajá queriam trazer *peyra* dele, um tipo de mochila tradicional dos Apyãwa”.

A intenção dos Karajá era trazer mais rápido o Kaxowario Tapirapé para matar logo. Kaxowario falou para os Karajá que ele mesmo iria levar essa *peyra* cheia de amendoim e banana. Ele falava para esses Karajá que queriam ajudar ele a carregar esses produtos da roça. Kaxowario também falou para os Karajá: “deixa que eu mesmo carrego para vocês”, na língua Apyãwa, “além de comer, vocês não irão plantar para vocês novamente, seus preguiçosos”.

O cerrado *Tawaenãwa* é muito extenso, mesmo assim os Karajá encheram o beirado do rio Awiowy. Não tinham uma árvore neste local, era somente o cerrado. Primeiro, apenas *Xywa* ficava no meio do cerrado, depois que os *maira* entraram nesta região, que criaram gado, por isso começou a nascer mato onde não existia antes.

“Quando menino eu fui lá ver esse local, quando estava queimado, realmente parece um deserto. Eu estava imaginado os lugares em que nossos avôs foram massacrados”, contou o senhor José Pio Wario Tapirapé. As mulheres foram a maioria das que foram mortas. Dos homens Apyãwa, os Karajá tinham um pouco de cautela porque os homens também tinham suas flechas, assim que mataram um ao outro.

Os Karajá mataram muitos Apyãwa e os Apyãwa também mataram muito os Karajá. Xako’iapari Tapirapé veio entre eles, ele era de *Maakotãwa*. *Maakotãwa* era considerado pelos Apyãwa como Kamayura, Guajajara, entre outros povos tupi, que os Apyãwa consideram Apyãwa todos os Tupi de modo geral. O senhor José Pio Wario contou que se o Xako’iapari Tapirapé ia com seu companheiro de *Maakotãwa*, ele disse que nenhum Karajá ia voltar para sua aldeia vivo. Xako’iapari sozinho matou milhares dos Karajá, ele ficava flechando os Karajá.

Ele ia no meio dos Karajá. Os Karajá também atiravam nele. Ele era muito guerreiro, o povo de *Maakotãwa* treinava todo dia mesmo, por isso eles não erravam o alvo. Os Karajá queriam acertar ele, conforme o senhor José Pio Wario Tapirapé disse, ele desviava das flechas. “Ele ia no meio dos Karajá flechando, ele ia mesmo onde tinha mais Karajá, flechando na beira do rio Awiowy. De medo dele, os Karajá mergulhavam no rio Awiowy, ao invés de flechar pulavam no rio, alguns caíam nas canoas”.

Ele tinha se separado de sua esposa, por isso ele estava procurando sua filha e a mãe dela, preocupado com elas duas. Estava procurando no meio dos guerreiros Karajás, que estavam levando para o rumo de *Tawaenãwa*, hoje conhecida também como Santa Rita. Ele avistou de longe sua esposa. Ele conhecia a sua ex-esposa, falou para o marido

atual dela: “aqueles caras estão carregando elas”. Aos poucos foi matando os Karajá que estavam carregando sua ex-esposa e sua filha. Conseguiu resgatar sua filha e falou para o marido da sua ex-mulher: “leva a nossa filha e sua esposa, deixa que eu faço a cobertura pra nós”.

Os Karajá ficaram com medo deles e falaram um para o outro: “vamos recuar porque ele está matando muito o nosso pessoal”. *Maakotãwa* eram povos que treinavam dia-a-dia com arco e flecha, que tinham muita coragem também. Quando encontravam os macacos, que são as comidas prediletas dos Apyãwa, o senhor José Pio Wario contou que falavam um para o outro: “escolham um lugar onde todos nós vamos acertar”. Escolhiam, por exemplo, no olho, ou nariz ou orelha. Dificilmente flechavam em outro lugar. Ele também disse que falavam um para o outro: “se alguém errar e flechar em outro lugar, são pessoas ruim de flecha”. Dificilmente eles erravam o alvo, por isso eram considerados arqueiros bem treinados e corajosos, que também desviavam das flechas.

Por isso os Karajá têm essa vingança até hoje, disse o senhor José Pio Wario. Quando os Karajá recuaram, os restantes dos guerreiros karajá vinham descendo o rio Awiowy, os Karajá vinham morrendo no rio Awiowy e muitas canoas estavam na beira de *Tawaenãwa*. Aqueles que foram flechados no braço, estourava o braço dele, não tinha como fazer o tratamento. Aqueles que foram flechados na coxa e na perna, estourava a perna deles. Aqueles que foram flechados na barriga, inchava também e estourava depois. Dois guerreiros Karajá morreram ali, no local que os Apyãwa chamam de *Tyhã*. Neste local tem dois guerreiros Karajá que os companheiros enterraram na beira do rio Awiowy.

Os pajés Apyãwa sabem e veem eles neste local, dizem que eles dois ficam gritando quando alguém chega em *Tyhã*, cumprimentando os Apyãwa, dizendo “que bom que você (ou vocês) estão trazendo o peixe para nós”, ou então, para quem traz as tartarugas, e esses dois guerreiros dizem “que bom que você (ou vocês) estão trazendo as tartarugas para nós”, segundo o senhor José Pio Wario. Os Apyãwa conhecem através dos pajés que contaram há muito tempos atrás, e os pajés dos dias atuais também contam para os Apyãwa conforme foi contado há muito tempo atrás pelos pajés dos Apyãwa.

Imagem 68 - José Pio Wario Tapirapé e Samuel Oparaxowa Tapirapé



Fonte: Arquivo pessoal, 2024. Fotografia de Danila Mawixike'i Tapirapé.

A foto acima mostra Xywaeri José Pio Tapirapé, nome atual Wario Tapirapé, conhecedor da cultura Apyãwa, ex-cacique da aldeia Majtyritãwa, ex-cacique da aldeia Tapi'itãwa e, ao lado, eu, Samuel Oparaxowa, na aldeia Tap'itãwa, em 03 de janeiro de 2024. Para esta pesquisa, também tive a honra de ouvir o senhor José Pio Wario Tapirapé sobre as trajetórias do povo Apyãwa, assim identificar os lugares das antigas aldeias dos Apyãwa, os lugares que os Apyãwa percorreram até chegar na região que hoje vivemos. As conversas com *maragetã kwaapãra gy* me afetaram, como Wario, Korako, Xakareo'i, que contaram quase com as mesmas palavras. Só hoje estamos parados, antigamente nossos bisavôs e tataravôs andavam sem se preocupar com os limites do território, sabiam também em qual região cada povo morava. Portanto, estamos vivendo como os animais estão vivendo no Zoológico, todos cercados.

Porém, adquiri muitos conhecimentos dos(as) senhores(as) José Pio Wario Tapirapé, Korako, Xakareo'i, Awaetekato'i, Xawaraxowi, Maxaja, Koxaoni e Taparawoo, sobre as histórias do povo Apyãwa e, com muita alegria, posso dizer que através deles(as) e através da minha pesquisa também tive essa aproximação de conhecer e me aprofundar mais nos conhecimentos do povo Apyãwa.

CAPÍTULO 5 – AS ALDEIAS ANTIGAS E ATUAIS DOS APYÃWA

Neste quinto capítulo vou tentar explicar e mostrar as aldeias antigas que os Apyãwa vinham fazendo, conforme a fala do senhor José Pio Wario Tapirapé e dos *maragetã kwaapãra gy*, as aldeias antigas que existiram antes das aldeias atuais dos Apyãwa, que existiram na região do atual município de Vila Rica.

Imagem 69 – Samuel Oparaxowa Tapirapé, José Pio Wario Tapirapé e Tamakorawygi Tapirapé



Fonte: Arquivo pessoal, 2025. Fotografia de Enyara Tapirapé.

No cento da fotografia acima, está o senhor José Pio Wario Tapirapé, ao lado dele está seu filho, com camisa de manga longa vermelha, Tamakorawygi Tapirapé, que me ajudou muito nas conversas durante a pesquisa sobre as aldeias antigas do povo Apyãwa, que existiram nos territórios Apyãwa.

Imagem 70 - Mapa com a marcação dos lugares sagrados do povo Apyãwa



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Segundo o senhor José Pio Wario, nós não sabemos as aldeias que existiram antes das aldeias como Arapatãwa, Xanypatãwa, Xexotãwa, Moo'ytãwa, Tãwoo e Tapi'itãwa. Essas aldeias existiram, a primeira aldeia dos Apyãwa foi na região em que, atualmente, está o município de Vila Rica. Nós jovens também não interrogávamos os mais velhos sobre as aldeias antigas do nosso povo, por isso não lembramos mais, só sabemos das mais recentes. Por isso não só sabemos os nomes das aldeias Apyãwa que existiram depois de Arapatãwa, Xanypatãwa, Xexotãwa, Moo'ytãwa, Tãwoo e Tapi'itãwa.

Depois de muito tempo, os Apyãwa fizeram a primeira aldeia dos Apyãwa na região de Yrywo'ywa (Urubu Branco), chamaram de Ipirakwaritãwa. Através do sonho, os pajés do povo Apyãwa viram o buraquinho de peixinho vindo de Belém do Pará. Na verdade, o pajé do povo Apyãwa trouxe o buraquinho de peixes pequenos para este local e que, nesta nascente, também vive a mãe do peixe, por isso nesse córrego não faltavam os peixinhos.

Com o passar do tempo, a população do povo Apyãwa foi aumentando, então foram formando outras aldeias como Tokynookwatãwa, Takarookywetãwa, Kanine'ytãwa, I'axoratãwa, Paranytãwa, Tawyrywytãwa, Xeke'atãwa, Tarokotãwa, Xakirywatãwa. Essas aldeias dizem que eram próximas da aldeia Ipirakwaritãwa.

Depois, foram formando outras aldeias nas regiões de Ipirakwãroo, rio Gameleira, nas proximidades do rio Ipirakwãroo, como as aldeias que existiram Ipirakwarootãwa e Xootãwa.

Na região em que agora está o município de Confresa-MT existiam duas aldeias dos Apyãwa, Okoytãwa e Tãwoko. A aldeia Okoytãwa recebeu esse nome por causa do sapo, que tinha muito nesta região, e um córrego que passa perto do município que os Apyãwa denominaram também de Ipirakywera, porque os peixes deste córrego são realmente magros. Além dessas aldeias, Anywootãwa, Ykyrytãwa, Tawyteripe, Awiowytãwa existiram mais próximas do rio Awiowy. Assim foram contadas por senhor José Pio Wario Tapirapé, Korako Tapirapé, Xakareo'i Tapirapé, Maxaja Tapirapé, Xawaraxowi Tapirapé, Koxaoni Tapirapé e Taparawoo Tapirapé, disseram que tinha mais aldeias dos Apyãwa no território Apyãwa. Só hoje que os *maira* estão nos paralisando, os Apyãwa vivem rodando no seu território.

Imagem 71 - Samuel Oparaxowa Tapirapé, Korako Tapirapé, Makato Tapirapé e Carlos Xario'i Tapirapé



Fonte: Arquivo pessoal, 2025. Fotografia de Enyara Tapirapé.

Na foto acima, ao meu lado, está o senhor Korako Tapirapé. Ao lado do mapa está sua nora, Makato Tapirapé, e seu filho, Carlos Xario'i Tapirapé, que também colaboraram com esta pesquisa. Fiquei muito feliz pelas contribuições de Makato e Carlos Xario'i para esta pesquisa sobre as aldeias antigas que existiram nos territórios tradicionais do povo Apyãwa.

O senhor Korako Tapirapé, Xakareo'i Tapirapé também falou que só hoje que os *maira* veio “aquetá” o nosso povo Apyãwa, limitando a terra, trazendo sua cultura e suas comidas para o povo Apyãwa, “*y xe ramõ maira itori imanaaka ywy, irota xanewe weka ranõ, wemi'o ranõ, a'eramõ naxipari karê maira pyã wi*”.

Abaixo mostro no mapa os espaços em que os Apyãwa andavam:

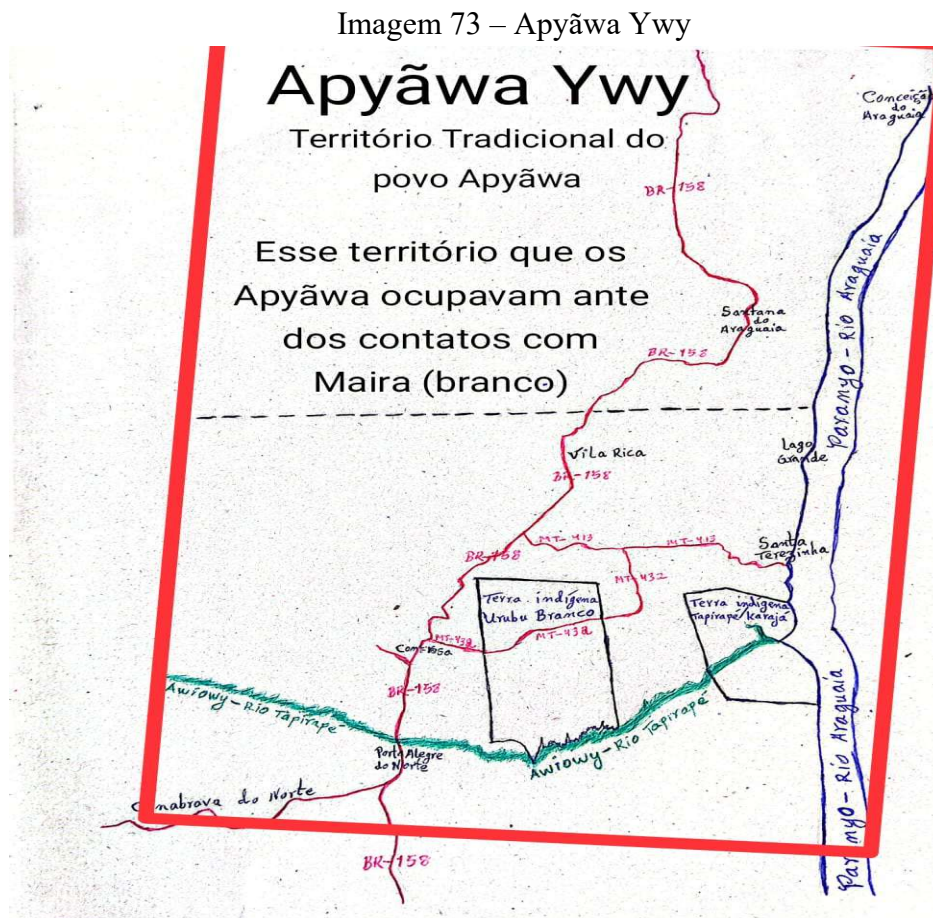
Imagem 72 - Desenho das trajetórias do povo Apyãwa



Fonte: Desenho do autor, 2024.

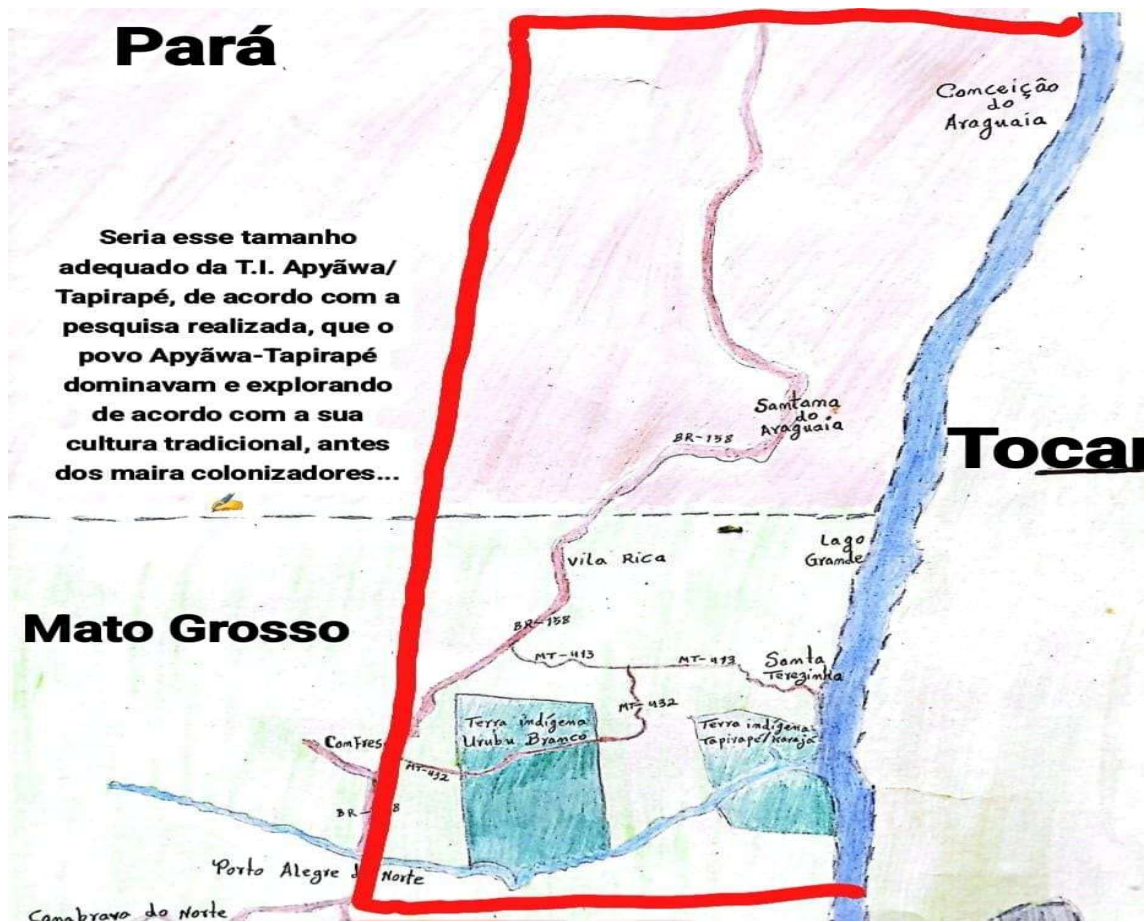
Este desenho foi produzido para mostrar as trajetórias do povo Apyãwa. Conforme meus entrevistados, em algumas versões, os Apyãwa vieram do litoral do Rio de Janeiro; em outras, os Apyãwa vieram de Belém do Pará e viveram por muito tempo neste local.

Em alguns relatos os Apyãwa atravessaram um rio grande, acredito que era o rio Amazonas. Nos relatos apareceu que, no Amazonas, havia muitos bichos, espíritos do mal, por isso, o povo Apyãwa voltou para Belém. De lá desceram pelo rio Paranyo (rio Araguaia), até chegar no local onde estamos localizados, onde temos duas terras demarcadas, TI Tapirapé/Karajá e TI Urubu Branco, no extremo norte do estado Mato Grosso.



Fonte: Desenho do autor, de acordo com minha análise como pesquisador Apyãwa, realizada com os grandes historiadores Apyãwa, *maragetã kwaapãra gy*, em 2025.

Imagem 74 - Apyãwa Ywy



Fonte: Arquivo pessoal. Desenho do autor, 2025.

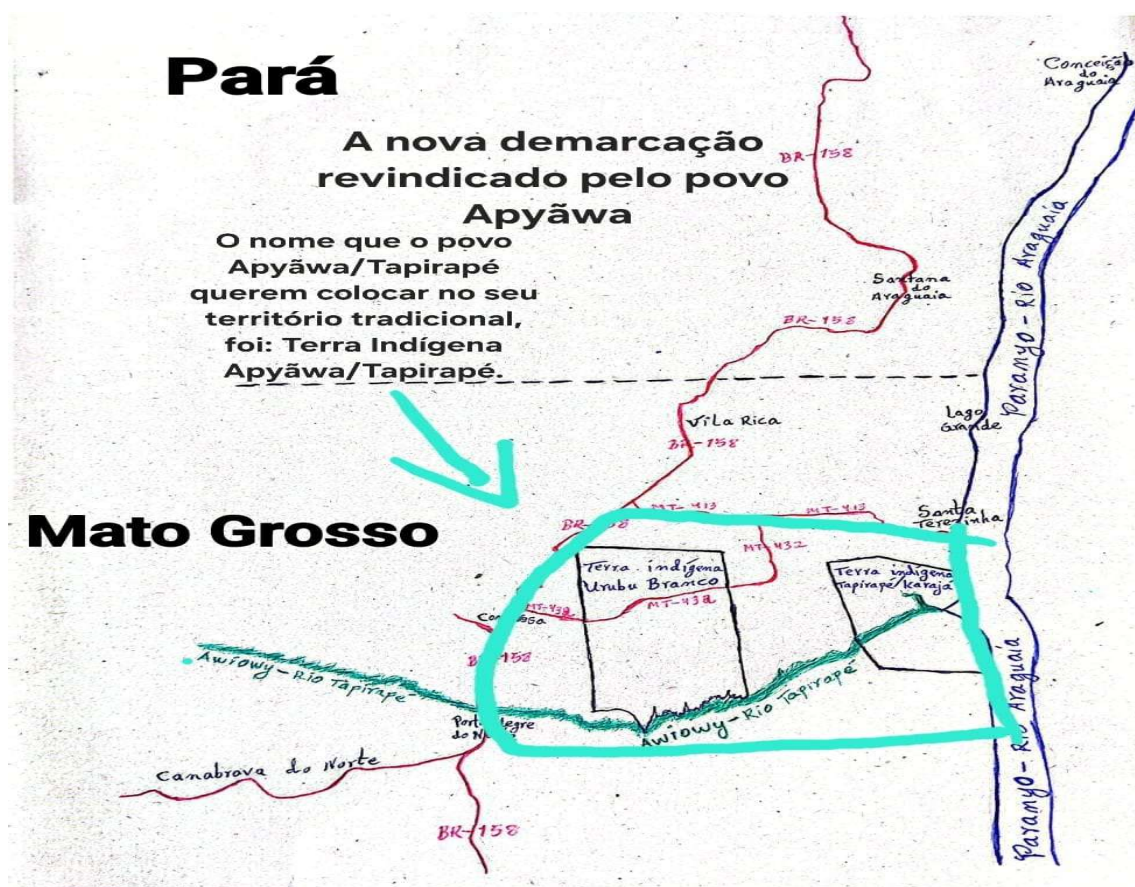
Esta pesquisa foi realizada com meu povo Apyãwa sobre nosso território tradicional, com sua cosmologia, epistemologia e suas trajetórias, em duas áreas que os *maira* demarcaram para o povo Apyãwa, TI Tapirapé/Karajá e TI Urubu Branco. Nos dias atuais, o povo Apyãwa está reivindicando a nova demarcação do território tradicional do Povo Apyãwa, conforme o povo Apyãwa conhece, incluindo os dois territórios dos Apyãwa e algumas partes que são cruciais para nós.

Como disse uma liderança na reunião dos Apyãwa, na aldeia Tapi'itãwa, no dia 20 de julho de 2025, Reginaldo Kaorewygi Tapirapé, vários lugares estão fora da nossa terra, como o lugar que chamamos de Xawaronoo kwãra, o buraco de onça preta ou a casa de onça preta. E os lagos que os nossos antepassados denominaram antes dos *maira* chegarem e fazerem contato com nossos antepassados. No nosso rio Tapirapé temos os nomes de lugares na língua de dois povos, Tapirapé e Karajá: Awiowy, que significa rio

das penugens na língua Apyãwa, porque eram abundantes as penugens de aves principalmente de pato selvagem, *Manawydó* na língua Karajá, por causa do barranco grande ao lado do rio Awiowy. E os Apyãwa denominaram *Xawaronoo Kwãra*, buraco de onça preta. *Redeó* na língua Karajá, *Maxi'aawera* na língua Apyãwa, por acontecimento de uma pessoa neste local. *Noxapyykãwa* significa onde os Apyãwa pegam o peixe cari cascudo.

O senhor Reginaldo Kaorewygi também ressaltou: “quero colocar para nós aqui, se a gente conseguir redemarcar, quero colocar Terra Indígena Apyãwa, precisamos colocar nosso nome mesmo. Já imaginam a gente recuperar os territórios dos nossos antepassados, que é por direito que temos, vamos ter uma aldeia em Porto Velho e fazenda Tapirapé que tradicionalmente são territórios tradicionais do povo Apyãwa. Então finalizo a minha fala aqui, os Canela nunca existiram nesta região, não tem nenhuma história como nós, e nem os autores antropólogos falam sobre Canela no rio Awiowy, vamos ter que colocar na nova demarcação, no documento, TI Apyãwa”.

Imagem 75 - Nova demarcação: TI Apyãwa



Fonte: Arquivo pessoal. Desenho do autor, 2025.

Quero retomar aqui a minha pesquisa. Na cosmologia Apyãwa, o mundo existiu três vezes. Com o primeiro que existiu, o nosso criador Xanerowa (deus) acabou com o fogo. Depois, criou o segundo planeta para sua criação e Xanerowa acabou com o mundo novamente, acabou com a sua criação novamente, com água inundando o mundo, a chuva não parava de chover até a morte de todos. Como José Antônio Xawaraxowi Tapirapé e Koxaoni Tapirapé contaram, a criação de Xanerowa encheu o planeta, por isso o planeta não tinha mais espaço. Xanerowa decidiu acabar novamente com sua criação para fazer outro planeta Terra, que na epistemologia Apyãwa, é o terceiro mundo que Xanerowa criou, em que estamos vivendo agora.

Conforme a pesquisa, a trajetória Apyãwa vem do litoral, da região do Rio de Janeiro. Conforme a senhora Koxaoni Tapirapé também explicou, os Apyãwa vieram para a América do Sul do outro lado do oceano Atlântico, conforme conta a história de Xakarepera, de acordo com os sábios Apyãwa que contam a origem do povo Apyãwa.

Os Apyãwa surgiram aqui na América do Sul, de acordo com os sábios Apyãwa que me repassaram esses conhecimentos ancestrais. Os rastros de Apyãwa vêm do litoral do Rio de Janeiro, passando por Belém do Pará e entrando um pouco na Amazônia, mas conforme a senhora Koxaoni Tapirapé e o senhor José Pio Tapirapé, nas explicações, foram analisadas duas versões diferentes.

De acordo com senhor José Pio Wario Tapirapé, dizem que os Apyãwa voltaram novamente para Belém, novamente atravessaram o rio de Belém e pegaram o rio Paranyo, que hoje é conhecido como rio Araguaia. Permaneceram por muito tempo na região que agora é chamada de Conceição do Araguaia, depois viveram na região de Santana do Araguaia e, assim, depois de muito tempo, seguiram para chegar até no Ipirakwari, Ipirakwaroo, Yrywo'ywãwa, Towajaãwa e Awiowy.

Os Apyãwa se dividiram, alguns dizem que vieram pelas matas. Dizendo assim: *“are ekwe araa ka'ã ropi axãwo, taraawajxãk ka'ã raakã ne axãwo Karaxão axamatare'yma ro'õ raka'ẽ mi Karaxão we”*. A tradução para o português seria: “nós vamos pela mata enfrentando lagartas das floretas, dizendo para o povo Kayapó; dizem que o povo Kayapó gosta de matas, por isso os Apyãwa chamavam assim Karaxao”. O outro grupo Apyãwa falou “tá bom”, dizendo: *“are xowe ekwe araawajxãk yraaka parãnyo ropi axãwo”*. Em português seria: “nós vamos enfrentar as larvas do rio Paranyo (Araguaia), se referindo aos Javaé e Karajá”. Contam que os pajés Apyãwa já sabiam que

enfrentariam esses dois povos para viverem nos territórios que os Apyãwa desejam e escolheram para viver, a região de Yrywo'ywãwa.

Então, uns vieram pelo atual município de Vila Rica, mas naquela época não existia o município nem a presença dos *maira* nesta região. Na região de Vila Rica os Apyãwa sempre se lembram dos nomes das aldeias antigas que são: Moo'ytãwa, Maakotãwa, Xanypatãwa, Arapatãwa, Tãwoo, Xexotãwa, Tapi'itãwa.

O grupo dos Apyãwa que veio pelo rio Paranyo, dizem que ficaram um tempão vivendo com Irewee/Javaé, até que os Karaxã/Karajá não gostaram que ficassem junto com os Irewee/Javaé. Então os Karaxã combinavam com Irewee de matar os Apyãwa até exterminarem todos. Mas existia um Irewee que era um bom amigo dos Apyãwa, que também considerava esse amigo Apyãwa como parte da sua família, o nome dele era Xekato Tapirapé. O amigo Irewee levou seu amigo Xekato Tapirapé para pescar, e na pescaria revelou tudo para ele, que seu povo estava matando o povo Apyãwa em cada festa que faziam. Esse amigo aconselhou Xekato Tapirapé para que fugissem. Disse: “O meu povo está dizendo que se vocês não saírem daqui, vão matar todos vocês, então fala para o seu povo”. Xekato Tapirapé falou para o restante dos Apyãwa, mas dizem que a maioria não quis sair, disseram para Xekato Tapirapé, “deixem que nos matem, a gente vai ficar por aqui mesmo”.

Xekato Tapirapé decidiu sair com alguns grupos com ajuda do amigo Irewee. Seguindo cada passo que o amigo sugeriu, ele conseguiu fugir dos Karaxã que ficavam na beira do rio Paranyo até entrar no rio Awiowy. O grupo de Xekato saiu do rio Awiowy no Tyhã, colocando as canoas nas costas, tudo para não deixar rastros e serem perseguidos.

Dizem que avistaram a serra do Towajaãwa, a serra que tinham avistado no sonho. “Nós temos que ir nessa direção e passaremos daquela serra, por lá que iremos fazer a nossa aldeia”, falou Xekato Tapirapé para o seu pessoal. E assim dizem que o Xekato Tapirapé que veio fundar a primeira aldeia, Ipirakwaritãwa, para os Apyãwa na região do Yrywo'ywãwa.

Enquanto isso, o grupo de Apyãwa que estava indo pelas matas, ainda não chegou na região de Yrywo'ywãwa. Até que um dia se lembraram, perguntaram se ainda estariam vivos. Então os Pajés dos Apyãwa se uniram todos. Eles olharam no sonho, fumando no meio da aldeia, no pátio da Takãra, os grupos de Apyãwa que vieram pelo rio Paranyo.

Nos sonhos os Pajés dos Apyãwa não ouviram as conversas dos Apyãwa entre os Irewee, infelizmente todos foram exterminados conforme foram avisados pelo amigo Irewee dos Apyãwa.

Depois de olhar no sonho que o grupo que foi pelo rio Paranyo não tinha mais presença dos Apyãwa, os pajés Apyãwa falaram um para outro, “agora vamos olhar no sonho no rumo da serra do Yrywo’ywãwa”. Avistaram a presença dos Apyãwa. Quando os pajés Apyãwa acordaram, eles falaram para os outros que viram os Apyãwa morando nesta região.

Assim, com ajuda dos Pajés, os Apyãwa acharam o seu grupo novamente na aldeia Ipirakwaritãwa. Alguns da população permaneceram na aldeia Ipirakwaritãwa ficando junto com parentes próximos. Alguns se casaram e só alguns voltaram.

Sobretudo, assim foram formando várias aldeias, como por exemplo: Tokynyokwatãwa, Takarookywetãwa, Tawryrywytãwa, I’axoratãwa, Xeke’atãwa, Xanypatãwa, Mokaxatãwa, Paranytãwa, Xakyrywatãwa, Ipirakwarootãwa, Tarokotãwa, Xoatãwa, Okoytãwa, Yykyrytãwa, Awiwytãwa, Anywootãwa, Tãwyteripe, Yryakyotãwa, Wouhãwa, Yywytãwa, Itawawytãwa, Orokotãwa. Só depois é que os *maira* chegaram e demarcaram só uma parcela do território tradicional para o povo Apyãwa, que os Apyãwa ocupavam antes do contanto com os *maira*.

Agora, falando um pouco sobre a origem do povo Apyãwa, primeiro diz que o povo Apirapé que vivia explorando esse espaço, caçando, pescando e colhendo frutas para sua sobrevivência. Depois de muito tempo, os Apirapé do povo Apyãwa acharam o povo de Mani’ytywera que estava rachando o chão. O povo Apirapé, na caçada, pelo caminho, ouviu as falas iguais a sua língua, por isso eles prestaram atenção e foram se aproximando cada vez mais para identificar se eles poderiam entender as falas e, assim, poderem se comunicar com os outros.

Era um dos grupos dos Apyãwa que estavam vivendo primeiro no fundo da terra. E assim foram tirados pelos Apirapé e trazidos para suas aldeias. Em seguida foram novamente procurar seu povo e realmente encontraram outro grupo Apyãwa, que eram o grupo de Awajky, também debaixo da terra, debaixo da mandioca doce. Na sequência foram achados o grupo de Tawaopera. Depois foram encontrados o grupo de Xakarepera, o povo do Jacaré; em seguida foram encontrados o grupo de Xanetãwa, o povo da aldeia. E depois foram encontrados o grupo de Paranyjwãra, o povo do rio Parany. Na sequência

foram encontrados o grupo de Kawãroo, o povo da vespa; logo após foram encontrados o grupo de Kawãro'i, que também compõem povo da vespa.

Taparawoo Tapirapé, moradora da aldeia Towajaatãwa, reafirmando as antigas aldeias dos Apyãwa.

Neste capítulo, conto com a participação da minha avó, senhora Taparawoo Tapirapé que mostra, realmente, as aldeias antigas dos Apyãwa e que, por isso mesmo, eu queria aborda-la, também para adquirir mais informações para a minha pesquisa. Como ela foi até a minha aldeia, tive a oportunidade de entrevista-la, tive a honra de conversar com ela com a mediação da minha esposa Enyara.

Na manhã do dia 19 de setembro de 2024, estávamos sentados no quintal da nossa casa, na aldeia Anywootãwa que fica no município de Porto Alegre do Norte-MT. Minha esposa Enyara Tapirapé, meus filhos, Thiago Marakawy'i Tapirapé, Jadson Awawytyga Tapirapé, Jhonatan Kanio Apyãwa e Dayne Mareapawygoo Apyãwa, meu sogro Amarildo Iarareo Tapirapé, cacique da aldeia Anywootãwa, minha sogra Mônica Koxamao Tapirapé, minha cunhada Letícia Akoxirawoo Tapirapé, minha sobrinha Driela Mareapatyra Tapirapé e eu. O dia estava sem chuva, mas o vento não parava de balançar as árvores que estavam ao redor da nossa aldeia Anywootãwa.

Neste dia recebemos uma surpresa, a visita da mãe do meu sogro que veio da aldeia Towajaatãwa, que fica à aproximadamente 7km da nossa aldeia. Ela veio com o carro da SESAI para visitar seu filho que sofreu um acidente e fraturou o punho da mão direita. O acidente ocorreu na cidade de Confresa-MT. O *maira* (branco) estava com uma caminhonete Hilux, meu sogro e minha sogra estavam de moto. Conforme o depoimento do ocorrido, fotos e vídeos comprovaram que o *maira* dirigiu na contramão, mesmo sabendo que isso é errado. Ele teve a intenção de atingi-los propositalmente.

Neste dia 19 de setembro, recebemos a visita de Taparawoo Tapirapé. Como pesquisador Apyãwa, aproveitei essa oportunidade para entrevistá-la. Achei muito oportuno recolher mais informação sobre o território tradicional do povo Apyãwa, em quais locais os nossos antepassados fizeram as aldeias, para poder registrar conforme o que ela aprendeu com nossos antepassados.

Para a entrevista tive que conversar primeiro com a minha esposa Enyara. Ela quem conversou com a senhora Taparawoo Tapirapé, consultando-a sobre se poderia ser entrevistada por mim. Assim ela aceitou. A gente se posicionou para conversar com ela, quem fez as perguntas foi minha esposa Enyara, antes eu passei tudo para ela, para que ela repassasse a minha fala. Ela falou de acordo com o que eu tinha orientado.

Taparawoo começou a contar que sabia de algumas partes das histórias. Ela ouvia as histórias completas, mas que não prestava muita atenção quando os pais e os avós contavam várias vezes para ela. Dissemos a ela que não se importasse com isso, o que ela sabe vai estar registrado, que é de suma importância para o nosso povo Apyãwa.

Ela disse: “o que sei vou contar para vocês”. Então falou que a aldeia Anywootãwa, antiga aldeia dos Apyãwa, existia na região onde foi novamente aberta uma aldeia, que justamente por isso foi nomeada com o nome Anywootãwa. Há muito tempo atrás essa aldeia já foi criada pelos Apyãwa. Quando foi novamente reaberta, nossa comunidade que morava na aldeia Wiriaotãwa, se mudou da aldeia Wiriaotãwa para Anywootãwa. Isso por causa da estrada que passa no meio da aldeia Wiriaotãwa. Assim, evitando que alguns acidentes ocorram com as crianças.

Os pescadores, caçadores Apyãwa que circulam, as vezes passam em alta velocidade, querendo chegar logo para pescar e caçar e, assim também, algumas vezes na volta, quererem chegar logo em suas casas. O motivo da mudança também foi por causa das plantações, especificamente de mandioca e macaxeira, que no tempo do inverno estragavam e apodreciam devido a quantidade da água vindo do sobsolo, minando.

Vendo essa realidade na aldeia Wiriaotãwa, criada em 2006, a nossa comunidade se preocupou em abrir uma nova aldeia um pouco mais distante dos motoqueiros e carros que passavam no meio da aldeia. Outra situação que também comoveu a nossa comunidade, foi o falecimento da nossa avó Porake'i Tapirapé, além da água no tempo da chuva. Por esse motivo, familiares de Porake'i Tapirapé não deixaram fazer o sepultamento dentro da casa do filho. Quando um Apyãwa morre, os familiares enterram dentro de suas casas. Mas como nessa aldeia minava muita água no tempo da chuva, os familiares decidiram enterrar o corpo dela em outra aldeia, na aldeia Tapi'itãwa, onde tinha a casa dela e o cemitério do marido dela, Mani'aki Tapirapé.

A aldeia Wiriaotãwa foi nomeada por causa do lago próximo, que os nossos antepassados denominaram de Wiriao Yopãwa. Esse lago, o povo Apyãwa nomeou por

causa de arraia, que chama *wiriri*. Por isso a aldeia recebeu o nome dessa arraia e do lago. *Wiri* vem da palavra *wiriri*, de um pássaro que é uma espécie de andorinha, com calda longa. É desse pássaro que vem, de origem, o nome de arraia. Como tinha muita arraia nesse lago, os Apyãwa foram nomearam com esse nome, Wiriao. Wiri - (ao), em que “ao” significa uma coisa grande. A tradução seria, mais ou menos, “lago das arraias Wiriri” por ser lago das arraias e por ser um lago bem grande. Assim a aldeia se torna Wiriaotãwa que significa Aldeia das Arraias ou Aldeia do Lago.

Como contei, o motivo da mudança da comunidade Wirioatãwa, que ficava mais próxima do rio AwioWy, para a nova aldeia, foi porque este local era inundado no inverno. Por isso a comunidade pensou em fazer uma nova aldeia, mas que teria o mesmo nome, assim, transferiram o nome da aldeia para agilizar as coisas para a comunidade em termos de FUNAI e SESAI, para estarem cientes da transferência da aldeia e o motivo da mudança.

Neste sentido a comunidade se reuniu para fazer outra aldeia e abandonar a aldeia Wiriaotãwa. Todo mundo se reuniu e estava de acordo em abandonar a aldeia Wiriaotãwa novamente. Na noite em que todas as pessoas da aldeia estiveram presentes, em nenhum momento, alguém se manifestou de modo contrário ao motivo do abandono dessa segunda aldeia criada pela comunidade Wiriaotãwa. Foi porque as plantações, como os produtos da roça, como a mandioca e macaxeira, especificamente nos quintais dos moradores na direção sul da aldeia, quando plantadas apodreciam no tempo da chuva. Então foi essa a terceira causa da mudança da aldeia Wiriaotãwa, mantendo esse mesmo nome, o que não aconteceu conforme o planejamento da comunidade Wiriaotãwa.

Quando a comunidade abriu a nova aldeia, todos nós, juntamente com cacique Amarildo Iarareo Tapirapé, queríamos fazer a transferência do nome da aldeia, mas duas famílias desistiram de se mudar para aldeia Anywootãwa. Todos estavam de acordo em mudar, na reunião ninguém se manifestou dizendo ao contrário, mas não aconteceu conforme a decisão da comunidade.

Com o passar do tempo, foram acontecendo desavenças e desentendimentos pelo nome da aldeia, tanto pelo nome da aldeia na língua Apyãwa que é Wiriaotãwa, como na língua portuguesa, que é Codebra, nome da sede da fazenda. Portanto não aconteceu conforme a maioria da comunidade decidiu.

O nome da aldeia e as coisas que pertencem à comunidade, de forma justa ao meu ver, pertencem a maioria que decidiu mudar. Mas a nossa comunidade entendeu que devia deixar, para evitar os problemas, ficarem com nome da aldeia. Nossa comunidade decidiu renomear a aldeia já que era nova. Assim, o meu sogro Xaopoko'i Tapirapé, o futuro cacique dessa aldeia, estava procurando juntamente com a nossa comunidade o nome da nossa nova aldeia.

Segundo meu sogro, quando ele foi visitar seus pais na aldeia Towajaatãwa, contou que estava procurando o nome da aldeia. Por acaso seu pai, Korira Tapirapé, contou que na região da nova aldeia, tinha uma antiga aldeia dos Apyãwa chamada Anywootãwa, há muito tempo atrás. Meu sogro informou a população, levando como proposta dois nomes, Ykyrytãwa e Anywootãwa. De acordo com a informação dele, a antiga aldeia Ykyrytãwa dos Apyãwa ficava onde agora está a fazenda Frei Nova, e Anywootãwa ficava no local onde foi criada a nova aldeia. Assim, a maioria escolheu Anywootãwa como o nome da aldeia. Eu também votei para chama-la de Anywootãwa, justamente porque essa aldeia já existiu por aqui e, assim, reativando a aldeia dos nossos antepassados.

Em sua visita à Anywootãwa, a senhora Taparawoo Tapirapé, esposa de Korira Tapirapé, estava reafirmando o que ele contou para seu filho, que neste lugar tinha mesmo a antiga aldeia dos Apyãwa com o nome Anywootãwa. Conforme ela conhece também, Ykyrytãwa ficava mais para o sudoeste, na região de Frei Nova e Anywootãwa está justamente onde era antiga Anywootãwa.

Sobre as sugestões dos nomes da nova aldeia, as famílias que decidiram permanecer na aldeia Wiriaotãwa sugeriram nomear a aldeia nova como Wiriaotãwa 02, mas as pessoas que se mudaram não concordaram. A minoria decidiu se dividir e permaneceu na mesma aldeia, 26 pessoas entre adultos e crianças, e a maioria mudou para a nova aldeia, 67 pessoas. Assim duas famílias decidiram permanecer na aldeia Wiriaotãwa que quase foi totalmente abandonada. Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé se tornou o atual cacique dessa aldeia e Adilson Xaopoko'i Tapirapé, o vice cacique. Assim, a aldeia que estava quase abandonada seria chamada Wiriaotãwa 01, esta seria a aldeia principal, e a segunda seria considerada como a cópia da primeira Wiriaotãwa 02.

Assim, a comunidade de Anywootãwa estava analisando essa situação, por isso não teve outra opção. A nossa comunidade não aceitou essa proposta porque primeiro

fizeram a reunião sobre a mudança e a transferência da aldeia e, depois, porque receberiam o nome Wiriaotãwa 02, sendo que a maioria estava na nova aldeia.

Além dos motivos já mencionados para a mudança, Taparawoo comentou outros. Outro motivo da mudança foi por causa de pescadores e caçadores. A aldeia fica na estrada, assim, Taparawoo disse que essa aldeia fica dificultando a pescaria e a caçada para o povo Apyãwa. Outro motivo foi por causa do sepultamento do povo Apyãwa. Quando o povo Apyãwa enterra os seus mortos dentro das casas, cavam um buraco dentro da casa, o que não é legal na enchente. Os cemitérios estariam, principalmente no tempo da chuva, praticamente no fundo da água. Além disso também teve o motivo da covid-19, para evitar a contaminação da população porque essa aldeia fica na estrada, a estrada passa no meio da aldeia o que facilita a contaminação da população da comunidade, por isso a comunidade estava querendo mesmo mudar de fato deste local.

As famílias que decidiram desistir da mudança para a nova aldeia não estavam querendo mudar o nome de forma alguma. Por isso a maioria da comunidade que mudou se reuniu novamente para mudar o nome da aldeia, para não criar problema. Foram listados nomes para a maioria decidir. Foram apresentados para a comunidade escolher Yykyrytãwa e Anywootãwa, a maioria escolheu foi Anywootãwa. Assim, a aldeia foi nomeada como Anywootãwa no dia 27 de abril de 2020. Eu também escolhi esse nome porque é nesta região que tinha a aldeia do povo Apyãwa que chamava Anywootãwa, de acordo com a fala de Korira Tapirapé e Taparawoo Tapirapé, que são os pais do meu sogro Amarildo Iarareo Tapirapé.

Como pesquisador Apyãwa, reforcei a proposta de nomear a aldeia nova de Anywootãwa. O meu sogro estava procurando o nome e visitou seus pais no momento certo, assim seu pai contou da aldeia antiga dos Apyãwa nesta região chamada Anywootãwa. Korira Tapirapé contou para o filho antes de falecer que existia uma aldeia neste lugar. A prova disso também é um machadinho de pedra do povo Apyãwa encontrado por meu filho Jadson Awawytyga no local da nova aldeia.

O machado de pedra e os pedaços da panela do povo Apyãwa encontrados no lago de Wyraa'yra pelo vice cacique da aldeia Akara'ytãwa

Os próprios Apyãwa já encontraram vários vestígios do nosso povo Apyãwa, que reconhecem como objetos produzidos pelos Apyãwa e que comprovam que os Apyãwa já viviam onde consideram seus territórios tradicionais, Apyãwa Ywy. Algumas partes do território Apyãwa estão nas mãos dos fazendeiros que se apropriaram delas. Na perspectiva dos Apyãwa, os territórios tradicionais estão sendo impactados pelos *maira* que estão provocando a devastação com as máquinas de grades passando por cima dos nossos antigos cemitérios dos nossos ancestrais.

Assim quebram as panelas, potes e machados de pedra com essas grades. É uma forma de varrer os vestígios dos nossos ancestrais, para que não seja descoberto que ali existiram as aldeias antigas. Assim destroem cemitérios, lugares sagrados, locais de tirar mel, locais de colheita de frutas das matas e cerrados, locais de caças e pescarias, causando problemas para os Apyãwa no território tradicional do povo Apyãwa.

No dia 21 de junho de 2025, o vice cacique da aldeia Akara'ytãwa, Valmir Ipawygi Tapirapé, 49 anos de idade, marcou uma pescaria. No caminhão F-4.000 da comunidade Akara'ytãwa foram pescar. O lago é sempre visitado pelos Apyãwa mesmo estando fora da terra demarcada para os Apyãwa, desde sempre. Antes dos contatos com *maira*, os nossos ancestrais buscavam, e buscamos até hoje, os peixes neste local que os Apyãwa denominaram de Wyraa'yra. Depois os *maira* chegaram e chamaram de Cristina, fica no outro lado do rio Awiowy (rio Tapirapé).

Conforme a fala dele, as pessoas que foram junto com ele eram: Murilo Marynoo Tapirapé e sua esposa Mareapawygoo Tapirapé, Kamarare Tapirapé, meu filho, Wataramy Tapirapé, Taxiro'i Tapirapé, Irimakwao Tapirapé, filho do Rivaldo e a nora Mytygoo Tapirapé, filho do Arivaldo Wyra'ywi Tapirapé, Kaorewygoo Tapirapé que também foi junto e sua esposa Iparewa Tapirapé, e Typyxowytyga Tapirapé. Essas pessoas foram juntas pescar com ele no Wyraa'yra, pegar peixe, comer peixe na beira do lago. Segundo ele, “então nós vimos os vestígios dos nossos antepassados no local onde estávamos fazendo a fogueira para assar o peixe, nós encontramos o machado de pedra dos nossos ancestrais e pedaços de panela na beira do lago mesmo”. Esse lago fica no outro lado do rio Awiowy.

Por lá que os nossos antepassados também iam comer peixe e deixaram esse machado de pedra e os pedaços de panela que encontraram naquele dia, por isso esses espaços são sagrados para nós Apyãwa.

Imagem 76 - Machado de pedra e pedaços de panela do povo Apyãwa encontrados na beira do lago Wyraa'yra



Fonte: Arquivo pessoal. Fotos de Valmir Ipawygi Tapirapé, 21 de junho de 2025

Nas imagens acima, estão o machado de pedra e os pedaços de panela do povo Apyãwa encontrados na beira do lago Wyraa'yra onde os Apyãwa sempre buscaram peixe para sua alimentação e para as festas tradicionais do povo Apyãwa e que, nos dias atuais, os *maira* chamam de Cristina.

Nas duas seções deste capítulo mostro com Taparawoo Tapirapé e Valmir Ipawygi Tapirapé informações cruciais, que são partes da minha pesquisa que mostram os territórios do povo Apyãwa. Na primeira parte foram reafirmadas as aldeias antigas dos Apyãwa e, na segunda, foram encontrados os vestígios do povo Apyãwa onde os Apyãwa viveram antes dos *maira* chegarem no território Apyãwa, por onde foram fazendo as aldeias e por onde os Apyãwa já viviam buscando seus alimentos para sua subsistência e para realização de suas festas tradicionais.

Como destaque, também o local de pegar *noxã*, peixe cari-cascudo, o local que o povo Apyãwa denominou de Noxapykãwa, que tem vários no rio Awioy (rio Tapirapé). Como foram me informando, na fazenda Porto Velho tem dois locais de Noxapykãwa; um na fazenda Tapirapé, onde os *maira* chamaram de Barreira Branca; e dois locais fora da terra que os *maira* demarcaram para o povo Apyãwa, que fica perto do Município de Porto Alegre do Norte, onde tivemos a honra de participar de uma pescaria. Foi onde os Pajés Apyãwa fizeram o ritual como nossos antepassados faziam antes de

mergulhar e pegar esse peixe, para que as pessoas que vão mergulhar e pegar peixe *noxã* com as mãos, façam uma pescaria sem problemas. Dizem que se não houver esse ritual com os pajés, as pessoas podem ser mordidas por peixes carnívoros, ou sofrer um acidente no fundo da água, ou uma arraia pode esporar na pessoa, ou o espírito ou dono desse peixe pode capturar o espírito da pessoa e, em seguida, a pessoa pode adoecer e até levar a morte se não tratar com pajé. Só o pajé pode resolver esses problemas.

Imagem 77 - Pescaria no lado direito do rio Awiowy



Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Samuel Oparaxowa Tapirapé, 2025.

Tirei foto acima no lado direito do rio Awiowy, perto do município de Porto Alegre do Norte. Os cinco pajés que estavam com a gente nessa pescaria estão preparando seu fumo, quatro estão sentados e um está em pé fumando: Gildo Okapytyga Tapirapé, Ivo Tapi'iri Tapirapé, Marlene Awokaja Tapirapé, Edmilson Awarawyga Tapirapé e Okariwa Tapirapé.

Imagem 78 - Pescaria no lado direito do rio Awiowy



Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Samuel Oparaxowa Tapirapé, 2025.

Na segunda foto, em primeiro plano, está Magno Iakymytywya Tapirapé, em seguida está sua esposa, Moray'i Tapirapé. Minha irmã, Eliane Marepoko Tapirapé, está tirando foto com seu celular; ao seu lado direito está minha esposa Luciana Enyara Tapirapé. Em seguida está Akoxiro'i Tapirapé segurando seu filho Ka'axowa Tapirapé, perto dela está o irmão dele Tywari Tapirapé sua mãe Pawygoo Tapirapé. A pessoa que não podemos ver o rosto é Akoropare'i Tapirapé; de vestido está a outra filha de Pawygoo Tapirapé, Mareapii Tapirapé. Ivo Tapi'iri Tapirapé está fumando com sua esposa Marlene Awokaja Tapirapé; em seguida está Edmilson Awarawyga Tapirapé também fumando, se comunicando com o espírito, com os donos dos peixes *noxã*. Ao lado esquerdo estão meu primo Tamakorawyga Tapirapé, sua esposa Mareo'i Tapirapé; em seguida está Marapyxowi e seu marido Gean Amoata'i Tapirapé. Por último está Koría Tapirapé, seguido de meu tio Adison Taxiromyo Tapirapé, em pé ao seu lado de sua esposa Cássia Katoaxowa Tapirapé e Myka'i Tapirapé.

Nos dias atuais a maior parte do território Apyãwa está fora da terra que os *maira* demarcaram para o povo Apyãwa. Os principais territórios estão nas mãos dos *maira* e, infelizmente, os Apyãwa estão vendo, a cada dia que passa, serem destruídos pelos *maira*. Não só nós Apyãwa estamos vivenciando a realidade de calor intenso, a mudança climática de modo geral. Na minha perspectiva é o começo da catástrofe provocada pelos

maira, em que sofreremos as consequências, sofrerão seres vivos e não vivos nas lentes antropológicas e nas lentes da antropologia Apyãwa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho destaco o mergulho nos textos de dois etnólogos, Herbet Baldus (1970) e Charles Wagley (1988), que escreveram um pouco sobre as trajetórias do povo Apyãwa. Mergulho nas profundezas de outros autores indígenas para que, a partir dessas profundezas, eu consiga trazer os conhecimentos para serem analisados e poder mergulhar também dentro das aldeias Apyãwa para adquirir os conhecimentos tradicionais das nossas ancestralidades. Agora estão na escrita os conhecimentos dos nossos *maragetã kwaapãra gy*, grandes historiadores Apyãwa, que estão prontos para somar com sua sabedoria. Assim, podemos entender melhor as complexidades do tema da minha pesquisa.

Sobretudo através desta análise foram destacadas duas origens do povo Apyãwa. Em umas delas, que foi contada pelos sábios(as) Apyãwa, nós Apyãwa vivíamos no outro lado do oceano. Com ajuda dos grandes pajés do povo Apyãwa, com visão cosmológica xamanística do Xakareperi, o povo Apyãwa conseguiu atravessar o *Paranyxigou*, designação que os Apyãwa deram ao mar. Xakareperi sem pedir ajuda no sonho, sem conversar com determinado espírito que poderia atravessar o povo dele, sem a ajuda do espírito do *Maaxi ỹ* (camarão), não teria conseguido atravessar seu povo para o outro lado do mar, que hoje conhecemos como Brasil, denominado depois pelos *maira* (branco), como conto no capítulo 4.

A outra origem que os Apyãwa também têm é que surgimos no Brasil. São nove grupos do povo Apyãwa que compõe a cerimônia de *Tataopaãwa*, realizada em período específico. *Tataopaãwa*, a cerimônia de grupo de comer, acontece no meio da aldeia onde todas pessoas vão comer no pátio da Takãra. Não pode errar o grupo de origem que cada um pertence para não sofrer as consequências no futuro, diz que as aves colocam seus piolhos nas pessoas quem não seguirem as regras dessa cerimônia. As aves acabam colocando seus piolhos nessas pessoas e podem prejudicar a saúde delas.

Portanto, as origens que foram contadas durante as conversas são os grupos de Apirapé, Mani'ytywera, Awajky, Tawaopera, Xakarepera, Xanetãwa, Paranyjwãra, Kawãroo, Kawãro'i e mais um que, no dia da entrevista, infelizmente não foi lembrado. Assim, os Apyãwa têm dez grupos de origem Apyãwa que surgiram nos espaços onde estamos habitando nos dias atuais. Essas informações foram de suma importância para

minha pesquisa e para o meu conhecimento, enriquecendo e aprofundando meus conhecimentos.

Também foi muito crucial, a partir desta pesquisa, conhecer as trajetórias do povo Apyãwa através dos *maragetã kwaapãra gy*, grandes historiadores. Tive essa oportunidade e o privilégio de ouvir as pessoas sábias. Fico admirado com os conhecimentos que eles(as) têm sobre a cultura do povo e dos territórios tradicionais do povo Apyãwa, sobre as mudanças que nossos antepassados vieram fazendo. Nas conversas, através do tema da minha pesquisa, foram repassadas essas informações que eu ainda não tinha conhecimento, que contribuíram muito comigo e também irão servir para o meu povo Apyãwa. Acredito que irá servir também para a área da Antropologia, em que os conhecimentos apyãwa contribuem para entenderem outras epistemologias.

Essa pesquisa foi alcançada. Pude aprender por onde os Apyãwa vinham percorrendo e também perceber os territórios tradicionais que os Apyãwa consideram como seus territórios, que chamam de Apyãwa Ywy. Onde estavam distribuídas as aldeias antigas dos Apyãwa, os lugares sagrados, lugares das caçadas, lugares de pescarias, os lugares que os Apyãwa fabricavam *temekwãra* (tebetá), uma pedra cristal que o rapaz usa na festa do rapaz. O local de fazer argila para fazer panela e pote. O local de fazer o machado de pedra. O local de matéria prima para fazer a ponta da flecha, que os Apyãwa chamam de *Moo'ywa*, e que, por isso, também foi o nome de uma aldeia, justamente porque essa matéria prima, que utilizamos na ponta da flecha, existe perto daquela aldeia. Os locais de flechar as Tartarugas para subsistência. Os locais de pescar com timbó, um veneno extraído do cipó, um líquido específico para que os peixes fiquem tontos e, assim, mais fáceis de flechar e de serem pegos pelas peneiras das mulheres. Os locais de coleta das frutas da mata e do cerrado. Essas partes também foram repassadas durante as conversas nas entrevistas. Algumas partes das histórias não tive tempo de organizar para este trabalho, assim como também não tive tempo de ouvir outros *maragetã kwaapãra gy* que eu pretendia entrevistar durante a pesquisa, infelizmente não consegui conversar com todos.

Para finalizar a minha fala quero ressaltar um pouco mais a importância das aldeias antigas do povo Apyãwa, não somente as aldeias, como também os espaços sagrados, das serras, os lugares das frutas do cerrado e das matas fechadas, onde nossos antepassados tiravam méis, lugares de tirar madeira específica de fazer artefatos, casas e para construção da casa cerimonial do povo Apyãwa (Takãra), os lugares de caçadas,

pescarias, que são crucias para o povo Apyãwa praticar sua cultura, como o rio Awiowy (rio Tapirapé) que está praticamente fora do nosso território e que, por isso, os *maira* não respeitam o nosso rio, os lagos, córregos e igarapés do nosso povo Apyãwa.

Hoje a maior parte do território do povo Apyãwa está ocupado pelos *maira*, como estado, municípios, fazendas e por posseiros como jamais foram presenciados pelos nossos antepassados nos territórios Apyãwa anteriormente. Só hoje estamos presenciando esses problemas territoriais, nos sentindo espremidos em uma parcela da terra que os *maira* demarcaram para o povo Apyãwa. Assim deixaram algumas partes do território do povo Apyãwa do lado de fora, os *maira* limitaram uma parcela do território Apyãwa.

Já foram encontrados vários vestígios em diversas partes do território Apyãwa, como machado de pedra, cerâmicas tradicionais, cemitérios, as aldeias antigas e *temekwãra* (Tembeta), uma pedra cristal que os Apyãwa produziam e que hoje não produzimos mais porque as especialistas não estão mais entre nós, que somente o rapaz usa no ritual, no lábio dia e noite, para se tornar homem adulto. Esse objeto foi achado no fundo do rio Paranyo (rio Araguaia), inclusive foram encontrados pelos povos Karajá no rio Paranyo. Esse objeto somente o povo Apyãwa usava na festa de Marakayja.

Recentemente também foram achados, pelo grupo do vice cacique da aldeia Akara'ytãwa, Valmir Ipawygi Tapirapé, o machado de pedra e os pedaços de panela na beira do lago Wyraa'yra, onde desde sempre os Apyãwa pescam, antes dos *maira* estarem com a gente nesta região que os Apyãwa consideram Apyãwa ywy, território do povo Apyãwa. Os Apyãwa sempre pescam neste lago mesmo que não tenha sido demarcado para os Apyãwa. Este lago foi denominado pelos Apyãwa de lago de Wyraa'yra, que significa na língua Apyãwa “local onde as aves se reproduzem”, que está fora da terra demarcada. Os Apyãwa sentem muita falta por não estar dentro da terra demarcada, que fica ao lado direito do rio Awiowy (rio Tapirapé), aliás sentem muita falta das partes que ficaram de fora das terras demarcada para os Apyãwa.

Finalmente quero frisar aqui que estamos vivenciando, a cada dia, a destruição das partes do território Apyãwa que estão de fora da terra demarcada. Estamos vivenciando a destruição do nosso território tradicional Apyãwa, as partes que ficaram de fora e também aquela que foi demarcada para os Apyãwa, principalmente na parte norte da TI Urubu Branco. Os *maira*, a cada dia que passa, estão destruindo tudo dentro do nosso Território Apyãwa.

No dia 18 de setembro de 2025 foi realizada a fiscalização da Terra Indígena Urubu Branco pelos Guardiões da Floresta Apyãwa. Foram flagrados quatro madeireiros *maira* tirando madeira, excesso de tábuas, estacas, principalmente de pau brasil e jatobá, que foram apreendidas pelos Apyãwa. Os guerreiros Apyãwa prenderam e trouxeram esses quatro *maira*, depois a FUNAI acionou a polícia do município de Confresa e, no dia seguinte, esses madeireiros foram liberados pela polícia do município.

Como a operação não foi finalizada, os Guardiões da Floresta Apyãwa planejaram buscar os excessos de madeiras tirados ilegalmente pelos *maira* dentro da TI Urubu Branco. Os Apyãwa queriam trazer essas madeiras para aproveitá-las de acordo com as necessidades das comunidades. Então, no dia 19 de setembro de 2025, os Guardiões da Floresta Apyãwa, fizeram novamente a operação. De acordo com as informações dos guardiões, foi detectado que um caminhão de madeira, notebook, computador, caminhonete, motor gerador de energia, foram retirados pelos *mairas* antes dos Guardiões da Floresta Apyãwa chegarem no local novamente. Chegando neste local, os guardiões Apyãwa queimaram os pertences ilegais dos madeireiros, alguns de seus pertences os *maira* conseguiram retirar e, a menor parte, que poderiam utilizar por algum tempo, os guerreiros trouxeram.

A informação mais preocupante, que os Guardiões da Floresta Apyãwa passaram para o povo Apyãwa, foi ter encontrado o reinício da procura por pedras preciosas na TI Urubu Branco, na face norte da terra, onde os guerreiros encontraram um saco de pedras cristais tirados pelos *maira* na TI Urubu Branco. Também foi localizado o local dos garimpeiros, uma abertura de crateras para a procura de ouro na TI Urubu Branco.

Por isso o povo Apyãwa está reivindicando uma nova demarcação como consta no documento que os Apyãwa fizeram (Anexo 2), com o objetivo de proteger e preservar o meio ambiente, com a intenção de sempre fortalecer no território a cultura do povo Apyãwa.

É nas áreas indígenas que a maior parte da biodiversidade é preservada. Mas os *maira*, mesmo assim, estão acabando com as florestas dentro das terras indígenas. Os *maira* já acabaram com tudo que se apropriaram e agora estão de olho nas Terras Indígenas. Todos os seres vivos e seres não vivos dependem dela, na cosmologia e epistemologia Apyãwa, somos toda a natureza. Portanto, os Apyãwa estão assistindo a catástrofe dos *maira* que só vem, cada vez mais, se agravando, com consequências para

todos os seres visíveis e invisíveis que sofrerão futuramente. Por isso este trabalho, ao mostrar nossa Apyãwa Ywy a partir dos conhecimentos dos(as) *maragetã kwaapãra gy* é de sua importância para nós Apyãwa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALDUS, Herbert. *Tapirapé – Tribo tupi no Brasil Central*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1970.
- BARRETO, João Paulo Lima. *O mundo em mim: uma teoria indígena e os cuidados sobre o corpo no Alto Rio Negro*. Brasília: Editora Mil Folhas, 2022.
- BARROS, Edir Pina de. *Laudo Histórico-Antropológico. Justiça Federal - 5ª. Vara / Seção Judiciária de Mato Grosso, 2007*
- COMUNIDADE TAPIRAPÉ. *Xanetãwa Paragetã – Histórias de nossas aldeias*. Brasília, MARI/MEC/PNUD, 1996.
- CORREA XAKRIABÁ, Célia Nunes. *O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de Autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada*. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais) – UNB, Brasília, 2018.
- ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL TAPI'ITĀWA. *Projeto Político Pedagógico*. TI Urubu Branco, 2009.
- KAMÊR RIBEIRO APINAJÉ, Júlio. *Mê ixpaxà mê ixàhpumunh mê ixujahkrexà: território, saberes e ancestralidade nos processos de educação escolar Panhĩ*. 2019. 217 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFG, Goiânia, 2019.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 729 p.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LUCIANO, Gersem José dos Santos Baniwa. *Os indígenas antropólogos: desafios e perspectivas*. *Novos Debates*, Brasília, v. 2, n.1, p. 2-17, jan. 2015.
- SANTOS, Antônio Bispo. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.
- SILVA, Adailton Alves et al (orgs). *XANEXEMA'EĀWA PARAGETĀ: História da Educação Escolar Apyãwa*. Tangará da Serra: Ideias, 2019.
- SEVERINO-FILHO, João. *Os marcadores de tempo indígenas e a solidariedade entre o ambiente e os povos que o habitam: um olhar etnomatemático*. In: IV Congresso Brasileiro de
- TAPIRAPÉ, Daniel Kabixana. *A construção da Takãra*. Monografia de Conclusão de Curso de Ciências da Natureza e Matemática apresentada à UNEMAT, Campus de Barra do Bugres, 2009.

- TAPIRAPÉ, Gilson Ipaxi'awyga. Takãra: Centro Epistemológico e Sistema de Comunicação Cósmica para a Vitalidade Cultural do Mundo Apyãwa. Dissertação de Mestrado em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, 2020
- TAPIRAPÉ, Koria Valdiane. *A formação do corpo e da pessoa entre o Apyãwa: resguardos, alimentos para os espíritos e transição alimentar*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás, 2020
- TAPIRAPÉ, Nivaldo Korira'i (Org.). *Festas e rituais Tapirapé*. Faculdade Indígena Intercultural, UNEMAT, Barra do Bugres, MT, 2009.
- TAPIRAPÉ, Nivaldo Korira'i. *Ka'ó: canto da festa dos pássaros*. Monografia de Conclusão de Curso de Ciências Sociais apresentada à UNEMAT, Campus de Barra do Bugres, 2006.
- TORAL, André Amaral de. *Relatório de identificação e delimitação da área Indígena Urubu Branco*. Brasília: FUNAI/Ministério da Justiça, 1994.
- WAGLEY, Charles. *Lágrimas de boas vindas: Os índios Tapirapé do Brasil Central*. Belo Horizonte, Itatiaia/EDUSP, 1988.

ANEXO 1

Documento APOIT - História do Povo Apyãwa para ampliação da área indígena



ASSOCIAÇÃO POVO E ORGANIZAÇÃO INDÍGENA TAPIRAPÉ - APOIT

ALDEIA TAPI'ITÃWA 22 DE ABRIL DE 2014

ORGANIZAÇÃO DO POVO APYÃWA

Contadores da história: José Pio Wario Tapirapé, Robertão Maiwi Tapirapé, Luiz Oropé'i Tapirapé, Carlos Kamoriwã'o'i Tapirapé e Kaorewygi Tapirapé.

Tradução do documento: Xario'i Carlos Tapirapé

História do Povo Apyãwa para ampliação da área indígena

Desde muito tempo o Povo Apyãwa morava nesta região. Assim, conhecemos muitos locais sagrados, de caça, de pesca, de obtenção de matérias primas como o taquari e raízes medicinais; nesta área que desejamos ampliação da terra indígena.

A população do Povo Apyãwa era muito grande nesta área. Existiam muitas aldeias. Foi em Ipirãkwãritãwa (atual Tapi'itãwa) que o homem branco apareceu primeiro. Aí começou o tempo das doenças e epidemias no nosso povo: tivemos malária e outras doenças de branco. Foram estas doenças do homem branco que mataram nossos avós e antepassados. Com isso a nossa população diminuiu muito.

A partir daí o pessoal do SPI veio e nos socorreu, levando nosso povo (cerca de quarenta pessoas) para a barra do Rio Tapirapé, na aldeia Itxalá do Povo Karajá. As frentes de colonização avançaram sobre nosso território, inclusive sobre nossas aldeias antigas onde nossos avós moravam - ficamos cercados por fazendas do homem branco.

Hoje temos a vontade de unirmos os territórios do Povo Apyãwa para proteger e resguardar a natureza e a terra de nossos avós. Alguns lugares que foram aldeias de nosso

povo o homem branco já tomou, dentre eles Vila Rica, Canta Galo (Veranópolis), Gameleira Araguaia, Confresa e Porto Alegre do Norte. Assim, queremos retomar o espaço entre as nossas duas reservas, pois o avanço da agricultura do homem branco sobre o nosso antigo território nos traz muita preocupação e medo da devastação da mata e dos rios.

O Povo Apyãwa também se preocupa com a proteção do Rio Tapirapé, nossa principal fonte de alimento. É do rio que tiramos nossos alimentos tradicionais: o peixe, a tartaruga e animais que vivem na beira. É com esses alimentos que nós criamos nossas crianças e jovens. Nossa alimentação tradicional vem de animais que habitam a água, as matas e das frutas que coletamos. Temos o medo de que o homem branco, em sua devastação, termine totalmente com a natureza que nos proporciona nossa alimentação tradicional. Assim, desejamos esta ampliação, para que nossas duas reservas sejam apenas uma área contínua. Hoje, entre as duas reservas, existem fazendas do homem branco, que muitas vezes nos impedem de adentrarmos nos nossos antigos locais de caça, situação que incomoda muita nossa comunidade.

FUNAI¹ e Antropólogo

Solicitados da FUNAI, instituição que trabalha com nosso povo, que requirite um antropólogo para estudar os lugares sagrados habitados por nossos avós, pois eram de lá que eles traziam o peixe, a caça e as frutas antigamente. Estes lugares estão localizados no território que ainda não foi demarcado – pedimos para que isso aconteça o mais rápido possível².

1º) Córrego Tãwariri'yxoro: o Povo Apyãwa utilizava este córrego como via de acesso aos pontos de pescaria e caçada. Também, na beira deste córrego, nossos avós contavam que o local servia de pouso de descanso quando os Apyãwa saíam para caçar. Ainda, a aldeia Tãwyteripe estava localizada lá, onde hoje o homem branco chama de Fazenda Tapirapé.

2º) Aldeia Tãwytera: esta aldeia, que hoje o homem branco chama de Fazenda Tapirapé, era muito abundante em peixe. Nossos avós contam que os Apyãwa saíam desta aldeia para ir até a beira de um lago pescar e comer peixe. Este lago era chamado de Mãori no tempo que o homem branco ainda não tinha aparecido para nós. Nosso avós iam lá se alimentarem de peixe e faziam seus preparos tradicionais (moqueca e farinha de peixe) para trazer para suas famílias. Esta aldeia era o local antigo em que nossos avós viviam no passado. O lago era a principal fonte de obtenção de nossos alimentos e

¹ Literalmente, a palavra “arerowagawa” significa “nosso pai”, maneira como os indígenas Apyãwa se referem à Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

² Seguem abaixo alguns lugares antigos que o Povo Apyãwa deseja que sejam preservados e demarcados enquanto terra indígena.

também era usado por nossos avós como ponto de descanso. Até hoje mantemos nossa tradição de visitarmos este local para prática de pesca³.

3º) Lago Mãori: nossos avós diziam que esse lago era o ponto de caçada do porcão. Quando alguém desejava comer porcão, era lá que nossos antepassados iam buscar a caça. Assim, a nova geração Apyãwa, seguindo a tradição, também busca este local para matar porcão. Sabemos que lá existem vestígios de ocupação antiga de nosso povo. Ainda, nesse lago era onde nossos avós matavam cardume de pintado – por isso não esquecemos deste lago tão importante.

4º) Buraco de onça preta: nossos avós conheciam este local, que era um barranco alto na beira do Rio Tapirapé onde a onça preta buscava seu alimento, por isso que este lugar recebeu este nome. Foi aí que antigamente os Karajá deram o nome de “Manawdydo” – que significa lugar alto na língua deles.

5º) Lugar da pescaria do cari cascudo(peixe): nossos avós buscavam este lugar, situado na beira do Rio Tapirapé quando queriam comer o peixe cari cascudo – é por isso que tem esse nome. Mais para baixo do Rio Tapirapé, passa um pequeno córrego onde podemos encontrar pedras chatas. Foi aí que chegou o homem branco - hoje, nesse local, o homem branco tem praticado a derrubada da mata com o uso de trator de esteira. Neste local, o homem branco chamou de Porto Velho, mas nós Apyãwa já chamávamos de “Tāwariri’yxoro”.

6º) Lugar da pescaria do cari cascudo(peixe): local na beira do Rio Tapirapé que o homem branco chama de “Barreira Branca”, onde nossos avós iam pescar o peixe cari cascudo, outros peixes, ovos de tartaruga e caçavam porcão. Tudo isso na época em que o rio ficava baixo(seca). No início das chuvas, os Apyãwa iam neste local caçar o filhote de tartaruga e tucunaré. Nas proximidades, era onde os Apyãwa pegavam filhote de papagaio para criar – por isso que para nós este lugar é sagrado.

7º) Lugar Ewyko: era nesse lugar que nossos ancestrais caçavam porcão e outros animais. Lá o homem branco chamou de “Fazenda Brasil Central” e muito antes, nós chamamos de “Ewyko”. Desde muitos anos nossos antepassados conheciam este local de caçada, porém atualmente é difícil para nós irmos até lá. Estamos sendo impedidos pela fazenda de acessarmos este ponto, pois no local há cercas e cancelas que isolam a área de nossa comunidade. Ficamos preocupados com este lugar, assim desejamos retomar na demarcação esta porção de terras.

8º) Lugar da Grande Mata: neste lugar, localizado na beira do Rio Tapirapé, os Apyãwa têm costume de pescar o peixe cari cascudo e outros peixes. Lá que nossos avós iam comer esses peixes. Esse lugar também é chamado de “Waradaru”. Também, nossos avós contam que esse lugar é muito rico de recursos, abundância de caça e peixe. Lá tem

³ Apesar da dificuldade de termos que adentrar na Fazenda Tapirapé para este propósito.

muita ipuca que atrai os grupos de porcão que Apyãwa gosta de caçar. O local era acessado a pé.

9º) Lugar: local conhecido há muitos anos em que nossos avós mais gostavam de pescar tartaruga. O grupo de Apyãwa de Tapitãwa visitava a pé este local e lá utilizava o ponto para descansar e dormir.

10º) Lugar onde a menina Apyãwa nasceu: esse lugar faz parte de “Mykarawã”. O local é ponto de pesca de tartaruga e peixe, na beira do Rio Tapirapé – este rio, na região é o único que possui todos os peixes que os Apyãwa têm costume de comer, por isso a nossa preocupação com a proteção desta área e recuperação para garantir a nossa integridade física do Povo Apyãwa.

Documento APOIT - Apyãwa Paragetã Araywy Maxee'ãpataãwa Re



ASSOCIAÇÃO POVO E ORGANIZAÇÃO INDÍGENA TAPIRAPÉ - APOIT

ALDEIA TAPI'ITÃWA 22 DE ABRIL DE 2014

MARAGETÃ KOME'OÃRA: José Pio Wario Tapirapé, Robertão Maiwi Tapirapé, Luiz Oropé'i Tapirapé, Carlos Kamoriwã'o Tapirapé e Kaorewygi Tapirapé.

YWYRÃPE PE IKWÃXIAÃRA: Agnaldo Wariniay'i Tapirapé

APYÃWA PARAGETÃ ARAYWY MAXEE'ÃPATAÃWA RE

APYÃWA rãka'e ã aka kwewiwe Tapi'itãjpe. Maryn ta rãka'e ã ikwaãpãwi irekawo ywy ieraka ma'ema'e re, ã ikwãwi Ywytyra re, Xõ ropi, Y ropi, Ka'ã ropi. ã

raka'e Areramõja gy Arexãryja gy ika atarywãpawo, axemi'oroga. Y ka'ãpara raka'e y a'o irekawo: temiãmiãra, wyrãwyrã, ywãywã.

Niwaxãj raka'e ã akawo Apyãwa axerekãipa yga ywy pe. Ma'era ta ã ikwãwi Tawera axekwaãpa makãxãtywa ramo, xa'epeawera ã akwãp. ã Ipirãkwãritãwa pe ã ika ramo raka'e ã Maira gy itori apata ixope. ã raka'e ipyyka Areramõja gy Maira. ã irapata irota ixope ma'eãiwa: Takowa,mi Maira mama'eãy. Emiwemiwera xepe raka'e ã Areramõja gy, Arexãryja gy axoka irekawo. A'era raka'e ã arapãwexi arakawo.

A'e raka'e ã ot Arerowagawa gy (SPI) pe iraawo ã Tapitãwa wi Karaxã tãjpe ITXALÁ pe. ão'i'i raka'e Areramõja gy, Arexãryja gy iparixe'i ma'eãiwa wi. A'e raka'e epe aajaxe'i opa 40 i xe Areramõja gy, Arexãryja gy axaee. Arapãwexi'i pane raka'e. Niwaxãj pane raka'e y ikwaãpa imaina ywy. A'e ã Maira tora ramo arapik, ã arakawo imawakipyreteo Taxawãjeteo. Apyrõ arewi ota Maira gy.

Arexe'ãpeãwa a'era kare ywãripe. Aramaxee'ãmatãt axaee mi araywy irekawo axepej'ywie. Taramamaxytipoj imaina re araxãwo. ãoxe raka'e ka kakaty wãra ã Maira gy itori ipyyrõ wo arewi rano. V ila Rica, Canta Galo,Gameleira Araguaia, Confresa e Porto Alegre do Norte. A'eranmo araxat araxe'ãpeãpa kakãty wãra re. Myramo ke ekwe ne Maira ix'e'ãpeãwi komana tymãwa re ne araxãwo. Emiwemiwera wi arakyyxewo araxe'ã peãp imamarakãtão ã Maira gy Araxamõja gy, Araxãryja gy rekwãwekwãra wi araxãwo.

AWIOWY re araxe'ãpeãpa ã aramaxee'ãmatãt y ywy irekawo. AWIOWY wi mi ka araxat imota ipirã, xawaxio i'owo iraãwo. Amõ ramo mi temiãra araxokã . A'e mi araweraã arawaxã gy maxemaawãpãwa mo i'oakãta ixope. AWIOWY PARA re a'era are araka, KA'ãPARA re, YWãYWã re. A'eramo emiwemiwera mamapãwa wi arakyyxewo ã kare aramaxee'ãmatãt, irekawo ywy axepej'ywie araxewe. Imaina i'owo ixowi irekawo ipara teãnyne'ymipe. Teãenyne pe xe mi ka arakwãp ipara irayjta araxewe. ãoxeoxe ka imakotyj inoga arewi mi. A'era Emanyn arakamatãre'yma arapatãt araxewe maxee'aãpãwa.

AREROWAGAWA E ANTROPÓLOGO

A'ermo areree ate'omarama'e agy AREROWAGAWA (FUNAÍ) pemorakãt ywy re ate'omarama'e mo(ANTROPÓLOGO) tanemejxe ãwo arepyri iexaka ota arewe areywy Areramõja gy rekwãwekwãwera. Orama'e ke toriexãka ã Areramõja gy rekwãwekwãwera ã akome'o imowãpa penope ywyrãpe pe. Mywi raka'e mi Areramõja gy itori iraawo ywypypiãpiãra, ypaapara axekakawyma.

1º) TãWARIRI'YXORO : Apyãwa raka'e mi ekwe Tãwariri'yxoro akwaãp irekawo a'ipirãwãwa ramõ . Apiãrõ raka'e mi gy irekawo temiãmiãra owejta , ipirã owo aawo akawo . Ekwe yekwãpi raka'e Areramõja gy akwaãp irekawo ieraka Tãwariri'yxoro

pe . Ekwega xe raka'e mi Areramōja gy amana ima'aāpyta . Pe raka'e mi apata aawo Tāwyteripe (FAZ. TAPIRAPÉ) xāwyma.

2°) TĀWYTERA : Tawyteripe (FAZ. TAPIRAPÉ) aawo akawo raka'e mi Areramōja gy ia opa ipirā owo epe yopāwywyripe. Epe yopāwa raka'e aerak irekawo Areramōja gy Maori pe maira gy tore'yma mo we . A'epe raka'e mi ipirā ia opa i'owo , imaka'ewo irota iapawo ipirāko'i ramō axewe . Tawytera a'era raka'e Areramōja gy Tāwera mo ranō . Epe yopāwa a'era Areramōja gy ipirāwawera . A'era mi are arapiarō araxopa Tapi'itāwa wi ipirā owejta Arexamōja gy yopā'y'ywera wi . A'era epe Maori itowi are'yopāwa Areramōja gy rekwāwekwāwera .

3°) MĀORI: Maori a'era Areramōja gy Taxão xokāwera. Temiāra owejta raka'e mi epe ia opa ataakera mo. A'era arakwaāp Araxamōja gy rekwāwekwāwera ixowi. A'era mi epe araa araxopa ixokawo temiāmiāra. Epe a'era Areramōja gy pyparera itowi. A'eramo pa arereākaxym ixowi. Epe raka'e mi ia opa ixokawo orowi para ixoro wi.

4°) XAWARONOO KWĀRA: Areramōja gy raka'e akwaāp Awiowy ropi imaina Xawaronoo kwara. Epe ro'o mi ika Xawaronoo axeparakāta ywy'ymoko xagate. Ymy raka'e areramōja ieraki ywy'ymoko Xawaronoo kwara re. Karaxa gy raka'e aerak MANAWYDO pe epe Ywy'ymoko. A'egy raka'e aerak ywy'ymoko re. Xane raka'e Apyāwa ramo xierak Xawāronoo kwara re.

5°) NOXĀ PYYKĀWA: Noxā raka'e mi epe a'o aawo opa Areramōja gy. A'era raka'e epe ieraki itākorotywa itāpema Noxā ropāwa re. Yrypāweripe raka'e mi epe ia opa Noxā i'owo mi ipirā xirōwera. Ekwe a'era ia axee'āta Tāwariri'yxoro axaeche Maorixoro re. Tāwariri'yxoro agy a'eramo Noxāpyykāwa ne Areramōja gy remipiarōete. A'epe raka'e epe itori Maira mo axemaxāta ee āxepej'ywi xe. A'e amamap arewi ka'ā ietyka tātoyāra pe. Maira raka'e epe aerak ota PORTO VELHO pe. Apyāwa ierakāwa TĀWARIRI'YXORO rano.

6°) NOXĀ PYYKĀWA: Noxā ropāwa mo ā rano BARREIRA BRANCA xawa. Epe raka'e mi ia opa Areramōja gy rano, Noxā i'owo yrypāweripe aawo opa. Ipirā raka'e mi epe aa i'owo opa, Xawaxiopi'ā ,ijy,orowi, taxão. Amō ramo raka'e mi ia amyxywyripe Xawaxia'y'owo, tokonareteo ixokawo emimōjxiga wi, orowio ixokawo yrypyxopyxowa wi. Axekwe raka'e mi ia Axoroa'y'aka opa xō ropi weymāwa ramo irota. A'eramo epera Areramōja gy, Arexāryja gy rekwāwekwāra ka akwāp.

7°) EWYKO: Epe Ewyko pe ro'o raka'e mi Areramōja gy ia opa ixokawo temiāmiāra. A'e ro'o raka'e epe Maira aerakixe aawo BRASIL CENTRAL pe. Apyāwa xe'ega pe tana raka'e ymy ierakāp EWYKO pe Maira gy tore'yma mo we. Epe mi Apyāwa gy ia opa Taxão xokāwo wamōja gy temiāmiāra xokāweripe ixokawo a'egy rano. Ymy raka'e Areramōja gy ikwaawi akawo temiātywa. A'e mi ā TAWYTERA xamatārixie amamaxy arewe arererekawo ataāramo areahāwa aremageakāmatare'yma mi epe xome. A'era mo ā arepy'aājy arakawo ewi Araxamōja temiāra xokāwera re iraxewyta araxewe Maira wi rano. Aāpe'ape'a ā irekawo arewi takena pe imakotyjna pe ataāramo areahāwa.

8°) YKAXYMAWOO: Ykaxymawoo xoro pe mi epe Noxã pyykãwa mo rano. A'ega erakãwa mo mi WARADARU rano. Epe a'era Areramõja gy Arexãryja gy Noxã oãwera mo rano. Epe raka'e mi Areramõja gy ia opa ipirã i'owo rano. Maryn ta raka'e ã ikwaãpãwi irekawo yywyrã gaty ma'etywa Areramõja gy, yopãopãwa, ka'ãohõna temiãra re. Apyo raka'e ka Areramõja gy ipiãrõ irekawa Awiowy.'

9°) MAXI'AÃWERA: Areramõja gy ipirã oãwera, xawaxio oãwera .Ymy raka'e ikwaawi irekawo. Epe raka'e ia opa aketa axanyyka opa ã Yrywo'ywãwa wi.

10°) MANERO AÃWERA axee'ãt ota axaee MYKARAWÃ xeapawera re. A 'epe raka'e mi ia opa xawaxio ipyyka, ipirã i'owo. Ka AWIOWY re are araka mi araxema'ygyka ipara re. A'eramo arepy'aãjp ara'y re. Ekwe xe ro'õ na arema'ygykãwa itowi arewe.

A'E XE ARAXEMAXE'EGAWET PENOPE ARAXOWAGAWA GY